



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ROBERTO JOSÉ DA SILVA

**“ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO - ALGUMAS LEITURAS SOBRE A
PRODUÇÃO LITERÁRIA EM TORNO DA ECONOMIA DA
BORRACHA: 1870 - 1930”**

**CAMPINAS,
2017**

ROBERTO JOSÉ DA SILVA

**“ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO - ALGUMAS LEITURAS SOBRE A
PRODUÇÃO LITERÁRIA EM TORNO DA ECONOMIA DA
BORRACHA: 1870 - 1930”**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título
de Doutor em Teoria e História Literária na
área de História e Historiografia Literária.**

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

**Este exemplar corresponde à versão
final da Tese defendida pelo aluno
Roberto José da Silva e orientado pelo
Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.**

**CAMPINAS,
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 158476/2013-1; CAPES, 99999.006895/2015-08

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Si38e Silva, Roberto José da, 1974-
"Entre história e ficção - algumas leituras sobre a produção literária em torno da economia da borracha: 1870 - 1930" / Roberto José da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Francisco Foot Hardman.
Coorientador: Leopoldo Marcos Garcia Lopes Bernucci.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 - Crítica e interpretação. 2. Borracha - Brasil - Aspectos econômicos - Séc. XIX-XX. 3. Borracha - Amazônia - História - Séc. XIX-XX. 4. Borracha - Amazônia - Ficção - Séc. XIX-XX. 5. Migração interna - Brasil - Aspectos econômicos - Séc. XIX-XX. 6. Sertanejos - Amazônia - História - Séc. XIX-XX. 7. Sertanejos - Amazônia - Ficção - Séc. XIX-XX. I. Hardman, Francisco Foot, 1952-. II. Bernucci, Leopoldo M., 1952-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Between history and fiction - some readings on literary production about the rubber economy: 1870 - 1930"

Palavras-chave em inglês:

Cunha, Euclides da, 1866-1909 - Criticism and interpretation

Rubber - Brazil - Economic aspects - 19th-20th century

Rubber - Amazonia - History - 19th-20th century

Rubber - Amazonia - Fiction - 19th-20th century

Migration, Internal - Brazil - Economic aspects - 19th-20th century

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Francisco Foot Hardman [Orientador]

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Mario Luiz Frunfillo

Leopoldo Marcos Garcia Lopes Bernucci

Celdon Fritzen

Data de defesa: 18-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária



BANCA EXAMINADORA

Francisco Foot Hardman

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Mario Luiz Frungillo

Leopoldo Marcos Garcia Lopes Bernucci

Celdon Fritzen

**IEL/UNICAMP
2017**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

Agradecimentos

Ao Programa de Doutorado em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, que me ofereceu todo suporte adequado e necessário no decorrer do doutorado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Foot Hardman, a quem agradeço de modo especialmente enfático, tanto pelo entusiasmo como pela orientação prestada, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou e pelas discussões sobre os temas da tese durante o período que o acompanhei como PED (Programa de Estágio Docente) em 2014 em duas disciplinas. Sua postura como profissional dedicada à pesquisa e seu comprometimento com a formação de seus orientandos extrapolam os limites do que se espera de um orientador. Ademais seus textos publicados no decorrer da carreira foram fundamentais para compreensão do tema pesquisado nessa tese.

À Universidade da Califórnia-Davis e ao seu Departamento de Espanhol e Português por toda estrutura que tive acesso: biblioteca, informática, acervos, onde descobri e examinei uma gama muito grande de textos de cronistas da descoberta da América e de viajantes que estiveram na Amazônia, assunto esse que me animou a dar sequência nos estudos sobre a escrita da borracha, após o término do doutorado.

Ao Prof. Dr. Leopoldo Bernucci, a quem agradeço especialmente por ter me recebido de maneira extremamente cordial no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia - Davis, no período em que realizei o estágio PDEE/CAPES, e com quem tive discussões muito produtivas sobre os conteúdos desta tese. Devo agradecê-lo ainda por ter me dado a oportunidade de participar do curso “Relatos Sobre la Selva en Latinoamerica”, no inverno de 2016, sob sua coordenação, que foi fundamental para ampliar meu conhecimento sobre a ficção do ciclo da borracha nos países da América do Sul de língua espanhola, e pelas inúmeras indicações de leituras que me permitiram ampliar meu conhecimento sobre esse tema.

Aos Professores Dr. Carlos Eduardo O. Berriel e Dra. Enid Yatsuda Frederico pelos vários apontamentos e sugestões pertinentes na ocasião do exame de qualificação.

Ao CNPq, que por meio do Programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, me concedeu e fomentou a bolsa de doutora no período de realização desse curso. Sem esse fomento a realização da tese poderia ter tomado outro rumo e o prazo de termino e defesa se estendido.

À CAPES, que por meio do programa de estágio PDEE, me concedeu e fomentou a bolsa de estudo durante os oito meses que estive na Universidade da Califórnia para pesquisar e estudar sobre assuntos relacionados ao tema da tese.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação do IEL, em especial ao Cláudio, por me orientar pacientemente o preenchimento da papelada para o processo de solicitação da bolsa PDEE/CAPES. Estendo esses agradecimentos ao Miguel e a Rose que sempre cordialmente souberam me atender quanto às questões burocráticas do Instituto de Estudos da Linguagem e da Unicamp.

A todos funcionários da biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem que sempre souberam nos atender com cordialidade. Gostaria de dizer que sou muito grato pela boa vontade em me ajudar, pelo carinho, amizade e pela presteza com que sempre me atenderam.

Resumo

O ciclo econômico da borracha no Brasil (1850 - 1920)¹ proporcionou uma produção bibliográfica dos mais diversos tipos de textos, desde crônicas e relatos de viajantes, textos históricos a textos ficcionais (romances - contos e poesias). A tese aqui apresentada tem como objetivo examinar textos de caráter históricos e ficcionais correspondentes ao final do século XIX até a década de 1930. Nessa tese analiso os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia e a prosa de ficção que trata sobre migração do sertanejo do Nordeste para a Amazônia. A farta matéria prima natural que a floresta amazônica possuía, com necessidade de grande número de mão de obra, e as secas do Nordeste, que expulsavam os nordestinos para a Amazônia, foram os dois fatores decisivos no fortalecimento da economia da borracha na Amazônia. Essa migração forçosa e o trabalho aviltante nos seringais proporcionou uma vasta bibliografia dos mais diversos tipos de textos sobre esse assunto. Vários estudiosos e ficcionistas denunciaram esses dois problemas - as secas e o trabalho espoliativo da extração da borracha - como resultado do atraso do país e de regiões abandonadas pelo Estado, destacando-se Rodolfo Teófilo e Alberto Rangel na ficção e Euclides da Cunha na história.

O caminho a ser percorrido na escrita da tese e análise dos textos é o da ordem temporal de publicação das obras sobre esse assunto. Assim, nessa tese, inicio a análise pelo romance *O Poroara* (1899), de Rodolfo Teófilo, em seguida Alberto Rangel, com os livros de contos *Inferno Verde* (1908) e *Sombras N'água* (1913), depois Euclides da Cunha, com seus ensaios sobre a Amazônia (1904 a 1909) e, por fim, Lauro Palhano, com os romances *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) e *Marupiara* (1935), como representação da enorme bibliografia ficcional que se seguiu a partir de 1930. Assim, a tese ora proposta versa sobre a análise de textos tanto de história, quanto de ficção sobre a economia da borracha. A produção ficcional sobre esse tema tem como pano de fundo a realidade colhida por prosadores que se preocuparam em denunciar as secas que flagelavam os nordestinos e os empurravam para os seringais da Amazônia, onde encontravam um sistema muito bem arquitetado para espoliá-los. Numa crítica mais dura, Euclides da Cunha também denunciou a degradação dos sertanejos nos seringais do Alto Amazonas, o que tornou

¹ Diversos pesquisadores sobre a Amazônia usam diferentes datas para tratar sobre o período de intensa extração da borracha e sua decadência. Nessa tese usarei o período correspondente entre 1850 e 1920 estudado pela pesquisadora Barbara Wenstein, em seu livro *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850 - 1920*. Porém, a análise sobre os textos ficcionais e históricos corresponde ao período compreendido entre 1899 - ano de publicação do primeiro romance sobre a extração da borracha, *O Poroara* (1899), de Rodolfo Teófilo - à década 1930, quando um número grande de romances sobre a economia da borracha passa a ser publicado.

seus ensaios referências imprescindíveis para historiadores e ficcionistas posteriores escrever seus textos sobre a economia da borracha.

Outro aspecto a ser trabalhado nos três primeiros capítulos é o conceito de que nos textos de Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel e Euclides da Cunha já encontramos o empenho em explorar os aspectos linguísticos da fala do homem comum, assim como o compromisso em denunciar o atraso e pobreza do país, ao figurar as massas como protagonista principal em seus textos, desconstruindo a ideia de que só encontremos esses aspectos na literatura a partir da Semana de Arte Moderna de 1922 e do chamado “romance social de 1930”².

Palavras-chave: Ciclo econômico da borracha, Migração, Euclides da Cunha, Amazônia, Sertão, Secas.

² Antonio Candido, em seu clássico artigo “Literatura e subdesenvolvimento” (1989), é enfático em apontar que a partir de 1930 tivemos um despertar por parte dos escritores brasileiros em denunciar o atraso país e contrastes da sociedade. João Luiz Lafetá em seu livro *1930: a crítica e o modernismo* (1974), aponta dois momentos definidores para a produção ficcional do Brasil no século XX. A Primeira seria a Semana de Arte Moderna de 1922, em que teríamos uma inovação estética, e em 1930 uma inovação ideológica, quando os escritores passaram a se apropriar da ficção para desmascarar os contrastes do país.

Abstract

The economic cycle of rubber in Brazil (1850 - 1920)³ provided a bibliographical production of the most diverse types of texts, from chronicles and travelers' reports, historical texts to fictional texts (novels - tales and poetry). The thesis presented here aims to examine historical and fictional texts corresponding to the end of the nineteenth century until the years of 1930. In this thesis I analyze the essays wrote by Euclides da Cunha about the Amazon and the prose of fiction that discusses the migration from the Brazilian backwoods Northeast to the Amazon. The abundant natural raw material that Amazon rainforest had, with a large labor force, and the droughts of the Northeast, which expelled the Northeastern people to the Amazon, these were the two decisive factors in the strengthening of the rubber economy in the Amazon. This forced migration and the demeaning work in the rubber plantations forwarded a vast bibliography of the most diverse types of texts about this subject. Several scholars and fiction writers denounced these two problems - the droughts and the despoiled work of rubber extraction - as a result of the backwardness of the country and regions abandoned by the State, especially Rodolfo Teófilo and Alberto Rangel in fiction and Euclides da Cunha in history.

The way traveled in this thesis is the analysis of the texts in the temporal order of publication about this subject. Thus, in this thesis, I begin analyzing the novel *O Paroara* (1899), by Rodolfo Teófilo, then *Inferno Verde* (1908) and *Sombras N'água* (1913), by Alberto Rangel, after that the essays about Amazon (1904 to 1909), by Euclides da Cunha, and finally, *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) and *Marupiara* (1935), both novels by Lauro Palhano, as representation of the enormous bibliography of this theme that continued after 1930. Thus, the thesis now proposal verses on the analysis of both History and Fiction texts on the economy of rubber. The fictional production on this topic has as a backdrop the reality obtained by the prose writers who worried to expose droughts that plagued the Northeasterns and pushed them into rubber plantations of Amazon, where they would find a very well architected working system to plunder the worker. In a harsher criticism, Euclides da Cunha also denounces the degradation of the countryside man who left

³ Several researchers on the Amazon use different dates to treat the period of intense extraction of rubber and its decline. In this thesis I will use the corresponding period between 1850 and 1920 studied by researcher Barbara Weinstein, on her work *The Amazon Rubber Boom, 1850 -1920*. However, the analysis of the fictional and historical texts corresponds to the period between 1899 - year of publication of the first novel on the extraction of rubber, *O Paroara* (1899), by Rodolfo Teófilo - to the decade 1930, when a large number of novels on the economy of the rubber is published.

from the dry Northeast to work at rubber plantations of the upper Amazonas, which made his essays to be indispensable references to later historians and fiction writers to write their texts on the economical cycle of rubber.

Another aspect to be worked in the first three chapters is the concept that in the texts of Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel and Euclides da Cunha we already find the commitment to explore the linguistic aspects of the speech of the common man, as well as the compromise on denouncing the backwardness and poverty of the country, by figuring the masses as the main protagonist in their texts, deconstructing the idea that we only find these aspects in the literature after the 1922 Modern Art Week and the so-called "social romance de 1930"⁴.

Keywords: Economical cycle of rubber, Migration, Euclides da Cunha, Amazon forest, Countryside, Droughts.

⁴ Antonio Candido, on his classic article "Literature and Subdevelopment" (1989), is emphatic to point out that after 1930 we had a awakening by the Brazilian writers in denouncing the country's backwardness and contrasts of society. João Luiz Lafetá on his work *1930: The Criticism and Modernism* (1974), points out two defining moments for the fictional production of Brazil in the 20th century. The first would be the 1922 Modern Art Week, in which we would have an aesthetic innovation, and in 1930 an ideological innovation, when writers went to take ownership of fiction to unmask the contrasts of the country.

Sumário

Introdução	13
1 - O Paroara - Rodolfo Teófilo	20
1.1 - A narrativa	20
1.2 - As secas do sertão expulsam os nordestinos	21
1.3 - Os paroaras	29
1.4 - A viagem - porões dos pários.....	31
1.5 - O trabalho na floresta amazônica.....	34
1.6 - O retorno trágico	40
1.7 - A recepção crítica	42
2 - A Amazônia nos contos de Alberto Rangel	47
2.1 - A crítica anuncia a obra	47
2.2 - O “Preâmbulo” - Euclides ilumina <i>Inferno Verde</i>	51
2.3 - <i>Inferno Verde</i> - a ficção como expressão da pluralidade amazônica (imagens encantadoras e maravilhosas, a agonia do homem)	55
2.4 - O conto amazônico de Alberto Rangel - intersecções com a prosa de 1930	77
2.5 - A crítica pós-publicação	82
3 - Euclides da Cunha	93
3.1 - Entre História e Ficção.....	93
3.2 - <i>Contraste e Confrontos</i> - os primeiros textos	100
3.3 - As correspondências sobre a Amazônia.....	107
3.4 - <i>Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de reconhecimento do Alto Purus de 1904 - 1905</i>	112
3.5 - <i>Á margem da história</i>	118
3.6 - A poética do seringueiro	139
3.6.1 - “Entre os seringais”	139
3.6.2 - “Judas Ahsverus”	151
4 - A prosa ficcional do ciclo da borracha a partir de 1930	168

4.1 - Lauro Palhano - <i>O Gogoroba: cenas da vida proletária do Brasil</i>	176
4.2 - <i>Marupiara</i>	191
4.2.1 - O trabalho nos seringais	194
5 - Conclusões	199
Bibliografia	202

Introdução

A escrita sobre a borracha da Amazônia realizou-se sob várias estéticas e os mais diversos tipos de textos. Os primeiros relatos conhecidos sobre a árvore da borracha na Amazônia são de viajantes e missionários que lá tiveram contato com índios que usavam o látex da *Hevea brasiliensis* em diversas situações. Logo após La Condamine ter registrado o uso do látex pelos índios Omáguas, em 1745, no seu *Relatório abreviado de uma viagem feita ao interior da América Meridional*, quando este explorador cruzou a Amazônia, inúmeros outros viajantes que na Amazônia estiveram e conheceram essa matéria, não deixaram de relatar em seus textos a árvore da borracha, suas características, a coleta do látex e seus usos. No entanto, no cenário mundial, a escrita sobre o látex dessa árvore inicia-se no século XVI, quando cronistas que acompanharam Cristóvão Colombo, no descobrimento da América, ao descrever os hábitos dos povos descobertos, relataram vários usos da resina da árvore *Castilloa elastica* - caucho - outra árvore produtora de látex, mas em especial em um jogo, cuja bola era feita dessa resina (BLAINE, 2006). No longo período que corresponde dos primeiros relatos sobre o látex, até as primeiras décadas do século XX, quando a Amazônia brasileira passou a ser a maior produtora de borracha no mundo, essa matéria prima ganhou vários nomes de acordo com as civilizações que a manejavam como, por exemplo: *ulli* ou *olle* - entre os *nauatles*, na América Central e México; *caucho* ou *cautchoc* - entre os índios da América do Sul e viajantes que estiveram na Amazônia; seringa (borracha) entre os portugueses e, por fim, *Indian Rubber* e *Para rubber* entre a comunidade científica.

Dos vários estudiosos da Amazônia, apenas Leandro Tocantins e Arthur Cesar Ferreira Reis citam rapidamente o nome de alguns dos vários cronistas que tratam sobre esse assunto na Mesoamérica:

Alguns autores europeus referiram-se ao fenômeno que vinha contrariar as leis físicas da natureza: Anghiera, 1525, Sahagun, em 1529, Oviedo, em 1536, Torquemada, em 1615. Pura brincadeira para os índios americanos, a coisa deixava o seu lado divertido e se impunha como extraordinária, curiosa, para os homens da Europa (TOCANTINS, 1982, p. 91).

No conjunto de legados de tamanha importância que venceram no choque cultural entre os nossos primitivos e os ocidentais, vamos encontrar a borracha. Não ocorreu na Amazônia, é certo, o primeiro conhecimento que, da espécie teve o europeu que vinha fazer a América, mas fora da região. Colombo viu-a utilizada pelos índios do Haiti, em sua segunda viagem. Os cronistas espanhóis, quando trataram das particularidades que distinguiam os grupos indígenas encontrados pelos conquistadores ibéricos, em especial no México, referiram-se a ela. Os indígenas, extraíndo o látex das árvores locais que produziam, preparavam-no na farmacopeia para tratamento de hemorroidas, queimaram-no para iluminar as danças noturnas, ou dele se valiam para as flechas incendiadas que lançavam, havia, ainda um só interessante: o untamento dos recém-nascidos no látex para livrá-los do frio. Verifica-se, assim todo um vasto emprego, pelo aborígene, com técnica própria, do leite de várias espécies vegetais (REIS, p. 1953, p. 50).

Estes não foram os únicos cronistas que escreveram sobre o uso do látex da borracha ou da bola e seu jogo na Mesoamérica. A quantidade de narradores que escreveram sobre a *ulli* naquela região e seus diversos usos chega a ser superior a dez, sendo que a maioria deles enfatiza o uso da resina na fabricação da bola do jogo *batey* ou *ulama*, relacionado aos rituais sagrados e entretenimento. Nos textos desses cronistas também encontramos diversos outros usos da *ulli* no cotidiano das populações, como: tratamento medicinal, em festas cerimoniais, alimentação, artes e outros usos na vida diária daqueles povos (BLAINE, 2006). Assim, devemos entender que os escritos sobre a borracha e seus usos iniciam na região do México e em alguns países da América Central, a Mesoamérica, com os cronistas que estiveram com Colombo na descoberta da América no século XVI. No século XVIII o artigo de La Condamine abriu as portas para a comunidade científica se interessar pela matéria prima da árvore da borracha e passar a usá-la em diferentes situações até chegar à indústria pneumática. Esse relatório, ao mesmo tempo, fez com que viajantes posteriores a La Condamine, que estiveram na Amazônia, não deixassem de registrar em seus textos a árvore da borracha, suas características e os usos do látex em objetos como alpargatas, capas impermeáveis, etc.

No Brasil também houve um grande número de intelectuais e romancistas que se debruçaram sobre esse assunto e escreveram sobre essa árvore, suas características, a extração do látex, o trabalho e as condições de trabalho do extrator. Dos vários escritores alguns merecem ser citados, pois seus textos são imprescindíveis para o conhecimento sobre a economia da borracha, tais como: Barão de Santa-Anna Nery (*O país das Amazonas*), José Veríssimo (*Cenas da vida amazônica*), Euclides da Cunha (*Contrastes e confrontos, À margem da história*, e alguns outros textos publicados em periódicos), Mario Guedes (*Os Seringaes - pequenas notas*), Arthur Cesar Ferreira Reis (*O Seringal e o seringueiro*), Djalma Batista (*Amazônia, cultura e sociedade*), Péricles Moraes (*Os intérpretes da Amazônia*), Peregrino Junior (*Panorama Cultural da Amazônia*), Warren Dean (*A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*), Samuel Benchimol (*Amazônia - formação social e cultural, Romanceiro da batalha da borracha*), Araujo Lima (*Amazônia, a terra e o homem*), Leandro Tocantins (*Amazônia - natureza, homem e terra*), Barbara Weinstein (*A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 - 1920*), Roberto Araújo de Oliveira Santos (*História econômica da Amazônia*), dentre os mais conhecidos. A partir do final do século XIX, paralelamente aos textos de história que tratam da extração da borracha na Amazônia, veio à luz a prosa ficcional, tendo início com Rodolfo Teófilo, e no século XX com Alberto

Rangel, Carlos Vasconcelos, Ferreira de Castro, Lauro Palhano, Abguar Bastos, Peregrino Júnior, Álvaro Maia, Raimundo Moraes e muitos outros ficcionistas que a partir de 1930 se empenharam em denunciar um sistema de trabalho análogo à escravidão.

A partir da metade do século XIX houve um enorme movimento migratório de sertanejos do nordeste para a Amazônia, em busca de trabalho nos seringais dessa região, em especial para o Acre, que se seguiu até o início do século XX. Esse movimento migratório resultou numa importante literatura sobre o ciclo econômico da borracha que se faz presente até os dias atuais, com Dalcídio Jurandir, Cláudio de Araújo Lima e Milton Hatoum e muitos outros escritores que deram sequência ao trabalho iniciado por Rodolfo Teófilo - *O Paraora* (1899), os contos de Alberto Rangel: *Inferno Verde* (1908) e *Sombras n'água* (1913), e os diversos ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia.

A tese ora proposta tem por objetivo fazer um exame do romance *O Paraora*, de Rodolfo Teófilo, dos contos de Alberto Rangel (*Inferno Verde e Sombras n'água*), dos ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, notadamente aqueles que tratam da migração para a Amazônia e trabalho nos seringais, e na prosa da década de 1930 os romances de Lauro Palhano (*O gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* - 1931 - e *Marupiara* - 1935). A prosa de ficção e textos históricos desse período põem em voga dois aspectos fundamentais para compreender e justificar a existência da enorme massa de trabalhadores nos seringais amazônicos. O primeiro corresponde às duras secas do final do século XIX que expulsaram os nordestinos do semiárido para outras localidades do país, em especial para a Amazônia, região essa que necessitava de vasta quantidade de mão de obra para extração da borracha. No caminho inverso e de encontro, o segundo aspecto corresponde à farta quantidade de matéria prima natural que a Amazônia possuía e era exportada para os Estados Unidos e Europa para usos industriais diversos. Consequentemente, essa região necessitava de grande número de trabalhadores para a extração do látex e recebeu trabalhadores de todo o país, mas em especial uma enorme massa de nordestinos flagelados das secas. Assim, devemos entender o ciclo econômico da borracha sob dois aspectos bem distintos: o econômico, com uma região que era o centro da produção mundial de borracha e necessitava de farta mão de obra, e o climático: as secas do final do século XIX que impulsionavam os nordestinos buscar a sobrevivência no trabalho dos seringais da Amazônia.

É justamente sob esses dois aspectos, o econômico e o climático, que essa tese se reporta ao fazer um recorte da enorme produção bibliográfica sobre o ciclo econômico da borracha, examinando os textos que melhor tratam sobre as secas com o consequente processo migratório para a Amazônia, e o trabalho nos seringais. Há vários estudos que tratam sobre a

prosa ficcional amazonense e dentre eles se destacam *Letras da Amazônia* (1938), de Djalma Batista; “Ciclo nortista”, de Peregrino Junior, em *A literatura no Brasil* (1955), de Afrânio Coutinho; *Os intérpretes da Amazônia* (1959), de Péricles Moraes; *Fatos da literatura amazonense* (1976), de Mário Ypiranga Monteiro; *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo* (1977), de Márcio Sousa; e dos mais recentes destacam-se: *Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das amazonas* (2009), de Lucilene Gome Lima; *A vingança da Hiléia* (2009), de Francisco Foot Hardman, e *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia* (2016), de Rafael Voigt Leandro. Todos esses pesquisadores fazem uma apresentação geral de autores e obras numa visão panorâmica da produção ficcional da Amazônia em seus aspectos gerais, e nos dois últimos textos, de Francisco Foot Hardman e Rafael Voigt Leandro, há enfoques com especiais exames aos trabalhos da economia da borracha, pois alguns desses romances são considerados fundamentais para compreensão sobre a ficção que trata desse período. O foco nesta tese é o exame em textos do final do século XIX e início do XX, os quais considero imprescindíveis para o conhecimento de toda a produção ficcional em torno do ciclo econômico da borracha.

Nessa linha, foco minha análise em textos ficcionais que tratam de forma enfática as secas como consequência da retirada do sertanejo para a Amazônia e o assédio que essa região promovia atraindo trabalhadores para os seringais. Nesse ponto, os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia se destacam como fundamentais para compreensão dos textos ficcionais, visto que os escritores dessa temática estavam empenhados em denunciar aquele sistema degradante de trabalho. Nessa prosa ficcional já se verifica uma antecipação do projeto de denúncia ao atraso do país, que ganhou força na década de 1930, quando um grupo de escritores passou a focar o homem comum e as massas como personagens principais nos romances, como bem apontou Antonio Candido (1995).

Levando em consideração que muitos ficcionistas recorreram à realidade e à história para escrever seus textos ficcionais sobre a vida dos seringais, e outros presenciaram as duras secas do Nordeste ou viveram na Amazônia, seus textos dialogam intrinsicamente com a História sendo um farto material para conhecimento da vida e trabalho nos seringais. Por isso mesmo, essa tese se inclina pelo exame de textos tanto de História, quanto de Ficção, visto que o pano de fundo dos romances era a realidade vivida ou pesquisada e estudada pelos escritores. Assim, a ficção torna-se um outro caminho para conhecer a realidade de um dos ciclos econômicos mais importante do Brasil.

O termo Literatura aqui deve ser compreendido no seu sentido amplo ao abarcar textos históricos, pautados na factualidade, como os ensaios de Euclides da Cunha, e os ficcionais, como os contos de Alberto Rangel e os romances de Rodolfo Teófilo e Lauro Palhano.

A enorme produção ficcional sobre esse assunto, que se iniciou em 1899 com *O Paraara*, de Rodolfo Teófilo, tornou-se importante objeto para a compreensão do sistema de extração da borracha com suas implicações aviltantes para o extrator. Paralelamente aos textos dos ficcionistas também foram publicados, a partir do início do século XX, os de caráter histórico como *O seringal e o seringueiro* (1953), de Arthur Ferreira Cezar Reis, *Amazônia - formação social e cultural* (1999), de Samuel Benchimol e muitos outros fundamentais para a compreensão do processo migratório para a Amazônia e trabalho nos seringais.

Há um esforço nesta tese em provar que o ciclo econômico da borracha no Brasil deve ser estudado tanto a partir de textos históricos quanto dos ficcionais, visto a quantidade de informações que encontramos sobre os seringais, presentes nos romances, que não aparecem nos textos históricos.

Na prosa de ficção da década de 1930 sobre o ciclo da borracha nota-se a continuidade do projeto de Euclides da Cunha em denunciar os problemas da seca do Nordeste, o sofrimento do nordestino, a dificuldade de adaptação no espaço da floresta e os conflitos sociais entre o empregado e o patrão, como se vê nos ensaios de *Á margem da história* (1909). Assim, deve-se reconhecer que os textos sobre a Amazônia de Euclides da Cunha animaram os espíritos de muitos romancistas a partir de 1930, preocupados em retratar os maus tratos àquela “gente endoidada” que para a Amazônia seguia em busca de trabalho e com o sonho de enriquecer, como se vê no ensaio “Judas Ahsverus”.

É justamente nesse aspecto que reconheço nos ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia a estreita relação com o projeto de literatura empenhada da década de 1930, o chamando “romance social de 1930”, em que o “homem passou a ser protagonista e estar em primeiro plano com seus problemas na prosa daquele momento”, segundo Antonio Candido (1995). Assim, está clara a aproximação dos textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia com a nova proposta da literatura empenhada da década de 1930, visto que o autor de *Os Sertões* no início do século XX já estava atento a todos os problemas do homem do Norte.

O primeiro capítulo desse trabalho é a análise do romance *O Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo. Esse texto até os dias atuais está à sombra do clássico romance *A fome* (1890), do mesmo autor. *O Paroara* é o primeiro romance e um dos melhores exemplos da produção ficcional do ciclo da borracha, pois ele retrata, do início ao fim, a retirada do sertanejo do campo que segue a caminho dos seringais da Amazônia com o propósito de trabalhar na coleta da borracha. Porém, o que a enorme massa de sertanejos vai encontrar nos seringais é um bem armado sistema de exploração ao trabalhador análogo à escravidão.

O segundo capítulo é a análise dos livros de contos de Alberto Rangel: *Inferno Verde* (1908) e *Sombras n'água* (1913). Alberto Rangel, com essas duas obras, seguindo o estilo de Euclides da Cunha, em alguns momentos, nos revela uma região desconhecida, cuja população crescia substancialmente em razão da extração da borracha. O seringueiro é o protagonista dessas histórias numa região de disputa por terras produtoras de borracha que gerava sangrentos conflitos nas fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru. Alberto Rangel nesses contos já apresenta inovações na linguagem, antecipando o projeto estético realizado pelos escritores da Semana de Arte de 1922 (HARDMAN, 2009, pp. 167 - 186). Esse autor, já no início do século XX, rompe com a linguagem e estética tradicionais, nos apresentando personagens com a sua fala e cultura, próprias das regiões Norte e Nordeste que eram desconhecidas e abandonadas pelas autoridades.

O terceiro capítulo é uma análise dos ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, em especial os textos que tratam do seringueiro e do seu ambiente de trabalho. Euclides nestes ensaios traz, aos olhos do leitor, retratos da exploração imposta aos sertanejos nos seringais da Amazônia. Dando sequência à proposta de *Os Sertões*, Euclides da Cunha denuncia para todo o Brasil o Nordeste e as duras secas que assolavam as populações dessa região que tinham que partir para a Amazônia. Nesses ensaios, Euclides da Cunha denuncia as péssimas condições de trabalho nos seringais e se torna um dos primeiros intelectuais do Brasil a sair em defesa do trabalhador. Os cronistas e viajantes anteriores a Euclides da Cunha, em seus textos, trataram sobre a borracha apenas nos seus aspectos biológicos e de usos, desconsiderando os problemas sociais que o trabalho da extração da borracha causava, fato esse que só veremos anos mais tarde com os textos do autor de *Os Sertões*.

Nesse capítulo traço as relações de aproximação entre a obra de Euclides da Cunha com o chamado “romance social de 1930”, visto que tanto em *Os Sertões*, como nos textos sobre a Amazônia já encontramos elementos que veremos com maior vigor na prosa ficcional a partir de 1930. A denominação que Antonio Candido (1995, pp. 235 - 263) fez aos escritores da década de 1930 - “empenhados, engajados” - já pode ser atribuída a Euclides da

Cunha como iniciador desse movimento que iremos efetivamente encontrar na vasta produção literária da década de 1930 (HARDMAN, 2009, pp. 167 - 186). Nos ensaios sobre a Amazônia, no que diz respeito à pobreza do Nordeste, às secas e a migração que ela causava aos sertanejos, encontramos uma aproximação com os romances de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes, Rachel de Queiroz e muitos outros escritores que denunciaram o atraso do país e o descaso das autoridades brasileiras à região Nordeste (BOSI, 2006, p. 309).

O quarto capítulo é uma síntese da ficção em torno do ciclo econômico da borracha com foco para os romances de Lauro Palhano. Nesses textos já temos um novo olhar sobre o trabalho nos seringais, pois diferentemente dos anteriores, fortemente marcados pelo Naturalismo, sob os efeitos do determinismo do meio, os escritores da década de 1930 retomam a ideia do meio agindo sobre o homem - o ambiente seco do Nordeste e o úmido da floresta amazônica - porém, enfatizam os contrastes sociais, fruto do atraso do país e das desigualdades sociais. Na prosa da década de 1930, como é o caso dos romances de Lauro Palhano, já encontramos discussões sobre a luta proletária e a necessidade de leis trabalhistas que amparassem os trabalhadores.

1 - *O Paroara* - Rodolfo Teófilo

1.1 - A narrativa

O Paroara, de Rodolfo Teófilo⁵, publicado em 1899, pode ser considerado o primeiro romance sobre a extração da borracha na literatura brasileira. Dando sequência ao tratamento do tema da seca e o flagelo do sertanejo no semiárido, na segunda metade do século XIX no Nordeste, essa obra prossegue o trabalho de denúncia aos flagelados das secas, tema já explorado em *A fome* (1890), *Os brilhantes* (1895) e *Maria Rita* (1897).

Nordestino da Bahia e conhecedor de sua terra, Rodolfo Teófilo denunciou e criticou duramente as autoridades que não voltavam seus olhos para a população do semiárido que era flagelada pelas duras secas do final do século XIX. Sua formação em farmácia fez com que explorasse outros temas em seus escritos não ficcionais e saísse em campanha de denúncia à varíola que estava dizimando um número grande de nordestinos no fim do século XIX e início do XX. O drama visto em *A fome* é retomado em *O Paroara*, porém agora é sugerido como saída à migração para a região da Amazônia, onde havia trabalho na extração da borracha nos seringais do Alto Amazonas.

A história de *O Paroara* é muito simples, João das Neves é abandonado pelos pais, em Fortaleza, que seguiram caminho no vapor para a região dos seringais da Amazônia, em razão da seca de 1877 que assolava o sertão cearense. A criança ficou aos cuidados da irmã mais velha, Merênciã, e sob a tutela do padre Francisco Morão, que acolhia todos os flagelados da seca no interior do estado. O jovem cresce trabalhando no campo enfrentando as secas e se casa com Chiquinha e tem quatro filhos, porém como as diversas tentativas de plantio e cultivo na terra não geraram proveito vê-se desconsolado. A esperança surge quando tem contato com José Simão, um cearense que esteve nos seringais da Amazônia e havia

⁵ Rodolfo Marcos Teófilo nasceu em Salvador, Bahia, em 1853. Seu pai clinicou no interior do Ceará e aos onze anos de idade ficou órfão e entrou na miséria, porém teve o apoio financeiro de coronéis e bolsas de estudo para estudar. Prestou concurso para pensionista do curso de farmácia em Salvador e conseguiu se formar como farmacêutico, logo em seguida foi para Fortaleza. Foi abolicionista entusiasmado e contribuiu decisivamente na luta dos escravos de Pacatuba, no Ceará e conquistou a cadeira de história natural da Escola Normal. Pertenceu a Academia Cearense de Letras, com a cadeira nº 33 e morreu em 1932 em Fortaleza. Sua vasta obra compreende ficção, poesia, textos de cunho político-histórico e textos de caráter científico biológico. Ficção: *A fome*, 1890, *O brilhante*, 1895, *Maria Rita*, 1897, *O Paroara*, 1899, *Violação*, 1899, *O Cundurú*, 1910, *Memórias de um engrossador*, 1912, *Lira Rústica*, 1913, *Telésias*, 1913, *Coberta de tacos*, 1913, *Cenas e tipos*, 1919, *Reino de Kiato*, 1922, *O Caixeiro*, 1927; textos político-históricos: *Secas do Ceará*, 1901, *Libertação do Ceará*, 1914, *Seca de 1915*, 1922, *Sedução do Juazeiro*, 1922; textos de caráter científico biológico: *Botânica elementar*, 1890, *Ciências naturais do conto*, 1890, *Monografia da Macunã*, 1924 e *Meus Zoilos*, 1924. (MENEZES, 1969, pp. 1261- 1262). A primeira publicação de *O Paroara* saiu em 1899 em Fortaleza pela editora Louis C. Cholowiecki.

ganhado muito dinheiro lá e desfilava sua riqueza no sertão nordestino entre os miseráveis. Com isso, José Simão consegue assediar vários flagelados a ir para a região da extração da borracha. João das Neves, cansado das tentativas de cultivo na terra e na cobiça de ganhar muito dinheiro, vê na partida para a Amazônia única forma de sair da total miséria. Para isso toma dinheiro emprestado de José Simão para pagar a passagem e demais gastos, e deixa a mulher com três filhos e mais um na barriga. Em condições precárias de viagem, João das Neves e outros sertanejos partem para a Amazônia como gados no porão do vapor junto a outros animais.

Ao chegar ao Alto Amazonas João das Neves percebe que realmente ele e seus colegas foram enganados por José Simão, pois este só era mais um empregado pobre naquele enorme sistema bruto de trabalho dos seringais. No novo ambiente de trabalho João das Neves e todos os novos trabalhadores acumulam mais uma dívida, agora com o dono do barracão, ao ter que comprar as ferramentas de trabalho e alimentação para poderem partir para os seringais.

Depois de dois anos de duro trabalho, com o corpo consumido pela malária, João das Neves retorna a sua terra natal com algum pouco dinheiro, após ter saldado o patrão. Ao chegar a sua casa encontra sua mulher nos momentos finais de vida, pois morria de inanição e os filhos já haviam morrido todos da mesma forma. Por fim, João das Neves se arrepende de sua ilusão em ganhar muito dinheiro na Amazônia e, como consequência, ter perdido sua família.

1.2 - As secas do sertão expulsam os nordestinos

A história de João das Neves está intrinsecamente ligada às secas ocorridas no fim do século XIX. A seca de 1887 a 1889 é o mote pelo qual circunda toda a trama do romance. Como bem apontou Agripino Grieco, os romances de Rodolfo Teófilo são documentos fiéis da fome e migração geradas pela seca:

E suas páginas inspiradas pelas secas ficarão em nossa história literária, incluindo-o, de certo modo, entre os robustos romancistas em que a sua região tem sido fértil: os Alencar, os Franklin Távora e os Domingos Olímpio (GRIECO, 1947, p. 86).

Depois que os pais de João das Neves, com outros nordestinos, partiram para os seringais da Amazônia, alguns retornaram para o sertão, porém os pais dele não. A saudade aumentava mais ainda quando o jovem ia visitar o rancho e a casa abandonados no vilarejo de “Fermosa” na região de Quixiramobim. Com o decorrer do tempo o jovem passou a trabalhar

e se casou com Chiquinha e logo vieram quatro filhos. O mais velho deles, ainda muito jovem, já ajudava no trabalho da lavoura. O rápido crescimento da família de João das Neves se explica por fatores tipicamente da região, segundo Samuel Benchimol (1992), em razão de uma necessidade de povoamento da região e também para a manutenção de mão de obra no trabalho do campo. Porém, em tempos de secas, parte dessa população se deslocava para a Amazônia e para o Sul do país:

A conhecida fecundidade sertaneja deriva dessa luta constante do homem em prol da economia e da vida. Ele tem que se multiplicar para poder sobreviver. Ela é que tem conseguido aguentar um crescimento relativo, malgrado as terras de “importação humana” teimem em sorver-lhe a fina “flor de seus homens”. Sem essa compensação, o despovoamento seria fatal. A demografia vive, assim, à custa da reprodução geométrica. Região produtora de homens para o consumo dos centros de atração da Amazônia e do Sul (BENCHIMOL, 1992, p. 80).

Chiquinha foi a escolhida naquele sertão árido para ser sua esposa, pois esta era órfã de pais que tinham morridos tísicos pela seca, e quando criança comia terra para matar a fome.

A primeira plantação após o casamento foi realizada com muito entusiasmo e esperança de chuva, e esta efetivamente veio e as sementes de feijão, milho, arroz, algodão, gergelim e jerimum vingaram após a tão esperada chuva:

João das Neves não se cansava de mirar as plantas e gabar o vigor desta terra ubérrima. Percorria toda a lavoura, carreira acima, carreira abaixo, num contentamento que se via estampado em todas as linhas do seu rosto. Se tudo crescesse e frutificasse estaria rico, dizia o Neves vendo o viço do roçado (TEÓFILO, 1974, p. 90).

A natureza que foi afável com João das Neves ao conceder-lhe a chuva para a plantação não fez o mesmo quando as culturas já estavam crescendo. Uma praga atacou toda a plantação e tudo foi perdido. Chiquinha blasfemou a Deus e desanimou em investir novamente na plantação, pois já não tinham dinheiro para recomeçar:

Chiquinha é quem acompanhada do Manoel foi um dia ver o estrago da praga. Quando viu a devastação, que todos os seus sonhos de felicidade tinha sido reduzidos a nada, que o trabalho de tantas semanas, o suor de tanto dias uma vil e desprezível larva havia tornado estéril, rebelou-se. Com o semblante numa crispação assombrosa blasfemou irada o nome de Deus por ter a praga para perseguir o homem (Ibid., pp. 93 - 94).

Como valente e persistente nordestino, João das Neves queimou e limpou o roçado e já preparava a terra para novamente plantar nela. Porém, teve de enfrentar o desafio da falta de dinheiro e os amigos e agiotas vendo a miséria dele e a potencialidade de novas secas não lhe concederam o empréstimo. A única alternativa foi vender a vaca Amorosa que

pertencia a Chiquinha para comprar a semente e insumos para a nova tentativa na terra. Porém, após realizar a plantação, a chuva não veio e tudo se perdeu:

O milho já tinha florescido, mas ao sol.
 As flores masculinas se expandiam em cônicas panículas e deixavam cair dos estames o dourado pólen sobre a crespa cabeleira fulva das flores femininas que ocultas numa túnica de folhas verde-gaio expunham somente os fios delgados de seus cabelos louros. E pelas fartas madeiras desatadas, aos bafejos da aragem, em amorosas carícias era levado o noivo à câmara nupcial e tinham lugar as bodas.
 Foi uma união sem fruto aquela. Mal se havia operado a fecundação, o leito conjugal, que se transformaria em sementes cor de ouro, fana-se à míngua d'água e o embrião se atrofia, como mirrado feto nas entranhas uterinas.
 A secura da terra no período mais importante da reprodução fazia aqueles amores sem frutos.
 O feijão, cujas ramas verdes bracejavam de terra afora, murcho, começava a se enrolar coberto de vagenzinhas bem fecundadas, mas que iam morrer porque a sua vida era de feto, e a planta não tardava a finar-se.
 João das Neves estava profundamente comovido com a sorte dos pobres vegetais. Não que tivesse uma noção sequer de sua biologia, que soubesse que eles eram seres vivos, e que até alguns pareciam sentir, mas pela certeza de que se acabariam prematuramente. Assim sentindo por todos eles uma angustia que lhe dilacerava a alma, angustia que tocou ao paroxismo depois que a aridez do solo o convenceu de que só água do céu poderia salvar a vida a se extinguir naquelas infelizes plantas, instintivamente procurou com o olhar nas alturas o criador do homem e da larva, o senhor do raio e da chuva e uma prece talvez entoasse o seu espírito, mas que não articulada (Ibid., pp. 98 - 99).

Aqui o espaço aberto do sertão onde João das Neves realizou as tentativas de plantação por duas vezes, tornou-se o espaço do sofrimento, da angústia e desespero. A fome já batia à sua porta, o que o fez exercer outras atividades, porém a seca atingia todos os setores, de modo que a vida no sertão ficava insustentável e muitas pessoas viam a retirada do sertão como saída.

Em *O Paroara*, o espaço ficcional é uma das categorias mais importantes desse romance, visto que a obra está presa às regras do Naturalismo, os personagens são determinados e oprimidos pelo espaço que vivem e circulam. Reconhecendo que essa obra está presa aos modelos da estética naturalista, o escritor recorreu às longas descrições como forma de demonstrar e explicar o homem sendo oprimido pelo espaço. Nesse romance o espaço toma posição privilegiada seja pelo viés natural ou social em que oprime e norteia as atitudes dos personagens. É por meio da construção desse espaço que vemos como os personagens são degradados, tanto no sertão nordestino pela seca, como nos seringais úmidos da Amazônia, como veremos mais adiante.

Segundo Gaston Bachelard (1974, p. 360), a presença do espaço na narrativa permite um estudo topoanalítico que na acepção desse crítico “seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares de nossa vida íntima”. Para esse crítico existem dois tipos de espaços: o espaço amado, que ele chama de topofilia e o espaço da hostilidade, do ódio e

do combate, ligado às imagens do apocalipse. Nesse caso, nas narrativas, os espaços não chegam a ser odiados, porém transmitem uma atmosfera de estranhamento e desconforto ou opressão. É esse segundo caso que permeia quase todo o romance *O Paroara*, pois os diversos espaços transmitem a ideia de desespero, angústia, opressão e ódio, como veremos no sofrimento da odisseia de João das Neves. Em *O Paroara*, os personagens estão, na maior parte da obra, inseridos nos espaços abertos e estes exercem sobre eles as leis do determinismo natural que os sufocam. O espaço aberto do semiárido oprime e sufoca todos os sertanejos que sem qualquer recurso tinham que deixar aquele espaço partindo para a capital Fortaleza ou para outros centros urbanos, pois quem tentasse resistir no campo certamente morreria de inanição. As forças mesológicas do sertão promoviam uma grande migração para a capital Fortaleza, e de lá para os seringais da Amazônia.

Não vendo mais solução, e com a agressividade da seca e flagelo causada por ela aos sertanejos, João das Neves, depois de assediado por José Simão⁶, um sertanejo paroara que trabalhava nos seringais da Amazônia, há vinte e cinco anos, e estava de volta ao sertão fazendo propaganda das maravilhas de se trabalhar na Amazônia, vê nas propostas de José Simão o sonho de ganhar muito dinheiro na região do Alto Amazonas:

Havia tatus do tamanho de bois e veados grandes como cavalos. O peixe boiava em cardumes à tona d' água nos mais mesquinhos igarapés. Bastava um lance de uma tarrafa pequena para dar de comer a uma família grande. A terra não tinha canseiras, nem precisava das chuvas do céu para produzir. Dava o ano todo. O milho, o feijão, o arroz colhiam-se de seca e de inverno. A mandioca em três meses tinha raiz boa de desmanchar em farinha.

Qualquer espojeiro lá dava mais futuro do que uma lavra de quinhentos passos aqui. Não era isso ainda tudo. Ter a barriga cheia era bom, mas a bolsa também ainda era melhor. Qualquer caboclo ruim de serviço, mesmo lombando, tirava na roda do dia cinco quilogramas de borracha, que o patrão, embora estradeiro, comprava por vinte mil réis. Aqui o trabalhador mais famanaz, alugado, o maior jornal que ganhava, era oitocentos réis e isso a seca (TEÓFILO, 1974, pp. 107 - 108).

Com esse discurso e perfil de “rico”, José Simão conseguiu iludir vários miseráveis da região, como João das Neves, a partir para a Amazônia e trabalhar na extração da borracha. É importante salientar que no próprio romance o autor traz o significado de paroara como cearense que migra para a Amazônia e retorna para o Ceará (Ibid., p. 103). Essa

⁶ No romance a expressão paroara recebe a significação de cearense que imigra para a Amazônia e retorna para o Ceará (TEÓFILO, 1974, p. 103). E de fato é esse o papel desenvolvido por José Simão nesse romance. Ele vai para a Amazônia, trabalha lá como seringueiro explorado e é pago pelo patrão para ir ao sertão nordestino com roupas de luxo e algum dinheiro e desfilar luxúria e fazer propaganda de que os seringais na Amazônia era a terra do enriquecimento. Porém, quando José Simão chegou ao barracão, na Amazônia, recebeu o dinheiro do patrão e foi trabalhar no seringal como seringueiro. É nesse momento que João das Neves e seus amigos têm certeza de que foram iludidos com as promessas de riquezas feitas por José Simão.

denominação se enquadra bem aos cearenses que de fato foram para a Amazônia trabalhar na extração da *Hevea brasiliensis*, por algum tempo, e depois retornaram com algum dinheiro, ou nada, para sua terra natal. Porém, não é o caso de José Simão, este, depois de muito tempo de trabalho na Amazônia, retorna a sua terra natal não para se radicar nela, mas para exercer a função de aliciador de homens a ir trabalhar na Amazônia na esperança de enriquecer-se. Nesse sentido, o termo paroara também recebe o significado de “aliciador” de sertanejos que sofrem o flagelo da seca. “José Simão dizia-lhes ser lá o maior proprietário de seringais. Possuía mais de vinte centros com perto de quinhentas estradas. E que campos tinha ele em suas terras!” (Ibid., p. 116). Oportuno e astuto, o paroara José Simão aproveita o momento de intensa seca para ter esse fenômeno da natureza a seu favor na gloriosa aventura de “remanejar” miseráveis da região seca para o trabalho duro no sertão alagado da Amazônia.

Como já bem explorado por Euclides da Cunha em “Judas Ahsverus”, o sonho em ganhar muito dinheiro nos seringais da Amazônia era um motivo a mais para os sertanejos partirem para os seringais da Amazônia. A ilusão de ganhar muito dinheiro, aliado a miséria existente na região, foram fatores decisivos para João das Neves deixar o sertão e partir para a Amazônia.

Segundo Samuel Benchimol (2009), no final do século XIX houve um grande fluxo migratório dos chamados “cearenses” para a Amazônia, em razão das duras secas que assolaram a população do agreste:

No decorrer desse longo período acima, de quase 80 anos, a Amazônia recebeu uma considerável massa humana de migrantes nordestinos, aqui genericamente conhecidos como *cearenses*. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos, sendo tangidos pela seca - *imigração por fome* -, ora simplesmente atraídos pelo *apetite* de seringa - *imigração por cobiça, fortuna e aventura*, ou simultaneamente por ambos. Geograficamente nascia, assim, uma nova Amazônia, baseada na seca e na *hevea*, e na conjunção das duas linhas: a de maior flagelo e sofrimento o sertão e a de mais resistência e atração - a floresta. Tudo isso culminou no Acre - o *right* em razão do *rush* - a Economia na Geografia do Direito (BENCHIMOL, 2009, p. 154).

Visto sob a ótica da miséria, da seca e da migração que ela gera, *O Paroara*, segundo Alfredo Bosi (2006), instaura aproximação com obras como *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora, *Os cangaceiros* (1914), de Carlos D. Fernandes, e *O rei dos jagunços* (1899), de Manuel Benício, os quais formam uma literatura voltada para os problemas da seca, do latifúndio, do banditismo com o efeito da miséria e das migrações. Porém, o romance de Rodolfo Teófilo, como muitos outros do fim do século XIX, que têm a seca como tema principal, instaura uma relação de aproximação e, porque não, antecipação de muito romances do chamado “romance nordestino de 1930”, em que a seca volta a ser a tônica e o

sertanejo novamente é assolado pelas constantes secas. Basta citar romances como *O quinze* (1930), de Rachel de Queiróz, *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, e tantos outros que expõem o flagelo do sertanejo sofrendo as agruras das secas do início do século XX com as constantes fugas da região, seja para as capitais do Nordeste, no espaço industrial, ou ainda dando sequência ao romance de Rodolfo Teófilo, para a extração da borracha na Amazônia, como é apresentado como alternativa em *O quinze*, de Rachel de Queiroz (BOSI, 2006, p. 146). Francisco Foot Hardman, em *A vingança da Hiléia* (2009), aponta que desde o século XIX, antes da Semana de Arte de 1922, já tínhamos uma série de pensadores e obras que se inscreviam num movimento sociocultural que apontava os problemas do país com seus contrastes sociais, que já pode ser chamado de modernismo, pela matéria impressa nos textos, “resultantes do positivismo de Conte, do transformismo de Darwin, do evolucionismo de Spencer e do intelectualismo de Taine e Renan”, antecipando a ideia de modernismo apenas em 1922 (HARDMAN, 2009, p. 169).

É importante ressaltar que em *O Paroara*, como em todos os outros textos sobre a economia da borracha do final do século XIX e início do XX, não encontramos revolta nos personagens. Eles são degradados tanto pelas forças da natureza, como pelas sociais e não expõem revolta àquele sistema e modo de vida opressor. Como em “Judas Ahsverus”, de Euclides da Cunha, os personagens sofrem calados. Outro aspecto importante é que ainda que o romance expresse o problema de uma coletividade, não temos nessa obra uma revolta coletiva, fato esse que só iremos encontrar na década de 1930, com *Cacau*, de Jorge Amado, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão e muitos outros romances que expressam o sentimento da coletividade operária revoltada com as condições de trabalho e salário. Esse fato revela o diálogo entre ficção e história, pois em 1889 os sindicatos e associações de trabalhadores ainda estavam germinando no país e com maior expressão em São Paulo e Rio de Janeiro. Como bem apontou Antonio Candido (1995), na década de 1930 tivemos um grupo de escritores empenhados em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a marginalização, o que os tornam figurantes de uma luta virtual pelos direitos humanos (CANDIDO, 1995, pp. 235 - 263). Tanto em *A Fome* como em *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, já encontramos as marcas dessa literatura empenhada que trata da seca, do flagelo do sertanejo e do atraso do país.

Com fortes marcas do Naturalismo, vê-se nas cenas dessa obra o meio como agente opressor do homem. Nesse espaço ele tem que lutar bravamente contra o sertão árido e

seco. Sob as forças impostas do meio, o sertanejo tenta resistir até o fim e permanecer na terra, porém a miséria e os assédios dos paroaras fizeram com que os sertanejos migrassem para os seringais da Amazônia.

O espaço do semiárido nessa obra é um elemento importante e integrante da construção do meio que oprime os sertanejos que ali vivem e esse fator contribuiu para a expulsão deles para outras regiões. Naquele mesmo momento, no sentido de encontro estava a Amazônia como terra atrativa para os sofredores das secas, tendo os paroaras a função de ludibria-los.

Osman Lins (1976) aborda a importância do espaço ficcional na narrativa ao estabelecer relação com as outras categorias narrativas, pelo fato de não estar isolado das demais. O espaço está intrinsecamente ligado à ação, ao tempo, ao enredo, à perspectiva e, sobretudo, às ações dos personagens:

Não só espaço e tempo, quando nos debruçamos sobre a narrativa, são indissociáveis. A narrativa é um objeto compacto e inextricável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Pode-se, apesar de tudo, isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo – não, compreendesse, como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: neste sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do seu espaço ou do seu tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador. (LINS, 1976, pp. 63 - 64).

Por isso mesmo, o espaço nesse romance desempenha papel fundamental sobre as ações dos personagens. Pois ele agride os sertanejos, empurrando-os para outros lugares, seja a cidade de Fortaleza, ou para a Amazônia. Assim, *O Paroara* é, sem sombra de dúvida, o texto ficcional que melhor retrata esse processo migratório do Nordeste para a Amazônia, tendo duas causas distintas: a primeira de ordem climática e a segunda de ordem econômica.

Segundo Samuel Benchimol (1992), além das causas geográficas e climáticas havia também as econômicas e psicológicas que concorreram fortemente na mente do sertanejo, às vezes, até mais poderosamente, a ponto de promover o processo migratório:

É difícil encontrar um imigrante com motivos essencialmente geográficos ou econômicos. A seca, a seringa, o anúncio, são uma sequência que se entrelaça e se amalgama no espírito do sertanejo. A aventura junta-se, aqui, com o trabalho”. (BENCHIMOL, 1992, p. 81).

Esse aspecto apontado por Benchimol nos auxilia a entender que a migração feita pelo sertanejo para os seringais da Amazônia era mais complexa do que se imagina. *O Paroara*, nesse sentido, se destaca entre os romances desse tema, não só por ser o primeiro, mas por fornecer ao leitor, de modo claro e completo, o processo de migração do nordestino para a

Amazônia, nos dois sentidos, o de expulsão do semiárido e o de atração da Amazônia. Em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, a fuga para a Amazônia é sugerida como saída, porém com a queda da produção da borracha amazonense, em razão da concorrência com a borracha da Ásia (SOUSA, 1977, p. 135), ir para os seringais amazonenses já não era mais o melhor caminho:

_ O que é, compadre?

O vaqueiro pigarreou, cuspiu para o lado, procurou a frase inicial:

_ Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fugida do outro, a mulher desanimou e pegou numa choradeira todo dia, com medo de perder o resto... Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela; e depois que me arranjasse umas passagenzinhas pro vapor. Esse negócio de morrer menino é besteira... Morre quando chega o dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar...

Conceição mordeu o lábio, pensativa:

_ Isso não, compadre! Eu acho que a comadre tem uma certa razão... Estas crianças não suportam uma viagem numa gaiola, de Amazonas acima... E mesmo que aguentem o navio, o que é que fazem com as doenças?

Chico Bento lembrou:

_ Também pensei no Maranhão...

Cordulina volveu, assombrada:

_ Que Maranhão, Chico, Deus me livre! Tu não tens visto dizer que morre lá família inteirinha de sezão, que nem se fosse de peste?...

Conceição assentiu, riscando pensativamente com a unha as pregas da saia:

_ É... eu tenho ouvido dizer que há muita febre no Maranhão... Também acho que não serve para vocês...

Chico Bento deixou cair os braços magros, num gesto de desânimo:

_ Então que é que se há de fazer? A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola?

Àquela alegação amarga e justa, Conceição calou-se; depois murmurou lentamente:

_ Lá isso é... Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos borracha está dando dinheiro... E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte...

E ficaram os três indecisos, calados. Conceição atentando novamente nas pregas de sua saia, Cordulina com as mãos cruzadas no regaço e os olhos baixos, Chico Bento apalpando tristemente a cara ossuda, com a vista perdida num ponto indeterminado (QUEIROZ, 1993, pp.105 - 107).

A história de Chico Bento e Cordulina não é muito diferente à de João das Neves. Em razão de um período de forte seca, Chico Bento é dispensado da fazenda, na região de Quixadá, onde trabalhava como vaqueiro e resolve ir para Fortaleza procurar emprego. Porém, sem dinheiro, faz o trajeto caminhando até a capital do Ceará e nesse percurso caminhando perde dois filhos, um por ter comido mandioca brava e o outro por desaparecimento. Quando chegam a Fortaleza encontram uma multidão de flagelados da seca na mesma situação que eles. Ali recebem a ajuda de Conceição, uma professora voluntária que ajudava os flagelados, e conseguem uma passagem para São Paulo, deixando o filho mais jovem para Conceição cuidar. A tragédia dessa família se aproxima à de João das Neves, pois, em virtude da seca, a família deixa o sertão e parte para a capital do Ceará e nessa longa

odisseia perde os filhos. O caminho encontrado foi a partida para São Paulo, pois a Amazônia já, a partir de 1915, não era tão lucrativa como em épocas anteriores, e ainda havia as doenças da floresta que dizimavam os sertanejos, como bem aponta Conceição.

Em momentos distintos, *O Paroara* e *O Quinze* focam o mesmo tema, as secas do Nordeste, tendo a migração como consequência imediata. Porém, em *O Paroara*, levando em consideração o momento histórico de intensa extração de borracha na Amazônia, o trabalho nos seringais era visto como “saída” para a sobrevivência dos que sofriam com a seca. Já em *O Quinze*, quando a extração da borracha já não era tão lucrativa, a alternativa era partir para outras regiões, ficando a cidade de São Paulo como saída. Em ambos textos os autores exprimem intensa preocupação social ao focar a seca e as consequências imediatas que ela gera para o sertanejo.

Assim, deve-se reconhecer o valor de *O Paroara* na literatura brasileira por expor em seu enredo a odisséia completa do sertanejo em retirada do sertão para os seringais da Amazônia: as duras secas no semiárido, o assédio e manobras dos paroaras, as viagens nos porões de navios, o trabalho na selva, o aprisionamento no seringal, pelo fato do seringueiro não conseguir quitar a dívida com o patrão e, por fim, o retorno trágico na condição de inválido. Por isso mesmo, o romance de Rodolfo Teófilo merece um lugar especial na ficção brasileira, visto que esse romance já antecipa temas e posturas de escritores que veremos na década de 1930, ao tratar das secas e das populações pobres e esquecidas pelas autoridades.

1.3 - Os Paroaras

João das Neves e outros sertanejos, após serem ludibriados por José Simão para irem trabalhar na Amazônia, adquirem uma dívida com este paroara com os gastos da viagem do vapor até a Amazônia.

A caminho de Fortaleza, em Baturité, João das Neves e os outros sertanejos pegaram o trem para a capital do Ceará. Ali João das Neves encontrou muitos outros miseráveis que tinham sido ludibriados pelos paroaras e se direcionavam para os seringais do Alto Amazonas:

O que se passava no vagão de José Simão passava-se também nos outros vagões de segunda classe apinhados de seringueiros em destino a Amazônia.

A propaganda da emigração lavrava por todo o Ceará. Em todas as localidades haviam chegado paroaras dinheirosos, que se conduziram como José Simão, com a mesma linguagem e os mesmos intentos (TEÓFILO, 1974, pp. 119 - 120).

Fortaleza naquele momento de intensa seca no fim do século XIX se destacava como cidade estratégica geograficamente para a logística do recrutamento de flagelados da seca para paróaras. Por ser uma cidade litorânea ela fazia a ponte entre o sertão e a Amazônia com uma malha de navegação que ligava a capital do Ceará a Manaus, passando por Belém. As ligações de trem entre as cidades interioranas a Fortaleza, desta por navios e vapores, com as cidades de Belém e Manaus, foram decisivas para o crescimento e desenvolvimento da capital do Ceará. Fortaleza com toda essa malha favorável passou a receber um enorme contingente de flagelados da seca e passou a viver a vertigem de uma cidade com uma população ávida por comida e emprego. No mesmo sentido, Fortaleza tornava-se uma cidade que atraía a atenção de inúmeros paróaras para recrutar homens para a Amazônia. Uma forte estrutura clandestina de migração para a Amazônia de agenciadores foi construída nessa cidade, desde paróaras, que iam para o interior recrutar sertanejos, vendedores de passagens, donos de pensões e até negociadores que intermediavam com as autoridades:

João Basófia havia se encarregado de comprar as passagens e de volta a agência, dizia a José Simão:

— É um horror qualquer negócio hoje nesta terra. Para tudo é preciso empenho. Se não sou tão amigo do agente, o Guilherme, V. Sa. não embarcaria amanhã. Há mais de seiscentos passageiros para seguir e o pacote só pode receber quinhentos. Vi o negócio perdido, já tinha gente adiantada, mas o chefe me viu e lembrou-se que fui eu e o grande Partido Operário quem o elegemos vereador a intendência Municipal e não teve demora mandou-me servir.

O paroara mostrou-se agradecido e crente da importância política de João Basófia, que todo serviçal o cercava de cuidados e atenções.

— Passagens já temos; e como V. Sa. se verá livre do imposto criado pelo nosso antipatriótico Governo?

— Imposto?! ... disse muito admirado José Simão.

— Não sabe que para fechar os portos à emigração, criaram uma lei (cada agenciador de seringueiro pagará o imposto de um conto e quinhentos mil reis) anticonstitucional?! O cidadão cearense não pode mais sair de sua terra sem pagar uma taxa ao fisco. A sua leva de seringueiros consta de cinquenta homens, pois bem, V. Sa. pagará trinta mil reis por cabeça.

Essa nova fulminou o paroara. Não contava com esta despesa e o dinheiro que tinha em caixa mal chegava até Manaus, onde o correspondente do patrão dele daria a quantia necessária ao transporte para o interior (Ibid., p. 122).

As intensas secas, tendo como consequência as migrações do interior para a capital do Ceará e dali para a Amazônia, fizeram com que Fortaleza passasse a ter uma dinâmica estrutura urbana por onde passava aquele enorme contingente de pessoas.

Esse retrato demonstra bem o exercício dos paróaras no papel de ludibriar os flagelados das secas com propostas de enriquecimento nos seringais da Amazônia. Tendo a seca ao seu lado como geradora de miséria aos sertanejos, eles aproveitavam essa situação e obtinham melhor êxito no seu papel em plantar o sonho de enriquecimento nos pobres miseráveis do sertão. Os seringais da Amazônia apareciam como saída viável para a

sobrevivência dos sertanejos e também como sonho de enriquecimento e retorno para a terra natal após alguns anos de trabalho. Essa foi a ideia criada por José Simão na cabeça de João das Neves e de outros cearenses.

1.4 - A viagem - porões dos párias

É no interior do vapor que João das Neves passa a desconfiar que José Simão poderia tê-lo enganado com aquela ideia de ganhar muito dinheiro na Amazônia: “Logo no embarque começaram a se aperceber, que talvez o caminho de eldorado não era a larga estrada de areias brancas, como pensavam, mas uma estreita vereda na crista de agudos alcantis e juncada de espinhos” (Ibid., p. 127). O porão foi o lugar reservado para João das Neves e os mais de mil sertanejos, onde cabiam apenas duzentos. Entre os animais e as fezes desses bichos, os sertanejos foram obrigados a viajar por vários dias naquele ambiente insalubre:

José Simão levou-os à proa onde já tinha sua rede armada em um lugar dos mais cômodos, que lhe cedera por dez mil réis um passageiro que vinha do Sul. Custou a romper a multidão, que se acotovelava naquele escasso e imundo compartimento. Perto de mil pessoas procuravam acomodar-se em um recinto cuja lotação seria quando muito para duzentas criaturas humanas.

Além da falta de espaço, pisavam uma esterqueira, iam viajar com variada bicharada. Bois, carneiros, porcos, galinhas, reunidos ali em número suficiente para provisão a algumas centenas de pessoas em uma viagem de muitos dias. O cheiro fétido, que se levantava deste imundo estábulo, sentia-se em toda a embarcação.

Das cavernas do porão de proa até o tombadilho se apinhava gente numa compacta mó. No mastro, desde a base até a altura da amurada não cabia mais um punho de rede. Algumas dezenas de andares de leitos um após outro, se suspendiam no ar e tão próximos às vezes uns dos outros, que o dorso do passageiro de cima tocava a barriga do vizinho de baixo. Não havendo absolutamente mais onde armar redes começaram a se alojar de proa afora, a se empilhar mesmo, quase uns em cima dos outros. Só queriam um espaço para descansar a maca e nela apoiar a cabeça que na maioria deles já principiava a tontear.

João das Neves e os companheiros de naufrágio sem redes, e mesmo se as tivessem sem lugar onde armá-las, custaram a encontrar um pedaço de chão para se estatelarem. O espaço desocupado que restava era muito próximo da bicharia. Além de inconveniente da fedentina mais ainda os excrementos que escorriam pelo pavimento à mercê do declive que faziam os tombos do navio inclinando-o de bombordo para estebordo e vice-versa. O tabuado estava encharcado de urina nas adjacências do estábulo. Os passageiros que iam ocupa-lo tinham ainda as roupas molhadas e as cabeças governando mal, apressaram-se em se estirar por cima de toda aquela imundice (Ibid., p. 129).

Nessa cena temos o rebaixamento do ser humano a animal: o porão reservado para alojar animais, suprimentos e cargas em geral, era usado como espaço de transporte de passageiros. A cena em que temos os sertanejos juntos aos animais revela o grau de rebaixamento que o homem sofre num fatalismo mesológico que o leva à total degradação.

Como bem apontou Samuel Benchimol (2009), a partir da metade do século XIX, centenas de milhares de “cearenses” foram recrutados para a Amazônia, ora expulsos pelo flagelo da seca do sertão, ora atraídos pelo *apetite* da seringa, e eram embarcados nos porões de navios em péssimas condições:

Eles eram recrutados nos campos de flagelados das secas, nas vilas e povoados do sertão nordestino, embarcados nos porões dos navios do Lloyd, amontoados nas improvisadas hospedarias de imigrantes e depois mandados, com suas redes de dormir, nos porões dos vaticanos, chatas e gaiolas, rio acima para trabalhar nos seringais dos baixos e altos rios. Começavam a trabalhar, já endividados, conforme Euclides da Cunha: *O seringueiro trabalha para escravizar-se* (BENCHIMOL, 2009, p. 159).

O excerto acima citado desse pesquisador da Amazônia revela a aproximação entre ficção e história sobre a migração do sertão nordestino para a Amazônia no período do ciclo econômico da borracha. O tratamento dado aos sertanejos nesta cena é um anúncio da vida dura e espoliada que terão na Amazônia. Tanto é que João das Neves, ali no porão, já tem suas primeiras dúvidas das maravilhas desenhadas por José Simão sobre aquela região. Descrições naturalistas são constantes neste romance demonstrando os fortes traços da escola literária postulada por Zola na França que ainda tinha muita força sobre os escritores brasileiros. Inferiorizados a animais no porão do vapor, o espaço interno fechado revela a degradação dos sertanejos já no início de sua odisseia à Amazônia. Nessa cena o narrador em terceira pessoa pautava em descrever em minúcias o porão com pretensão de organizar um retrato objetivo e totalizante em que o homem é inferiorizado a animal⁷.

A viagem inicia nessas condições por cinco dias até Belém, onde se vê o deslumbre de uma cidade que crescia vertiginosamente sob o efeito da extração e exportação da borracha. De Belém seguiram para Manaus e lá encontraram uma cidade às configurações de uma Babel, onde circulavam muito dinheiro, estrangeiros e seringueiros que gastavam seu dinheiro com as prostitutas. Nessa odisseia degradante, os seringueiros ao chegar a Manaus passavam a ser objetos - propriedades - de alto valor e cobiçados por outros patrões ávidos em recrutá-los para o trabalho:

As levas de seringueiros devidamente capitaneados pelos patrões, que as traziam engajadas, seguiam rumo das hospedarias. José Simão caminhava com seu patrão esperto, mais velhaco e ambicioso, o seduzisse. Chegando à hospedaria, procedeu à contagem de seus homens, não faltava um só. Outros, entretanto, não haviam sido felizes. Rara era a leva que estava completa.

⁷ Nessa cena temos a *ambientação franca*, segundo os postulados de Osman Lins, em que narrador não participa da ação, ele se pauta pelo descritivismo. LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, pp. 77 - 94.

Em Fortaleza era a miséria, em Manaus o vício.

Os seringueiros esgrouvinhados, mesmo com ares enfermiços, eram cobiçados pelo bando de prostitutas que se atiravam sobre eles a sugar-lhes a bolsa com o mais requintado desbragamento.

Entre aquelas mulheres se encontravam todos os tipos e quase todas as nacionalidades.

A crápula e o deboche em todas as suas modalidades praticavam as meretrizes para incendiar mais os homens, como se cada um daqueles mestiços cortados de abstinência não fosse um sátiro.

O dinheiro saía dos cintos deles para as bolsas das perdas tirado pelos mais ignóbeis artifícios. As mulheres, os criados, e o hospedeiro formavam uma quadrilha de depenadores.

A orgia fervia em todos os cantos e a exploração também. Homens quentes de vinho satisfaziam todos os caprichos das perdas que pediam as mais finas bebidas e os industriados servos traziam-nas e entre elas garrafas esvaziadas que os seringueiros ao fazer-se a conta dos gastos as teriam de pagar como se as tivessem bebido no pagode (TEÓFILO, 1974, pp. 140 - 141).

O seringueiro era tido como uma posse valiosa para o patrão, pois este já havia investido dinheiro nele para a passagem e outros gastos até o barracão no Alto Amazonas. Por outro lado, esses sertanejos, ao chegarem a Manaus, eram cobiçados por outros patrões, pois era mais vantajoso contratá-los em Manaus do que ir buscá-los no Nordeste. Há, nesse sentido, além da criação de um sistema de capitalização e posse do ser humano no trabalho da extração da borracha, um outro sistema de assédio e recrutamento em Manaus sem qualquer gasto realizado por assediadores de trabalhadores, o que fazia com que o sertanejo fosse posto na condição de posse do patrão. Isso fica mais claro quando o sertanejo chega ao barracão e passa a ter todos os seus direitos de circulação cerceados pela autoridade do dono do barracão⁸, vigorando a ideia do patrão como proprietário do trabalhador.

Manaus se destacou no período do ciclo econômico da borracha como a cidade de transição de mercadorias para Belém e para exterior. A expressiva matéria prima que também vinha da Bolívia e Peru passava por Manaus, pelo rio Amazonas, e a partir de 1850 a cidade ganhou maior dinamismo, pois no sentido contrário, de subida, Manaus era a cidade de parada obrigatória para os sertanejos subirem para o Alto Amazonas em embarcações menores. Esses dois fatores contribuíram decisivamente para o crescimento, inchamento populacional e grande circulação de dinheiro em Manaus.

Sob os efeitos da vertigem dessa cidade, ela oferecia àquela enorme massa de homens os “serviços dos prazeres”, visto que a maioria da população de seringueiros era

⁸ Segundo Arthur Cezar Ferreira Reis, em *O seringal e o seringueiro* (1953, pp. 82 - 83), o barracão ficava às margens dos rios na floresta Amazônica estrategicamente para fácil escoamento da borracha para as cidades de Manaus e Belém. Em geral o barracão também era a casa do patrão que era o proprietário de vários seringais na região. O barracão exercia várias funções: escritório, administração, mercado para venda de ferramentas, alimentos e insumos para os empregados do patrão, e os empregados só poderiam fazer compras naquele barracão no qual estavam empregados. Para esse estudioso, o barracão era comparado a casa grande e o proprietário, o patrão, como um grande latifundiário.

masculina. Com a fartura da borracha e a grande circulação de dinheiro, as prostitutas se sobressaiam com a oferta e venda do corpo para os prazeres da carne masculina. Manaus a partir desse súbito crescimento e desenvolvimento se tornou uma “Cápua canicular e Meca tumultuária dos seringueiros”, a partir do seu cosmopolismo, como bem apontou Euclides da Cunha em carta a José Veríssimo e Oliveira Lima, ao descrevê-la como o espaço para os seringueiros se divertir, gastar dinheiro e liberar seus desejos libidinosos com as meretrizes⁹.

Assim, a odisseia de João das Neves e os outros sertanejos no vapor, de Fortaleza a Manaus, revela claramente neste romance a degradante situação a que os sertanejos tinham que se submeter como animais em porões e como objetos de negociação dos donos dos seringais.

1.5 - O trabalho na floresta amazônica

Assim que chegaram a Manaus os “arranjados” de José Simão pousaram nessa cidade para no dia seguinte partirem em um barco menor para o Acre, para o barracão “Deus te Ajude”, pertencente ao cearense Bernardo das Ipueras. O barracão, além de ser a administração do seringal desse proprietário, também funcionava como um enorme centro comercial para os seringueiros:

Para se ter uma ideia do seu poder discricionário em tão longínquas e esquisitas paragens bastava visitar o calabouço, que ele tinha dentro da própria casa, os instrumentos de tortura que guardava. Dois troncos, algumas gargalheiras, algemas, muitas vergastas e palmatórias estavam ali como um veemente atestado do seu governo ditatorial, constituindo os seus domínios um estado autônomo dentro do Estado, cujas leis eram simples e unicamente a sua vontade. Se ele fosse um homem de bem, os seus súditos viveriam felizes, mas era mau por índole. Os sofrimentos em mais de trinta anos naquelas regiões pestilentas, empenhado sempre numa endemia palustre, acabaram de empederni-lo de todo. Sem cultura de ordem alguma, completamente analfabeto e bastante rico para o lugar, entregava-se cegamente a sua vaidade de mandão. A vida em família, a ligação com uma mulher boa teria modificado muito os seus instintos perversos e refreado as suas más paixões (Ibid., pp. 144 - 145).

O fragmento acima dialoga com os textos dos historiadores da Amazônia sobre as condições de trabalho impostas aos cearenses nos “seringais”, visto que a tortura, surra e outras punições eram comuns naquele sistema para quem desobedecesse as regras ou tentasse fugir sem quitar a dívida:

⁹ CUNHA, Euclides da. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondências de Euclides da Cunha*. 1999, pp. 250 - 255.

Se a localização do seringueiro é muito distante do barracão central, as contas são tiradas trimestralmente, pois só então é que se lhe faz o abastecimento normal. Finda a “safra”, o seringueiro, vindo à sede do seringal, confere as contas, que o guarda-livros lhe apresenta. Verifica-se, a essa altura, se deve ter saldo a receber. Ora, acontece que os seringueiros, homens rudes, na sua imensa maioria são analfabetos. Estão, assim, sujeitos à honestidade ou não dos que lhes são devedores ou credores. A escrita dos seringais, onde deverão encontrar averbado o produto de todo o trabalho a que se entregara no seio da floresta, será exata? Os que por eles podem lê-la, farão a verdade?

Na generalidade, essa escrita expressa a verdade, é um índice do que ocorre economicamente nos seringais, o que não quer dizer que não haja operações de escrita feitas com desonestidade, de modo a ter o seringueiro sempre sem saldo credor o que significa permanência nas estradas, trabalho continuado, submissão por mais uma safra ao patrão. O que se pode incriminar mais frequentemente é a amplitude, a liberalidade condenável por que se manda, aos seringueiros, mercadorias de que não carecem, mas tem de receber e lhes aumentam as despesas. Diminuindo a possibilidade de saldo-credor. Mais, os preços exorbitantes por que essas mercadorias lhes são vendidas (REIS, 1953, p. 94).

O modo de vida e trabalho impostos aos seringueiros pelo senhor do barracão apresentado em *O Paroara* dialogam com os textos históricos de Arthur Cezar Ferreira Reis, Samuel Benchimol e muito outros historiadores da Amazônia sobre o período da economia da borracha, o que demonstra a aproximação entre os textos de história e de ficção. Essa característica dos ficcionistas em zelar pela realidade fez, em alguns momentos, com que certos textos de ficção se tornassem referências para se conhecer a história e a realidade dos seringais, como é o caso desse romance e dos contos de Alberto Rangel que se tornaram tão valiosos quanto os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Assim, percebe-se o compromisso de Rodolfo Teófilo em retratar a realidade do auge da extração da borracha que enriquecia as cidades da região amazônica, porém paradoxalmente tendo o nordestino em situação de degradação e próxima à escravidão.

Muitos outros estudiosos apontam o quanto era degradante aquele trabalho para o seringueiro e as normas que estes tinham que obedecer, em que o dono do barracão era a autoridade principal, e desrespeitá-lo significava duras punições. Em *O Paroara* temos o exemplo de Joaquim dos Cocos que foi para a região da borracha com a mulher e três filhos e em seis meses perdeu estes por doenças e a mulher para um outro seringueiro, como forma de pagar a dívida para o patrão. Joaquim dos Cocos tentou fugir, porém foi pego, surrado e posto no tronco por oito dias. Só depois de três anos conseguiu saldar a dívida e o patrão lhe concedeu a liberdade. Após quitar a dívida foi para o seringal “Centro do Bom futuro”, também de Bernardo das Ipueras, onde estava João das Neves e seu amigo Pedro das Marrecas.

Como bem apontou Samuel Benchimol, o seringueiro tinha que obedecer ao regulamento para poder trabalhar num seringal:

O regulamento é típico no gênero, contém revelações interessantíssimas. Mais do que tudo ele é fiel no retrato ao regime de vida do seringal. Entre os deveres do seringueiro, estatui-se que ele “deve ter em consideração que quando vem para os seringais e se coloca como extrator, é para produzir borracha” (BENCHIMOL, 1992, p. 40).

O “regulamento” era um dos instrumentos dos patrões para controlar os seringueiros. No primeiro ano os trabalhadores, na sua maioria, não conseguiam saldar suas contas em razão da dívida acumulada com a passagem do sertão para os seringais, ferramentas e alimentos. No entanto, já nesse primeiro ano corria o risco de adquirir malária ou qualquer outra doença, como aconteceu com João das Neves e seu amigo Pedro das Marrecas. Conseqüentemente, o seringueiro se tornava fraco, com o corpo todo degradado, e não conseguia pagar a dívida no primeiro ano. Nos anos seguintes sua colheita seria menor do que a do primeiro ano, em razão de sua fraqueza, e nesse sistema jamais conseguiria quitar a dívida e deixar o barracão, cumprindo assim o sistema de aprisionamento por dívida, como aconteceu com alguns personagens desse romance.

Durante a viagem no vapor, a chegada a Manaus e no barracão, o narrador onisciente, em terceira pessoa, expressou as dúvidas que passaram na mente de João das Neves sobre as propostas maravilhosas de trabalho apresentadas por José Simão. E elas foram tiradas quando eles tiveram a conclusão que José Simão era mais um empregado daquele enorme sistema de trabalho, quando viram Bernardo das Ipueras fazendo o pagamento para ele e este se retirando para o seringal:

José Simão tinha concluído sua missão. Para poupar explicações aos patrícios e evitar suas recriminações, logo que prestou contas tomou uma montaria e foi para o “Centro da Felicidade”, um seringal de mais de cem estradas, cada uma com perto de cento e cinquenta madeiras.

Este centro pertencia a Bernardo; mas Simão trabalhava nele em duas estradas havia muitos anos.

O pessoal recém-vindo abandonado pelo patrão que o trouxe do Ceará, dirigiu-se ao dono do barracão a fim de pedir esclarecimentos sobre o destino deles.

Bernardo prometeu-lhes mundos e fundos e garantiu-lhes que depois de oito dias de descanso seriam localizados no centro do Bom Futuro, lugar, dizia ele, muito sadio, onde havia caça e peixe em abundância, as madeiras tão ricas de leite que um freguês esperto tirava para mais de oito quilos de borracha por dia. Não se arrependeriam, haviam de ver, de serem aviados do Bernardo da Ipueiras, disse-lhes depois de empanziná-la com promessas (TEÓFILO, 1974, pp. 146 - 147).

Como um gatuno experto, José Simão, ao ver terminada sua missão e receber pelo seu trabalho, desapareceu exercendo assim a função de paroara sobre as mentes dos miseráveis sertanejos flagelados das secas. Porém, continuou na condição de trabalhador do patrão e mais um explorado naquele enorme sistema de trabalho.

Para seguirem para o seringal “Centro do Bom Futuro”, foram adiantados a João das Neves e seu amigo Pedro das Marrecas todos os instrumentos para trabalho, arma e provimentos para alimentação a um preço alto, adquirindo assim mais uma dívida com o patrão:

Na véspera da viagem para o Centro, Bernardo, que era analfabeto, mandou o caixeiro ler a cada um deles o total do débito. Aquela satisfação do patrão era uma farsa. Eles também não sabiam ler e se soubessem o que adiantariam o conhecimento das parcelas que somadas de José Simão e o preço exorbitante das mercadorias nada podiam opor e assim aceitariam os débitos elevados de furtos. O que deveras maravilhava os devedores era a confiança do patrão fiando a eles, que não tinham onde cair mortos, mais de um conto de reis (Ibid., p. 148).

Novamente enganados na esperança de ganhar dinheiro fácil no seringal, Bernardo das Ipueras se contenta de sua empreitada e de ter mais mão de obra a ser explorada no seu barracão. Com o auxílio do experiente Joaquim dos Cocos, João das Neves e Pedro das Marrecas rapidamente aprenderam trabalhar com as ferramentas que haviam adquirido e logo demonstraram habilidades na coleta do látex.

O seringal nesse romance não recebe uma descrição detalhada como vemos em “Entre os seringais”, de Euclides da Cunha, porém vê-se o duro trabalho na coleta do látex e defumação dele:

De machadinha erguida, suspenso no bico dos sapatos, descarregou o primeiro golpe na árvore na maior altura que lhe alcançou o braço. O ferro apenas se embebeu na casca da madeira, chegando ao lenho, seria prejudicial, disse ele. Estava iniciada a primeira arreação. Uma tigelinha foi pregada à árvore pelos bordos, que se enterrariam nos beijos da ferida. Seguiu o vaso, Joaquim dos Cocos continuou as incisões circulando a haste até encontrar o primeiro talho. A grossura da seringueira admitiu de arreações, tantas foram as tigelinhas pregadas (TEÓFILO, 1974, p.157). Estavam no defumador, acanhado e selvagem laboratório, onde a borracha era preparada por um processo ainda muito rudimentar ensinado somente pela prática e pela experiência. Pelos utensílios de tão importante indústria agrícola avaliava-se de sua miséria científica. Não havia ali um apresto que tivesse o cunho do progresso. Todos eram grosseiros e toscos à exceção dos vasos metálicos que continham o leite (Ibid., p. 159).

O método rudimentar de defumação demonstra claramente a precariedade não só do trabalho, mas também do trabalhador. Nas páginas seguintes, vê-se o seringueiro defumando o látex e a fumaça fustigando seus olhos e asfixiando-o. O calor intenso gerado pelo fogo em conjunto com a fumaça também defumava o corpo do extrator causando o desfalecimento, o que contribuía para a diminuição do tempo de resistência naquele trabalho até a invalidez.

Pedro das Marrecas, de imediato, foi atingido pela malária e ficou alguns dias ruim, porém se recuperou, mas João das Neves que estava tendo um bom desempenho no

trabalho ao ser atingido pela doença ficou quase inválido. Após longos dias de febre já não conseguia comer a comida enlatada e salgada comprada no barracão. Para resolver esse problema, Pedro das Marrecas, contrariando o sistema do barracão, passou a caçar aos domingos, único dia que não trabalhava, na companhia do índio Jaci, que conhecia muito bem a mata. Após longos dias na barraca sem trabalhar e com alimentação saudável, os nervos de João das Neves foram aos poucos se reestabelecendo, porém já não era mais aquele homem de antes, já havia se tornado um “manso”.

Quando chegou o período das chuvas os seringueiros tiveram que se estabelecer em lugares altos por causa das enchentes e o trabalho da extração foi cancelado, porém esses homens passaram a cortar lenha para o patrão para ser vendida para os donos de vapores. Pedro das Marrecas, que se mantinha forte, com autorização do patrão, passou a caçar e pescar, pois era mais produtivo para o patrão nesse ramo do que no corte da madeira. João das Neves, porém, consumido pela malária pouco trabalhava, ficando mais na barraca.

Depois de um ano de trabalho duro e sofrido os empregados se postaram diante de Bernardo das Ipueiras no barracão “Deus te ajude” para saldar as contas. E é nesse momento que os seringueiros percebem que realmente foram ludibriados por José Simão e por Bernardo da Ipueiras:

Depois de reunidos os aviados de Bernardo das Ipueiras no barracão Deus te ajude foi que João das Neves e Pedro das Marrecas viram como a morte havia dizimado o pessoal que com eles tinham engajado por José Simão.

Quase um quinto tinha-se acabado de paludismo e de beribéri e os que restavam fazia dó vê-los; eram umas ruínas.

Amarelos, inchados, com o baço feito um tambor, espiavam com um desalento que os aniquilavam os preparativos de viagem dos companheiros que tinham de regressar para o Ceará.

Bernardo da Ipueiras, Savatierra e o caixeiro do barracão trabalhavam dia e noite nas contas dos fregueses. Já a borracha tinha sido pesada, conforme as marcas, e creditadas aos donos o valor, regulando o quilograma metade do preço por que era vendido nas praças de Belém e Manaus. Além dessa grande diferença de cotação, ainda mais Salvatierra tirava uma boa porção para quebras.

Dez por cento pelo menos subtraía o boliviano em cada pesada.

Os seringueiros, quase todos analfabetos, não reclamavam, e aí do que erguesse a voz para protestar contra aqueles estelionatos.

Prontas as contas e assinadas as cartas de ordem para as praças a que se destinavam os fregueses que se retiravam e tinham saldo, esperavam agora os aviados que passasse o vapor.

Pedro das Marrecas e João das Neves haviam ficado devendo, porém pouco. Este quase saldou o débito, que ficou reduzido a cento e tantos mil reis.

O dia do embarque dos seringueiros foi um dos mais tristes e aflitos para os que ficavam doentes naquelas inóspitas paragens.

Só o coração empedernido de Bernardo da Ipueiras podia pelo hábito de tais cenas, não se confranger com as dores que dilaceravam a alma daquela inditosa gente.

Quando o vapor apitou ao longe na mais próxima volta do rio, o dono do barracão e os seus prepostos tomaram as posições mais convenientes para fiscalizar, não só o embarque da borracha, como também o dos passageiros (Ibid., pp. 202 - 203).

A longa citação mostra de forma clara o modo de ação do patrão a seus “súditos”. O analfabetismo dos seringueiros caminhava em favor do patrão, pois sem ter conhecimento das letras e do real valor do dinheiro e da borracha produzida, ficava mais fácil para Bernardo da Ipueiras explorar os trabalhadores. O sistema de aviamento era o grande agente de espoliação dos trabalhadores, pois sem ter reais conhecimentos dos valores das ferramentas e provimentos para alimentação, o patrão tinha maiores artifícios para explorá-los. O sistema de aviamento feito pelo patrão, aliado ao “regulamento”,¹⁰ corria sempre no sentido de fazer com que o seringueiro nunca conseguisse saldar sua conta: ferramentas e alimentos caros, a borracha do seringueiro comprada pelo patrão pela metade do preço da de Belém e Manaus e outras taxas impostas à borracha faziam com que ao final de um ano de trabalho o seringueiro ficasse preso no barracão do patrão.

O retorno para o sertão dificilmente acontecia no primeiro ano, e quando se conseguia, após longos anos nos seringais, o seringueiro já se encontrava na condição de inválido. Os que não conseguiam retornar curtiavam a amargura da saudade de sua terra e de sua gente:

Não havendo mais carga começou o embarque dos passageiros.
Bernardo e Salvatierra, em frente um do outro, no patamar da escada, revistavam com atenção a turma de seringueiros, que passava do barracão para bordo, mas andando sem grande pressa, tal era o estado de moléstia de quase todos eles.
Por mais que o patrão berrasse, ordenando mais ligeireza, mais atividade, não apressavam o caminhar pesado e tardo.
A pobreza do sangue deles, reduzido quase ao soro, era a causa daquela preguiça muscular, da mortal apatia deles.
Nem regressando à pátria iriam pressurosos no caminho.
Os que ficavam espiavam de longe o embarque doa patrícios numa tristeza, num desconsolo que fazia pena!
João das Neves encostado a uma coluna não tirava os olhos meio lacrimosos, da leva dos felizes que regressavam à pátria. Quem sabe se lhe seria dada semelhante ventura no fim do fabrico no ano seguinte?
Sentia-se tão doente, tão acabado, cansando ao menor esforço, que achava não estar muito longe o seu acabamento. Assim mesmo, faria por viver até o dia de voltar. Se ele não tivesse de morrer no Amazonas, nem o jacaré o pegando, se acabaria (Ibid., p. 203).

João das Neves, como muitos outros seringueiros, no primeiro ano não pode retornar para o sertão, pois não conseguiu quitar sua dívida com o patrão. O pagamento da dívida era a condição única para a saída daquela prisão. Somente no segundo ano ele

¹⁰Segundo Samuel Benchimol em *O romanceiro da batalha da borracha* (1992, p. 96 - 110), o regulamento era uma espécie de contrato com que todo seringueiro tinha que concordar para trabalhar num seringal. Por meio desse regulamento pode-se conhecer a estrutura complexa do funcionamento do barracão e das funções e deveres de cada trabalhador. O regulamento também trazia em seu texto os deveres e direitos dos seringueiros e do patrão, porém, no geral, sempre eram mais deveres aos seringueiros, de modo que estes sempre ficavam nas mãos dos patrões.

conseguiu quitar a dívida e retornar inválido para o sertão do Ceará com algum pouco dinheiro. Para os seringueiros que não conseguiram pagar a dívida naquele ano que João das Neves retornou, restou apenas a amargura e saudade do sertão. Um dos cearenses que já se encontrava em condição de degradação pelo beribéri e que possuía uma dívida com o patrão desejava enormemente voltar para a sua terra, para lá morrer, e teria a passagem custeada pelos companheiros, bastava Bernardo das Ipueras autorizar sua partida sem quitar a dívida, porém este foi insensato e não permitiu mesmo sabendo que o cearense não iria produzir mais nada no seringal e em breve iria morrer (TEÓFILO, 1974, p. 221). Esse traço marca de forma clara um sistema de “trabalho” que tinha no seu âmago o aprisionamento do trabalhador nas mãos do patrão. Adicione-se a isso a total inexistência de legislação trabalhista que pudesse amparar o trabalhador, aspecto esse que Euclides da Cunha será enfático em sua crítica ao trabalho nos seringais em seus ensaios de *À Margem da História*. A demonstração de força e poder de Bernardo das Ipueras é o significado de um sistema de trabalho bruto a que o sertanejo está submetido em uma situação análoga à da escravidão.

1.6 - O retorno trágico

Ao chegar a Fortaleza João das Neves defrontou com a mesma situação de dois anos atrás quando estava partindo para a Amazônia, porém agora no seu retorno o clima já estava mais piedoso com o sertanejo, mas as instabilidades climáticas e ausência de políticas para sanar a miséria na região faziam com que os sertanejos, enganados pelas mentiras dos paroaras, continuassem partindo para a Amazônia:

João das Neves não podia se conformar com o êxodo, quando tão copioso inverno inundava tudo.

A avaliar pela capital, cujas areias embebedas não embebiam mais a água, que se ia estagnando nas praças ou deslizando nas sarjetas de diversos bairros, o sertão deveria estar inundado.

Às vezes quando o Neves estava melhor do seu cansaço eterno, perguntava aos patrícios por que deixavam o Ceará em tão propícia época.

Estes abriam o coração e lhe mostravam as suas fundas mágoas. Era a inconstância das chuvas, a indiferença dos poderes públicos, a má semente do barco que não deu fruto, que os fazia sair, diziam, mas não diziam a verdade inteira. O fatalismo inato neles, o nomadismo atávico e mais ainda a sugestão dos maços de dinheiro dos paroaras, eram estes os verdadeiros fatores da emigração.

João das Neves exprobase a insensatez deles e como prova do tormento viver dos seringais apresentava a sua pessoa reduzida a uma ruína (Ibid., pp. 224 - 225).

Essa foi a situação que João das Neves encontrou Fortaleza, o que lhe causou incômodo com aquela migração forçada para um lugar desconhecido em que poucos retornariam para a terra natal, e se voltassem certamente estariam na condição de inválidos

como ele. A urgência de saída do sertão, a miséria e fome aliadas ao sonho de enriquecimento foram as causas para João das Neves encontrar nos seringais da Amazônia uma saída de sua miséria.

João das Neves ao chegar a seu rancho encontra Chiquinha morta e os filhos já tinham morrido tempos antes todos de inanição. Como em “Judas Ahsverus”, de Euclides da Cunha, o arrependimento de João das Neves toma conta de si quando este tem consciência de sua degradação física e perda da família, em razão da miséria e da ilusão de enriquecer na Amazônia:

João das Neves chorava, mas chorava de remorso, como o filicida que consciência acusa do seu nefando crime.

Pela manhã do dia seguinte entrava no cemitério da vila o corpo de Chiquinha, em uma rede, carregado pelos vizinhos, em cujo número vinha o santinho que, como o último preito de seu amor à morte, a carregou até a sepultura.

João das Neves ficara derribado num acesso de maleitas, num apavorante abandono, naquela vivenda solitária, em companhia dos fantasmas que o remorso criava para castiga-lo. O paludismo foi o único provento que tirara do Amazonas e que o flagelaria o resto da vida, de parceria com a pungente mágoa que nele haviam produzido as últimas palavras da esposa, grande mártir do amor e do dever. Nunca mais deixaria de ouvir estas inolvidáveis e terríveis palavras - morreram todos de fome (Ibid., p. 236).

Ao retornar para sua terra, João das Neves tem consciência de que teria sido melhor lutar pela sobrevivência, sob o duro flagelo da seca com sua família, do que ter ido para a Amazônia com o sonho de ganhar muito dinheiro.

O sonho de enriquecer-se no trabalho dos seringais da Amazônia, as dúvidas de como seria o trabalho, a saudade da terra natal, a angústia de ser enganado e ter perdido tudo por ilusões plantadas em sua mente, são narrados por um narrador onisciente que tudo conhece em sua mente. Esse narrador é o responsável em conduzir a história, seja pintando os quadros dramáticos do sertanejo no sertão árido ou na Amazônia, seja narrando o sofrimento e dor interna dos personagens.

Sob as leis do Naturalismo em *O Paroara* temos o meio agindo sobre o homem, seja no sertão seco que expulsa e mata o sertanejo, seja na floresta amazônica que degrada o sertanejo com as doenças e perigos da selva: “quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e nos negócios, morriam aos milhares de doenças, como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba” (BENCHIMOL, 2009, p. 159). Casos como esses verifica-se em João das Neves, que foi atacado por muçu e por maleita, e do seringueiro que foi atacado e morto por uma piraiba ao pular no rio para salvar sua borracha que havia caído do batelão:

O corpo do infeliz havia sido cortado pela cintura. A voraz piraíba, que o decepou, engoliu as pernas e parte da barriga enquanto a metade do corpo subia à tona. Receosa de algum logro, ainda bem o pedaço do cadáver não chegava em cima, já ela o puxava para baixo começando a traga-lo (Ibid., p. 201).

A selva amazônica nesse romance é configurada como bruta ao sertanejo e aliado a esse fator o trabalhador ainda enfrentava o sistema de trabalho análogo à escravidão, que cerceava todos os seus direitos, colocando como uma possessão do patrão após chegar a Amazônia. Nesse sentido, é importante frisar a posição de Nelson Werneck Sodré (1965), ao enfatizar que a Amazônia não ficou fora do movimento naturalista iniciado por José Veríssimo com *Cenas da Vida Amazônica*, onde os traços desse movimento são evidentes com Inglês de Sousa, ao reconstituir a vida daquelas paragens, retidas no conhecimento direto. Os traços fortes do Naturalismo presentes em Inglês de Sousa e José Veríssimo prosseguem em Rodolfo Teófilo em seu tratamento ao processo migratório do sertanejo do semiárido para os seringais da Amazônia.

Em 1892 o movimento naturalista ganhou força no Ceará, em Fortaleza, com o aparecimento da “Padaria Espiritual”, a partir das ações de Tobias Barreto com introdução dos métodos naturalistas, movimento este que Rodolfo Teófilo participou, “que correspondia à reação da pequena burguesia contra a alienação do romantismo e representava o acesso das mais amplas camadas ao conhecimento científico, até então reservado às elites” (SODRÉ, 1965, pp. 163 - 164)¹¹.

Assim, João das Neves nesse romance opera a função de ser símbolo da população sertaneja tristemente sofrida pelas duras secas de 1877 e 1879 no Nordeste. Oportunos às secas, os paroaras agiam nas mentes desses flagelados que desesperados e iludidos partiam para a Amazônia com o sonho de ganhar muito dinheiro e lá encontraram apenas um bem arquitetado sistema de exploração do trabalhador.

1.7 - A recepção crítica

Como já apontado, *O Paroara* não recebeu os mesmos aplausos que os outros romances de Rodolfo Teófilo. Os poucos textos críticos sobre *O Paroara* vieram alguns anos

¹¹ Segundo Nelson Werneck Sodré, o Naturalismo não chegou ao Brasil por simples acidente. Segundo ele, o país atravessava, naquele período, um processo de mudanças, a partir do qual a pequena burguesia buscava, cada vez mais, se firmar e encontrar seu lugar. Para Sodré, “foi importante a influência dos modelos externos, do ponto de vista formal principalmente, como é natural; mas foi importante, também, a circunstância histórica que nos era própria” (SODRÉ, 1965, p. 169).

após a sua publicação e o tema mais explorado pela crítica é a preocupação do escritor em dar tratamento às secas, tendo o flagelo do sertanejo e as migrações para a Amazônia como consequências. Outro aspecto abordado é o apego aos pressupostos do Naturalismo, o que comprometeu a obra no quesito estilo, como bem apontou Lucia Miguel Pereira, “que seus romances sofrem de pedantismo, e apego ao cientificismo”. No entanto, essa ideia é desconstruída por outros críticos ao apontar esse aspecto como um recurso usado pelo autor como forma de ser real nas pinturas dos quadros e manter o compromisso com a verdade.

O romance *O Paroara*, assim como os textos sobre a Amazônia de Euclides da Cunha e os contos de Alberto Rangel, demonstra de forma clara o fluxo migratório do Nordeste para a Amazônia por duas perspectivas: as constantes secas do fim do século XIX que flagelavam os sertanejos a migrarem para outras regiões como forma de sobreviver; e a expansão da exportação da borracha devido ao seu enorme e diversificado uso no exterior, o que gerou a necessidade de grande quantidade de mão de obra para a extração do látex. E neste último caso entrava em ação uma teia muito grande de agenciadores espertos em ludibriar sertanejos miseráveis e arregimentá-los para a Amazônia.

Pode-se dizer que o romance de Rodolfo Teófilo dialoga com os romances do chamado “romance nordestino de 1930”. Porém, enquanto em *O Paroara* se veem as forças da natureza agirem fortemente sobre o homem, numa estética naturalista, nos romances do regionalismo de 1930, ocorrem os mesmos fatos, porém deve-se atentar às condições sociais e econômicas daquele momento no país.

Victor Orban (1914), um dos primeiros críticos desse romance, vê nele as formas pitorescas de tratamento ao drama dos nordestinos. Porém, esse crítico reconhece que o autor soube dar profundidade no que tange à migração e sofrimento desses tipos com grande talento. Outro ponto levantado por esse crítico é a “força da natureza e voragem da selva agindo sobre o homem”, o que reforça a ideia do autor estar imbuído da estética naturalista. (ORBAN, 1914, pp. 338 - 339).

Para Dolor Barreira (1948), o autor de *O Paroara* conseguiu, sem nunca ter ido a Amazônia, traçar com autenticidade, a “partir do relato de paroaras, o universo dos seringueiros nos seringais do Alto Amazonas” (BARREIRA, 1948, v. 1. p. 310). Outro ponto levantado por esse crítico seria o título sugestivo - “paroara”, pois para Dolor Barreira, não são as péssimas condições de trabalho na extração da borracha o foco no romance, mas sim o processo migratório forçado e o oportunismo dos paroaras com as promessas de riqueza da Amazônia na extração da borracha. As cenas dos trabalhadores nos seringais são pictóricas e simplistas, as leis impostas aos sertanejos são melhor exploradas na obra, o que demonstra um

sistema de trabalho marcado pela brutalidade do patrão, lembrando o sistema de escravidão que tinha acabado de ser abolido nacionalmente em 1888.

Para esse crítico, as secas que flagelavam o sertanejo e o aliciamento dos paroaras em levá-los para a Amazônia são melhor trabalhados na obra demonstrando, de forma realista, como realmente aconteceu o processo migratório dos sertanejos para a Amazônia. O trabalho realizado pelos paroaras em iludir os flagelados das secas em ganhar muito dinheiro nos seringais também contribuiu para o fluxo migratório do semiárido para a Amazônia.

Baseado nas forças deterministas do Naturalismo, a obra de Rodolfo Teófilo, segundo Lúcia Miguel Pereira (1973), “não agradou parte da crítica do momento e posterior pelo pedantismo estético e fatalismo imposto às personagens, ainda que muito lido na época de publicação” (PEREIRA, 1973. pp. 134 - 135).

Opinião muito diferente vê-se em Farias Brito (1947) ao apontar em *O Paroara* a originalidade e caráter de verdade:

O Paroara é, talvez, o livro mais trágico e expressivo de Rodolfo Teófilo; mas também, por isso mesmo, o mais verdadeiro e emocionante. Ali reflete-se inteiramente a alma do romancista. Alguma coisa de seu caráter ficou impressa no livro. Dai a originalidade do mesmo, sendo que de todos os romances nacionais são os de Rodolfo Teófilo os que menos obedecem a qualquer sugestão estranha; e, de todos os romances de Rodolfo Teófilo, é o mais original e completo. Também Rodolfo Teófilo é o tipo único no meio em que vive. [...] Tal é o autor de *O Paroara*, o mais original de todos os romancistas brasileiros. O caráter e gênio mesmo do autor, que se refletem na originalidade do livro (BRITO, 1947, apud BARREIRA, 1948, v.1. pp. 309 - 310).

Com seu estilo inclinado ao Naturalismo desagradando a alguns críticos, porém com muitos aplausos do público leitor, *O Paroara* é certamente a primeira ficção do ciclo econômico da borracha. Publicado alguns anos antes dos textos sobre a Amazônia de Euclides da Cunha, essa obra já sinalizou para uma produção ficcional que viria posteriormente e que seria relevante documento de conhecimento da vida e do trabalho dos sertanejos nos seringais do Alto Amazonas.

Publicado em 1899, em *O Paroara* o autor traçou o completo processo de migração do sertanejo para a Amazônia apontando as causas e consequências da seca, antecipando ficcionalmente o que Euclides da Cunha fez de forma bem detalhada, a partir de fatos, quando esteve na Amazônia entre 1904 e 1905.

Agripino Grieco (1947) aponta os romances de Rodolfo Teófilo como “documentos”, visto o grau de preocupação em busca da verdade por parte do autor:

Seus romances são arquivos de documentos sobre o homem e o ambiente do Ceará, sobre os dias de fartura e, especialmente, sobre os anos terríveis da fome e das

migrações desvairadas. Os flagelos locais não encontraram nunca quem os examinasse com tanto interesse e tamanha emoção. Pena é que, nele, o estilista nem sempre estivesse à altura do observador. Mas escrevendo bem ou mal, esse nortista de longas barbas e magreza de árabe pensava e sentia sempre bem (GRIECO, 1947, p. 86).

Para Massaud Moisés, em *História da literatura brasileira* (2001), semelhante aos apontamentos de Dolor Barreira, Rodolfo Teófilo, com *O Paroara*, sem nunca ter ido a Amazônia, alcançou a proeza de ter conseguido ficcionar o drama dos sertanejos que migravam para a região Norte fugindo da seca. Porém, nessa façanha teve menos brilho do que se fosse um historiador, faltando ao escritor o talento imaginativo, e a obra seria um texto híbrido entre o jornalismo, memória e ciência. Para Massaud Moisés, o “fato do autor se apegar ao Naturalismo, o romance torna-se um documento da realidade cearense, de conhecimento da capital, do interior e da Amazônia” (MOISÉS, 2001, p. 73).

Assim, *O Paroara* é o primeiro romance do ciclo econômico da borracha que se desgarra da tendência do Romantismo decadente propondo uma nova literatura ao denunciar os problemas do homem do Nordeste e do Norte do país. O romance de Rodolfo Teófilo antecipa, na ficção, o que iremos ver nos ensaios de Euclides da Cunha e na imensa literatura sobre a extração da borracha a partir de 1930.

O Paroara, que não recebeu elogios por parte da crítica no período de sua publicação, ficando esquecido e ofuscado por *A fome* e *Os Brilhantes*, ao ser revisitado e analisado, sob a ótica do ciclo econômico da borracha, pode-se dizer, com certeza, que seu valor não é menor do que os outros romances que receberam aplausos e, talvez, seja até maior por dar conta de englobar dois momentos distintos da história do país que se confluem entre o geográfico-climático e o econômico. O primeiro ligado às secas de 1877 a 1879 e 1887 a 1889 que são os agentes impulsionadores do processo de migração dos personagens desses romances; e o segundo correspondente à grande compra da borracha brasileira por parte dos EUA e Europa, o que necessitou de grande número de mão de obra para a extração do látex e, conseqüentemente, proporcionou grande circulação de renda no estado e atração de sertanejos.

Outro aspecto importante sobre esse romance é o fato de ele ter aberto caminho e antecipado a proposta dos romances do chamado “romance social de 1930” (CANDIDO, 1995, pp. 235 - 263), quando o pobre com seus problemas passou a ser personagem central da ficção brasileira. As denúncias do descaso das autoridades frente às secas do final do século XIX e início XX, o flagelo sofrido pelo sertanejo, assim como a ideia de atraso de nosso país presente nos romances do chamado “romance nordestino de 1930”, já estão presentes em *O*

Paroara. Esse romance, com *Inferno Verde* e *Sombras N'água*, de Alberto Rangel, e os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, trazem em seu bojo a crítica e denúncia de uma região abandonada pelas autoridades e uma população sofrida pelas secas; contrariando a ideia de que apenas a partir de 1930 iremos ter um conjunto de escritores empenhados em denunciar o atraso do país, como bem apontou Antonio Candido (1995). Ao analisar com cautela o trabalho exercido por esses três autores verifica-se no bojo de seus textos uma crítica ácida às autoridades brasileiras que não desenvolviam políticas de redução da miséria, tanto do Nordeste como do Norte.

Por fim, *O Paroara* pode ser entendido como o primeiro romance sobre o ciclo econômico da borracha. Calcado na estética naturalista, o autor conseguiu retratar a realidade dos povos do interior do Nordeste que sofriam com as duras secas do final do século XIX e geraram a migração para a Amazônia. A escolha do romancista a essa estética não agradou alguns críticos, porém a maior parte deles compreendeu que essa foi a melhor forma encontrada para obter os efeitos desejados ao tratamento sobre o problema da seca e a migração como consequência. As forças da natureza que oprimem e condicionam o homem estão presentes fortemente tanto na região seca, como na região úmida dos seringais. Em ambas, o homem é um ser fraco, porém na Amazônia, além das forças opressoras da natureza, ainda havia as forças sociais, configuradas no poder do dono do barracão, o que tornava o seringueiro uma propriedade sua, num sistema de trabalho próximo ao da escravidão.

2 - A Amazônia nos contos de Alberto Rangel

2.1 - A crítica anuncia a obra

Inferno Verde (cenas e cenário do Amazonas), de Alberto Rangel, publicado em 1908, em Gênova¹², alcançou seu prestígio antes de entrar em circulação, pela leitura e reconhecimento de Euclides da Cunha. O autor de *Os Sertões* foi o primeiro a escrever sobre essa coleção de contos, em forma de preâmbulo, e este ensaio tornou-se não só uma apresentação introdutória a *Inferno Verde*, mas também um marco entre os textos de Euclides sobre a Amazônia. No entanto, antes desse clássico texto, Euclides escreveu dez cartas sobre essa obra ao próprio Alberto Rangel e a amigos de roda literária, o que fez com que *Inferno Verde* já causasse repercussão nas rodas literárias do Rio de Janeiro antes de sua publicação. Essas cartas, por sua vez, são rico material para se decifrar o clima de produção e publicação no início do século XX no Brasil. Walnice Nogueira Galvão (2007), já apontou a singularidade das cartas de Euclides pela pluralidade de temas e compreensão de nossa história:

Euclides, diferentemente, é raro que discuta a escrita em sua correspondência. Debate política, história do Brasil: há bastante discussão política em suas cartas. Euclides, elegantemente, expõe sua opinião: percebe-se que ele fez rascunho das cartas, buscando a perfeição da linguagem. São bem interessantes, pois nelas encontramos dados preciosos para a compreensão da história e da política brasileira (GALVÃO, In: TERESA, 2007, p. 19).

A primeira carta que Euclides enviou a Alberto Rangel, de 25 de abril de 1907, tratando sobre *Inferno Verde*, aponta a singularidade do conto “Teima da Vida”, como um poema rude e maravilhoso, e que iria demonstrar como nessa obra havia uma síntese dos aspectos predominantes da existência da Amazônia. Outro aspecto apontado por Euclides da Cunha é que esse livro de contos fixava rebeldia na expressão (EUCLIDES, In: GALVÃO, 1997, p. 328). Em outra carta ao autor de *Inferno Verde*, de 10 de dezembro de 1907, Euclides anuncia o prefácio que sairia anexo a obra:

Estive há dias, pela primeira vez, em casa de Cavalcanti - e lá vi os trechos de tua carta em que te referes a vários lances do meu prefácio. Tive imenso prazer verificando que ele te agradou. Quando surgirá, afinal, o *Inferno Verde*? Espero-o todos os dias. Tenho já três críticos a postos, de penas perfiladas, prontos à primeira voz (Ibid., p. 346).

¹² *Inferno Verde (cenas e cenários do Amazonas)* foi publicado em 1908 em Gênova pela editora S.A.I. Ela saiu com o “Preâmbulo” de Euclides da Cunha e com ilustrações do italiano Arthur Lucas na primeira edição.

O fragmento dessa carta nos traz valiosa síntese da compreensão do funcionamento da crítica brasileira do início do século XX. Dos três potenciais críticos que Euclides relata estar em prontidão, dois temos conhecimento, em cartas posteriores, de que se tratam de Felix Pacheco e Araripe Junior, que escreviam no *Jornal do Comércio*. Em outras cartas, três a Alberto Rangel, de 23 de agosto, 20 de setembro e 10 de outubro de 1908, e uma a Vicente de Carvalho, de 18 de setembro do mesmo ano, Euclides trata da boa recepção com que a crítica do Rio de Janeiro acolheu *Inferno Verde*:

Pelos jornais já deves saber do franco sucesso do Inferno Verde. Ainda hoje o Correio da Manhã transcreve “Um homem Bom”. Breve vou receber uma carta do nosso mestre Araripe Junior, a respeito do livro – que ele muito apreciou - e transcrevê-la-ei no Jornal (Ibid., p. 370).

Em carta a Vicente de Carvalho, Euclides revela que tinha aberto uma “estrada na literatura”, deixando claro a aproximação de *Os Sertões* com *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, no que tange à estética e temas abordados:

P.S. Já leste o *Inferno Verde*? Nesta há uma vaidade encantadora: é o livro do meu primeiro discípulo, alentando-me na convicção de que abri uma picada, levando a outros rumos o espírito nacional ... Que infinito para um antigo engenheiro de estradas! (Ibid., p. 376).

Em mais duas cartas a Alberto Rangel, Euclides demonstra claramente o silêncio que aquela obra rompia em nossa literatura e a euforia positiva que ela provocou na imprensa. O texto de Alberto Rangel, assim como o projeto já iniciado em *Os Sertões*, abriu caminho para uma nova literatura que, ainda presa ao Naturalismo e Simbolismo, fugia do rigor da escrita formal romântica e dos protagonistas burgueses. Euclides ao colocar o sertanejo como personagem central em *Os Sertões* chamou a atenção dos prosadores daquele momento a dar vista a um país que tinha uma enorme população marginalizada, notadamente uma região inteira - o Norte - que só aparecia em seus textos pictoricamente. Essa tônica encontrou continuidade em *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, ao colocar o caboclo ribeirinho e o sertanejo que migrou para a Amazônia e lá era explorado pelo sistema de trabalho nos seringais:

O Inferno Verde agitou um pouco o sangue frio destes batráquios, porque é um parente mais novo de mais vivo dos *Sertões*. Disse-o o grande mestre Araripe Junior; e o parecer do nosso único ensaísta, escandalizando furiosamente a cabotinagem covarde, encheu-me do mais justificado orgulho. Estás longe. Não podes avaliar a espessura do silêncio calculado que o teu livro rompeu. Mas para isto não contribuiu o prefácio, senão a visão superior de um Araripe, a alma vibrátil de um Felix Pacheco e a sinceridade de alguns raros plumitivos, que ainda realizam o milagre da posse de alguma seriedade neste meio. Quero que escrevas ao Araripe e

ao Felix (*Jornal do Comércio*), agradecendo-lhes porque na realidade foram os dois maiores reveladores do teu grande valor literário (Ibid., p. 377).

Já deves ter recebido o *Jornal do Comércio*, o *Correio da Manhã*, *O Século*, *A Platéia* e o *Diário Popular* (de S. Paulo) que todos tratam simpaticamente do *Inferno Verde*.

O acolhimento foi, em geral, entusiástico. O livro fará carreira. Além destas opiniões escritas, outras, verbais, existem, firmando o mais lisonjeiro juízo. O *Século* hoje começará a publicar as tuas correspondências. Já deves ter recebido carta do Brício (redator-chefe do *Século*) convidando-te para escrever e de acordo com as condições da tua última carta (Ibid., p. 381).

É bem verdade que alguns escritores já enfocavam o homem comum em seus romances, muito antes de Euclides da Cunha, como *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; *Dona Guidinha do Poço* (1891), de Manoel de Oliveira Paiva; *Bom-Criolo* (1895), de Adolfo Caminha; *Os Brilhantes* (1895), de Rodolfo Teófilo; *O rei dos jagunços* (1899), de Manuel Benício; *O Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo; *Luzia-homem* (1903), de Domingos Olímpio. Esses textos publicados antes de *Os Sertões e Inferno Verde*, no dizer de Alfredo Bosi (2006, p. 146) abordam, de forma ainda pictórica, o drama do sertanejo numa literatura voltada para os problemas da seca, do latifúndio e o banditismo com os efeitos da miséria. No entanto, essa propositura de Alfredo Bosi merece ser melhor discutida, visto que muitos desses romances, como é o caso os de Rodolfo Teófilo, já apresentam denuncia quanto ao atraso, miséria e exploração do homem nas regiões Nordeste e Norte do país.

Franklin Távora, no famoso prefácio de *O Cabeleira* (1876), apontou a necessidade de uma literatura voltada para o homem do Norte, sua natureza e seus problemas, focando o desconhecimento da Amazônia e o franco desenvolvimento que ela vinha passando desde meado do século XIX. Segundo Francisco Foot Hardman (2009), Franklin Távora no seu prefácio-manifesto do romance *O Cabeleira* já aponta a necessidade de discorrer sobre a vida artística e conhecimento científico da Amazônia, notadamente a partir do *boom* da economia da borracha e da entrada da navegação a vapor:

Claro, o termo Norte, naquelas alturas, abrigava indistintamente todas as províncias nordestinas e nortistas do Brasil. Mas é sintomático, no documento literário em pauta, que o autor cearense, ao lançar esse manifesto, evoque em primeiro plano as paisagens da Amazônia que conheceu poucos anos antes, como secretário do governo da província do Pará, e de que afinal nunca tratará diretamente em seus romances regionalistas, fixando-a assim como um mundo ainda à parte, objeto do nosso sonho civilizatório - o que incluiria sua representação literária, sua incorporação à cultura letrada nacional -, mas de todo modo um território distante, remoto no tempo e no espaço, envolto no mistério de seus rios, florestas, línguas "sem história", enfim, no império de uma violência naturalizada, na fúria ancestral de uma natureza indômita (HARDMAN, 2009, p. 25).

Para Franklin Távora, havia uma distância no tempo e no espaço em que se encontrava a Amazônia na história e estudos do Brasil. A solução apontada por esse escritor seria o desenvolvimento da região, a partir de um processo de cultivo e escoamento dos recursos naturais da Amazônia. Segundo Távora, a Amazônia ao passar por esse avanço poderia alcançar um desenvolvimento do nível de Manchester ou Nova York (TÁVORA, 1973, p. 26). Seguindo a mesma ideia da necessidade de progresso e descoberta racional da Amazônia, Euclides da Cunha proclamou a necessidade de desenvolvimento da região Norte que se encontrava esquecida e desconhecida no país, como se fosse um paraíso perdido, ideia essa apontada nos ensaios de *À margem da história* (1909).

Foi na ausência de estudos e conhecimento sobre a Amazônia que Euclides da Cunha apontou o impacto que a obra de Alberto Rangel causaria na crítica sulista que representava a intelectualidade brasileira. Pela leitura das correspondências de Euclides da Cunha sobre *Inferno Verde*, percebe-se claramente o impacto que o livro desse autor causou no meio literário ao romper com uma prosa ficcional brasileira, que no início do século XX, ainda trazia marcas do Romantismo e Naturalismo. Como bem apontou Araripe Junior, em *Inferno Verde* o homem está submisso às forças telúricas da selva e classifica Alberto Rangel como “um alegre e satisfeito que, ainda descrevendo os exteriores do homem sucumbido diante da insuficiência de forças para viver no Amazonas, dá ao estilo um tom em nada pejorativo” (ARARIPE JÚNIOR, 1970, p. 253).

Outro aspecto dessas cartas é o reconhecimento de Euclides da Cunha em identificar *Inferno Verde* como continuador da proposta de *Os Sertões* (1902). Segundo Francisco Foot Hardman, Euclides reconheceu em *Inferno Verde* a projeção do estilo empregado em *Os Sertões*:

Fascinado com o estilo de Rangel, é como se Euclides projetasse, na construção dos contos-crônicas de *Inferno Verde*, algo de sua escrita híbrida, de seu léxico raro e labiríntica, vendo, ao mesmo tempo, nessa mistura tão finissecular entre fantasia simbolista e hiper-naturalismo expressionista, algo que se poderia certamente colher nas páginas de *Os Sertões*, mas que o ficcionista-discípulo parecia, ao libertar-se ali, da sanha interpretativa, ir mais longe e solto no desatamento das imagens (HARDMAN, 2009, pp. 41 - 42).

Assim, essas cartas desempenham, além do papel de anúncio de uma obra ficcional, o de crítica literária antes e após a publicação de *Inferno Verde*. Elas tornaram verdadeiros textos de crítica literária e demonstram a influência que o autor de *Os Sertões* tinha no meio intelectual e literário de sua época. No mesmo sentido, as cartas sobre *Inferno Verde* nos revelam o calor da crítica literária no Brasil no início do século XX, no que diz respeito à recepção de uma obra.

Para Araripe Junior, Alberto Rangel inovou ao substituir o estilo livresco pelo falado e revelar os mistérios da Amazônia. O estilo de Alberto Rangel neste livro seria revestido pelo calor da região e do homem que ele descreveu tão vigorosamente:

Não havia mais dúvida; Alberto Rangel revelara-se para mim um escritor original, novo, novíssimo, não pelo uso do arrebique nefelibata, mas pelo uso da terra e das riquezas estéticas de estranhíssima fartura, que a virgindade amazônica lhe havia fornecido (ARARIPE JUNIOR, 1970, p. 253)¹³.

De fato, o mais novo discípulo de Euclides da Cunha trazia nestes contos o estilo rígido, inquieto e híbrido, com claras marcas do Naturalismo, em que a floresta é personagem e exerce sua força na vida do homem. Percebe-se, assim, em Alberto Rangel, seu projeto em denunciar as populações abandonadas e esquecidas nas regiões mais abastadas do Brasil, e a voragem da selva agindo sobre o homem. Não há dúvida que *Inferno Verde*, obra inquieta, de denúncia e revolucionária, chocou de imediato a crítica do alto *establishment* do Sul do país, ao revelar para todo o Brasil o homem simples do Norte, sua vida e cultura.

2.2 - O Preâmbulo - Euclides ilumina *Inferno Verde*¹⁴

Outro importante texto crítico que saiu anexo ao *Inferno Verde* foi o “Preâmbulo” que Euclides da Cunha fez para essa obra, em que além da análise acurada há valiosas noções sobre a Amazônia.

Neste texto Euclides da Cunha sintetiza suas ideias sobre o que já havia publicado sobre a Amazônia e os textos que ainda viriam à luz em *À margem da história* (1909). A Amazônia como terra jovem a ser descoberta e a sua imensidão são temas retomados por Euclides da Cunha ao entender que a enorme floresta não poderia ser analisada a partir do todo, mas sim a partir das partes. Para Euclides, a Amazônia deveria ser estudada de forma compartimentada, pois obviamente ele já entendia que essa floresta não era um único ecossistema, mas sim constituída por enormes regiões com especificidades em flora, fauna, geologia, geografia e etnias:

Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapase-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa vê, apequenando-se, através dos microscópios; e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturantemente. Mas ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado é fatal [...]. É natural.

¹³ Esse texto trata da carta que Araripe Junior escreveu e enviou a Euclides da Cunha datada de 27 de agosto de 1908 e foi publicado primeiramente no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, em 20 de agosto do mesmo ano.

¹⁴ Esse texto foi escrito como apresentação de *Inferno Verde* e foi publicado com essa obra em 1908 em Gênova.

A terra ainda é mistérios. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. (CUNHA, In: RANGEL, 1927, pp. 2 - 4).

Inferno Verde, nesse sentido, seria uma guinada à análise da Amazônia com sua diversidade, ao revelar que a floresta amazônica não é única. Por isso mesmo, essa obra - na sua pluralidade - seria uma tentativa de apreender a imensidão e variedade da Amazônia. Um tema que percorre por todos os contos é a voragem da selva ao homem, seja como pano de fundo, seja como tema principal. Para o autor de *Os Sertões*, os contos de *Inferno Verde* representariam um exímio conhecimento do autor pela Amazônia que, por sua vez, conseguiu fixar nos textos a rebeldia, rompendo com uma estética já decadente e propondo uma nova linguagem que se afastaria da vigente:

Titubeará na vertigem do deslumbramento. Mostrano-lo este livro. Linhas nervosas e rebeldes, riscadas ao arrepio das formulas ordinárias do escrever, revelam-nos, graficamente visíveis, as trilhas multivias e revoltas e encruzilhadas lançando-se a todos os rumos, volvendo de todas as bandas, em torcicolos, em desvios, em repentinos atalhos, em súbitas paradas, ora no arremesso de avanços impetuosos ora, de improvisado, em recuos, aqui pelo clivoso abrupto dos mais alarmantes paradoxos, além desafogadamente retilíneas, pelo achanado e firme dos conhecimentos positivos de uma alma a divagar, intrépida e completamente perdida, entre resplendores (Ibid., pp. 5 - 6).

A originalidade de Alberto Rangel em *Inferno Verde*, para Euclides da Cunha, estaria em revelar a público e poeticamente a realidade da Amazônia, o que gerou estranhamento na crítica sulista:

O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.

Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isto mesmo, todo construído de verdades, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe em cada folha um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealização afogueadíssima. Alberto Rangel tem a aparência perfeita de um poeta, exuberante de mais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro adito aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-se-lhe os cenários fantásticos nas redes das trianguladas (Ibid., pp. 6 - 7).

Por ser um dos primeiros livros de ficção sobre a Amazônia, ao tratar da verdadeira realidade dessa região, *Inferno Verde* teria causado um estranhamento e incompreensão na crítica burguesa sulista. Esse estranhamento, na realidade, não seria ao livro, mas sim à Amazônia, a terra jovem a ser explorada e conhecida:

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma natureza nova. Não a alterou. Copiou-a, descalcando-a. Dai as surpresas que despertará. O crítico das cidades, que não compreender este livro, será

o seu melhor crítico. Porque o que ai é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia ... (Ibid., p. 7).

Segundo Francisco Foot Hardman, Euclides em seu preâmbulo tentou representar, nas linhas desse texto, o que seria essa nova sensibilidade estética afinada com esse caos entrevisto aos pedaços, e o *Inferno Verde* seria um livro bárbaro, estranho, por ser construído de verdade (HARDMAN, 2009, p. 66). Alberto Rangel, com *Inferno Verde*, seria um desbravador a penetrar a mata jovem e virgem e traduzir o maravilhoso, o fantástico e o real da Amazônia. O paraíso do livro dos Gênesis é remetido à Amazônia como a terra virgem a ser descoberta poeticamente. A enorme floresta - “terra ignota” - aparece como jovem e ainda em formação: “É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo” (CUNHA, In: RANGEL, 1927, p. 10). Para Euclides da Cunha, a Amazônia de *Inferno Verde* representaria uma mescla entre a floresta maravilhosa, encantadora e contemplativa com a selva bruta ao homem, pois o autor conseguiu retratar nessa obra a Amazônia na sua amplitude e contrastes: “Ora entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo ele, este contraste” (Ibid., p. 11). Assim, Alberto Rangel seria um escritor deslumbrado e maravilhado com a selva, porém ao mesmo tempo ela causaria-lhe espanto, vertigem e assombramento. Alberto Rangel conseguiu ajustar a fantasia à verdade em textos híbridos ao focar simultaneamente a magia da floresta maravilhosa que encanta os olhos do homem, com a brutalidade da selva que agoniza este mesmo ser fazendo-o lutar bravamente contra as forças telúricas.

Euclides, neste ensaio introdutório, foca sua crítica nos contrastes da Amazônia por ser uma floresta rica e maravilhosa em contraste com a miséria vivida pelos caboclos, sertanejos e índios. A Amazônia de Alberto Rangel em *Inferno Verde* teria sido escrita numa antilogia que revelava ao Brasil uma região rica com uma população na miséria:

No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo ...

Não a descreveremos. Temos este livro. Ele enfeixa os sinais comemorativos das moléstias. E melhor do que o faríamos em maciços conceitos, vibram-lhe os comoventes lances de uma deplorável agonia coletiva, em onze capítulos, que são onze miniaturas de Rebrandt, refertas de apavorante simbolismo.

Contemplando-as vereis como se sucedem e se revezam - entre as gentes pervagantes no solo, que lhes nega a própria estabilidade física, escapando-se-lhes nas “terras caídas” e nas inundações – todos os anseios, cindidos de proditorias esperanças, que as trabalham, e as aviventam, sacrificando-as (Ibid., pp. 12 - 13).

A inovação na linguagem foi outro aspecto apontado por Euclides da Cunha como ponto alto em *Inferno Verde*, por expressar a língua falada do povo em quadros reais da Amazônia, visto que havia uma miopia na crítica brasileira o que, por consequência,

comprometia nosso caráter nacional: “Para os nossos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias. É o que denuncia este livro” (Ibid., p. 21).

Como bem apontou Franklin Távora, havia a necessidade de uma literatura sobre a Amazônia que inserisse as populações do Norte, sua cultura, maravilha e problemas. Para Euclides, *Inferno Verde* é uma obra de denúncia que chama a atenção da crítica sobre a necessidade de uma língua brasileira para expressar o Brasil na sua totalidade com seus quadros e dramas.

O autor de *Os sertões* conclui seu preâmbulo apontando os aspectos traiçoeiros e antilógicos da selva que é, ao mesmo tempo, maravilhosa e destruidora para quem nela vive ou trabalha, com especial atenção para o sertanejo que migrou para a Amazônia:

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.
É uma grande voz, pairando, como vida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança (Ibid., p. 22).

Com essa afirmação, Euclides elege Alberto Rangel como um escritor atento ao fluxo migratório dos “cearenses” para a Amazônia na busca de trabalho nos seringais, tema esse bem explorado em vários contos de *Inferno Verde*. A Amazônia encantadora torna-se bruta ao seringueiro que contrai doenças da mata, é agredido por animais selvagens e explorado pelo patrão - dono do seringal - e pelos senhores de latifúndios. Para Euclides da Cunha, Alberto Rangel, nessa obra, nos apresenta a Amazônia com suas antilogias entre a fantasia e a realidade, entre o maravilhoso e o destruidor. A obra e o autor, por estes aspectos, se tornariam rebeldes ao enfrentar uma crítica que renegava o Norte do país.

Nesse sentido, é válido dizer que o “Preâmbulo” de Euclides da Cunha a *Inferno Verde* não se trata apenas de uma introdução sobre uma obra que o leitor terá a frente. Sob vários aspectos, ele é também mais um texto de interpretação sobre uma floresta e região pouco conhecidas e estudadas até o início do século XX. O “Preâmbulo” ultrapassa o olhar sobre a Amazônia, ao chamar a atenção da crítica do Sul sobre a produção ficcional realizada a respeito das regiões desconhecidas do país. Assim, como *Os sertões*, *Inferno Verde* vem para sacudir a crítica sulista do alto *Establishment* do país que renegava o “Norte”, suas populações e seus dramas. O “Preâmbulo” além de exaltar os aspectos positivos e inovadores de *Inferno Verde*, chama a atenção da crítica brasileira em abrir os olhos para uma produção ficcional que estava brotando e revelando o outro lado do país com seus problemas. Por isso mesmo, este “Preâmbulo” tornou-se um dos notáveis ensaios de Euclides da Cunha, não

apenas sobre uma obra de ficção, mas, sobretudo, sobre a Amazônia, sua economia, população e cultura.

2.3 - *Inferno Verde* - a ficção como expressão da pluralidade amazônica (imagens encantadoras e maravilhosas, a agonia do homem)

Como dito na sessão anterior, Alberto Rangel em *Inferno Verde* expressa a pluralidade da Amazônia, delineando quadros e dramas de uma selva que é ao mesmo tempo real, fantasiosa, maravilhosa e bruta. Com isso, talvez ele seja o escritor da literatura amazonense que melhor exprimiu essa totalidade. O autor explora os dramas humanos, tais como: doenças naturais da floresta, violência e brutalidade, cobiça, ganância, a mulher como propriedade do homem, a voragem da selva, conflitos de fronteiras, a luta pela terra, migração, latifúndio, extração e vida nos seringais, etc. A obra é composta por onze contos: “O Tapará”, “Um conceito do Catolé”, “Terra caída”, “Hospitalidade”, “A Decana dos Muras”, “Um homem bom”, “Obstinação”, “A teima da vida”, “Maibi”, “Pyrites” e “Inferno Verde”. Em alguns desses contos a extração da borracha e o extrator são panos de fundo das histórias. Nessa análise foco apenas os textos em que o seringueiro ou o ambiente do seringal são abordados. É importante ressaltar que na maioria dos contos a mata, os rios, os lagos podem, até mesmo, serem considerados “personagens” das histórias, visto a configuração e importância que eles ganham na construção das histórias. Em alguns contos a história inicia com longas descrições da natureza como forma de expressar a imensidão e voragem da selva. Nos contos cujo espaço ficcional não há seringal ou não são pintados por seringais ou seringueiros, o ambiente é mais pobre e a vida do caboclo está regida pela força da natureza, como é o caso das regiões atingidas pelas enchentes que isolam os caboclos, ou as histórias cujo espaço de vida do personagem é devastado pela fúria dos rios. Segundo Djalma Batista (2006, p. 24), Alberto Rangel, a partir do descritivismo, “traçou quadros magistrais, registrou episódios palpantes, numa pompa admirável”. Cinco são os contos onde a região de seringais e cauchos são panos de fundos das histórias e temos um narrador em terceira pessoa que desempenha função de narrar e descrever a vida dos seres que habitam aqueles ambientes em constantes conflitos sociais e naturais.

O primeiro texto que abre *Inferno Verde* é “O Tapará” e poderia, até mesmo, ser considerado uma novela pela sua extensão. O conto inicia com várias descrições da mata fechada e impenetrável, como as enormes “paredes verdes” que encontramos no texto *Uma viagem ao Brasil*, de Agassiz.

Tapará é um enorme lago num planalto, para onde os peixes sobem na época das cheias, e no período da seca ficam presos, pois não conseguem descer, em razão dos canais terem se esvaziados. O lago toma formas edênicas e infernais: a primeira corresponde ao período das águas, em razão da farta vida animal para a alimentação dos caboclos e de animais terrestres, aves e répteis, etc. Com a seca o lago torna-se infernal, pois a luta pela sobrevivência entre os animais aquáticos e terrestres se torna uma máxima. Na cheia o lago é uma remissão ao paraíso do livro de Gênesis pela fartura de vida e alimentos; na seca é remissão ao vale de Josafá, onde acreditam que acontecerá o juízo final. As alusões bíblicas ao lago nos remetem às antilogias do lago numa metáfora do início e do fim da vida. A enchente representaria o início da vida - Gênesis - momento paradisíaco, com a rica fauna, ao passo que a seca representaria o fim da vida, com o juízo final - com a morte dos peixes e demais animais que do lago viviam - era o lugar “infernal do julgamento do vale de Josafá”.

O determinismo biológico deixa as marcas do Naturalismo neste conto como expressão da estética empregada por Alberto Rangel. As forças do meio agem diretamente e regem a vida do homem - o caboclo em especial - que sob essa égide tenta viver em conformidade com a natureza. Os caboclos no isolamento e solidão mantinham o afastamento das demais comunidades, extratores e desbravadores¹⁵. O lago, além de fornecer o alimento ele também desempenhava o papel mágico de alimentar o espírito dos caboclos com as lendas que existiam sobre ele. Os espíritos dos caboclos eram alimentados por imagens, entidades e narrativas lendárias que norteavam suas vidas.

O lago Tapará apenas ligado aos outros rios na época da cheia é a representação do paraíso perdido, pois os cearenses, patrões, latifundiários e viajantes ainda não haviam chegado lá. O lago apresenta-se sob a ótica trágica e punitiva para os extratores da seringueira, pois só no período da seca que se retira o látex da árvore, período este em que ganha configurações infernais, em razão do pouco alimento que poderia servir para os extratores. Neste aspecto a natureza reagia à ocupação progressiva do homem na região, fato que se confirma na inutilidade da árvore da borracha daquela região para extração do látex ou lenha, em razão do ataque das pragas (barrigudas e seringanas). Esses dois aspectos agiam em favor do lago e do caboclo, pois assim evitariam a cobiça dos seringueiros e a não

¹⁵ Alberto Rangel no conto “Uirapuru” da obra *Livro de figuras*, publicado em 1921, em Tours, pela editora Typographia E. Arrault E. Cia, retoma o tema do isolamento do seringueiro perdido na selva fechada e escura. Este livro plural em temas e de difícil definição trata dos mais diversos assuntos: filósofos, heroínas, tiranos, amores, políticos, aldeias, soldados, vegetais, demônios, lendas, aves, etc. Ainda que nesse conto o autor não explore com tanto vigor o trabalho duro do seringueiro na mata, fica nítido o isolamento deste no ambiente hostil e voraz.

destruição do lago e da mata e, conseqüentemente, a sobrevivência da população cabocla às margens do lago persistia.

No entanto, havia um aceno de que o isolamento deste lago não seria um obstáculo para os seringueiros cearenses que iriam alcançar o lago e destruir a natureza e população local (RANGEL, 1927, p. 45 - 46). O lago Tapará estava fadado à destruição, pois a população de cearenses que estava em Belém e Manaus já marchava para o Alto Amazonas, onde se encontrava o lago. A ambição do forasteiro com sua machadinha ia levando para o lago edênico os males da sociedade, concretizados pelo barco a vapor e eletricidade.

O conto “O Tapará” nos chama a atenção pela antilogia - o lago paradisíaco nas cheias e infernal nas secas, porém o caboclo conseguia se adaptar às suas mudanças, pois era apontado como o típico brasileiro forte para viver ali, por sua hibridação de raças (Ibid., p. 48). Ele só não conseguiria resistir às forças da entrada da civilização brutalizada de seringueiros em destruir a floresta com a machadinha. O mesmo destino teria o lago que seria destruído com a pesca intensiva e anárquica com o avanço da enorme população de seringueiros.

A luta estabelecida aqui é entre o homem “civilizado” contra a natureza e o caboclo. O avanço do seringueiro na floresta corria para a destruição de ambos, natureza e homem natural:

O caboclo refletirá que será melhor assim, talvez. A onda imigratória, esses “cearenses”, como ele se exprime, abraçando-a num termo genérico em vago ressaibo de desprezo e despeito, chofraria em praga invadindo a floresta ... Extinguiria até a caça e o peixe, assenhorando-se, ambiciosa e sem escrúpulos, da terra que o viu nascer; gente vinda ontem e feliz de vitória que o antigo nativo ainda aspira e não consegue (Ibid., p. 45).

O conto sinaliza a potencial brutalidade do homem “civilizado” e a natureza fragilizada que será destruída pela enorme massa de trabalhadores da machadinha. Em “O Tapará” há uma guinada à extração predatória da borracha como forma de chamar a atenção do leitor frente à necessidade de conservação da natureza.

A crítica recai sobre a irracionalidade da extração de um produto da natureza que não seguia qualquer regra de conservação, o que conseqüentemente gerava a destruição da floresta e do espaço de vida do caboclo. A natureza maravilhosa, paradisíaca e encantadora estava fadada a desaparecer pela irracionalidade e ganância do homem.

Em “Um conceito de Catolé” temos a história do viúvo João Catolé e sua filha Malvina, que deixaram o sertão nordestino em razão da seca e foram para a Amazônia. No Baixo Amazonas conseguiu um pedaço de terra em uma “Colônia do Governo”, onde

trabalhava com sua filha em sua pequena porção de terra. Malvina, após crescer passou a trabalhar na administração da Colônia e lá conheceu e iniciou um namoro com Pedro, que também trabalhava na administração dessa Colônia. Este, por ciúme, matou um funcionário da fazenda e fugiu com Malvina. Passados cem dias o casal foi encontrado morto na selva, o pai entrou em loucura e passou a ter visões, caminhar pela mata e gritar pelo nome da filha.

A ideia de vingança é imaginada como resolução do assassinato do jovem casal, porém o sofrimento de João Catolé com a perda da filha fica como maior expressão. A reflexão de João Catolé, após sua odisseia de retirada do sertão seco do Nordeste, onde perdeu sua mulher por inanição, e perda da filha na selva amazônica, é de que a terra amazônica ainda era melhor do que o sertão nordestino, e o problema da Amazônia não estava na terra, mas sim na selvageria do homem: “__ Ora a terra! A terra é boa, o homem só é que não presta” (Ibid., p 71).

O universo da economia da borracha se apresenta sob vários pontos nesse conto. O flagelo da seca aos nordestinos e o aliciamento dos agenciadores são apontados como os fatores da migração para o trabalho nos seringais da Amazônia:

João Catolé chegara ao Amazonas na rédua de embarcados, em Fortaleza, tal um gado de refugio. Viera com a filhinha, fugindo às misérias do sertão, onde havia muito não caíra gota d’água e onde sucumbira a sua querida mulher. Ele mal tivera tempo de fechar os olhos à falecida, pois deparara um dia a pobre esparralhada à sombra de uma carnaubeira. A coitada vinha da cacimba. Credo! Tinha as roupas manchadas de vermelho, feita uma criminosa; e, como levava à boca as mãos, tentado represar o vomito hemorrágico, estavam também as mãos ensopadas de sangue.

Foi quando rezavam o ofício da agonia aos pés da morta, que o João acabrunhado determinara deixar Santa Quitéria. Não custou vender uns garrotes e alqueires de farinha, “tocar” para Maranguape e tomar o “vapor” de terra” até a Capital. Metera-se em seguida no “carroça do Lloyd” e saltara em Manaus, sem um ceitil e com a pele sobre os ossos. O seu primeiro e único abrigo fora os baixos da serraria Sá (Ibid., pp. 53 - 54).

Como no romance *O Paroara*, os aliciadores - paroaras - injetavam nas mentes dos sertanejos o sonho de enriquecimento no trabalho dos seringais da Amazônia. Feito o “contrato”, os sertanejos eram encaminhados para os barracões dos patrões em condições próximas à da escravidão:

Sociedade ideal, igualitária de condição e parece que disciplinada ao mesmo sonho de ganhar fortuna, que a rebolca ao mesmo antro, ali se instala a cômodo e sem cerimônia, na passividade diária de armar as redes, aquecer as panelas, corar, enxaguar e enxambrar as roupas ...

Patrões ou intermediários aparecem ali a arranjar pessoal para o alto. Lobos de alcateia às vitimas vigiam em torno da isba equatorial. Desenrolam-se promessas com o brilho de miragens e contratos são logo firmados ou desfeitos. Fazem o destino e o negócio a ronda ao acampamento acenzalado ... (Ibid., p. 56).

Por aquela época Manaus já era uma grande metrópole e tinha superado a alcunha de tapera da Amazônia, pois a cidade havia crescido rapidamente a partir da economia da borracha e já apresentava todos os vícios e problemas de uma cidade grande (Ibid., p. 54).

Como o trabalho da extração da borracha era predominantemente dominado por homens, havia uma escassez de mulheres na região dos seringais, o que propiciava o comércio e negociação de mulheres, como moeda para os seringueiros pagar suas dívidas. Esse foi o motivo pelo qual João Catolé ao chegar a Manaus se recusou ir para o Alto Amazonas, pois tinha uma filha e sabia que se ele fosse para a região dos seringais ela correria o risco de ser raptada. Em razão disso, preferiu trabalhar em uma fazenda em Manaus:

Resistira, porém, o cearense singularmente à tentação da seringa. O principal embaraço à fascinação foi pensar na filhinha. Atirar-se com aquela menina lá para cima! ... Ganhava-se, na verdade, mas de parelha diziam tanta coisa ... Vendiam mulheres, moças de família eram arrebatadas, não se sabia como, e a sua Malvina daí a pouco estaria mulher... Não! Ele ficaria mesmo em Manaus, para os lados de Flores, onde diziam que havia uma colônia do Governo. Si para lá fosse, teria terra e até comida e remédios (Ibid., p. 57).

A Amazônia, para o sertanejo flagelado pela seca no Nordeste, era o lugar das conquistas e sonhos, o que não era possível no sertão nordestino. Ainda que a Amazônia tivesse as formas amaldiçoadoras pela voragem e exploração do trabalhador, ainda era vista como melhor do que o semiárido:

Somente o João bem dizia a sua sorte. No Ceará nunca poderá ser senhor de um pedaço de vazante. Trabalhara sempre “a dia”, ou em terra foreira, ou emprestada. Unicamente de algum trecho de “carrasco”, ou d’algum lapa no alto pendor da serra, onde se açoitam as sussuaranas, poderia ter sido dono; mas, com que futuro? O Amazonas, tão amaldiçoado país de seringa e de impaludismo, fazia-o proprietário; a chegar o retirante cearense, dava-lhe o solo, o mantimento, o teto, a assistência medica, a instrução ... O monstro devorador de vidas ao pé das *heveas* era, na verdade, também protetor e amigo (Ibid., pp. 59 - 60).

O universo da borracha nesse conto é remetido como o espaço dos conflitos sangrentos que envolviam caucheiros e seringueiros em terras produtoras de caucho e seringa na fronteira entre Peru e Brasil no Alto Amazonas. No Baixo Amazonas, que já tinha sua área de borracha totalmente explorada e estagnada, outras atividades extrativistas e agrícolas estavam sendo desenvolvidas e se apresentavam como alternativas de trabalho para os nordestinos que não queriam ir para o Alto Amazonas.

Em “Teima da vida” temos a história de um pobre fazendeiro, Cambito, na fronteira do Peru, que tem uma filha em estado vegetativo. A criança com seis anos de idade era um peso e castigo para o pai que já havia pensado em dar um fim naquele sofrimento tirando a vida de sua prole, porém isso não acontecia porque a mãe não permitia.

A região era rica em caucho, porém os caucheiros peruanos não eram bem aceitos na região por não se fixarem nas regiões de trabalho e pelo desmatamento causado na floresta. A história se desenrola na tensão entre o fazendeiro Cambito e o caucheiro peruano D. Bustamante que queria retirar o látex do caucho na propriedade do fazendeiro, em terra brasileira, porém não houve acordo.

Como bem apresentado por Euclides da Cunha em “Os caucheiros”, ao tratar dos conflitos sangrentos entre seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos, o conto põe em foco o clima tenso de possíveis conflitos entre o caucheiro D. Bustamante e o fazendeiro português Cambito, na fronteira brasileira com o Peru:

Em virtude de que artes, esse minhoto viera ter ao Alto Amazonas, excepcionalmente formar nos esquadrões nacionais, que ocuparam dominando aquelas terras? Porque foram legiões brasileiras e do Norte, os que para o norte do Brasil avançaram. O estrangeiro ficou em Manaus, na judiaria do comercio, da letra e respectivo desconto e da gigajoga do cambio. Na empresa fantástica de penetrar e estabelecer-se na zona perigosa (Ibid., p.189 - 190).

A citação nos revela a ação de muitos donos de seringais e árvores do caucho que regimentavam nordestinos para trabalhar e lutar pela posse da terra nas fronteiras entre Brasil e Peru. A região rica em matéria prima da borracha era cobiçada e passava por constantes conflitos entre extratores dos dois países. Não há briga entre o caucheiro peruano D. Bustamante e o fazendeiro brasileiro Cambito nesse conto, porém é criado um clima tenso que faz com que o leitor deduza como poderia ser o final trágico e sangrento.

Maibi é o conto mais emblemático da coletânea de *Inferno Verde*, por trazer todas as etapas da migração do sertão até o trabalho no seringal, passando pelo aliciamento dos sertanejos, viagens em péssimas condições nos gaiolas, endividamento com o patrão e o trabalho no seringal. O conto narra a história de Sabino, que endividado com o patrão, vende sua mulher, Maibi, para outro seringueiro com o objetivo de quitar sua dívida. Maibi, uma cabocla do Baixo Amazonas, foi vendida para Sérgio com a conivência do Tenente Marciano, dono do Barracão Soledade. O negócio é feito e acordado entre os três homens: Sabino, Sérgio e Tenente Marciano. Porém, alguns dias mais tarde Sérgio reclama ao Tenente Marciano o desaparecimento de Maibi, e este envia seus capangas a procura dela no seringal em que Sabino trabalhava e a encontra morta na mata, amarrada numa seringueira e seu sangue, como látex, escorria nas tijelinhas de coleta da resina da árvore da borracha.

O conto foca a brutalidade daquele sistema de trabalho com ricas descrições dos ambientes dos seringais, como: o processo de defumação do látex, o isolamento do sertanejo, a solidão, o sonho do sertanejo em ganhar dinheiro na Amazônia, a mulher como posse e

moeda de negociação. O desejo do sertanejo em retornar à sua terra também é enfatizado, porém só os que conseguiam quitar suas dívidas tinham esse direito. Os que não conseguiam eram impedidos de deixar o seringal, como acontece em *O Paroara*.

A venda da mulher na selva tinha dois objetivos bem claros. O primeiro correspondia a alternativa para muitos seringueiros quitarem suas dívidas com o patrão e recomeçar o trabalho, porém com a necessidade de compra de alimentos a um preço muito alto se envolviam novamente em outra dívida, permanecendo num ciclo de dívida vicioso e sem saída. O segundo objetivo da venda da mulher era para o seringueiro quitar a dívida e deixar o seringal de uma vez por todas e retornar ao sertão nordestino, fraco, manso, degradado e sem dinheiro.

A quitação da dívida com o patrão foi o motivo que levou Sabino a negociar sua mulher com Sérgio. No entanto, tão logo quitou sua dívida, acumulou outra ao comprar suprimentos para sobreviver no seringal:

O Sabino declarou que não se havia arrependido; não metia o pé atrás, e que queria trabalhar, mas em “colocação, no centro”. Tencionava ficar na do Paulino, que morrera, havia quatro dias passados, picado por uma tucanoboia. A estrada de dois “frascos” e meio não era grande coisa, mas sempre influía. Demais, contava que “seu” Tenente lhe aviasse todo o pedido. Não era muito: uma garrafa, um par de calças de zuarte, pílulas “carapanan”, e “taurinas”, caixas de balas, a farinha e o pirarucu; coisas que um homem degradado naqueles mundos não podia prescindir. Deveria então começar a roçar a estrada? Na semana, que entrava, queria estar “sangrando as madeiras” ... (RANGEL, 1927, pp. 206 - 207).

O modo bruto do trabalho nos seringais se manifesta em diferentes formas, seja pela selva que matava por doenças ou animais, seja pelo sistema de trabalho imposto aos extratores em que seus direitos eram cerceados, ou eram tratados como animais:

Com o carregamento desembarcara o pessoal, que o guarda-livros fora buscar ao Ceará. Umas vinte cabeças, gente do Crato e de Caratheus. Os agenciadores tinham sido, no porto de Camocim, cinquenta ao todo. Mas, uns haviam fugido no Pará, outros em Manaus e cinco haviam “dado prego” com as febres (Ibid., p. 208).

Assim como em *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, esse conto expõe a atuação dos astutos assediadores que iam ao sertão nordestino recrutar flagelados da seca propagando a ideia de trabalho e enriquecimento nos seringais. Porém, o que se constata aqui é o sertanejo sendo colocado na condição de propriedade dos coronéis de seringais. Alberto Rangel, nesse conto, como escritor engajado, projeta sua denúncia a um “sistema de trabalho” que aprisionava o trabalhador nas mãos do patrão:

“Tirar saldo” é a obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é liberdade? O regime da indústria seringueira tem sido abominável. Instituiu-

se o trabalho com a escravidão branca! Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma exploração sem lei (Ibid., p. 201).

É sabido que os sertanejos, no geral, largavam suas famílias no sertão e partiam sozinhos para os seringais da Amazônia. Com isso, havia uma escassez de mulheres na região, o que fazia com que as poucas existentes nos seringais se tornassem objeto de cobiças, brigas e negócios.

Maibi morta e amarrada na árvore da borracha, tendo seu sangue a escorrer como o látex que escorre da seringueira, é a representação do sangue dos vários sertanejos que para o Alto Amazonas seguiam e lá morriam por doenças da mata, em especial, impaludismo, e eram explorados naquele sistema de trabalho.

O seringueiro ao sacrificar Maibi tenta se vingar tanto da exploração que sofre naquele sistema bruto, como da ilusão de enriquecimento nos seringais, plantada em sua mente pelos paroaras:

O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que se esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. Havia uma aureola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura um crime maior, não cometido pelo amor, em coração desvairado, mas pela ambição coletiva de milhares d'almas endoidecidas na cobiça universal (Ibid., pp. 218 - 219).

A ideia de vingança do seringueiro nos remete ao ensaio-conto “Judas Ahsverus”, de Euclides da Cunha. O seringueiro esquecido na floresta no Sábado de Aleluia vinga-se de sua ganância ao desferir tiros a um boneco a sua semelhança. Aqui o seringueiro tenta se vingar não só de sua ilusão em ter partido para a Amazônia com o sonho de ganhar dinheiro. Ele se vinga também da floresta que o agride e toda aquela lógica do seringal que o reprimia e ceifava a sua liberdade. Maibi, como cabocla da terra amazônica, foi a escolha correta para sua vingança, não poderia ser uma mulher sertaneja, tinha que ser uma nativa da terra. Por isso mesmo, depois de tê-la como mulher, negociou-a para outro seringueiro, pois foi com uma “moeda da própria terra” que ele quitou suas dívidas com o patrão. Maibi, amarrada na árvore da borracha, seu sangue escorrendo e enchendo a tijelinha, é uma alegoria do sangue e da vida que os seringueiros deixavam na Amazônia na extração da borracha. Assim, a vingança do seringueiro, neste conto, diferentemente de “Judas Ahsverus”, não é apenas a si por ser iludido em enriquecer-se, mas também à própria natureza que o castiga.

Enquanto em “Judas Ahsverus”, o seringueiro, solerte, se angustia silenciosamente de sua desgraça, aqui a vingança do seringueiro é ao sistema bruto de trabalho e à selva. O seringueiro vinga-se na cabocla, já que não tinha forças para se vingar de

seus padrões e da mata voraz. Há nesse conto, simbolicamente, uma chamada de atenção para as questões de conservação do meio ambiente, assim como já defendeu Euclides da Cunha em seus textos sobre a Amazônia. A ambição dos seringueiros levaria, em longo prazo e intensa exploração, a floresta à total destruição, tendo em vista que a extração não era feita de forma racional, mas sim predatória.

Aqui, temos um combate entre natureza e homem. A natureza brutalizada, com as doenças e voragem, ataca o homem e antagonicamente este com a sua machadinha a contra ataca. Os combates se deflagram numa intensa luta entre o homem intruso e destruidor e a natureza bruta e voraz.

Outro aspecto que merece destaque neste conto é a ideia da mulher como propriedade do homem. Já é sabido que a quantidade de mulheres nas regiões de seringais era pequena, visto que em geral o nordestino partia sozinho e deixava a mulher cuidando dos filhos no sertão, como vimos no caso de João das Neves em *O Paroara*. Adicione-se a isso o fato de a mulher gerar mais gasto ao seringueiro, aumentando as dívidas deste com o patrão, visto que em geral ela não ia para o seringal ajudar o homem na coleta do látex, mas ficava em casa cuidando dos afazeres do lar e das crianças. A presença da mulher na Amazônia também era outro gasto não desejado pelo patrão, por ser um ônus a mais com as viagens delas do semiárido para a Amazônia. Havia uma lógica de que a mulher ao lado do seringueiro poderia fazer com que ele produzisse menos que o normal, ao desvirtuar sua atenção ao trabalho. Já a mulher no sertão com os filhos, e sofrendo as agruras da seca, estimularia o seringueiro a trabalhar mais para conseguir uma boa quantia de dinheiro para mandar para sua família, como acontece com Pedro das Marrecas em *O Paroara*, que conseguiu enviar dinheiro para sua família por intermédio de João das Neves. Na lógica do seringal, a presença da mulher ao lado do seringueiro sempre favorecia ao patrão, pois isso fazia com que o seringueiro nunca conseguisse se livrar da dívida. As poucas mulheres que habitavam o seringal com seus maridos, não eram apenas a representação feminina para o lar e cuidar dos filhos, elas também eram colocadas na condição de posseção do seringueiro, como vemos nesse conto, em *Deserdados* (1921), de Carlos Vasconcelos, em *O Paroara* (1931), de Lauro Palhano, e muitos outros contos e romances sobre o trabalho nos seringais amazonenses. Quando o seringueiro se encontrava em dívida muito alta “passava” - vendia - a mulher para outro seringueiro como moeda, na tentativa de se livrar ou diminuir as dívidas.

Márcio Sousa em *A expressão Amazonense, do capitalismo ao neocolonialismo* (1977, p. 110), assinala que a presença da mulher nos seringais se encontrava sob várias

formas de submissão, sendo a procura maior do que a oferta, o que fazia com que elas se transformassem em bem de luxo naquele ambiente:

A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lastimável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente entre vinte e trinta anos, portanto premiados pela exigência do seu vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comercializadas a preços aviltantes (SOUSA, 1977, p. 99)¹⁶.

Nesse cenário as poucas mulheres presentes nos seringais, no momento prescrito por Márcio Sousa, ganhavam os significados de utilidade e moeda. Essa mesma proposição não é válida para as mulheres dos caboclos, pois estes viviam sob outro sistema de vida na floresta, como se pode ver no conto “O Tapará”.

Araújo Lima, em *Amazônia, a terra e o Homem* (1975), também nos traz valioso estudo sobre o comércio de mulheres no período áureo da borracha:

Há, porém, alguma coisa ainda a registrar. Ao colono ignorante e desaparelhado, com as mais negativas qualidades de adaptação, faltou até mesmo a assistência moral, afetiva e fisiológica da mulher.

A etapa a vencer na transmigração penosa, dos arenais calcinados do Nordeste para os semi-pousos lacustres da famosa Hiléia do Norte, foi sempre dura, áspera, dispendiosa.

Debitada, como parcela agravante da conta do freguês, a soma das despesas de viagem desde os sertões nordestinos aos recôncavos amazônicos, aportava a seu destino o futuro extrator já comprometido por uma dívida correspondente ao seu valor econômico, pela qual respondia a sua liberdade.

O homem chegava hipotecado, comprometido; impraticável, portanto, quase sempre o transporte de uma companheira, que tornaria exorbitante o valor estimativo do colono - o seu preço.

Esboçava-se, assim, uma sociedade singularíssima, tendo como decalque o agrupamento masculino ao invés da família; e, com o fenômeno, definia-se um paradoxo demográfico, de que nos dá testemunho esta estatística anômala, traduzida numa desproporção censitária: mais homens do que mulheres (LIMA, 1975, p. 147).

Para Araújo Lima, em sua análise, as condições do meio: trabalho duro, isolamento na mata e gastos com a passagem, criaram na Amazônia uma sociedade masculina que necessitava dos “serviços femininos”, o que contribuiu para a prostituição e comércio de mulheres:

Transplantado para este solo cheio de antagonismos, sofre o homem, refletindo o contraste do meio cósmico no seu próprio senso psicológico, a subversão, a mutação de um sentimento inato, congênito, secular. Lutando com a falta de mulher, aceita-a como objeto de transação comercial, concorrendo para a implantação desse tráfico,

¹⁶ Márcio Sousa destaca que naquele espaço longe das cidades “enquanto o coronel podia contar com as perfumadas cocotes, além de suas esposas, o seringueiro resvalava para o onanismo, para a bestialidade e práticas homossexuais. Esta penosa contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher” (SOUSA, 1977, p. 110).

senão generalizado ao menos adotado naqueles tempos remotos, cuja memória se vai já apagando sem que ao menos registrada fique a sua história.

A carência da mulher, dentro do seio de um organismo social que teve por gênese uma calamidade, ainda sem a prostituição a ulcerar-lhe a intimidade dos tecidos, criou, - na época de ebulição da vida acreana, na idade trepidante do contagioso delírio de grandezas no *far west* amazônico, - um novo gênero de comércio, de “camelotage”, de “cabanagem” (esta a expressão perfeitamente ajustada à gíria local), que consistia no tráfico de mulheres decaídas, transformadas em objeto de negócio de certos agenciadores ou regatões. Praticavam tal comércio menos por falta de escrúpulo do que pelo desejo de bem servir a freguesia do alto; consignavam as “vênus” mercenárias, mediante fatura especificada em gastos e comissões, ao pessoal mais abonado dos seringais, contra resgate em borracha ou carta de ordem (LIMA, 1975, p. 148).

O tráfico e comércio de mulheres para Belém e Manaus era uma alternativa para satisfazer os desejos libidinosos de uma enorme sociedade essencialmente masculina. Esse conto, como expressão realista, nos revela um ambiente criado tipicamente para o gênero masculino, visto as formas brutais de tratamento ao homem. A presença da mulher, com raras exceções - a mulher do patrão, alguns poucos homens casados - por exemplo, tem a função utilitária de servir o homem para os desejos carnavais ou como moeda para poder saldar a dívida de seu proprietário com o patrão.

Maibi, como nativa da terra, é a alegoria da vingança do seringueiro ao sistema bruto e explorador de “trabalho”, e à voragem da mata, vingança essa não alcançada da mesma forma pelo seringueiro de “Judas Ahsverus”. Maibi incorpora a alegoria de “cordeiro expiatório”, pois não era nordestina, mas sim uma cabocla típica da terra, por isso mesmo Sabino empalhou-a e seu sangue escorreu como o látex que escorre da árvore da borracha. Sabino projeta sua vingança sobre a filha da selva porque lhe maltrata pela voragem e pela exploração do patrão. Maibi exerce a função do cordeiro expiatório, por onde Sabino se vinga de sua ilusão, ingenuidade e desejo de enriquecer nos seringais. Diferentemente de “Judas Ahsverus”, em que o seringueiro se vinga num palhaço configurado a sua própria semelhança, Sabino projeta todo seu ódio a uma filha da selva. O sangue de Maibi é “extraído” em semelhante modo em que se extraia o látex da árvore da borracha, com cortes feitos com a machadinha do extrator. “Maibi, como perfeita “cordeira expiatória” é sacrificada para remissão dos pecados de Sabino”, “uma corruptela de sua culpa”, forma essa encontrada por Sabino de restituir sua consciência. Com a expiação a Maibi, Sabino tenta libertar não só a sua consciência de explorado, como também se vingar da brutalidade do sistema de trabalho e da voragem da mata.

Maibi, como perfeito cordeiro expiatório, não reclama, não grita, não repudia, não chora. Também não reclama ao ser comercializada e vendida para outro homem, permanece em seu silêncio de cordeiro inocente. Porém, não se desgarrar de seu “verdadeiro dono”; logo

após ser vendida, “aceita” o seu sacrifício, em silêncio, como de redenção de seu dono. Maibi encarna a verdadeira função de cordeiro expiatório ao aceitar o sofrimento e dor em silêncio. Temos poucas vozes dos personagens que participam da negociação da cabocla. O Tenente Marciano, dono do barracão, pouco falou, apenas concordou em sua presença com a negociação, pois era vantajoso para ele aquela negociação. O narrador, conhecedor da história e dos pensamentos dos personagens, não apresenta nada sobre o que passa na mente de Maibi. Ele apenas narra os pensamentos cruéis e interesseiros de Sabino ao vender sua mulher, os interesses cruéis de Sérgio ao comprar a cabocla, como se fosse um objeto e passar a ser dono dela, e os pensamentos do Tenente Marciano, também com interesses cruéis, pois seu trabalhador iria assim estar lhe pagando uma dívida. O narrador não expressa os pensamentos de ódio ou repulsa de Maibi, ela é silenciada por esse narrador. Como cordeiro expiatório, ela permanece calada e aceita o sofrimento de sua condição de objeto e ser passada de uma mão para outra. Quanto ao seu sacrifício, também não temos gritos, nem choro, ou qualquer som que manifestasse aquela barbaridade, o que reforça a característica de cordeiro expiatório. A selva voraz, que projeta os mais diversos sons, ficou em silêncio; não temos no conto remissão a qualquer som da floresta como pano de fundo. A cabocla, amarrada e empalhada na árvore da seringueira, morre como cordeiro expiatório em seu silêncio, cumprindo a tradição do silêncio dos cordeiros inocentes no processo de expiação.

O silêncio de Maibi à ação bárbara de Sabino, demonstra claramente que ela era a filha da terra, e como tal era a natureza, uma “antropomorfização da *Hevea brasiliensis* e tem seu sangue a escorrer nas tijelinhas de coleta do látex da borracha. Seu sofrimento, dor e morte silenciados comprovam sua função de cordeiro expiatório, pois não cometeu nenhum crime, ainda que o aceite em silêncio, como forma de Sabino vingar-se da floresta, do patrão e de sua ganância. Como em “Entre os seringais” e “Judas Ahsverus”, em Maibi também temos uma antropomorfização, pois a cabocla como filha da floresta, toma o lugar da árvore da borracha, e por isso mesmo foi sacrificada como se abre as fendas na árvore da seringueira e o látex a escorre nas tijelinhas. A cabocla, naturalizada como seringueira, teve que ser sacrificada de acordo com o ritual que os seringueiros faziam todos os dias com as árvores. O sangue de Maibi escorrendo nas tijelinhas representa a incapacidade do seringueiro conseguir se vingar daquele sistema que o degradava, por isso mesmo Maibi tinha que exercer a função do cordeiro expiatório.

Inferno Verde, conto homônimo do livro de Alberto Rangel, é a história do recém-formado engenheiro e ex-militar Souto que estava a serviço do governo com a missão de demarcar terras no Alto Amazonas, ainda desconhecidas pelas autoridades. Assessorado por

uma equipe de conhecedores da região, inicia sua jornada de reconhecimento da selva ao subir o rio Juruá. Em confronto direto com a natureza voraz, o jovem engenheiro sobe os rios e adentra em lugares onde só os caboclos, índios, seringueiros e caucheiros conheciam. A natureza ali impunha o ritmo da vida, onde o homem se sentia solitário na imensidão da floresta, e onde os navios a vapor, como símbolo da civilização moderna ainda não haviam chegado.

Pousando em barracas úmidas e mal acomodadas, o engenheiro e sua equipe sobe a região do rio Juruá e tudo passa a ficar mais difícil, pois Souto foi atingido por impaludismo. A expedição seguiu até onde o corpo do engenheiro resistiu, quando o jovem engenheiro foi aconselhado a descer o rio, pois já não tinha mais condições de continuar seu trabalho de demarcação. Sob fortes delírios, Souto morre amaldiçoando a floresta como *Inferno Verde*.

Souto é a representação do homem branco forasteiro e intruso que é abatido pela natureza voraz, ao ser tolhido física e psicologicamente. Os caboclos, seringueiros e índios já pertenciam à selva, porém o forasteiro branco foi repudiado pela natureza mãe. Os constantes delírios de Souto até a hora da morte são a marca da agressividade da natureza ao forasteiro. A natureza, neste conto, é mais forte e vingadora ao explorador, diferentemente do que se vê no conto “O Tapará”, em que a futura chegada da civilização barbarizada ao planalto iria destruir a natureza e os caboclos. As forças telúricas da natureza mostram-se indestrutíveis ao homem branco, tanto é que nesse conto a noção de “inferno verde” só se aplica ao forasteiro, os demais a natureza os acolhe e poupa suas vidas.

“Inferno Verde” foca de forma clara as forças telúricas agindo sobre o homem, sob as características do Naturalismo. Essa seria uma demonstração da realidade destruidora em que a floresta selecionava quem nela penetrava. As inúmeras descrições dos ambientes e espaços da selva, da vida e trabalho dos seringueiros e caucheiros confirmam a preocupação do autor em retratar a realidade do Alto Amazonas ainda desconhecido. Regiões de cauchos e seringais recebem detalhadas descrições como forma de sintetizar a riqueza que elas geravam e ao mesmo tempo provocavam conflitos sangrentos entre seringueiros “cearenses” e caucheiros peruanos:

Parando em Nova Fortaleza, o navio alarmou-se com um dono de seringal, vindo de terra, o qual, loguaz e pernóstico, contava casos ao “imediate”, interrompendo-se a cada passo em gargalhar tão estrepitoso que reboava pelo convés com fragor bombástico. Dezessete dias, na mesma faina de vencer praias, estirões e “sacados”, que se renovavam desenhados da mesma forma, com a eterna sucessão de nuvens de carapanans epiuns nas barracas e barracões, onde se tomava lenha, ou se deixava carga, e nas outras paradas bocejantes, a ceifar capim para o gado ou a “dar um

lance” aos peixes. Havia variedade nominal nas taboetas dos barracões; mas, o que elas designavam, era sempre o mesmo tipo, quer de paxiúba. A fantasia dos ocupantes ou donos, as suas recordações, a sua sentimentalidade em jogo, escreviam nas margens um glossário abundante, cruel ou enternecedor: Altamira, Novo Paris, Deixa Falar, Miragem, Bom lugar, Santa Helena (RANGEL, 1927, pp. 247 - 248).

“Inferno Verde” tem como cenário o Alto Amazonas, região do rio Juruá, que era rico em seringais e matas de caucho. Os nomes exaltantes e irônicos aos barracões não são inéditos nesse conto, basta lembrar que eles reaparecem no ensaio de Euclides da Cunha “Um clima caluniado”, onde os nomes dos barracões não correspondem à real vida que os seringueiros tinham. Os nomes relacionados à esperança, liberdade e bem estar são vocábulos opostos à vida aviltante do seringueiro naquele espaço.

Como nos ensaios de Euclides da Cunha, o caucheiro peruano tinha na sua profissão uma vida nômade e devastadora na floresta. O conto revela, sob outro olhar, a vida nômade do caucheiro que não se apegava a terra em sua precariedade na labuta pelo látex da árvore do caucho. Sua “morada” temporária ainda é mais rústica e decadente do que a dos seringueiros brasileiros:

Escondidos na obscuridade e entrançado dos ramos, que tamizavam os barrancos, viam-se estas construções primevas: - os taperis. Distinguiam-se nitidamente os feitos por patrícios, ou por peruanos. Obas, finalizadas em arcabouço, tinham feições diferentes para o mesmo objeto, o de servir de pouso em uma noite. Os taperis peruanos exprimiam, mais a fundo, a precariedade na sua utilização pelos nômades. Marcavam eles que se penetrava na zona do caucho, nessas contravertentes de tributários da margem direita do Ucayali. Eram bem o edifício de instantes para o trabalho de uma jornada. Não há conceber coisa mais reduzida: seis varinhas de uns três palmos de altura, fincadas no chão, suportando o toldo o improvisado de palhas. O caucheiro não constrói palácios; nos seus estádios planta *yuca* e *platano* substâncias; isto sim, a farta. O que ele quer, é passar; mas, atendendo previdente que nessa corrida há escalas por estações forçadas de parada. Embora! O machado e a ubá são os dois instrumentos emblemáticos da sua indústria. Um destrói, outro transporta. O taperi é o digno traço de união d’essas duas operações, que resumem a devastação caucheira. Ele é o único elemento fixo, posto que com a frágil consistência da teia de uma aranha, ou da casa d’uma tatúcabá (Ibid., pp. 260 - 261).

O caucheiro, diferentemente do seringueiro, por onde passava deixava o rastro da destruição na extração do látex do caucho por ter que derrubar a árvore e cortá-la toda. Essa prática provocava a imediata destruição da selva, e tão logo o caucheiro terminava seu trabalho ali, partia para outra região de caucho, deixando para trás verdadeiras “lacunas desmatadas”, como rastro de seu trabalho destruidor.

Outro aspecto a que esse conto nos chama a atenção é a região do Alto Purus como pano de fundo de vários conflitos sangrentos que haviam acontecido entre caucheiros e seringueiros no final do século XIX e início do XX, como já bem apontou Euclides da Cunha

em seus textos sobre a Amazônia. A região inexplorada e desconhecida pelas autoridades era palco de disputas sangrentas pelos trabalhadores do látex da Bolívia, Peru e Brasil.

A mata feroz é configurada como o espaço dos trabalhadores do látex, abandonados e isolados, vivendo na solidão com a miséria pungente. A riqueza da mata, de seus seringais e cauchos, contraditoriamente, não era transformada em riqueza para os trabalhadores da extração do látex. Há, é claro, os seringueiros cearenses que estavam ali há muito tempo e conseguiram se tornar donos de barracões, como se percebe neste conto. Porém, mesmo este patrão sendo de origem pobre, ao se tornar o proprietário do barracão, dá sequência a aquele modelo de trabalho e exploração que não se viu em nenhum outro lugar, visto que no meio da selva não havia leis, a única lei era o “Regulamento”, escrito pelo patrão e que o seringueiro tinha que obedecer.

Dando continuidade à proposta iniciada em *Inferno Verde*, em 1913 veio a lume *Sombras n'água*¹⁷, em que Alberto Rangel retoma o tema da Amazônia voraz e maravilhosa. Mesmo não recebendo o *glamour* que recebeu *Inferno Verde*, esta obra tem valor semelhante a anterior de 1908 ao descortinar uma Amazônia que era palco de duras guerras pela região de seringais e árvores do caucho. Composta por treze contos, o tema da extração da borracha é retomado em quatro belos contos: “O evangelho na selva”, “Os Satyros”, “Marco de sangue” e “Os inimigos”.

Como já apontei, essa obra não recebeu os mesmos aplausos que *Inferno Verde*, porém Monteiro Lobato, em carta a Alberto Rangel, de 27 de junho de 1919, de Taubaté - ao debruçar sobre *Sombras n'água* provavelmente tenha feito a melhor e mais consciente crítica sobre toda produção ficcional de Alberto Rangel sobre a Amazônia¹⁸.

Para Monteiro Lobato, a vasta Amazônia ainda estava desabitada e lhe faltava o progresso para interligar as regiões e fazer uma rede de comunicação. A linguagem viva e circulante na Amazônia empregada por Alberto Rangel nos contos era algo novo no Brasil, para o autor de *Urupês*. Para Monteiro Lobato, os personagens dessa obra viviam sob o determinismo dos fenômenos naturais, o que era totalmente estranho para os leitores do Sul. Obviamente esta ideia vai de encontro com o que Euclides da Cunha apontou sobre o *Inferno Verde* a Alberto Rangel em carta, ao mencionar que esse livro de contos iria mexer com a crítica acomodada e que não conhecia o Norte. Nesse sentido, a crítica de Lobato recai ao

¹⁷ *Sombras n'água (vida e paisagens no Brasil equatorial)* foi publicado em 1913 em Leipzig - Alemanha, pela editora F. A. Brockhaus. A obra está dividida em 13 contos.

¹⁸ Essa carta encontra-se no Arquivo Nacional - Fundo Alberto Rangel - Caixa 13 - Pacote 8 - [manuscrito]. Ela foi transcrita na íntegra na tese de doutoramento de Emerson Tin: *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Unicamp, Campinas, 2007, pp. 315 - 317.

leitor do Sul que sentiria dificuldade em ler *Sombras n'água*, e por isso mesmo a Amazônia seria um cosmo a parte e, até mesmo, indecifrável para o leitor. Para o autor de *Urupês*, *Sombras n'água* causou um estranhamento ao público leitor despreparado para aquele tipo de literatura e universo ficcional baseado na realidade:

Acabei de reler esta semana as *Sombras n'água*. Dali se conclui um de nossos males, a vastidão agravada pelo despovoamento e mais ainda pela ausência de transporte rápido. Como vae se diferenciando a língua! O número de palavras locais empregados nesses cantos e desconhecidas minhas, é enorme. E como divergem as almas de d'aqui do sul! Tirante o fundo comum de natureza animal, aqueles seus personagens são todos determinados pelas caças, pelos igarapés, pelos rios, pelas chuvaradas, pelo gaiola, pelo aviador. Que mundo estranho para nós do Sul esse mundo cosmico da Amazônia! De par com isso a sua arte, o seu estilo. Digo-lhe francamente: o Sr. é pouco lido. E é pouco lido porque “diz demais”, concentra um nº de ideias em cada período superior à capacidade compreensiva do leitor. O leitor brasileiro é um pasmado cerebral que se cansa ao menor esforço e só lê a quem seria as ideias uma a uma, devagar, na andadura. O trote, o galope, as inversões, as alusões, a metáfora repetida, o seu estilo de ofensiva fulgurante que abrange tudo e marcha impetuoso com todas as armas em ação, pondo em jogo todas as ciências naturais, a historia, a sociologia, a profecia, / fl.2/ fazendo todas as aproximações, tonteia, estramunha o santo sossego da inteligência indígena. Só lhe dão o verdadeiro valor os que aprendem a ler a sua língua.

É uma coisa tão nova em nossa literatura que é “outra coisa”. Requer aclimação. Daí os mais disparatados juízes a seu respeito. Um deles: estilo de engenheiro. Outro: Euclides da Cunha “agravado”. Este asneirão é corrente, e explicável. De relance, à primeira impressão, quem abre um livro seu aproxima o estilo ao de Euclides. Uma frequência maior e mais atenta mostra o erro. De comum tem que ambos são “estranhos” no nhem-nhem/nhem em que vinham desde Alencar. Num céu todo estrelas redondinhas, cor de céu, Euclides surge estrela “diferente”, diferente no brilho, na forma, na cor, na forma. A. Rangel é a segunda “diferença” que brilhou em nosso céu. Daí o aproxima-los. Acima disse: Euclides “agravado”. Por isto entendem as qualidades de Euclides levadas ao excesso, ou aos últimos desenvolvimentos. Porque tinha este sentido especial, [ilegível] a palavra. Seus leitores não são muitos, mas os que aprendem a lê-lo são-n'os devéras, e desses que fazem o supremo consolo d'um artista. E como a sua obra cresce, o numero deles já avulta, e formam entre si como uma irmandade. Assim também aconteceu com Euclides, que não será coisa popular. Isso é um bem para o artista, dada a sujeira de popularidade, mas é um mal para o país. O /fl.2v./ povo só lê Escrich e literatura policial. Os nossos autores não o influenciam de maneira nenhuma. Eu, si tivesse gosto pela carreira das letras e fosse dedicar-me a ela, iria escrever exclusivamente para o povo, este nosso pobre e miserável povo a que a intelectualidade brasileira não liga a mínima importância, e que no entanto ancia por ter “línguas”. Vi isso com os meus contos, dos quais tirei 11 milheiros em dez meses, e que, estou vendo, terão a 5ª edição inda este ano. Não será um erro nosso permanecer agregado, em torre de marfim? (LOBATO, 1919, apud TIN, 2007, pp. 303 - 305).

Veja que para Monteiro Lobato os contos de Alberto Rangel, ainda que se apresentem como “estranhos”, em razão de seu espaço ficcional, linguagem e dos temas abordados, se sobressaem num momento em que a crítica brasileira e o “Brasil do Sul” pouco ou nada conheciam sobre o Norte. A obra de Alberto Rangel exerceria, na ficção do Norte, o que *Os Sertões* exerceu nos estudos históricos e sociais ao denunciar o drama do sertanejo abandonado no semiárido. Reconhecendo as influências de Euclides da Cunha em Alberto

Rangel, o autor de *Urupês* exalta *Sombras n'água* como obra inovadora ao tratamento dado a Amazônia, num deserto de desconhecimento da crítica literária do Sul que detinha o poder de apontar e colocar textos e autores no céu ou no inferno. O mesmo disse Agripino Grieco sobre a linguagem desses contos ao afirmar que ela causaria estranhamento na crítica do Sul: “somente os críticos de estômago fraco” julgariam indigesto a obra de Alberto Rangel” (GRIECO, 1948, p. 242).

Essa carta revela não só Monteiro Lobato como um crítico atento ao Brasil na sua imensidão e diversidade, assim como bem apontou Euclides da Cunha, mas também um crítico desligado dos preconceitos criados pela crítica literária do Rio de Janeiro. A crítica de Monteiro Lobato é uma chamada de atenção ao apontar que a literatura de Alberto Rangel “requer aclimatação”. A Amazônia, sua gente, literatura e cultura necessitavam urgentemente de estudos, algo que não era realizado no Sul, eis o motivo do estranhamento da obra de Alberto Rangel. Monteiro Lobato não está referindo o estranhamento apenas à obra literária, mas também à Amazônia, palco desses contos, que era uma região totalmente ignota aos leitores do Brasil. Como bem apontou Euclides da Cunha, a Amazônia precisava ser descoberta e explorada racionalmente. Monteiro Lobato, em sua crítica a este livro, retoma a ideia de Euclides da Cunha sobre a necessidade de se descortinar o país num todo, tarefa essa que Euclides já havia feito em partes com *Os Sertões*, ao denunciar e revelar para o Brasil o Nordeste e as populações abandonadas daquela região.

Os contos dessa coletânea são narrados por um narrador externo, em terceira pessoa, que descreve as ações dos personagens em meio à vastidão e bravura da floresta. O narrador exterioriza sua impressão àquela paisagem ora acolhedora e deslumbrante, ora bruta e sufocante, envolvendo a todos que na floresta penetram.

As narrativas são lineares, com raros flashbacks, e expressam o movimento de imigração e adaptação do sertanejo na floresta equatorial e no novo ambiente de trabalho. O caboclo retorna como personagem principal nas narrativas, fortalecendo a ideia do autor de este ser o verdadeiro brasileiro, por apresentar as marcas e traços de todo o povo do país.

A primeira narrativa que trata do ambiente de seringal é “O evangelho na selva”, onde temos um falso padre - Reverendo Lourenço, italiano de Gênova, que sobe o rio Amazonas com o objetivo de “rezar missas” e levar o evangelho aos seringueiros. Sua atuação na região fez com que os seringueiros o presenteasse com borracha colhida nos seringais, o que gerou aumento da dívida dos seringueiros com o Capitão Laurindo, dono do Barracão. A permanência do padre por dois meses na região, cujo verdadeiro nome era Benevenuto, fez com que diminuísse a extração da borracha, pois inúmeros seringueiros deixavam o trabalho

para ir procurá-lo. Após deixar a região, a verdadeira identidade do falso padre foi descoberta, porém ele já estava longe e com muita borracha para vender em Manaus e voltar para a Itália.

O conto chama a atenção do leitor frente à ingenuidade e forte esperança dos seringueiros depositada na Igreja como amparo para aqueles pobres miseráveis. Isolamento, solidão, exploração, abandono e voragem da selva são fatores que contribuíram diretamente para a necessidade de um amparo espiritual por parte dos seringueiros. Ciente dessa necessidade, o falso reverendo agia sobre os espíritos frágeis dos seringueiros e arrancava toda a produção de borracha, desviando-a do barracão do Capitão Laurindo, provocando prejuízo direto ao patrão e ao seringueiro:

Mas, com que ansiedade o apóstolo fora aguardado pelas próprias vítimas voluntárias dessa exploração de um credo! A notícia do padre e perspectiva voara por toda aquela enorme área, como se a tivessem levado em aleluia os bandos seringueiros dos sons e das araras altívagas ... Na paz das barracas, perdidas boca das estradas, nos barracões mais distantes, o povo alvoroçou-se de contentamento sem par. Fora então uma turbulência, como por fins do “fabrico”. Do seio espesso do matagal despejara-se para as margens toda a freguesia. Na balburdia, vieram os sãos e os doentes arrastaram-se, magros, anêmicos, febricitantes ilhotas ... Dias a fio não se elevou dos defumadores a fumaça dos cocos ou dos cavacos abrasados; as tijelas ficaram intactas, emborcadas ao pé dos tocos em descanso; as machadinhas, as bacias, os baldes, as cuias e as tanibocas ao lado dos “boiões” frios ... O rebanho dos seringueiros feriu, estimulado para a própria tosquia pelo pastor de passagem (RANGEL, 1913, pp. 78 - 79).

O conto evoca a astúcia de aproveitadores em explorar os sertanejos de todas as formas no ambiente dos seringais. O sertanejo que já foi engando pelos paroaras, com sonho de ganhar muito dinheiro na Amazônia e acumulou uma dívida de imediato com os gastos da passagem e suprimentos, agora era surrupiado por um gatuno que usava o nome da Igreja como forma de levar um suposto “alívio” àqueles que sofriam a voragem da selva, exploração dos patrões, isolamento e esquecimento da civilização.

Em “Os Satyros” temos a clássica história de uma família flagelada da seca que foi iludida com a história de ganhar fortunas no seringais do Alto Amazonas e lá acumulou uma enorme dívida. A narrativa mostra os seringueiros que estavam fazendo o caminho inverso, deixando os seringais, em razão da voragem da selva e difícil adaptação, e indo para o Baixo Amazonas, em Manaus, para trabalhar em carvoarias e no carregamento da borracha dos saveiros e grandes barcos no porto dessa cidade:

Desembarcando em Belém, os imigrantes foram contratados pela casa Ribas, para o alto Pauhiny. O vapor levava a carga do pessoal e aviamentos até onde lhe permitira a escassez repentina da vazante. Daí foram subindo o rio, na ronçice de enorme batelão, uma verdadeira presiganga de arrasto n’uma valha. Coube aos passageiros revezarem-se nos remos. Os “brabos” iniciavam-se nas primeiras obrigações e experiências da vida lacustre. Nas palmas das mãos surdiam as empolas, que se

rompiam na formação dos calos providenciais. Á falta do habito, doíam os músculos, no exercício brutal, aos galerianos noviços (Ibid., p. 96).

A voragem da selva se manifesta pela dureza do trabalho, inadaptação dos sertanejos e as doenças que degradavam e matavam a todos que na mata penetravam:

As mulheres arrepeladas lamentavam-se inconsoláveis. Uma delas tinha a barriga à boca. Era a mais calada. Muito amarela e canifraz, rolava os olhos de fúria pelas barrancas, como se fossem essas beiradas as de uma cova aberta aos poucos para a enterrar viva. Em uma praia, à noite, à claridade vacilante das fogueiras, ela começou a gritar desesperadamente. Socorreram a desgraçada; o marido, um sobralense, desanimado e discrasico, tiritava com o frio incoercível das sezões (Ibid., pp. 97 - 98).

No Baixo Amazonas, os sertanejos iam encontrar o duro trabalho nas carvoarias e nos portos no descarregamento da borracha. Manaus por aquela época foi uma das primeiras cidades a ter luz elétrica no Brasil e um suntuoso teatro inaugurado em 1896 pela grande circulação de dinheiro, em razão da exportação da borracha para o exterior. No entanto, se por um lado, Manaus se mostrava “moderna” e rica, por outro a pobreza dos que enriqueciam esta cidade ainda estava estampada em suas ruas.

O conto retrata, de forma emblemática, um outro caminho percorrido na migração do sertanejo, do Alto para o Baixo Amazonas, por não conseguir se adaptar ao trabalho nos seringais e ter que se dirigir para os trabalhos ofertados em Manaus, o que resultou num rápido e anárquico povoamento dessa cidade.

Em “O marco de sangue”, temos o conflito por terras ricas em seringais na fronteira da Bolívia com o Brasil. O boliviano D. Cecílio Castañeda, caucheiro, havia ocupado uma área de seringal, no Brasil, partindo de pressupostos do tratado de 1867 em que o Brasil reconhecia o Acre como território boliviano; já o Coronel Seraphim Baraúna, seringalista, cearense, invasor de terras da Amazônia, seguia o Tratado de Petrópolis¹⁹ de 1904, assinado pelo Barão do Rio Branco em que o Brasil tornava-se proprietário do Estado do Acre. Os tratados naquela região de nada valiam de modo que D. Cecílio Castañeda e Coronel Seraphim Baraúna não entraram em acordo e o seringueiro cearense com seus homens mataram os caucheiros e D. Cecílio Castañeda de forma bárbara.

¹⁹ O Tratado de Ayacucho foi assinado entre Brasil e Bolívia em 23 de novembro de 1867 com o objetivo de demarcar as linhas de fronteira entre esses dois países, visto os conflitos sangrentos existentes entre seringueiros e caucheiros na região do Acre que a partir desse tratado passa para as mãos da Bolívia e este país passou a impor sanções aos seringueiros brasileiros que extraíam borracha na região. O tratado, com uma escrita confusa e sem precisão das margens e nascentes dos rios, em pouco contribuiu para sanar as brigas, somente com o Tratado de Petrópolis a briga é resolvida. O Tratado de Petrópolis, assinado em 1903 pelo Barão do Rio Branco e Assis Brasil, foi aprovado por lei federal em 25 de fevereiro de 1904, regulamentada por decreto presidencial de 7 de abril de 1904, incorporando o Acre como território brasileiro (RICARDO, Cassiano. *O tratado de Petrópolis*. Rio de Janeiro: Ministério das relações exteriores, 1954).

O conto chama a atenção pelos vários conflitos armados que existiram na região do Acre, chamada de “terras de ninguém”. Como era rica em caucho e seringueira, tornou-se cobiçada pelos caucheiros bolivianos e seringueiros brasileiros. Sangrentos conflitos foram acirrados nessa região até a independência do Acre. Os inúmeros tratados e acordos que ora davam o Acre como pertencente à Bolívia, ora ao Brasil, não eram respeitados pelos habitantes das regiões de nenhum dos países. Mesmo após o Tratado de 1904, quando o Acre passou definitivamente a ser do Brasil, e este país pagou um valor alto em indenização a Bolívia e se comprometeu a construir a estrada Madeira-Mamoré, os conflitos na fronteira por causa da riqueza da matéria prima da borracha ainda se acirraram:

O exército do Seraphim, descarregando os últimos cartuchos, contidos no cofre dos rifles, avançou para o outro magote de sicários, mais numeroso e mais afoito, espinoteando como uns gorilas, que se disfarçassem entre as folhas dos fetos, dos apuis e das ubimranas ... Blasfemias e injúrias em castelhano cruzaram palavras patrícios; um de invectivas mutuas e rancorosas.

Os tiros que se respondiam por traz de cada tronco não toraram mais. O grosso dos combatentes, porém, ficou expectador do embate dos dois grupos que dele haviam se destacado para o corpo a corpo. Entre os que se encontraram, houve logo quebra intempestiva de galhos, estilhar de coronhas e relâmpagos de facas. O cenário da selva era bem adequado à façanha da caterva de bandoleiros; o teatro selvagem requeria esses atores selvagens. O espetáculo, fora a mecânica de Winchester, reproduzia iniciações humanas do período quaternário [...] (Ibid, p. 314).

Quando o boliviano, premido por um torcilhão mais caloroso, se ajoelhou ofegante, o Pinga-fogo com as unhas das mãos entupia-lhes as órbitas e garrotava-o. À evidente demonstração de triunfo do “cearense” sobre os músculos do emulo valoroso, os brasileiros investiram contra o rancho dos adversários; e, tendo-o dispersado a descarga em salva, acoroçoados, foram ultimar a derrota do caucheiro. O Pinga-fogo, afastando os facões enristados, que se preparavam a sarjar e mutilar o vencido, reclamou um bocado de cipós. Ataram o boliviano ao longo do pau, que lhe serviu de encosto, e que tornava portátil, imobilizando-o. O herói da jornada apoiou o pé, com desassombro, no peito cabeludo de D. Castañeda para concertar a alpercata e aguardar as decisões de vindita do Baraúna, senhor de braço e cutelo ... Este, bravatendo, urrava insolências ao “gringo” e jorrava louvores ao “camarada”:
 ___”Cabra destorcido e bonzão! ...”

Colocado o marco no ponto e na feição que o agrimensur instruíra, o patrão seringueiro determinou que transportassem o “cevado” para cima do sinal demarcador; e, enquanto apoleavam o preso, falou o despiadado em exemplo, em propriedade, em justiça, em respeito, no calão furioso de capitão de mato iniquo, prepotente e palreiro. Sem pestanejar, o Seraphim Baraúna fez um gesto elucitativo, horizontal, á altura dos próprios ombros. O discurso tornou-se facilmente inteligível com a indicação sumária. Pinga-fogo, que dobrara a espinha férrea do estrangeiro e o fizera espojar-se vencido no solo que contestara, ia ter as honras da imolação, realizando-a com toda arte e o apuro indizível de um profissional da degola. ___ É de louro-aritú, mas vai ficar lourosa! Exclamou em galhofa o verdugo, pronunciante do holocausto, alisando com os dedos a madeira do marco.

O prisioneiro, peiado de pés e mãos, foi arrastado para o poste oficial da demarcação. Sobre o topo esquadriado abriram-lhe o pescoço, de carótida a carótida. O sangue bofando das artérias irrigou o toro, n’um duplo esguicho quente e vermelho. O caule maldito da laurantacia, talhado na sua forma regulamentar do prisma e orientado para um norte duvidoso, ficaria intangível. Restos de esqueleto e um fantasma, no patíbulo, haviam de reforçar a guarda à inviolabilidade da planta de sangue e de martírio, que o alemão deixou de catalogar (Ibid., pp. 317 - 319).

A barbárie da cena revela o quanto foi conflituoso e sangrento a criação do estado do Acre e o reconhecimento das fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru. Esse conto, nesse sentido, dialoga com os ensaios de Euclides da Cunha, “*Contrastes e Confrontos*”, ao denunciar os conflitos sangrentos numa região que necessitava urgentemente de reconhecimento e acordos por parte das autoridades desses três países.

Essa narrativa também dialoga com o conto “A teima da vida”, de *Inferno Verde*, em que um caucheiro peruano desejava derrubar árvores de caucho na propriedade de um fazendeiro brasileiro no Brasil. Porém, naquele conto, não tendo havido acordo entre o fazendeiro brasileiro e o caucheiro peruano, não houve conflito.

O boliviano empalhado no tronco da fronteira é um marco não apenas dos limites territoriais entre os dois países, mas a confirmação da exigência de reconhecimento do Tratado de Petrópolis de 1904 que deveria ser respeitado. A morte bárbara do boliviano caucheiro é o marco do sistema cruel e tenebroso imposto naquela região para quem desrespeitasse os limites de fronteiras. O conto de forma emblemática revela a importância que os sertanejos do Ceará, como verdadeiros soldados brasileiros, tiveram na formação e reconhecimento do estado do Acre, ao lutar bravamente por aquela região que passou a pertencer ao Brasil a partir de 1904.

O conto “Os inimigos” segue a mesma linha de conflitos brutais na região do Alto Amazonas. Nesse texto temos o conflito entre dois grandes proprietários de terra de cacau e seringais que travam uma guerra por inclinações partidárias no período das eleições. A votação acontece na região do Pau d’Arco, na fazenda do Tenente Coronel Calixto, seringueiro piauiense, homem bravo e admirado na região. Este preparou todas as situações favoráveis para seu partido vencer, porém no dia da votação apareceu repentinamente seu oponente Andrade, com uma multidão de homens para votar no partido oposto. Andrade era uma espécie de curandeiro da região do Rosarino e também proprietário de terras de cacau e seringais e muito admirado na região. No decorrer da votação foram percebidas as manobras políticas e as discussões foram acirradas, porém ainda assim o partido do Tenente Coronel Calixto venceu a eleição. Alguns meses mais tarde, a fazenda do Tenente Coronel Calixto é incendiada e seu filho morre no incêndio. O curandeiro Andrade é convidado a aparecer na casa de Calixto que já estava moribundo, e Andrade não assume a autoria do incêndio na fazenda de seu adversário.

O conto é marcado pelas manobras políticas existentes num sistema de votação fragilizado pela ausência do Estado e corrompido e controlado por uma forte estrutura de grandes fazendeiros e políticos da região:

[...] É que o assoberbava a multiplicidade dos cuidados, para que nada faltasse ao primeiro ato público da comédia constitucional, representada, à mesma hora, no Brasil [...]

[...] Era só para felizes, comissionados do Governo o que d'antes servia a todos. Os currais dos protegidos esvaziavam os tabuleiros defesos da pobreza. Aquela bandeirinha, com que se balizava a autoridade dos investidos da fiscalização, era um simulacro de conservação do Estado da preciosa fauna [...] (Ibid., pp. 322 - 324).

O conto marca, além do processo de votação de cabresto e as manobras políticas, a tensão entre dois homens bravos e de grande prestígio na região. A ideia de vingança está presente no conto como forma de resolução de problemas que jamais seriam resolvidos pelas vias legais. A ideia da força e autoridade de um fazendeiro em determinada região é transpassada para os setores da política como forma de determinar quem vai exercer o papel político na região. Em uma região onde o Estado era praticamente inexistente, o poder dos senhores de seringais e cacauais desempenhava o papel do controle da região ao seu modo bruto que se entendia para a esfera pública.

É importante lembrar que em 1913, ano de publicação de *Sombras n'água*, a Amazônia já estava entrando em decadência econômica, pois a borracha da Ásia já havia superado a brasileira. Porém, é notável que o tempo das histórias dos contos trata da era farta da borracha. O conto “Os inimigos”, por exemplo, é do início do século XX, quando as autoridades brasileiras e bolivianas estavam se empenhando em acabar com os conflitos sangrentos na região do Alto Amazonas que só se cessaram anos após o reconhecimento do estado do Acre ao Brasil em 1904.

Assim, Alberto Rangel em *Sombras N'água* dá continuidade ao projeto iniciado em *Inferno Verde* ao denunciar a Amazônia desconhecida no país com todos os seus recursos e problemas. Os contos das duas obras revelam uma região desconhecida, em que os latifundiários e donos de seringais exploram os sertanejos num sistema de trabalho análogo à escravidão, onde o Estado não se fazia presente. Os conflitos sangrentos nas fronteiras do Brasil com a Bolívia e Peru, que se iniciaram no século XIX e prosseguiram até os anos iniciais do século XX, em disputa por uma região rica em recursos naturais, são fatos históricos da região da Amazônia que se tornaram não apenas pano de fundo da ficção de Alberto Rangel, mas temas principais revelando a riqueza da região, sua potencialidade e paradoxalmente a pobreza de quem nela vivia.

2.4 - O conto Amazônico de Alberto Rangel - intersecções com a prosa de 1930

Tanto em *Inferno Verde*, como em *Sobras n'água*, temos um narrador externo à história²⁰, em terceira pessoa que narra os acontecimentos onde os personagens são envolvidos pela voragem da natureza. Ele desempenha a função de conduzir as histórias, os entrecos e tramas existentes nelas e os pensamentos e angústias dos personagens. Tipicamente realista, o narrador nos leva a conhecer a vida trágica dos personagens que povoam a jovem terra amazônica. O narrador conduz o leitor a ter o conhecimento da natureza que age diretamente na vida dos personagens, o que a torna não só cenário das histórias, mas também, senão, personagem principal, basta citar contos como “O Tapará”, em que a natureza exerce o poder de ditar o ritmo de vida dos caboclos. Essa característica é a chave de compreensão ao projeto realizado por Alberto Rangel em denunciar o Brasil desconhecido até então, dando sequência ao projeto iniciado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. É nesse ponto que o narrador dos contos de Alberto Rangel se aproxima da proposta empregada nas narrativas da década de 1930, ao expor os personagens com seus dramas e conflitos frente aos problemas do meio. Os personagens desses contos seguem a técnica empregada pelo Realismo no encontro entre Ficção e História, ao revelar um Brasil real e desconhecido, se aproximando da proposta dos escritores do romance de 1930 ao denunciar o atraso do país. Os personagens dessas narrativas vivem o drama do homem em conflito com o mundo onde as marcas verbais e expressionistas denotam uma natureza bruta e um sistema de trabalho perverso em que incide a ideia da exploração do homem pelo homem, num modo de trabalho predatório.

Como bem apontou Alfredo Bosi em *O conto brasileiro contemporâneo* (1997), ao analisar a evolução do conto brasileiro, a prosa ficcional do regionalismo do Nordeste revelou os reais problemas do Brasil. O trabalho de Alberto Rangel antecipou essa proposta dando continuidade à prosa de Euclides da Cunha ao tratamento dado ao sertanejo no semiárido e que, em razão do flagelo da seca, migra para a Amazônia:

O regionalismo do Nordeste é, em geral, lúcido, e crítico, mesmo quando se enreda em estruturas, memórias nostálgicas (caso de Menino de Engenho, de José Lins do Rego), ou explora os círculos do inferno subjetivo, como no Graciliano de Angústia. É um “regionalismo” voltado para a cultura dominante com a qual quer dialogar em gritos ou em discurso, ora evocando em surdina um passado em destroço (*Fogo morto*), ora falando do presente com a voz cortada e rouca do protesto (*Vidas secas*) (BOSI, 1997, p. 12).

²⁰ GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Vega, [197?].

Para Antonio Candido (1975), entre 1900 e 1922, a literatura brasileira passou por uma fase pós-romântica, cuja característica marcante é a presença do regionalismo, em que o conto sertanejo ganhou espaço:

Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. (CANDIDO, 1975, p. 113).

Alberto se revela como um escritor rebelde ao tentar se libertar da proposta romântica ao investir num projeto próximo ao de Euclides da Cunha, demonstrando a necessidade de conhecimento e estudos do Brasil num todo, pondo as massas e o homem pobre e comum como protagonistas das narrativas. Nessa tarefa, Alberto Rangel se destaca ao descortinar um momento importante não apenas da história da Amazônia, mas de um ciclo econômico do Brasil que foi de fundamental importância para o país.

Os personagens de *Inferno Verde* e *Sombras n'água* são atores que figuram como personagens principais e seus dramas aparecem estampados nas vitrines dessas páginas. Seus personagens são a representação de uma enorme massa humana que sofria o flagelo da seca e encontrava na Amazônia o sonho de ganhar muito dinheiro.

Nos textos de Alberto Rangel também são revelados alguns sertanejos que migraram para a Amazônia e prosperaram a ponto de se tornarem donos de barracão, porém davam continuidade ao sistema bruto de trabalho e exploração aos seus conterrâneos. O caboclo - mistura de várias tribos indígenas com o homem branco - também figura como personagem principal e como o homem que melhor se adaptou à selva. Este vive sob as forças da natureza e dela tira, de forma racional, o seu alimento sem destruí-la, seguindo o ritmo da natureza.

Outro ponto explorado por Alberto Rangel nesses contos é a relação tempo e espaço. Nesse ponto é importante se apropriar do que o teórico russo Mikhail Bakhtin denomina como cronotopo. De acordo com Bakhtin, em *Questões de Literatura e de Estética* (1988), o termo cronotopo exerce a função da interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas pela literatura. Mediante o emprego desse termo, o teórico russo procura expressar a indissolubilidade do espaço e do tempo. No cronotopo artístico-literário, entendido como uma categoria conteudístico-formal, ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto:

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 1988, p. 211).

Seguindo os pressupostos do teórico russo, pode se entender que o cronotopo é a chave de entendimento da organização dessas narrativas. Assim, em *Inferno Verde* já encontramos aspectos estéticos que afirmam essa obra como moderna ao fundir tempo histórico com a geografia espacial da Amazônia, na linha de *Os Sertões*, ao denunciar o momento de progresso econômico no Norte, em razão da extração do látex da borracha, contrastando com o atraso das populações que ali viviam ou migraram. Júlio Cortázar, ao tratar os aspectos do conto também aborda a relação espaço tempo como fundamentais na compreensão do conto. Para Cortázar, “O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa abertura a que referia antes” (CORTÁZAR, 1993, p.152).

O tempo ficcional dos contos de Alberto Rangel está marcado pelo tempo da natureza, envolvido pelo espaço da imensa floresta. Ainda que o trabalho da extração da *Hevea brasiliensis* esteja ligado ao capitalismo, o tempo do trabalho não segue a lógica do tempo cronológico do capitalismo urbano. O seringueiro trabalha desde cedo até o meio dia e depois “descansa” o resto do dia. Outro aspecto relacionado entre tempo e natureza é o fato da extração do látex só ocorrer no período da estiagem; na época das águas, intensas chuvas, o trabalho da extração é interrompido. Em alguns seringais, nesse período os extratores eram destinados ao corte de árvores para a fornalha dos vapores, como se vê no romance *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo. Assim, de acordo com os pressupostos de Bakhtin, podemos entender que o homem na imensa floresta é regido sob as forças da natureza, tanto sob os efeitos do tempo natural, quanto ao espaço, e sob este último, o homem ainda é sufocado pelas forças telúricas.

Sobre essa característica, Alberto Rangel alcançou excelência ao trabalhar tempo da natureza e espaço sufocante, sob os efeitos do determinismo do Naturalismo, ao produzir textos híbridos entre a narração dos fatos e a exposição da selva como cenário, palco e “personagem” principal das histórias. Isso nos remete novamente aos conceitos do teórico russo ao tratar do texto híbrido romanescos entre a expressão verbal e visual:

O híbrido romanescos é um sistema de fusão de línguas literariamente organizado, um sistema que tem por objetivo esclarecer uma linguagem com a ajuda de uma outra, plasmar uma imagem viva de uma outra linguagem. (BAKHTIN, 1988, p. 159).

Uma das características dos contos de Alberto Rangel está justamente na força que traz na expressão de sua linguagem verbal e visual. Estas ao se misturarem causam maior impacto na narrativa, o que contribui para melhor expressar a voragem da selva sobre o homem, como vemos nos contos “Terras caídas”, “Os inimigos”, “Inferno Verde”, “O Marco de sangue”, “Maibi” e “O Tapará”.

Outra característica marcante nos contos de Alberto Rangel é a multiplicidade de vozes. Por meio das vozes desses personagens ou pela narração do narrador em terceira pessoa temos a expressão do pensamento de cada um dos personagens. Em suas vozes ficam explícitas as marcas de seus pensamentos e formações ideológicas. Os pressupostos de Bakhtin (2010), sobre polifonia no romance polifônico são de grande valia para a compreensão da multiplicidade de vozes, visto que “o romance polifônico é inteiramente dialógico. As relações dialógicas se estabelecem entre todos os elementos estruturais do romance, isto é, eles se opõem e se relacionam entre si” (BAKHTIN, 2010, p. 47). Roland Barthes (1999) também considera o texto literário como uma trança, um tecido repleto de vozes em seu livro *S/Z*, e esse seu pressuposto se aproxima ao de Bakhtin quanto à polifonia²¹. Nesse sentido, os contos de Alberto Rangel exploram a diversidade de vozes e visões de mundo expressos nos mais diversos personagens que compõem a Amazônia: o caboclo, o seringueiro, o expedicionário, o latifundiário, o patrão - dono do barracão, o caucheiro, etc. Cada personagem expressa sua perspectiva de mundo sobre a imensa floresta a partir da compreensão que faz dela. Para o caboclo, a Amazônia é o espaço do deslumbre e assombramento que ora encanta, ora devasta; para o cearense - seringueiro - no primeiro momento, a Amazônia é o espaço da conquista de dinheiro e enriquecimento, já no segundo é do sofrimento e degradação; para o latifundiário é o espaço das riquezas e domínio da região pela força; para o forasteiro expedicionário é o espaço da aventura, conhecimento e do choque à imensidão e bravura da floresta; para o dono do barracão é o espaço das fortunas e manutenção do sistema bruto de trabalho e sobrevivência; para o caucheiro é o espaço da riqueza e devastação da floresta. São essas diferentes perspectivas de mundo que compõem e expressam de forma plural a Amazônia que não é única. A partir do recurso da polifonia,

²¹ Roland Barthes (1999) também trata de textos polifônicos em narrativas marcadas pela diversidade de vozes e de perspectivas e essa é uma característica presente nos contos de Alberto Rangel. Resta dizer que o conceito de polifonia resgata outro conceito desse mesmo autor, o dialogismo, visto que todo o romance polifônico é inteiramente dialógico. A polifonia e o dialogismo são aspectos que se encontram interligados e conduzem as personagens ao conflito de vozes e a irredutibilidade de posições. Para Bakhtin, as relações dialógicas se estabelecem entre todos os elementos estruturais do romance, isto é, eles se opõem entre si, como um contraponto (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Alberto Rangel conseguiu trazer aos olhos do leitor, desconhecedor da Amazônia, por meio de discursos e perspectivas, a pluralidade de habitantes que compõem a Amazônia, cada um com seu modo de vida, perspectiva e interesse.

Se inclinando para a vertente realista, Alberto Rangel conseguiu tornar a selva amazônica palco do conflito dramático entre o ser nativo, caboclo, com o intruso, o seringueiro, “cearense”. A Amazônia quando se torna personagem principal é ora vítima dos desbravadores com suas machadinhas, num intenso processo de destruição, ora agressora ao destruir regiões inteiras com a bravura dos rios como se vê em “Terras Caídas”, ou com as doenças que levam os forasteiros à loucura e morte como acontece em “Os Satyros” e “Inferno Verde”.

A Amazônia de Alberto Rangel se aproxima à descrita por Euclides da Cunha em seus vários textos sobre a Hileia, como um espaço impenetrável ao *Paraíso perdido*, de Milton, “um paraíso que se esconde em si mesmo”, havendo a necessidade de um longo tempo de pesquisas e explorações nas mais diversas áreas. Por isso mesmo, para Euclides, a Amazônia seria o Gênesis, onde a natureza ainda virgem precisava ser desvendada e escrita. Nesse sentido, Alberto Rangel desconstrói a ideia de eldorado amazônico ao denunciar a atroz realidade enfrentada pelos homens que na selva viviam, sejam seringueiros, cearenses, extrativistas, europeus, índios, caboclos, exploradores, etc.

O caboclo emerge nesses contos como protagonista nas duas obras; é a natureza em surgimento e ele aparece como expressão literária, contudo abalado com a voragem da selva. O caboclo é desenhado como o ser natural e criado pela Amazônia, porém com um virtual fim triste, ocasionado pela invasão predatória do sertanejo na ganância de ganhar muito dinheiro, como vemos no conto “O Tapará”. Como ser natural e tendo a vida regida pelo dever da natureza, o caboclo, exímio conhecedor de sua terra e seu movimento, era ao mesmo tempo fraco frente às forças do sertanejo bem armado com a machadinha, e estava predestinado a ser surrupiado em sua própria terra. O mesmo pensamento é compartilhado por Euclides da Cunha, ao eleger o caboclo como ser forte ao conseguir sobreviver na jovem terra amazônica, porém estava predestinado a ser exterminado pelas forças da “modernidade”, tendo o seringueiro como algoz que, aos poucos e com muita dificuldade, ia se adaptando ao ambiente da Hileia. Os personagens nos dois textos têm final inglorioso, pois fica clara a ideia de que a natureza brutaliza o homem, a ponto de destruir não só a selva, mas também a sua espécie num processo predatório e ganancioso.

O seringueiro, sofredor do flagelo da seca, recebe a dupla face ao protagonizar ora o patrão, que dá sequência a um sistema bruto de trabalho aos seus conterrâneos, próximo ao

da escravidão; ora como vítima da dureza da seca do semiárido, das doenças da mata úmida e, por fim, da exploração dos seus conterrâneos que se tornaram patrões. Alberto Rangel não escondeu o duplo caráter do sertanejo ao se transformar em seringueiro, explorado, ou como patrão, explorador. Sua bipolaridade de caráter se manifesta tanto na fraqueza, como se vê no conto “Os Satyros”, ou na brutalidade, como se vê no Tenente-Coronel Calixto - “Os inimigos” - e Coronel Seraphim Baraúna - “O Marco de Sangue” -, em que a força do patrão é inabalável, determinando a ordem estabelecida na região.

Assim, Alberto Rangel inova na literatura brasileira antes mesmo dos escritores de 1922 e dos de 1930 ao colocar em cena o sertanejo, ora oprimido pelas forças da natureza, seja no semiárido ou na mata úmida, ora explorado pelos donos de seringais, ora explorador ao se tornar dono de barracão e dar continuidade ao sistema de “trabalho” como exploração.

2.5 - A crítica pós-publicação

A crítica à obra de Alberto Rangel ainda não conseguiu encontrar o verdadeiro lugar desse escritor nos escritos da ficção e prosa brasileira. Como já apontei no início desse capítulo, antes mesmo do surgimento do primeiro texto de Alberto Rangel, já havia uma crítica favorável quanto ao recebimento de *Inferno Verde* encabeçada por Euclides da Cunha e seus pares.

Euclides da Cunha é o primeiro crítico desse escritor a apontar o impacto que a obra de Alberto Rangel causaria na crítica sulista que representava a intelectualidade brasileira. Pela leitura das correspondências de Euclides da Cunha sobre *Inferno Verde*, percebe-se claramente o choque que o livro desse escritor causou no meio literário ao romper com uma literatura que ainda estava marcada pelo Romantismo. Nas cartas e no “Preâmbulo”, Euclides da Cunha anuncia um iniciante escritor que se aventurava enfrentar o forte escudo da crítica literária do Sul, ao descortinar uma região pouco conhecida e descrita com seus problemas, cultura e povos que lá viviam ou para lá migravam. O choque entre o homem e a natureza, e do homem consigo mesmo também foram bem explorados pelo autor de *Inferno Verde* ao retratar uma região rica que aguçava a cobiça de todos que para lá seguiam.

Araripe Junior (1970, p. 253), em sua crítica a *Inferno Verde*, exalta a inovação no estilo empregado por Alberto Rangel ao trazer os falares populares substituindo os livrescos. A obra estaria revestida de um calor vigorante do homem e da região, onde este estaria submetido às forças telúricas que o sufocavam.

A crítica de Monteiro Lobato (TIN, 2007), em sua carta sobre *Sombras n'água* dá sequência às ideias apontadas por Euclides da Cunha sobre o estranhamento do texto à crítica e leitores do Sul, em razão da linguagem empregada e do total desconhecimento da região amazônica. A crítica do autor de *Urupês* recai sobre a necessidade de estudos sobre a região Norte, pois o que causaria estranhamento ao leitor do Sul não era apenas o texto em si, mas também a região com seu determinismo a quem nela vivia. Para Monteiro Lobato, Aberto Rangel inovou ao conseguir empregar em seu texto a linguagem viva, cultura e drama dos sertanejos que para aquela região migravam. Sua denúncia é uma chamada de atenção à crítica brasileira que necessitava expandir seu campo de visão para toda a produção bibliográfica e ficcional produzida no imenso Brasil.

Segundo José Severino de Rezende, que escrevia na revista *Mecure de France*, em 1929, afirmou que as obras de Alberto Rangel e Gastão Cruls já estavam fazendo sucesso na França, pelo tratamento que esses autores davam à Amazônia, assunto esse que causava interesse aos franceses. (REZENDE, 1929, apud LIMA JUNIOR, 2002, p. 147)²².

Djalma Batista, renomado estudioso da Amazônia, em seu clássico texto *Letras da Amazônia* (2006), faz uma incursão pelos textos que revelaram a Amazônia desde os primeiros cronistas passando pelos exploradores naturalistas, folcloristas até chegar aos reveladores da Amazônia, tendo Euclides da Cunha como principal escritor a abrir caminho para essa região e seus problemas sociais. Para Djalma Batista, “Euclides da Cunha foi quem deu nexos e traçou diretrizes seguras aos estudos amazônicos, depois de realizado essa tarefa em *Os Sertões*” (BATISTA, 2006, p. 22). Euclides, para esse crítico, fixaria em seus textos

²² Vale ressaltar, antes desse artigo ser publicado, em que Severino José Rezende relata que havia ávidos leitores de Alberto Rangel na França, já havia um artigo publicado no *Daly New & Leader* de Londres, em 1913, intitulado “Peor que en el Putumayo - Nuevos horrores del caucho en el Amazonas”, que relatava sobre *Inferno Verde*, pelas letras do cônsul peruano Carlos Reys de Castro que trabalhava em Manaus. Carlos Reys de Castro, como cônsul, agia em favor dos grandes caucheiros da região do Putumayo e Amazônia brasileira, como Julio Cesar Arana, que explorava os trabalhadores. No entanto, em seu livro *Los escândalos del Putumayo*, como forma de desviar essa sua real posição, expressa de forma vaga o que seria os crimes cometidos pelos grandes caucheiros. Nesse trabalho, publicado em Londres, coloca *Inferno Verde* como um texto de ficção e que falseava a verdade, com puros objetivos de comover a opinião pública: “El Infierno Verde - Horrores del “*peonage*” en las lúgubres selva sudamericanas - En el Pará y Manaus - escribe un corresponsal del *Daily News* que há viajado recentemente en el Amazonas hasta la frontera boliviana, - cuando me contraba allí, llamaba mucho la atención un libro escrito por un brasileiro, titulado “El infierno verde”. Llevaba en su carátula la figura simbólica del Amazonas: una índia desnuda, cuyo cuerpo se encuentra cubierto de cortes, de los cuales vierte sua vida para llenar recipientes de hojalata usados por los extractores de goma (1) Se notará que el *peonage* es una palabra un tanto más cortés que la de esclavitud, pero ¿qual es su diferencia para ser encomia? ¿por qué se hace toda esa bulla con respecto al Putumayo? Se me preguntó más de una vez en el Amazonas. “Las cosas no son peores allá que las que encontraría usted en cualquier de los ríos más inaccesibles”. “ *O inferno verde*”, de Alberto Rangel, es un libro de carácter meramente literario, con tendencias e efectistas, y enderezado a impresionar a la opinión pública con la exageración propia de esta clase de trabajos. Tomar al pie de la letra lo que se dice en ese libro equivaldría a considerar como obra de consulta sobre la historia del Perú la novela de Gastón Leroux titulada “*La esposa del sol*” (REY DE CASTRO, Carlos. *Los escândalos del Putumayo*. Barcelona, Imprenta Viuda de Luis Tasso, 1913, pp. 22 - 23).

sobre a Amazônia os contrastes sociais na época da extração do látex da borracha. Na esteira do autor de *Os Sertões* viria uma legião de escritores que souberam fixar os problemas e dramas dos nordestinos que para a Amazônia seguiram. Entre eles estão Alberto Rangel, Alfredo Ladislau e tantos outros que souberam denunciar muito bem aquele sistema de trabalho que degradava e aprisionava o trabalhador.

Para Agripino Grieco, “somente os críticos de estômago fraco” julgariam indigesta a obra de Alberto Rangel. Para esse crítico, seria necessário acostumar-se com a linguagem desse autor (GRIECO, 1948, p. 242). Alberto Rangel contrasta a ideia de paraíso com a de inferno, num trabalho inovador de linguagem, cujo resultado causou espanto à crítica acomodada que desconhecia o Norte do país.

Lúcia Miguel Pereira, analisando o regionalismo brasileiro em *História da Literatura Brasileira: Prosa de ficção, de 1870 a 1920*, publicado em 1950, não poupou esforços em trazer à luz a importância dos escritores que figuraram o regionalismo do Norte do final do século XIX e início do XX. De acordo com essa escritora, Alberto Rangel, assim como Alcides Maya e Roque Calage, para captar as paisagens e costumes do extremo Sul e Norte, estiveram na esteira euclidiana e com objetivos diversos buscaram também o homem e a terra do Brasil. No entanto, esses escritores já apresentavam uma prosa menos objetiva e mais interpretativa:

“A narrativa, forçosamente mais literária, torna-se menos objetiva e mais interpretativa; as personagens já não falam tanto, substituído pela policromia mais brilhante das palavras espocantes dos autores o colorido das locuções dialetais” (PEREIRA, 1973, p. 184).

A obra de Alberto Rangel, para Lúcia Miguel, prescrevia sob o signo do Simbolismo, e o grupo de escritores do regionalismo de Alberto Rangel ainda estava longe de apresentar os caboclos falantes, mesmo quando apareciam um pouco poetizados e vivos (PEREIRA, 1973, p.186). O regionalismo, segundo essa crítica, teria ficado relegado à sublitteratura, e Alcides Maya seria o escritor desse grupo de maior importância.

Em outro trabalho publicado em 1952, *Cinquenta anos de Literatura*, a mesma autora, ao analisar as diferentes formas literárias pela qual passou a literatura do final do século XX até a geração de 1930, novamente coloca Alberto Rangel e Alcides Maia como seguidores da linguagem de *Os Sertões*, porém já os reconhece como fundamentais para o conhecimento do país (PEREIRA, 1952, p. 11).

Peregrino Junior, no intitulado texto “Ciclo nortista”, ao tratar da literatura amazonense em *A literatura no Brasil* (2002), de Afrânio Coutinho, aponta como elementos

altos na obra de Alberto Rangel o “estilo torturado, a descrição da terra e do homem num certo tom grave e triste de espanto, de exaltação e de perplexidade” (PEREGRINO JUNIOR, In: COUTINHO, 2002, p. 243). Peregrino Junior traça o caminho da produção ficcional sobre a Amazônia do Naturalismo até o pós-modernismo, apontando as obras dos autores mais representativos. Alberto Rangel aparece nesse grupo sob o signo de continuador da obra de Euclides da Cunha:

Seguindo a esteira do autor de *Os sertões* e repetindo-lhe os cacoetes literários - o estilo retorcido, sonoro e difícil, - surgem então Alberto Rangel, Carlos Vasconcelos, Raimundo Moraes, Alfredo Ladislau... Só se sabia escrever sobre a Amazônia em tom maior: grandiloquente, enfático declamatório (Ibid., p. 245).

Reafirmando o valor da obra de Alberto Rangel, para Peregrino Junior, os contos de *Inferno Verde* teriam marcado uma época e aberto o caminho para uma literatura sobre a Amazônia:

Este escritor foi, depois de longo hiato de silêncio literário, quem restaurou, no plano da ficção, o interesse pelos temas amazônicos. Descreve Alberto Rangel (1871 - 1945), em estilo rígido, inquieto e castigado, o pungente realismo do *Inferno Verde* (1908). Algumas de suas páginas são fortes e poderosas, embora muitas delas se percam no puro jogo verbal do seu estilo peculiaríssimo. *Inferno Verde* marcou uma época. “O tapará”, a “Terra Caída”, “O Maibi” foram largamente imitados, com o seu estilo emaranhado, telúrico e opulento. Território que não concebe intimidade a ninguém, natureza misteriosa e sombria – selva poderosa, cheia de segredos e assombrações, - a Amazônia passou a ser o tema do lirismo brasileiro ... (Ibid, p. 245).

Assim como Euclides influenciou Alberto Rangel, este teria influenciado uma legião de escritores empenhados em descortinar o desconhecimento sobre a Amazônia, ao produzir uma literatura regionalista sobre a vastidão dessa floresta e a pluralidade de temas que nela se encontra.

Fernando Góes em *Maravilhas do conto brasileiro* (1958) aponta as páginas de *Inferno Verde* como reveladoras ao retratar uma época em que o ambiente da selva e a rudeza do homem impressionaram a sensibilidade do autor quando estava na Amazônia. Sua obra, ao dar um tratamento especial à Amazônia, teria feito época e Alberto Rangel ocasionalmente teria aberto o caminho para uma literatura que tratava da Amazônia misteriosa e do homem pouco conhecido daquela região:

Essas cenas e cenários do Amazonas fizeram época, lançaram várias edições, tiveram imitadores sem conta. E, sobretudo, trouxe de novo e por algum tempo, o interesse e a paixão pela natureza misteriosa e o homem tão pouco conhecido da selva. Acrescente-se que o livro é escrito num estilo grandiloquente, o vocabulário é peculiar e a sintaxe torcida como gigantesco da mata terrível, palco de todas essas histórias rudes (GÓES, 1958, p. 142).

Péricles Moraes, em *Os intérpretes da Amazônia* (1959), publicado em 1935 dá sequência à ideia de Alberto Rangel ser um seguidor do estilo de Euclides da Cunha. A análise desse crítico à obra de Alberto Rangel nos chama a atenção por destoar da crítica que até aquele momento elogiava *Inferno Verde*, ao apontar os problemas de estilo e “falseamento” quanto ao tratamento dado à Amazônia e ao homem que nela vivia. Para esse crítico, a Amazônia descrita por Rangel apresentava defeitos estilísticos e o autor não aprofundou na fisiografia a crueldade sofrida pelo homem amazônico:

Já o Sr. Alberto Rangel, escrevendo num estilo rígido, inquieto e castigado, onde se encontram, não raro, os relevos violentos e as descargas nervosas do estilo de Euclides, sem medir as perspectivas cheias de sedução e de perigos que se abriam diante de sua imaginação, viu a Amazônia de outro modo. Sem procurar, como o seu êmulo, penetrar-lhe a fundo a estrutura fisiográfica, preferiu descortina-la nos seus aspectos trepidantes, fixando-os num livro de pungente realismo - o *Inferno Verde*, onde o homem amazônico, submetido à crueldade do próprio destino, e a terra fantástica, nos seus painéis alucinatórios, são vistos através da idealização excitada de um rebelado temperamento de escritor (MORAES, 1959, pp. 17 - 18).

Para Péricles Moraes, Alberto Rangel não conseguiu ver a “Amazônia e interpretá-la sob a ótica de uma imaginação criadora, que traduzisse a epopeia do homem na luta angustiada e tenaz contra os imprevistos da natureza, desafiando a agressividade dos elementos físicos que o circundavam” (Ibid., p. 18). Para esse crítico, para desvendar a Amazônia não bastava aparelhamento científico, requeria compreender, assimilar e exprimir a complexidade de sua natureza, e o escritor necessitava ser dotado de um talento verdadeiro para só assim conseguir exprimir os efeitos dos seus violentos cenários e o mundo de ideias secretas que a vertigem de suas águas e assombramento da floresta despertava na imaginação.

Segundo esse crítico, Alberto Rangel em seu texto estaria criando uma Amazônia falsa a partir da leitura de outros escritores:

Eriçada de impropriedades, tumultuária de lances enfáticos, desbordante de imagens excessivas e incoerentes, congestionada de narrações prosaicas e de aflitiva monotonia, que lhe acusam a erudição superficial e discursiva, a obra ressentida-se, desde logo, das fraquezas e debilidades do escritor, apresentando uma Amazônia absurda, falsa e mistificada, erigida sob os auspícios da observação de outros escritores e, por conseguinte, sem cunho da visada pessoal, que imprimiria, pelo menos, o caráter de autenticidade a certas invenções por ventura mais fantasiosa (Ibid., p. 19).

A crítica de Péricles Moraes a Alberto Rangel, como um observador de outros escritores, seria uma alusão de que ele estaria reduzido à sombra de Euclides da Cunha. Inconformado com essa afirmação, de Paris, Alberto Rangel, em carta, respondeu às proposições apontadas pelo crítico amazonense:

A propósito do pouco que se cabe na quota de minha modesta atividade literária e do que é devido ao ingente e inolvidável Euclides, não lhe parece ter havido uma espécie de conspiração para me reduzir a um simples percevejo do lombo euclidiano? O fato do homem de *Os sertões* ter prefaciado o insignificante *Inferno verde*, colocou-me no frontispício a etiqueta de seu imitador. É base, meu prezado confrade, quanto esforço é preciso entre nós para romper a comodidade de certos assertos (sic). Até hoje não surgiu ainda um crítico que ousasse dar-me a parte do que literariamente me pertence (RANGEL, 1959, apud PAIVA, 2011, p. 340).

A crítica de Péricles Moraes à obra de Alberto Rangel não se apresenta como razoável ao trabalho realizado em *Inferno Verde* e *Sombras n'água*. Como bem apontou Euclides da Cunha e Araripe Junior, Alberto Rangel descortinou uma Amazônia desconhecida e uma população renegada e esquecida pelas autoridades, sofrendo ora as agruras das duras secas, ora as péssimas condições de vida insalubre e exploração de trabalho na Amazônia. A brutalidade do sistema de trabalho aplicado aos seringueiros e a voragem da selva são pontos trabalhados por Alberto Rangel que efetivamente desconstruíram a ideia da Amazônia edênica ao apresentar uma outra floresta com suas antilogias entre a riqueza natural e a exploração da pobreza.

Opinião próxima à de Péricles Moraes, Nelson Werneck Sodré, em *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos* (1969), ao traçar uma síntese da literatura regionalista no Brasil, aponta que em Alberto Rangel encontraríamos as deformações do regionalismo e o descompasso entre a realidade e o texto:

As deformações do regionalismo, raiando a própria corrupção do gênero, surgiram particularmente com o ardente verbalismo com que Alberto Rangel tentaria seguir o exemplo de Euclides da Cunha, ao pintar a violência da natureza Amazônica em *Inferno Verde* (1908). Com ele, estamos nos limites da literatura, quase marginais, tal o descompasso entre a realidade e o texto, tal o artifício que afugenta o leitor, tira-lhe toda e qualquer possibilidade de conhecer a região pelo depoimento (SODRÉ, 1969, pp. 415 - 416).

A reflexão de Nelson Sodré não é apropriada para a proposta de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, visto que o crítico desconsidera a proposta inovadora do autor de *Os Sertões* e seguida por Alberto Rangel ao expor o sertanejo como protagonista, seja no sertão árido ou na voragem da selva Amazônica. Outro ponto desconsiderado por Sodré foi a proposta desses dois escritores em focar regiões desconhecidas e abandonadas pelas autoridades, colocando as massas com seus problemas em primeiro plano.

Na mesma linha dos críticos que apontaram Euclides da Cunha e Alberto Rangel por terem aberto o caminho para a literatura sobre a Amazônia, Álvaro Lins reforça essa ideia ao afirmar que o autor de *Inferno Verde* trouxe não apenas a Amazônia setentrional para as páginas dessa obra, mas todo o Brasil. O trabalho de linguagem verbal incompreendido por alguns críticos não tiraria o brilho da obra:

A Amazônia, que observou profundamente, inspirou-lhe uma das mais notáveis das suas produções - *Inferno Verde*, contos, com prefácio por Euclides da Cunha - e muitas outras páginas de livros seus. Não somente aquela parte setentrional do nosso país está presente nos escritos de Alberto Rangel: o Brasil, de modo geral, espelha-se em quase toda a obra desse pesquisador infatigável, que, entretanto, passou longos anos fora daqui, na Europa, no desempenho de funções diplomáticas. Tal como tem acontecido a outros da terra de origem, da sua história, de suas tradições, de seus costumes. O luxo verbal, por vezes excessivo, e um retorcimento de estilo aqui e ali de mau gosto, não tiraram a Alberto Rangel o direito a ser considerado um prosador importante nas letras do seu país (LINS, 1966, p. 344).

Para Álvaro Lins, o trabalho de linguagem explorado por Alberto Rangel daria sequência ao projeto de linguagem do homem do Norte iniciado por Euclides da Cunha, e isso não diminuiria a obra de Alberto Rangel, ao contrário, seria um texto a abrir horizontes da prosa sobre o Norte, contrariando os apontamentos feitos por Péricles Moraes.

Alfredo Bosi, em seu clássico texto *História concisa da literatura brasileira* (2006), dedica apenas algumas poucas palavras para o autor de *Inferno Verde* e coloca-o ao lado de Carlos Vasconcelos “como um escritor das coisas amazônicas, para avaliar a força de sugestão do seu estilo”. Sua estética e ideologia seria, para Alfredo Bosi, uma extensão do trabalho já realizado por Euclides da Cunha (BOSI, 2006, p. 312).

O crítico Hélio Vianna, sobre o centenário do nascimento de Alberto Rangel, publicou na revista do IGHB uma excelente biografia desse escritor, em que aponta e delinea o valor de *Inferno Verde* como livro que assegurou a notoriedade de Alberto Rangel como escritor:

Livro que lhe assegurou permanente notoriedade literária, inclusive pelas refutações provocadas pelo título e conteúdo pessimistas. Além das referências ao estilo próprio, que os superficiais consideram, erroneamente, imitado de Euclides. Pois, embora posterior aos Sertões, anterior aos estudos amazônicos deste. (VIANNA, 1972, p. 239).

Mário Ypiranga Monteiro, em *Fatos da literatura amazonense* (1976), chama a atenção dos prosadores que escreveram sobre a Amazônia em não terem lido Alberto Rangel ou não terem assimilado seu caráter nacional:

Cumpre dizer que muitos escritores de contos e romances amazônicos jamais leram Alberto Rangel! E muitos dos que o leram não assimilaram o conteúdo nacional do seu livro fragmentado em espaços textuais todos eles atribuídos de uma realia [sic] simpática e cativante pela sutileza com que deflagra a verrina contra os maldizentes da terra e do homem dono da terra. Certa gente não concebeu que a legenda “Inferno verde” possui sentido completamente alheio à superfície das palavras, um sentido subjacente a elas e que aponta não para a paisagem edênica que ele decantou mas para o desamor do homem arrivista que o converteu em inferno pela depredação do horto acolhedor e pelo sangue derramado no chão dadivoso. Aí vê-se também o tema adâmico fazendo concorrência ao tema caínico (MONTEIRO, 1976, pp. 79 - 80).

No capítulo intitulado “Edenismo e Infernismo”, Mário Ypiranga Monteiro ressaltava alguns aspectos importantes para a compreensão da obra de Alberto Rangel. Esse capítulo pode, até mesmo, ser comparado ao “Preâmbulo” feito por Euclides da Cunha, visto que quase todo ele é dedicado à análise de *Inferno Verde*. Nesse texto o autor identifica a passagem da visão edênica da Amazônia para a dos conflitos econômicos e sociais a partir do *boom* da borracha. Alberto Rangel ganha destaque nesse cenário ao denunciar esse momento em que a noção paradisíaca dá espaço para a violência:

É por isso que Alberto Rangel estigmatizou a terra com o epíteto de “inferno”, e não fez mais do que salientar as diferenças entre uma inefável existência progressiva de aceitação, de abençoada calma e respeito aos valores ético-religiosos e a ulterior disputa frequente, choques de interesses, de resultados sangrentos (Ibid., p.128).

Para esse crítico, o ciclo da borracha assinalaria, com diversos comportamentos humanos, uma nova literatura afastando-se do edenismo e se aproximando do infernismo, ao descortinar a hostilidade e isolamento do homem na floresta:

É uma atmosfera impregnada de desconfiança, de hostilidade ao trabalhador, de escassez de vizinhança, de ablição do ajuri ou putirum como forma de ajuda coletiva (solidariedade comunal), que aos poucos, mas decididamente modifica a face à inevitável despreocupação do homem (Ibid., p.131).

O seringueiro “ilhado no centro”, ausente de vizinhos e contatos permanentes, seria atingido, tanto psicologicamente, quanto fisicamente. Alberto Rangel, assim como Ramaiana de Chevalier, tomou a linha do romance telúrico, sendo que Rangel teria se inclinado para as vias telúricas e deixado de explorar o homem, seguindo a estética científica de Euclides da Cunha, para fazer da Amazônia palco de mistérios e das forças da natureza que atraem e afligem o homem, num trabalho artístico em que se verifica a passagem do científico para o poético:

Alberto Rangel é um pinturista, esmera-se em largas e vivas pinceladas e tem-se a impressão de que a natureza concreta ocupa e preocupa mais o seu retoricismo do que os espaços romanescos. Cada conto é uma gravura. Mas não se pode defender dogmaticamente esse recurso sem a devida cautela, pelo menos não antes de percorrer com ele a teoria de paisagens e a sequência de imagens libertadas com uma intenção transitiva do científico para o poético onde se fixa definitivamente. O modo como ele abre o foco sobre o lago Tapará é universal, não ingênuo: o lago é o olho da terra; em Alberto Rangel parece uma pupila cega, mas é assim mesmo na fenomenologia do especulum. A vivência interior é que opera o milagre fenomenológico. É preciso saber das profundidades, vislumbrar o abismo, obter primeiro o contato físico com o volume de valores hostis ou reconhecer a agressão para reencontrar-se e engrandecer-se na humildade (Ibid., p.138).

Mário Ypiranga Monteiro finaliza sua análise apontando que a obra de Alberto Rangel foi interpretada de forma equivocada pela ingênua crítica brasileira.

O estudioso da Amazônia Márcio Sousa, em sua obra *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo* (1977), ao fazer um compêndio da história da Amazônia em comunhão com a literatura sobre essa região, examina rapidamente os notáveis ficcionistas da Amazônia e suas obras. O curioso é que *Inferno Verde* apenas é referenciado na seção “Na vanguarda da retaguarda”, onde Márcio Sousa faz uma avaliação da produção ficcional da Amazônia após 1912. Porém, na segunda parte da obra - “O Período do Imperialismo”, correspondente de 1880 a 1910, em que trata do auge da extração da borracha e migração nordestina para a Amazônia, Alberto Rangel não figura as páginas dessa seção entre os literatos.

Márcio Sousa, diferentemente dos outros críticos, encontrou na obra de Alberto Rangel apenas “defeitos”. *Inferno Verde*, para esse crítico, seria sem rigor estilístico, com base em preconceitos positivistas e sem licença poética:

Uma voz que não é outra que a de Alberto Rangel no coro dos preconceitos positivistas. Esta prosa formalizada impele a região para os povos ricos e inteligentes, descrevendo uma sentença geopolítica como se fosse licença poética de um ficcionista responsável. O mundo moral da prosa de Rangel é preconceituoso e sem dinâmica, um trágico exercício de condenar a vocação popular da região, uma vocação brasileira (SOUSA, 1977, pp. 192 - 193).

Ligia Chiappini Moraes Leite, no artigo “Velha praga? Regionalismo literário brasileiro”, em *América Latina, palavra, literatura e cultura* (1994), ao fazer um percurso do regionalismo no Brasil e definir os vários momentos em que a ficção regionalista se manifestou nos diferentes lugares do Brasil, aponta a necessidade inegável do reconhecimento de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como chave para o entendimento de vários escritores regionalistas. Para essa crítica, nos textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia como, por exemplo, “Terra sem história”, este escritor teria aprofundado o estudo da criminosa organização de trabalho e do determinismo do meio que sufocava ao homem (LEITE, 1994, p. 681).

A invenção da Amazônia (1994), de Neide Gondim, que se tornou um clássico trabalho sobre os estudos da Amazônia, nos chama a atenção pelo fato de a autora não ter dedicado uma seção à obra de Alberto Rangel. Por outro lado, Neide Gondim dedicou três capítulos a três romances estrangeiros: *Oitocentas léguas pelo rio Amazonas* (1841), de Júlio Verne, *O mundo Perdido* (1912), de Arthur Conan Doyle e *A árvore que chora - o romance da borracha* (1946), de Vicki Baum, sendo que esses três ficcionistas nunca pisaram na Amazônia. Em contrapartida, Euclides da Cunha e Alberto Rangel não figuram como intérpretes imprescindíveis para a compreensão da Amazônia no texto dessa autora.

Os estudos mais recentes tentam resgatar o valor da obra de Alberto Rangel sob novos olhares ao reconhecer o trabalho desse escritor como revelador de uma terra e gente desconhecida com seus problemas.

Ettore Finazzi-Agrò em seu ensaio “Postais do Inferno. O mito do passado e as ruínas do presente em Alberto Rangel”, em *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras* (2002), elege *Inferno Verde* como uma “obra prima”, “onde o autor conseguiu, numa dialética paradoxal, a atualização de um passado mítico num presente em frangalhos, apresentando a Amazônia como uma “terra sem história”, ao fazer da imensa floresta uma metáfora espacial de um tempo *À margem da história*” (FINAZZI-AGRÒ, 2002, p. 222). Outro aspecto levantado por esse crítico é a prosa “desconexa, incoerente e, ao mesmo tempo, redundante, demorada, asfixiante”, que seria uma forma de Alberto Rangel apresentar para seus leitores a Amazônia (Ibid., p. 223). Para Ettore, *Inferno Verde* seria a obra que Euclides da Cunha pretendia talvez escrever sob o título de *À margem da história*. A perspectiva desse crítico segue a mesma de Monteiro Lobato ao apontar que Alberto Rangel revelava para o Brasil uma terra desconhecida:

Rangel, em suma, não nos fala apenas duma “terra sem história” ou de uma história em palimpsesto, mas vai até o fim e o fundo, vai até a fronteira última e primeira do Tempo, em que se mostra só a impossibilidade de toda cronologia, a não ser aquela inscrita no limite ilocável entre vida e morte, entre humano e do desumano, entre o corpo e coisa (Ibid., p. 224).

A terra sem história apontada pelo crítico italiano seria uma referência à Amazônia que necessitava realmente ser descoberta e explorada racionalmente. A crítica de Ettore aponta para um projeto ficcional que engloba não só a selva e o homem, mas também os constantes conflitos de fronteira vividos naquela região.

Francisco Foot Hardman, em um clássico texto sobre a Amazônia, *A vingança da Hiléia* (2009), aponta a presença da escrita híbrida e sintaxe labiríntica de Euclides da Cunha como heranças nos contos de Alberto Rangel:

Fascinado pelo estilo de Rangel, é como se Euclides projetasse, na construção dos contos-crônicas de *Inferno Verde*, algo de sua escrita híbrida, de seu léxico raro e sintaxe labiríntica, vendo ao mesmo tempo, nessa mistura tão finissecular entre a fantasia simbolista e hiper naturalismo expressionista, algo como poderia certamente colher nas páginas de *Os Sertões*, mas que o ficcionista parecia, ao liberar-se, ali, da sanha interpretativa, ir mais longe e solto no desatamento das imagens” (HARDMAN, 2009, p. 41 - 42).

Outro aspecto apontado por esse crítico é a necessidade de se levantar estudos sobre os textos de Alberto Rangel e superar a crítica passadista que coloca esse escritor à

sombra de Euclides da Cunha: “Já é tempo de se reler Alberto Rangel, e superar a crítica corrente que o põs como um mero regionalista discípulo de Euclides” (Ibid., p. 66).

Leopoldo M. Bernucci em um recente texto, *Paraíso Suspeito: a Voragem Amazônica* (2017), ao analisar os pontos de aproximação entre *La Voragine*, de Jose Eustasio Rivera e *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, nos apresenta uma bibliografia crítica fundamental para compreender a voragem da selva amazônica nas obras desses dois autores. Nesse estudo, Bernucci debate os textos de críticos que durante alguns anos se destacaram por estabelecer as intersecções entre os textos desses dois prosadores. O estudo do professor Leopoldo Bernucci, certamente, é mais um trabalho que surgiu na crítica literária brasileira para reafirmar o valor de *Inferno Verde*, tanto no cenário brasileiro como em toda a América Latina.

De fato, Alberto Rangel não figura entre os grandes contistas e raramente aparece nas histórias literárias brasileiras, o que demonstra o desconhecimento de sua obra por parte da crítica brasileira. A outra parcela da crítica que reconhece o trabalho de Alberto Rangel o diminui colocando-o à sombra de Euclides da Cunha, ao dar continuidade ao trabalho do autor de *Os Sertões* em denunciar o Brasil desconhecido, o homem sendo sufocado pelas forças deterministas da natureza e a linguagem científica sob a proposta naturalista. A obra de Alberto Rangel deve ser compreendida sob a ótica de uma proposta inovadora ao denunciar o atraso do país, descortinando para todo o Brasil a região Norte, rica em recursos extrativistas e minerais, porém com uma população miserável e abandonada pelo Estado. Em seus textos a Amazônia aparece na sua pluralidade, com rios bravos que subitamente criavam e recriavam novas paisagens, a selva com animais ferozes, o caboclo isolado na mata e sujeito a desaparecer com o avanço do progresso irracional que destruía a selva. A literatura de Alberto Rangel se destaca também por denunciar a entrada dos seringueiros na selva com puros objetivos capitalistas em extrair o látex e impor um novo modo de vida controlado pelo tempo cronológico da produção, em detrimento ao tempo e vida da natureza do caboclo e do índio.

3 - Euclides da Cunha

3.1 - Entre História e Ficção

Dando continuidade a linha crítica iniciada por Rodolfo Teófilo, Euclides da Cunha²³ ao chegar a Amazônia reitera a substituição da visão edênica e científica, dos naturalistas, pela sociológica, ao imprimir à paisagem amazônica o homem em confronto com a terra e consigo mesmo, numa relação de intriga entre o seringueiro e o seringalista.

Desta nova abordagem sobre a Amazônia, Euclides da Cunha criou uma literatura comprometida em revelar e denunciar para todo o Brasil a enorme massa de nordestinos que deixou o sertão em razão da seca e foi tentar a vida nos sertões alagados da Amazônia. Nesses ensaios Euclides da Cunha configura a luta incansável e solitária do seringueiro - como personagem principal - contra as forças telúricas e de um capitalismo adaptado ao modelo de extração da *Hevea brasiliensis*. O nordestino - expulso do sertão seco - figura como força motriz daquele sistema capitalista de trabalho em condições degradantes. Os outros seres que figuram as páginas desses ensaios são: o seringalista, dono do barracão e dos seringais; o aviador - que vendia insumos, alimentos e outros mantimentos para os seringalistas e seringueiros a um preço muito alto; e, por fim, o agenciador que era funcionário do seringalista e tinha a função de ir ao sertão iludir os sertanejos, em tempos de seca, a ir trabalhar e ganhar fortuna nos seringais amazônicos. A natureza aparece brutalizada com sua voragem ao homem que é degradado ou morto por animais ou doenças.

Segundo Leandro Tocantins, “Euclides da Cunha foi o primeiro intérprete do estado do Acre a reunir as qualidades geniais de escritor, de saberes e de estilos absorventes, e de maior brilho e consagração na inteligência nacional” (TOCANTINS, 1986, p. xiii). Ademais estes ensaios de Euclides da Cunha já traçam estreitas relações com a literatura neo-realista da década de 1930, em que um grande grupo de escritores estava empenhado em denunciar o verdadeiro Brasil. Segundo Nicolau Sevcenko (2003, p. 155), uma das características da literatura de Euclides da Cunha é o realismo intoxicado de historicidade:

Sua crença verdadeiramente animista nas leis imponderáveis da natureza e no seu efeito positivo sobre os homens, somado à sólida erudição científica, o conduzem à realização de um drama em que os personagens são os próprios agentes naturais. É assim que se desenvolve *Os Sertões*, retratando sobretudo um drama mesológico, ou *Amazônia, terra sem história*, em que os envolvimentos e conflitos entre as águas e as terras, a selva e o homem, compõem uma trama heroica complexa. Se o âmago da

²³ Euclides da Cunha partiu do Rio de Janeiro no dia 13 de dezembro de 1904 rumo a Amazônia, como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, chegando a Manaus no dia 30 de dezembro do mesmo ano, ficando lá até o dia 5 de janeiro de 1906, onde realizou incursões de reconhecimento da região do Alto Purus.

literatura reside nas vicissitudes da vontade dos personagens, Euclides adota a natureza e os seus elementos de infinitas disposições e objetivos definidos (SEVCENKO, 2003, p. 156).

Nesse aspecto, Euclides da Cunha se afastou da ficção que envolvia a imaginação de enredos tradicionais. Isso significa reconhecer que o escritor inovou a literatura da região Norte, recorrendo à épica, onde seus personagens heroicos sofrem o drama do enfrentamento da natureza e do homem. Há um esforço de Euclides em tentar expressar suas impressões sobre a Amazônia em arte, pois tinha noção da dificuldade de explicitar a imensidão da Amazônia e seus diversos aspectos. Nesse sentido, Euclides, influenciado pela leitura de *Paraíso perdido*, de John Milton, tinha como intento trabalhar nos futuros ensaios sobre a Amazônia a qualidade épica, em que o seringueiro figurasse como protagonista heroico (GALVÃO, 1997, pp. 268 - 269). Em *Os sertões* Euclides da Cunha elege o sertanejo como o ser valente - heroico - e pretendia dar continuidade com seu heroísmo nos ensaios sobre a Amazônia, como bem apontou Araripe Junior em *Os Sertões*:

E, de fato, ponderando depois, calmamente, o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os Sertões* são um livro admirável, que encontrará muitos poucos, escritos no Brasil, que o emparelhem, - único, no seu gênero, se atende-se a que reúne a uma forma artística superior e original, uma elevação histórico filosófico impressionante e um talento épico-dramático, um gênio trágico como muito dificilmente se nos deparará em outro psicologista nacional (ARARIPE JUNIOR, 1978, p. 220).

Para Nicolau Sevcenko, no final do século XIX e início do XX houve uma mudança nos setores da vida brasileira, sobretudo na literatura que passou a reproduzir os fenômenos históricos insinuando modos originais de observar, compreender, sentir e exprimir. “Os textos artísticos se tornaram termômetros admiráveis da mudança de mentalidade e sensibilidade” (SEVCENKO, 2003, pp. 286 - 287). Para esse crítico, no início do século XX, houve também um empenho de homens das mais diversas áreas que usavam as letras num exercício de ação cívica:

Era em grande parte uma literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social: engenheiros, militares, políticos, diplomatas, publicistas. Nesse meio e sob essa atmosfera, quem quer que se dispusesse a servir às letras era compelido à atuação cívica já pela dupla imposição do tirocínio e da forma (SEVCENKO, 2003, p. 287).

Dentre esses homens se destaca Euclides da Cunha pela sua observação expressionista no empenho de decifrar para o Brasil uma região desconhecida. Para Francisco Foot Hardman (2009, p. 28), textos como de Euclides da Cunha, Ferreira de Castro, Márcio

Souza, Alberto Rangel, Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum, o realismo-naturalismo predomina como chave estética da representação literária da Amazônia no Brasil.

A compreensão de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural, portanto uma possibilidade de registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como espaço de pesquisa. Nesse sentido, no fim do século XIX e início do XX alguns literatos já se colocavam em compromisso com a verdade dos fatos. Leandro Tocantins em seu texto *Amazônia, natureza, homem e tempo* (1982), reconhece os entroncamentos entre História e Literatura: “J. Battista Vico revelou a faculdade artística do historiador, pois ela deve entrelaçar-se “à lógica da representação, da imaginação e da intuição”. Spengler, um filósofo que, de longe, nos parece tão frio e ortodoxo, já proclamava que a História se faz poeticamente (TOCANTINS, 1982, p. xix).

É nesse contexto de uma nova proposta do olhar sobre o objeto e a paisagem que devemos entender os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Alguns deles nos convidam a entrar na discussão entre História e Ficção, visto que no início do século XX a ficção brasileira se apropriou da História como pano de fundo para apresentar um olhar realista sobre o país. Nesses textos sobre a Amazônia, percebem-se claramente os “vôos” da imaginação que Euclides explora ao expor suas ideias sobre aquela imensa região e os seus problemas. Esse aspecto - a imaginação - está bem explícito nos artigos “Judas Ahsverus” e “Entre os seringais”, como veremos mais adiante. Euclides da Cunha, nestes textos, imprime sua consciência dos problemas existentes num país que estava “dividido entre Norte e Sul, sendo o primeiro abandonado pelos homens do Sul que governavam o Brasil”. Numa estética que conflui ciência, geografia, história, sociologia e imaginação, Euclides da Cunha criou uma literatura amazonense realista em que o cerne de sua ácida crítica recai ao modelo de trabalho da borracha, cujas bases eram a exploração do sertanejo que migrava do Nordeste para o Norte. Segundo Francisco Foot Hardman (2009), Euclides estava “atento aos desafios da representação do real na modernidade, o que o fazia buscar, desde *Os Sertões*, uma nova síntese entre as linguagens da arte e da ciência, no desejo de desenhar uma Amazônia ainda desconforme” (HARDMAN, 2009, p. 39).

Construindo quadros dramáticos do seringueiro, dos índios, do caboclo e das populações ribeirinhas, na selva agressiva, Euclides em seus ensaios confluíu história, ciência e imaginação. Sua literatura é a do drama dos heróis trágicos. Segundo Gilberto Freyre, a literatura de Euclides da Cunha é a interpretação do Brasil, fato esse que não era evocado de forma clara e sincera até aquele momento:

Vários foram os brasileiros da época de Euclides da Cunha que descreveram e até explicaram, alguns já se servindo de números e estatísticas, aspectos importantes da realidade brasileira em obras de considerável valor científico: Couto de Magalhães, Nina Rodrigues, Silvio Romero, José Veríssimo, o visconde de Taunay, Teodoro Sampaio, o barão do Rio Branco, Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior. O que destacou de modo tão vigoroso a literatura de Euclides da Cunha desses outros brasileiros, homens de estudo, sobre temas rasgadamente nacionais - e até da própria literatura semi-sociológica de Joaquim Nabuco, de Eduardo Prado, de Oliveira Lima e de Graça Aranha: quase-sociólogos, notáveis não só pela sua quase-sociologia como pelas suas virtudes literárias de expressão - foi o caráter de obras não apenas descritivas, ou somente evocativas, mas de revelação e de interpretação do Brasil, dos ensaios que escreveu o autor de *Os Sertões*. Não só *Os Sertões* como *Contrastes e confrontos*, *À margem da história*. Ensaios de quem se aproximou de temas brasileiros com espírito científico e com preparação técnica: a própria e a de amigos que foram eminências pardas do escritor absorvente, em relação com alguns aspectos mais turvos daqueles mesmos temas (FREYRE, 1987, pp. 55 - 56).

O que deve ficar claro entre nossos dias é que Euclides da Cunha nos ensaios sobre a Amazônia se colocou não apenas como um intérprete dessa região, mas de todo o país com seus contrastes geográficos, econômicos, políticos e sociais. Essa sua interpretação distancia-se da visão edênica da Amazônia, ao se inclinar ao Realismo, com foco aos problemas do homem com a terra. Suas impressões sobre a Amazônia vêm carregadas de características do jornalismo, da crônica, linguagem científica, retórica e imaginação. E são justamente sob esses aspectos que os ensaios de Euclides merecem ser melhor discutidos sob a ótica da vertente literária e de sua ressonância na literatura que viria a acontecer na década de 1930, como bem apontou Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira* (2006). Nesse sentido, não podemos deixar de dar atenção às cartas que Euclides da Cunha escreveu para vários amigos seus e a Alberto Rangel sobre *Inferno Verde*, por esse escritor ser seu primeiro discípulo, ao dar sequência a sua proposta exposta em *Os Sertões*²⁴. *Inferno Verde* seria não só o primeiro texto a seguir o modelo de crítica social no contraste das regiões

²⁴ São as cartas a Coelho Neto, de 30 de junho de 1908; a Vicente de Carvalho, de 18 de setembro de 1908; e a Alberto Rangel, de 20 de setembro de 1908 (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 366 - 377).

já empregado por Euclides da Cunha, como também mais uma obra inovadora no cenário nacional. Na carta de Euclides enviada a Vicente de Carvalho, o autor de *Os Sertões* evoca dois aspectos muito importantes: o primeiro diz respeito à noção de que seu texto abriu caminho para muitos outros escritores; o segundo diz respeito a uma literatura que efetivamente abordasse o Brasil na sua imensidão em todos os seus aspectos, posição essa que Euclides da Cunha já havia exposto anteriormente no “Preâmbulo” a *Inferno Verde* (CUNHA, In: RANGEL, 1927, p. 6). Segundo Francisco Foot Hardman (2009, p. 66), neste prefácio Euclides tenta representar o que seria essa nova sensibilidade estética afinada com esse caos entrevisto aos pedaços.

Outro aspecto que será melhor desenvolvido mais adiante, porém já merece ressalva aqui é a consciência que Euclides da Cunha tinha da intersecção entre História e Ficção. Nesse sentido, Euclides reconhece a necessidade de uma literatura que estivesse comprometida com a história e com a realidade. Do mesmo modo, a produção ficcional deveria imprimir não só a verossimilhança, mas também a verdade. De acordo com Paul Ricour, entre narrativas literárias e históricas há uma inspiração mútua:

Nesse sentido, a ficção inspirar-se-ia tanto na história quanto a história na ficção. É essa inspiração recíproca que me autoriza a colocar o problema da referência cruzada entre a historiografia e a narrativa da ficção (RICOEUR, 1994, p. 125).

Percebe-se assim, por parte de Euclides, um esforço em inovar a literatura brasileira numa proposta em que a ficção se aproprie da história. Esse fato Euclides deixa claro no “Preâmbulo” a *Inferno Verde* ao chamar a atenção dos críticos e literatos do início do século XX quanto a necessidade de uma literatura comprometida em revelar a verdade, num país que estava dividido entre o litoral subdesenvolvido e o sertão atrasado e esquecido.

Antonio Candido, em *Literatura e sociedade* (1975), também assinalou, de forma acertada, que a obra de Euclides da Cunha rompeu da literatura inconsciente para uma voltada para a análise da sociedade:

Toda essa onda vem quebrar n’*Os Sertões*, típico exemplo da fusão, bem brasileira, de ciência mal digerida, ênfase oratória e intuições fulgurantes. Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).

A obra de Euclides da Cunha foi escrita num tempo em que já estavam bastante modificadas as condições de formação do nosso pensamento, com indícios vivos de superação da tirania jurídico-retórica. Mas, como vimos acima, a literatura se caracterizava, no início do século XX, por uma acentuada inconsistência desta transformação. Ajustava-se à superfície da vida burguesa, sem pressentir as novas exigências de sensibilidade e conhecimento, percebidas apenas por alguns (CANDIDO, 1975, p. 133).

Aqui, Antonio Candido exprime corretamente que a obra de Euclides da Cunha funciona como linha tênue que separa esses dois momentos da literatura brasileira no fim do século XIX e início do XX, quando os escritores já estavam atentos à necessidade de uma literatura voltada para a análise e crítica da vida social.

No entanto, ao analisar os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, creio que essa noção de Antonio Candido ainda é insuficiente, visto o diálogo que eles instauram com outros textos de momentos ulteriores. A ideia de que Euclides, junto com Lima Barreto, Graça Aranha e Monteiro Lobato seriam os “pré-modernistas”²⁵ por apresentarem inovação na linguagem e injetarem uma “realidade brasileira”, torna-se insuficiente quando deparamos com os textos sobre a Amazônia. Neles encontramos a consciência do escritor e seu compromisso com o país, o que nos leva a traçar uma aproximação com a produção literária da década de 1930. Nisso, ao invés de colocar a obra de Euclides da Cunha como “pré-iniciadora” do modernismo, é melhor entendê-la como iniciadora de um projeto estético e ideológico que ganhará maior vigor em 1930, quando muitos escritores tomam consciência do subdesenvolvimento e atraso do país (CANDIDO, 1989).

O leitor mais atento perceberá que nos ensaios sobre a Amazônia esta característica apontada por Antonio Candido já aparece como uma constante no tratamento dado aos temas explorados por Euclides da Cunha. Por isso mesmo, vale enfatizar a ideia de que os ensaios desse autor, sobretudo os sobre a Amazônia, são iniciadores de uma importante literatura que alcançará grande projeção a partir de 1930, sobretudo no regionalismo nordestino.

Alfredo Bosi, em seu clássico texto *História concisa da literatura brasileira* (2006), ao analisar *Os Sertões*, aponta que as propostas contidas nesta obra serão melhor desenvolvidas na década de 1930 pelos escritores desse momento:

²⁵ Segundo Alfredo Bosi, a terminologia de pré-modernismo foi criada por Tristão de Ataíde em *Contribuição à História do Modernismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, para designar o período cultural Brasileiro que vai do início do século XX até a semana de arte moderna em 1922. O Termo teria dois significados: 1) dar o prefixo “pré” uma conotação meramente temporal de anterioridade, 2) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista (BOSI, Alfredo. *A literatura brasileira. O pré-modernismo*. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. v. 5. p. 11).

O modernismo em Euclides da Cunha está na seriedade e boa-fé para com a palavra. Contrariamente ao vício decadentista de jogar com os sons e as formas à deriva de uma sensualidade fácil. Aprende-se melhor esse traço aproximando a tragédia de *Os Sertões* do romance da seca e do cangaço dos anos de 30. Embora mais despojado no seu léxico, a ficção de um Lins do Rego e de um Graciliano Ramos tem mais pontos de contato com o duro e veraz espírito euclidiano que a maioria dos romances e contos regionais e neofolclóricos do começo do século, repuxados para o pitoresco ou para o piegas. *Os Sertões* são obra de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade (BOSI, 1967, p. 309).

Euclides da Cunha, pautado nas teorias científicas, adentrou na Amazônia e traduziu o cerne do seringal na sua mais dura realidade, num combate entre a terra e o homem, sendo este degradado pelas forças da natureza. O determinismo telúrico que se vê nos textos sobre Amazônia vai reaparecer na ficção da década de 1930 no sertão nordestino em notáveis romances como *O quinze* (1930), de Rachel de Queiróz, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e muitos outros romances que abordaram o flagelo que o sertanejo sofreu com a seca no sertão. Tanto nos textos de Euclides da Cunha como dos ficcionistas de 1930 vemos o drama do sertanejo em conflito com a terra. Nos ensaios de Euclides da Cunha o sertanejo deixa o sertão e parte para a Amazônia, iludido em ganhar muito dinheiro na extração da borracha e é degradado pela voragem da selva e exploração do patrão. Nos textos de ficção da produção da década de 1930, o sertanejo é empurrado para a cidade e se torna operário, porém não se livra do sofrimento, pois é degradado no espaço urbano pelo sistema capitalista fabril.

Euclides da Cunha, como intérprete do Brasil, com os ensaios sobre a Amazônia, pode ser considerado antecipador da produção literária regional da década de 1930 ao por em foco, sob a ótica do Realismo, um personagem - o sertanejo - que já vinha sendo protagonista desde o fim do século XIX, porém de forma pitoresca. De acordo com Leandro Tocantins, as páginas escritas por Euclides da Cunha sobre a Amazônia não encontram paralelos na literatura brasileira, pelo seu tom de reivindicação, fidelidade no retrato, originalidade e força de estilo:

As páginas escritas por Euclides da Cunha sobre a natureza, o homem e a sociedade na Amazônia, e particular do Acre, não encontram paralelo na Literatura Brasileira. No tom reivindicante. Na revolta de espírito. No calor da acusação. Na fidelidade do retrato. Na agudeza da interpretação. Na originalidade e força do estilo. O que Euclides faz em *Os Sertões*, clamando, acusando, estigmatizando, repetiria na Amazônia. Eis sua vocação de retratar brasileiromente as grandes regiões onde o homem vive os seus maiores dramas – o Nordeste e a Amazônia – com um tom de voz que ninguém deixa de ouvir e, por artes de seu poderoso envolvimento, ninguém esquece. (TOCANTINS, 1986, pp. xvii - xviii).

Em alguns ensaios de *Contrastes e Confrontos* percebe-se que Euclides da Cunha expôs um personagem que viveu um drama irreversível na floresta sob as forças do sistema rústico de trabalho capitalista, se encontrando numa situação análoga à de escravo.

Em “Judas Ahsverus” o método descritivo é substituído pelo narrativo ao explorar a profundidade psicológica do seringueiro. Miséria, péssimas condições de vida, abandono, solidão, exploração do dono do barracão e a floresta agressiva são as causas que dão forma a essa literatura onde o nordestino - *brabo* - se transforma no seringueiro - *manso*. Heroísmo e tragédia se misturam na construção desse personagem, pois isolado no interior da selva ele é degradado. O seringueiro, assim como o sertanejo de *Os Sertões*, é descrito na sua forma antitética e paradoxal, “forte e fraco ao mesmo tempo”. O ser forte, ao deixar o sertão árido, vai perdendo suas forças ao longo do tempo nos seringais alagados e se torna um desvalido, num processo vagaroso de degradação.

3.2 - *Contraste e Confrontos* - os primeiros textos

Para entender os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia é necessário saber que antes dele ir para o Norte já havia escrito alguns textos sobre essa imensa floresta e os conflitos sangrentos na região do Acre. Esses textos foram publicados em 1904 no jornal paulista *O Estado de S. Paulo* e no carioca *O País*, e posteriormente foram publicados juntos como livro em 1907, em Portugal, com o título de *Contrastes e Confrontos*²⁶. Nestes textos Euclides da Cunha ainda não apresenta o verdadeiro conhecimento da Amazônia, tanto é que ao chegar a Manaus tem um choque ao se deparar com uma Amazônia que não era exatamente a que ele havia escrito alguns meses antes nesses jornais²⁷. A Amazônia que estava frente a Euclides não era a da leitura de textos dos inúmeros viajantes e cronistas que passaram ou viveram nessa floresta anos anteriores e fizeram seus registros. Segundo Leandro Tocantins, “na Amazônia Euclides da Cunha encontra um outro Brasil que fixa em palavras e imagens, como se fosse um escultor, um pintor, a quem não faltasse o generoso solidarismo social” (TOCANTINS, 1986, p.xii). Frente a essa exuberância da natureza, Euclides se admira

²⁶ Os textos de *Contrastes e confrontos* que tratam da Amazônia, de sua fronteira e da vida e dos conflitos entre seringueiros e caucheiros são: “Conflito Inevitável”, de 14 de maio de 1904; “Contra os Caucheiros”, de 22 de maio de 1904; “Entre o Madeira e o Javari”, de 29 de maio de 1904, todos publicados no Jornal *O Estado de S. Paulo*. “Plano de uma cruzada”, de 8 de janeiro de 1904, foi publicado no jornal *O País*, no Rio de Janeiro. Em 1907 eles saíram com outros textos no livro *Contrastes e Confrontos*, publicado em Portugal pela Livraria Chardron em 1907.

²⁷ Em carta a Arthur Lemos, Euclides da Cunha demonstra o espanto que tem com a imensidão da floresta e dos rios (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 268 - 269).

com a bravura dos rios e a imensidão de uma região que era bruta ao homem, notadamente ao sertanejo. A capital da Amazônia, Manaus, é reconhecida pelo autor de *Os Sertões*, sob os efeitos de seu rápido desenvolvimento, em razão da economia da borracha e do suor e vida do seringueiro, que chegou a se transformar de uma simples tapera a “Paris dos Trópicos”²⁸.

Os ensaios de *Contrastes e Confrontos* que abordam o caucheiro e o seringueiro focam em especial os conflitos entre eles nas fronteiras da Bolívia e do Peru com o Brasil. São nesses ensaios que Euclides da Cunha já expõe sua preocupação com os conflitos sangrentos que estavam dizimando inúmeros soldados da borracha, seja do lado da Bolívia, do Peru ou do Brasil. Sua análise nestes textos também recai sobre os problemas das fronteiras produtoras de borracha na Amazônia exigindo uma solução para as constantes brigas na região.

É importante ressaltar que antes de Euclides publicar os textos de *Contrastes e confrontos*, em 1898 ele publicou no jornal *O Estado de S. Paulo* uma resenha do livro de Manuel Tapajós intitulado “Fronteira Sul do Amazonas: questões de limites”²⁹, título homônimo do livro desse autor, onde já faz um alerta às autoridades sobre os conflitos existentes na região do Acre. Nesse texto Euclides esboça a história dos aventureiros desbravadores do Norte do país e questões de delimitação de fronteira, tendo em vista o momento de sangrentos conflitos entre os seringueiros brasileiros e caucheiros bolivianos na região do Acre, que foi ocupada por seringueiros nordestinos e incorporada ao Brasil em 1877 (LEÃO, 1966, p. 7). Nesse artigo Euclides não faz referência direta aos seringueiros ou caucheiros, porém sua atenção está voltada às questões de litígios que aquela região necessitava em razão dos conflitos, em uma terra denominada como “*tierras no descubiertas*”, pelos colonos espanhóis e “*terras de ninguém*”, pelos portugueses.

O primeiro ensaio que Euclides da Cunha trata da realidade da região de seringais e caucho no Alto Amazonas é “Conflito Inevitável”, onde foca sua atenção às incursões peruanas e aos viajantes que alguns anos antes já haviam passado por ali e deixado suas impressões sobre a região, como Humboldt e C. Winer. Nesse mesmo ensaio Euclides aborda os objetivos dos caucheiros bolivianos e peruanos em chegar ao oceano Atlântico pelo rio Purus e Amazonas, cortando a Amazônia para escoar suas borrachas para EUA e Europa, pois

²⁸ Segundo Samuel Benchimol, as secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes e em 1892 foi registrada a entrada de 13.593 nordestinos na Amazônia. Já no período de 1898 a 1900 chegaram a Belém e Manaus 88.709 em pleno auge da borracha. O mesmo pesquisador aponta que no período de 1877 a 1920 em torno de 300.000 nordestinos foram para a região amazônica concentrando-se, em sua maioria, na região do Acre (BELCHIMOL, 1999, p. 136).

²⁹ Esse texto foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 14 de novembro de 1898 e está na *Obra Completa* de Euclides da Cunha, v.1, em *À margem da geografia*.

pelo lado oposto não seria possível sair no oceano pacífico, em razão da Cordilheira dos Andes. Em 1904, quando Euclides da Cunha escreveu esse artigo, os conflitos entre Bolívia e Brasil já estavam resolvidos, porém havia surgido outro, pois os caucheiros peruanos estavam invadindo a região do alto Purus que supostamente seria brasileira e novos conflitos sangrentos se acirraram entre seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos. No entanto, Euclides enxergava naquelas ocupações peruanas não apenas um trabalho de extração do látex da borracha, mas sim uma possessão de terras e uma forma de conquistar uma rota para o Atlântico:

As incursões peruanas não denunciam apenas a avidez de alguns aventureiros doidamente ferreiros da ambição que os arrebatam às paragens riquíssimas dos seringais. São mais sérias; são quase um expressivo movimento histórico, desencadeado com uma finalidade irresistível. Não as determinam apenas as energias sociais instáveis e dispersivas da república sul-americana mais malignada pela caudilhagem, senão as mesmas leis físicas invioláveis de toda aquela zona (CUNHA, 2009, v. 1, p. 60).

Aqui Euclides está tocando em questões históricas e de litígio, pois essas incursões peruanas na região do Acre eram de antigas reivindicações desse povo com relação a tratados do passado. Esse fato fez com que o Barão do Rio Branco diplomaticamente criasse, com o Ministro do Peru, a comissão mista de reconhecimento daquela região, e Euclides da Cunha foi nomeado o chefe da comitiva brasileira com o intuito de reconhecimento das delimitações entre os dois países.

Em “Contra os caucheiros”, Euclides dá sequência ao tema dos conflitos existentes na região do Acre acirrados por caucheiros (peruanos) e seringueiros (brasileiros):

A remessa de sucessivos batalhões para o Alto Purus - movimento de armas recordando um começo de guerra declarada - parece uma medida elementar de providência.

É um erro. Não implica apenas o desfalecimento das nossas finanças, nem se limita a projetar, de golpe, um brilho perturbador de baionetas no meio de um debate diplomático; vai além: prejudica de antemão a campanha provável e torna desde já precária a defesa das circunscrições administrativas criadas pelo tratado de Petrópolis (Ibid., p. 64).

Os limites das fronteiras brasileiras nas regiões do Alto Purus e Alto Juruá estavam sendo desrespeitados pelas ocupações de caucheiros, o que circunstanciou frequentes combates com os seringueiros brasileiros:

Ali não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caucheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, à feição das correntes, nos mesmos paus boiantes que os rios acarretam; e repontando, a súbitas, na orla florida dos igapós, e desaparecendo, impalpáveis, no afogado dos paranás-mirins, onde se entrançam as ramagens das árvores que os escondem; ou girando pelas infinitas curvas e pelos

incontáveis furos que formam a interessantíssima anastomose hidrográfica dos tributários meridionais do Amazonas.

[...] Sobre tudo isto uma consideração capital. Aqueles longínquos lugares do Purus - mais conhecidos hoje, depois da exploração de Chandless, do que muitos pontos do nosso *far west* paulista - exigem uma aclimação difícil e penosa. Apesar de um rápido povoamento, de cem mil almas em pouco mais de trinta anos, tem ainda o caráter nefasto das paragens virgens onde a copiosa exuberância da vida vegetal parece favorecida por um ambiente impróprio à existência humana. O seu quadro nosológico assombra, pela vasta série de doenças, que vão das maleitas permanentes à hipoemia intertropical entorpecedora e àquela originalíssima “purupuru” que não mata mas desfigura, embaciando a pele do selvagem e dando-lhe um fâcies de cadáver, pondo no rosto do negro, salpintado de manchas brancas, uma espantada máscara demoníaca, e imprimindo no do branco a brancura repulsiva do albinismo . . . (Ibid., pp. 66 - 67).

Nesses dois artigos Euclides da Cunha aponta não apenas os problemas das ocupações de caucheiros peruanos na fronteira do Alto Amazonas e as batalhas com os seringueiros brasileiros, sua preocupação também se pauta na enorme massa humana que se instalava na região de forma desorganizada, criando uma população ávida pela coleta do látex da borracha, seja do caucho ou da seringueira. A região que passava por um rápido povoamento exigia do homem também uma rápida adaptação, o que não ocorreu no mesmo ritmo e dinâmica, fato esse que levou muitas pessoas à morte por doenças da floresta. Esse aspecto foi melhor trabalhado por Euclides da Cunha em outros ensaios de *À margem da história* (1909), após ter estado na Amazônia e conhecido de perto a população de trabalhadores nordestinos que estava habitando a região, e que era vítima de malária e beribéri.

Outro aspecto interessante é que Euclides da Cunha via no caucheiro uma superioridade sobre o seringueiro, pois o caucheiro seria uma mistura da bravura espanhola em penetrar terras alheias e desconhecidas com a voracidade do índio na floresta:

Para o caucheiro - e diante desta figura nova imaginamos um caso de hibridismo moral: a bravura aparatosa do espanhol difundida na ferocidade mórbida do quichua - para o caucheiro um domador único, que suplantarà o jagunço (Ibid., p. 67).

Essas duas “características morais” do caucheiro, para Euclides da Cunha, representariam a destruição da selva, tanto nos aspectos naturais, quanto humanos, pois por onde o caucheiro passava, na ânsia de derrubar a árvore de caucho para retirar o látex, deixava seu rastro de destruição com o desmatamento e com a morte ou escravização de tribos indígenas que encontrava em seu caminho. Essa característica seria similar à irracionalidade que vemos nos colonizadores dos países da América do Sul, nos dizeres de Sérgio Buarque de Holanda: “Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica:

fez-se antes com desleixo e certo abandono” (HOLANDA, 1995, p. 43). Atento à característica do caucheiro e aos conflitos nas fronteiras do Brasil com o Peru, Euclides enxergava nessa sua barbárie uma certa superioridade que poderia suplantar o seringueiro.

Em “Entre o Madeira e o Javari” Euclides reconhece a riqueza da região desses rios em razão das vastas áreas de seringais produtoras do látex, e o rápido povoamento naquela localidade, o que gerou o surgimento e crescimento de cidades como Lábrea e Manuel Urbano. Lábrea foi, para Euclides da Cunha, o exemplo do rápido, intenso e desordenado povoamento e fixação de sertanejos no trabalho da extração de recursos naturais, como: cacau, látex e copaíba. A extração e comercialização de recursos naturais, com farta mão de obra, favoreceram para uma vida dinâmica nas cidades daquela região:

De feito, foi uma transfiguração. Em pouco, sucessivas vagas de imigrantes reproduziam em nossos dias o tumulto das entradas do século XVIII. O látex das seringueiras, o cacau, a salsa, a copaíba e toda a espécie de óleos vegetais, substituindo o ouro e os diamantes, alimentavam as mesmas ambições ensofregadas (CUNHA, 2009, v. 1, p. 70).

Euclides da Cunha, nesse ensaio, reconhece as riquezas naturais da região como uma das grandes potências de desenvolvimento para o país, pois naquele momento esses recursos atraíam um enorme contingente de nordestinos, europeus e americanos, todos com o sonho de enriquecer-se. Em razão disso, Euclides clama pela necessidade de reconhecimento das regiões Alto Purus, do Alto Juruá e do rio Acre pela via diplomática, tendo em vista a emergência de uma ação na interrupção dos conflitos ali existentes, levando em conta a riqueza da região e o povoamento que crescia de forma rápida.

Nesses quatro textos, em especial o primeiro, o seringueiro não é apresentado no ambiente de trabalho, por questões óbvias, Euclides da Cunha ainda não tinha estado nos seringais. No entanto, o seringueiro surge como principal protagonista nos conflitos sangrentos da formação do estado do Acre. Esses textos foram escritos a partir de leituras dos viajantes e cronistas que estiveram na Amazônia e dos textos de jornais que relatavam os conflitos nas fronteiras entre Brasil, Peru e Bolívia. A briga entre caucheiros bolivianos e seringueiros se arrastou por vários anos na região do rio Acre, sendo o seringueiro nordestino o protagonista principal da formação do estado do Acre; pois em 1898, pela assinatura de um protocolo, o Brasil entregou o território ocupado por seringueiros brasileiros à Bolívia e este país passou a aplicar altas taxas de impostos sobre os brasileiros para extrair a borracha naquela região. Como resultado dessa política de impostos a seringueiros brasileiros, que não deixaram a região, mesmo depois do reconhecimento do Acre a Bolívia, levantou-se a revolta de um grupo de seringueiros armados, tendo à frente Luiz Galvez, e foi proclamado a

República Federativa do Acre em 1899, expulsando os bolivianos da região e colocando José Ramalho no governo, emissário do governador do Amazonas, Silvério Neri. A região foi marcada por muitos outros conflitos, inclusive envolvendo tropas do exército brasileiro, e novamente a região passou para as mãos dos bolivianos. A Bolívia, no entanto, ameaçava aumentar mais ainda as taxas aos brasileiros que habitavam a região do Acre e novamente a região foi tomada pelo agrimensor Plácito de Castro³⁰, auxiliado por inúmeros seringueiros e o governador do Amazonas. Por fim, em 6 de agosto de 1902, Plácito de Castro proclamou a independência do Acre e formou um enorme e forte exército de seringueiros que promoveu sanguinolentos e vitoriosos conflitos de expulsão dos bolivianos da região. Em decorrência disso, em 17 de novembro de 1903 foi assinado o tratado de Petrópolis em que o Acre foi incorporado definitivamente ao Brasil, tendo este país que pagar 2.000.000 libras de indenizações e o dever de construir a estrada Madeira-Mamoré, e Plácito de Castro foi deposto pelo exército brasileiro (LEÃO, 1966, pp. 7 - 13). É nesse contexto histórico que devemos reconhecer a importância do seringueiro nordestino como protagonista na formação e criação do estado do Acre, pois a enorme massa de sertanejos do semiárido lutou bravamente como soldados para que essa região se tornasse possessão brasileira. Nesse ínterim, o governo peruano aproveitou a situação e invadiu terras brasileiras nas regiões do Alto Juruá e Alto Purus, alegando velhas reivindicações de limites. Vários combates foram acirrados na região entre seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos.

Foi no calor desses conflitos que Euclides da Cunha, em 1904, foi convidado pelo Barão do Rio Branco a chefiar a Comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus em conjunto com a comitiva peruana. Nessa expedição Euclides da Cunha ficou em torno de um ano no Norte³¹. Os trabalhos foram realizados e Euclides imprimiu suas ideias sobre a Amazônia em vários ensaios que se transformaram em emblemáticos textos sobre a maior floresta do mundo e os homens que nela trabalhavam na extração da borracha. A delimitação definitiva entre o Peru e o Brasil só se concretizou com um tratado em 8 de setembro de 1909 (TOCANTINS, 1986, p. xvi).

³⁰ Segundo Velloso Leão, Plácito de Castro se transformou em um rico latifundiário, apoiando um grupo de proprietários de terras contra os bolivianos, porém em suas terras mantinha muitos seringueiros nordestinos sob o regime de escravidão, semelhante ao que iremos ver nos textos de Euclides (LEÃO, 1966, pp. 65 - 66).

³¹ Em 1904 Euclides da Cunha foi nomeado pelo Barão do Rio Branco, por indicação de Domício da Gama, para chefe da Comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus. No dia 13 de dezembro de 1904 Euclides partiu do Rio de Janeiro no Navio Alagoa em sentido a Manaus, e chega nesta cidade no dia 31 de Dezembro do mesmo ano. No dia 18 de dezembro de 1905, Euclides deixou Manaus em retorno ao Rio de Janeiro.

Percebe-se claramente que o seringueiro nestes textos não aparece no trabalho no seringal, ele é apenas referenciado nos conflitos sangrentos que estava protagonizando na luta pela rica região da borracha no Alto Amazonas.

Em “Plano de uma cruzada” Euclides da Cunha acirra duras críticas às poucas e ineficazes políticas públicas de investimento contra a seca, apontando soluções e a necessária urgência de programas que o Estado deveria promover para erradicar a seca e consequentemente o flagelo aos sertanejos. Nesse ensaio, o autor de *Os Sertões* exalta a força do sertanejo, assim como fez nesse seu primeiro livro, porém reconhece que este ser valente não suportando as agruras da seca migra para o Norte para povoar e trabalhar nos seringais:

Por outro lado, aqueles titânicos caboclos, que a desventura expulsa dos lares modestíssimos, têm levado a todos os recantos desta terra o heroísmo de uma atividade incomparável: povoaram a Amazônia; e do Paraguai ao Acre estadearam triunfalmente a sua robustez e a sua esplêndida coragem de rija sub-raça já constituída (CUNHA, 2009, v. 1, p. 37).

A solução encontrada por Euclides da Cunha para a seca era um plano nacional de construção de açudes e grandes obras que dessem conta da carência de água que o sertão necessitava. Para isso, obras como transposição de rios, recuperar velhas represas e construção de açudes seriam saídas viáveis: “Entre os recursos sugeridos, que se não excluem e cuja simultaneidade é indispensável a uma solução definitiva, aponta-se, preeminente, a açudada em vasta escala” (Ibid., p. 39). Frente a esses problemas e com o desejo incessante de demonstrar os erros nos investimentos intermitentes realizados no “Norte” apenas em períodos de extremas secas e sem efeitos, Euclides da Cunha aponta inúmeros exemplos bem sucedidos em vários países em torno do mundo que efetivamente deram certo.

Nesse ensaio, além dos temas abordados nos textos anteriores, Euclides da Cunha foca outros problemas relevantes ao homem como, por exemplo, a questão trabalhista. Esse tema está diretamente ligado a textos ulteriores da produção de Euclides da Cunha sobre o seringueiro, pois a migração do Nordeste para a Amazônia gerou nessa região uma massa de trabalhadores explorados pelos donos de barracão e aviadores. O ensaio “Um velho problema” certamente dialoga com os textos produzidos por ele sobre o seringueiro no trabalho nos seringais, pois foi com a força do trabalho desses operários, na coleta do látex, que Manaus se ergueu e se tornou uma “Paris brasileira”. Episódio esse que Euclides da Cunha testemunhou e ficou admirado com o torvelinho e cosmopolismo dessa cidade, tendo o sertanejo transformado em seringueiro como principal protagonista.

Euclides da Cunha nos ensaios de *Contrastes e confrontos* retoma sua crítica ao Estado no que diz respeito às secas do Nordeste que flagelava e forçava a migração do

sertanejo para as paragens do Alto Amazonas. O espaço descrito por Euclides não é apenas pano de fundo, ele é determinante nas ações: clima, vegetação, animais, rios, agem diretamente na vida do sertanejo. A seca que Euclides da Cunha tão bem denunciou na primeira parte de *Os Sertões*, como elemento de sofrimento do sertanejo, reaparece sendo principal causadora da migração para os seringais da Amazônia. O oximoro do homem forte e fraco ao mesmo tempo, da segunda parte de *Os Sertões*, reaparece nesses textos no tratamento dado ao sertanejo forte que deixa o sertão e vai se enfraquecendo no novo espaço de trabalho.

Por fim, o sertanejo transformado em seringueiro, nestes textos, não está inserido no seu espaço de trabalho - o seringal. Ele é apresentado na dor do flagelo da seca, no processo migratório do Nordeste para a Amazônia no final do século XIX e início do XX e, por fim, como o protagonista principal das lutas e criação do estado do Acre nas fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru. Esse fato, ainda pouco registrado nos textos sobre a história do Brasil, merece melhor destaque, pois foi como trabalhador e soldado da borracha que os nordestinos defenderam bravamente uma região, rica em um valioso produto natural, que foi determinante para seu progresso, crescimento das duas maiores cidades e um significativo ciclo econômico do Brasil.

3.3 - As correspondências sobre a Amazônia

As correspondências de quando Euclides da Cunha estava na Amazônia são documentos que demonstram o amplo conhecimento desse escritor como homem das ciências e das artes, além de um exímio domínio em diplomacia. Elas podem ser entendidas como parte imprescindível para a compreensão do pensamento de Euclides da Cunha e de seus textos. No período em torno de um ano que esteve na Amazônia escreveu algumas cartas a intelectuais, críticos literários e homens do meio político, onde expressou suas impressões sobre a Amazônia, em especial a imensidão e voragem da selva:

Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do caos incompreensíveis e tumultuárias, uma formidável de vasta floresta inundadas de vastos céus resplandecentes.

Entre tais extremos está, com as suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido ...

Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem.

Ela só lhe aparece aos poucos, vagorosamente, torturantemente.

É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas: é um infinito que deve ser dosado.

Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. A notícia que aqui chegou num telegrama de um meu novo livro, tem fundamento: escrevo, como fumo, por

vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros.

Escreverei um Paraíso Perdido, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 268 - 269)³².

Segundo Francisco Foot Hardman (2009, p. 57), Euclides ao chegar a Amazônia teve noção da imensidão daquela floresta e que ali não havia apenas uma terra, mas várias terras recortadas pelos rios formando labirintos, ao mesmo tempo reconheceu também que a floresta não era formada por um homem único, mas vários tipos de povos e línguas. Isso fica mais claro no prefácio de *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, em que Euclides da Cunha exalta a importância das pesquisas realizadas pelos viajantes e cronistas que estiveram na Amazônia anos anteriores e deixaram ricos textos de conhecimento dessa floresta. E é à luz das leituras dos textos desses cronistas que Euclides da Cunha teve consciência da dificuldade de analisar a Amazônia na sua totalidade. O melhor caminho seria analisá-la a partir das partes, como já haviam feito os naturalistas do museu paraense, seguindo os modelos de W. Bates e Frederico Hartt (CUNHA, In: RANGEL, 1927, pp. 2 - 3).

Outro aspecto dessas cartas foi o reconhecimento que Euclides da Cunha teve do seringueiro como protagonista fundamental para o desenvolvimento da região Norte e o crescimento das cidades de Manaus e Belém:

Somente hoje posso mandar-te uma breve notícia - tais as atrapalhões, tais os embaraços que nos saltaram aqui, nesta ruidosa, ampla, mal arranjada, monstruosa e opulenta capital dos seringueiros [...] Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolismo excessivo desta Manaus - onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano - a nossa gente ainda os domina com as suas formosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa o sulista está no perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até lá. Levo - nesta Meca tumultuária dos seringueiros - vida perturbada e fatigante [...].
Levar meses de inércia e de amolecimento nesta Cápua canicular dos seringueiros! E eu que vinha num belo arremesso, ansioso por me encontrar, frente a frente, com o deserto!... [...]

Quis chegar, observar e voltar, mas cheguei e parei. Estaquei à entrada de meu misterioso deserto do Purus; e, para maior infelicidade, depois de caminhar algumas três milhas, caí na vulgaridade de uma grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos. Comercial e insuportável. O crescimento abruço levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, saltadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio europeia, onde o tejupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolismo exagerado põe ao lado do ianque espigado... o seringueiro achamboado, a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand [...].

Manaus - há uma onomatopeia complicada e sinistra nesta palavra - feita do soar melancólico dos bares e da tristeza invencível do Bárbaro. [...] Esta Manaus rasgada

³² Carta enviada a Arthur Lemos, de Manaus, de 1905.

em avenidas, largas e longas, pelas audácias do Pensador, fazer-me o efeito de um quatinho estreito [...]³³.

Nessas cartas Euclides, como bom observador, reconhece a importância dos nordestinos no desenvolvimento da região amazônica e de Manaus. Euclides da Cunha ao chegar a Manaus teve que ficar nessa cidade por aproximadamente três meses à espera da comitiva peruana para iniciar a expedição. Nesse ínterim contraiu impaludismo e não se adaptou de imediato ao clima quente e úmido da região a ponto de ironizar o clima fresco que Wallace e Bates descreveram: “Resigno-me. Felizmente em que pese ao clima, - e que para mim incompreensível *glorious clime*, de Bates - vou indo bem” (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, p. 255). Porém, depois de alguns dias Euclides da Cunha já estava se adaptando ao clima da Amazônia, como deixa claro em carta a José Veríssimo (Ibid, p. 262)³⁴.

Alguns aspectos devem ser discutidos sobre essas cartas. O primeiro diz respeito à estrutura social e física da cidade de que Euclides da Cunha de imediato teve má impressão. Essa visão negativa a Manaus demonstra bem o torvelinho provocado pelo enorme processo migratório de nordestinos para a região da extração da borracha. Outro aspecto relevante sobre essa cidade é o seu cosmopolismo. Isso se deu em razão dos recursos naturais que a floresta fornecia: cacau, madeira, café, algodão e, em especial, a borracha. É fato que esses recursos naturais contribuíram decisivamente para a cobiça de estrangeiros de todo o mundo e brasileiros de diversas partes do país, todos com o interesse em fazer comércio na região ou se tornar um grande extrator. Samuel Benchimol (1999), em seu estudo sobre a Amazônia, nos fornece informações ricas para entender a visão que Euclides da Cunha teve da efervescência e vertigem de Manaus. Esta cidade, assim como Belém, se fortaleceu e enriqueceu a partir de 1880 com o grande número de imigrantes nordestinos que por ela passava para seguir caminho para a região do Alto Purus para extração da borracha. Assim, Manaus se tornou ponto estratégico da navegação da Amazônia e de tráfego para os trabalhadores. Além disso, Manaus e Belém se tornaram estratégicas e fundamentais para a região com seus portos para o escoamento de produtos da floresta. Outro aspecto importante foi a abertura do rio Amazonas

³³As cartas são a Afonso Arinos, Manaus, 12 de janeiro de 1905; a José Veríssimo, Manaus, 13 de janeiro de 1905; a Oliveira Lima, Manaus, 16 de janeiro de 1905; a Domício da Gama, Manaus, 1905, sem especificação de mês e dia; a Coelho Neto, Manaus, 10 de março de 1905; e a Arthur Lemos, Manaus, 1905, sem especificação de mês e dia (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 250 - 268).

³⁴ Os exageros tanto de apreço ao clima por Wallace e Bates, como de desdém por Euclides da Cunha, não podem ser levados a cabo, pois ambos demonstram uma visão superlativa do clima. Enquanto Wallace e Bates, impressionados e maravilhados com a Amazônia elogiaram as tardes frescas, após a chuva da selva, Euclides criticou exageradamente a alta temperatura úmida da Amazônia quando estava na Vila Glicina. Segundo Arthur Cezar Ferreira Reis o clima da Amazônia não pode ser considerado nem glorioso e nem infernal. O clima, para esse pesquisador, é característico da região equatorial, com exceção a região da parte norte elevado, com temperatura em torno de 28 graus e duas estações bem definidas: inverno e verão (REIS, 1944, pp. 6 - 7).

à Navegação Internacional em 1866, o que intensificou a navegação nesse rio contribuindo para que toda borracha extraída no Peru, Bolívia e em toda região do Alto Purus fosse escoada até Manaus e Belém, para depois ser exportada para os Estado Unidos e Europa (BENCHIMOL, 1999)³⁵.

A carta a Artur Lemos é de extremo valor para a compreensão do projeto de Euclides da Cunha a respeito do seu livro sobre a Amazônia, que foi publicado postumamente - em coletânea de textos - sob o título de *À margem da história*. O enorme contingente de imigrantes nordestino ávidos por trabalho e a imensidão e bravura da selva lhe iluminaram o desejo de escrever seu segundo livro vingador.

Em outra carta, Euclides da Cunha revela ao Barão do Rio Branco ter obtido um esboço feito por um caucheiro da região do Alto Purus que poderia certamente ser útil para a expedição e que ulteriormente poderia contribuir para correções às cartas feitas por Willian Chandless sobre a região:

Saúdo a V. Exa. e tenho a honra de lhe enviar o incluso esboço, cópia fiel de um outro que me deu o sr. General José Siqueira de Menezes, recém- vindo da Prefeitura do Alto Purus. Foi organizado por um caucheiro inteligente e conhecedor daquelas paragens. Como verá V. Exa., não tem escala, verdadeira caricatura da terra, é feita consoante a norma comum adotada por todos os vaqueiros - mas, a meu parecer, bastante claro e expressivo não só no designar os vários pontos habitados, e afluentes, como pela indicação segura de muitos varadouros, completada com os tempos indispensáveis às respectivas travessias.

Entre vários esclarecimentos, nele se vêem os nomes dos dois galhos extremos do Purus em cuja intersecção W. Chandless parou, sem os batizar. Nota-se que num deles, Cujar, o varadouro para a bacia superior do Ucaiale é, talvez, no máximo, de um quilômetro (15 minutos de marcha naturalmente pouco acelerada) distância inapreciável ante a vastidão dos vales dos dois grandes rios. Verifica-se também, com maior clareza do que nas demais cartas, a existência, entre o Purus e o Juruá, de

³⁵ Leandro Tocantins (1982) afirma que a extração da borracha foi decisiva para o fortalecimento dessas duas cidades, por capitalizar, de modo geral, a vida política, social e econômica da região. Da mesma forma esse estudioso também aponta o rápido crescimento econômico dessas duas capitais causado pela extração da borracha e a inexistência de um sistema bancário que pudesse servir àquela grande circulação de dinheiro nessas cidades, ficando essa função delegada às casas aviadoras e às casas exportadoras: “Com a borracha elas se expandiram, adquiriram uma fisionomia nova, passaram, mas fortemente, a ser núcleos sociais, políticos e econômicos, como se fossem castelos de baronia feudal, onde, ao invés de louvar-se “Deus e a cavalaria”, cultuava-se “Borracha e Comércio”, e repetindo os trovadores medievais: “Ninguém é vilão se isto não está no coração”, porque a borracha vem da árvore do bem e do mal - a sua história confirma. É que por Belém e Manaus transitavam as grandes safras de borracha de exportação e entravam as mercadorias destinadas ao consumo interior. À sombra desses fatos da geografia econômica cresceram organizações comerciais para dar a necessária movimentação de bens e de riquezas da terra. Não existindo uma rede bancária para financiar a produção, as chamadas “casas aviadoras” preenchem o seu posto, abrindo crédito ao dono do seringal, em forma de mercadorias e gêneros, créditos resgatáveis pela entrega da safra produzida no ano de fabrico. As casas aviadoras, por sua vez, estavam presas às casas exportadoras que monopolizavam o comércio de exportação de borracha, todas estas agentes dos grandes *trusts* de Liverpool, Hamburgo e Nova York” (TOCANTINS, 1982, pp.106 - 107). Como não havia um sistema financeiro controlado pelo Estado que pudesse fomentar o sistema de extração da borracha, as casas aviadoras e de exportação desenvolviam essa função e sem qualquer restrição. Uma das consequências imediatas disso era a carestia do provimento para o seringueiro, pois o patrão comprava a um preço alto da casa aviadora e ao revender para o seringueiro, ainda tinha que tirar o seu lucro, o que tornavam os alimentos muito caros para o extrator na selva.

numerosos varadouros, sobretudo entre os tributários S. Rosa e Envira – assim como a breve travessia de ½ dia entre os últimos afluentes do Juruá e o Ucaiale. Muitos outros elementos descortinará a lúcida atenção de V. Exa. neste esboço, cuja fidelidade me foi garantida pelo digno general Siqueira de Menezes.

Confrontados, ele e a carta impressa no Boletim da Sociedade de geografia de Lima, da qual tem V. Exa. uma ampliação feita por mim, notam-se numerosos pontos de contato, parecendo, entretanto, que o esboço atual sobre ser mais permenorizado é muito mais seguro nas designações locais e disposições geral da rede hidrográfica das cabeceiras.

De qualquer modo, são novos elementos destinados e ulteriores verificações no decorrer da nossa viagem (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 260 - 261).

Essa carta mostra de forma clara que os caucheiros peruanos já haviam desbravado a região do Alto Purus e possuíam exímio conhecimento da área, em razão da busca do látex. Outro aspecto apontado nessa carta era a urgência no reconhecimento e delimitação das fronteiras entre Brasil e Peru, pois estava sendo povoada por caucheiros e seringueiros, ocasionando sangrentos conflitos.

Muitos outros aspectos são abordados nas correspondências de Euclides da Cunha quando esteve na Amazônia, porém o que chama a maior atenção nelas é o fato de o autor de *Os Sertões* ter posto o sertanejo como responsável ao desenvolvimento e enriquecimento da região, tema esse que foi a tônica dos textos que se seguiram sobre a Amazônia, como *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento do Alto Purus* de 1904 - 1905, o “Preâmbulo” a *Inferno Verde, À margem da história* (“Impressões gerais”, “Um clima caluniado”, “Os caucheiros”, “Brasileiros”, “Transacreana”, “Judas Ahsverus) e “Entre os seringais”, publicado na revista *Kosmos* (1906).

Euclides da Cunha nessas cartas aparece como um dos primeiros grandes intérpretes da Amazônia. Nelas já se veem os rastros de seu pensamento sobre uma região que necessitava de uma imediata intervenção do Estado para o aproveitamento racional de sua riqueza e para ajuda daquelas “gentes adoidadas”.

Como bem apontou Leandro Tocantins (1986, p. xii), “Na Amazônia Euclides encontrou um outro Brasil que ele fixa em palavras e imagens, como se fosse um escultor, um pintor, a quem não faltasse o generoso solidarismo social”.

Nessas cartas encontramos o estilo literário e objetivo na descrição da Amazônia, oriundo da observação direta da realidade buscada por um escritor atento a todos os fenômenos da natureza, tentando sempre expressar a verdade inconfundível. Vê-se claramente nelas o estilo que já é conhecido em *Os Sertões*: os longos períodos, as sentenças curtas, frases soltas e isoladas, ponto e vírgula, repetição de verbos. Paradoxos e antíteses também estão presentes nestas cartas retomando o estilo de seu primeiro livro.

Vê-se assim que Euclides da Cunha esboça sua compreensão da imensidão da Amazônia e o choque que tem frente a uma terra que ainda estava em formação e precisava ser descoberta e explorada de forma racional, como vemos em sua crítica no “Preâmbulo” de *Inferno Verde*. Euclides, além de revelar para o Brasil a real Amazônia do final do século XIX e início do XX nessas cartas, descortina a dura relação das populações ribeirinha e pobres com o meio, onde o homem torna-se vítima desse cenário vivo e bruto. A Amazônia como “a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo (CUNHA, In: RANGEL, 1927, p. 10), se construía na intensa contradição de sua vastidão e riqueza em detrimento à sociedade pobre de seringueiros: “No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo ...” (Ibid, p. 12). Não há dúvida de que Euclides da Cunha foi a melhor escolha para chefiar a comissão de reconhecimento do Alto Purus, pois além das suas qualidades apresentadas, ainda possuía a habilidade de ser um bom correspondente e ter um exímio domínio de questões de fronteiras, divisas e de cartografia. Nessas cartas Euclides nos revela o total abandono de uma região rica em recursos naturais a ser explorados racionalmente, e contraditoriamente era povoada por seringueiros relegados à miséria e à exploração de aproveitadores.

3.4 - Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento do Alto Purus de 1904 -1905

Do resultado da expedição na Amazônia surgiu em 1906 o *Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de reconhecimento do Alto Purus de 1904-1905*, que foi publicado no mesmo ano com o nome de *O Rio Purus* pela Imprensa Nacional para o Ministério das Relações Exteriores.

Nesse relatório, Euclides da Cunha toca enfaticamente nos problemas do seringueiro e sua vida social. O relatório é um documento rico em informações sobre o rio Purus e toda a Amazônia. Nele, Euclides faz incursões e discussões que mais tarde foram explicitadas nos textos de *À margem da história*, como: a hidrografia do rio Purus, seu povoamento, o seringueiro, a extração do látex, os cronistas que passaram pela região Norte e deixaram suas impressões sobre os rios e as micros regiões do Norte. *O Rio Purus* é um rico documento sobre a vida e o caráter do seringueiro e do caucheiro e sobre a extração do látex da borracha, os tipos de árvores da borracha e suas qualidades.

Euclides preocupado em denunciar ao Brasil as péssimas condições de vida impostas aos trabalhadores da borracha recorre, em alguns momentos, ao método descritivo como estética para melhor imprimir a real vida daqueles que se aventuravam na selva com o sonho de ganhar dinheiro na extração da borracha.

Sobre essa estética, vale ressaltar os postulados de Lukács (1968) em seu clássico texto “Narrar ou descrever”, onde analisa e compara os romances realistas, em particular os de Balzac e Tolstói, com os primeiros e mais importantes romances naturalistas, de Zola e Flaubert. Nessa oposição, para Lukács, nos romances dos primeiros escritores, a dissolução dos conflitos estaria relacionada às ações humanas recíprocas, ao passo que nos romances dos naturalistas a dissolução estaria conduzida à exposição estática de objetos e acontecimentos. No primeiro caso a narração conduz o leitor a viver os conflitos e destinos dos heróis, opostamente a descrição leva o leitor à observação de fatos. Na escritura desse relatório Euclides da Cunha recorrerá aos dois métodos, principalmente ao narrativo, porém quando trata do seringueiro esboça enormes e significativas descrições com o objetivo de trazer ao leitor a real vida do trabalhador da borracha. Esse recurso é de extrema importância aqui, pois ele aparecerá com recorrência nos romances, brevemente narrados ou também com descrições muito parecidas à que Euclides da Cunha apresenta neste relatório e em outros textos. Resta dizer que as descrições não estão soltas no texto, elas já estão carregadas de análise do autor, onde sai em defesa do contingente humano que deixava o sertão árido e ia tentar a vida no sertão alagado.

O relatório é um indispensável “documento e narrativa” com valiosas e peculiares descrições da Amazônia em todos os seus aspectos: históricos, geográficos, hidrográficos, sociológicos, naturais, biológicos, minerais, etnológicos e antropológicos. O texto traz informações muito além daquelas que, segundo sua função, se esperaria de Euclides da Cunha. Nele encontramos descrição dos conflitos existentes entre os seringueiros e caucheiros; a perda de parte da embarcação e provimento ocorrido num naufrágio durante a expedição; o erro de William Chandless em sua expedição em 1864, quando chegou à confluência do rio Cavaljane com o Purus; e muitas outras informações sobre aquela região. O relatório foi escrito sob a forma de diário e segue a linha temporal da excursão na subida dos rios Amazonas e Purus. Nessa tarefa de observador e escritor, Euclides da Cunha se mostra um excelente e perspicaz viajante que não deixou de anotar as mais diversas situações e cenas que presenciou.

Um dos casos mais notórios foi justamente o fato da comissão mista brasileiro-peruana ter tomado caminho oposto ao de William Chandless, na confluência do rio

Cavaljane com o Purus, seguindo pelo Sul onde encontrou várias populações de caucheiros que ali habitavam e alcançando a nascente desse rio.

A seção IV “Caracteres físicos da região e seus povoadores (considerações)” desse relatório nos chama a atenção por Euclides da Cunha esboçar as diferenças entre as duas árvores produtoras da borracha, o caucheiro peruano, o seringueiro brasileiro, seus modos de trabalho e a importância desses dois seres na povoação da região do alto Purus:

Sujeito sempre aos dados das nossas próprias observações, indiquemos desde já, no último, um caráter cosmopolita que o da primeira. De fato enquanto a *castilloa*, a partir dos vales do Madre de Dios e do Ucaiale se derrama para o norte transpondo o *divortium aquarum* do Amazonas para ir florescer quase até além de Ituxi e outros rios do Baixo Purus - a *hevea* parece ir apenas até Catai.

A natureza de ambos determinou a do povoamento. De fato é geralmente sabido que o caucho, depois dos golpes oblíquos com que o sangram, e dos talhos nas sapopembas, mui poucas vezes resiste. A árvore morre da incisão, onde se gera logo inúmeros carunchos que a atrofiam. Por isto o caucheiro não a conserva numa exploração permanente: derruba-a logo para aproveitar, por meio de incisões circulares, de meio em meio metro, todo o leite que ela possui.

A seringueira, pelo contrário, resiste indefinidamente quase, aos talhos metodicamente dispostos nas *arriações* conhecidas - embora a degenerescência da casca nos pontos feridos e, ao fim de alguns anos, o aspecto das frondes estioladas e pobres de folhas, denunciam o enfraquecimento geral da árvore. De qualquer modo, porém, resiste; e um trabalho inteligente atenua consideravelmente os males destas sangrias anuais. Por isto o seringueiro a conserva.

Destas circunstâncias resultam, exclusivamente, os atributos das duas sociedades novas e originais que tratamos naqueles lugares.

O *caucheiro* é por força um nômade, um pesquisador errante, estacionando nos vários pontos a que chega até que tombe o último pé de caucho. Daí o seu papel notável no desvendar paragens desconhecidas. Todo o alto Madre de Dios e todo o alto Ucaiale foram entregues à ciência geográfica pelos audazes mateiros, de que é Fiscarrald a figura mais completa.

Nestas largas peregrinações, sendo inevitável o continuado encontro de tribos variadas, educou-se-lhes a combatividade em constantes refregas contra o bárbaro, que lhes deram, consequentemente, mais incisiva que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora.

O seringueiro é por força sedentário e fixo. Enleiam-no, pretendo o para sempre ao primeiro lugar em que estaciona, as próprias *estradas* que abriu, convergentes na sua barraca, e que ele percorrerá durante a sua vida toda. Daí o seu papel, inegavelmente superior, no povoamento definitivo.

De qualquer modo não podemos negar a ambos uma função notabilíssima no atual momento histórico da América do Sul. (CUNHA, 2009, v. 1, p. 426).

Euclides da Cunha neste excerto nos traz informações que distinguem claramente as diferenças das duas árvores mais importantes produtoras da borracha: a *Castilloa elastica* - caucho - e a *Hevea brasiliensis* - seringueira. A terra jovem seleciona o homem que vai habitá-la e também especializa-o na coleta do látex da seringa ou do caucho. Na região mais alta em sentido ao Peru, onde se encontra a *Castilloa elastica*, o tipo de trabalho é de um modo, ao passo que onde está a *Hevea brasiliensis*, mais para o lado brasileiro, o modo de trabalho é outro, logo a terra seleciona e especializa o homem. Para a extração do látex da *Castilloa elastica*, o caucho, o trabalhador recebia a alcunha de caucheiro, já para a extração

do látex da *Hevea brasiliensis*, a seringueira, o trabalhador recebia o apelido de seringueiro. Esse ponto é melhor explorado no texto “Um clima caluniado”, em que Euclides da Cunha, baseado em teóricos naturalistas, trata da teoria da seleção natural telúrica onde a selva constrói o homem que nela habita, e o homem melhor preparado para isso seria o caboclo. No entanto, Euclides da Cunha reconhece que o sertanejo, *brabo*, que migrava do Nordeste, conseguia se adaptar, com muito sofrimento, e superar as condições adversas da mata como: o clima quente e úmido e as doenças que a floresta causava. Após um ano de trabalho esse sertanejo - *brabo* - se tornava *manso*, em decorrência da dívida que acarretava com o patrão, das condições aviltantes de trabalho, das doenças e, por fim, da “aclimatação do homem” à selva.

Euclides da Cunha demonstra tanto nesse relatório, quanto em *À margem da história* as formas irracionais de extração do látex, em especial na coleta da matéria prima do caucho, que causava o desmatamento e verdadeiras “ilhas desarborizadas” na floresta amazônica. Nos outros textos sobre a Amazônia vê-se Euclides denunciando - de forma clara, os modos aviltantes de trabalho impostos ao extrator. A descrição feita por Euclides da Cunha do homem na extração do látex, seja ele caucheiro ou seringueiro, e o desmatamento irracional nesse trabalho, neste documento oficial, exerce também a função de instrumento de denúncia frente à necessidade de reconhecimento, demarcação, desenvolvimento e melhor aproveitamentos dos recursos naturais da região.

A despeito das características específicas de cada coletor do látex: seringueiro ou caucheiro, Euclides da Cunha reconhece o povoamento desses dois trabalhadores como determinante para a região do Alto Purus, com ênfase para o seringueiro, por fixar lugar de residência, diferentemente do caucheiro que após derrubar a árvore do caucho e extrair o látex, parte para outra região. Outro aspecto apontado como alto para esse autor foi a valentia desses dois tipos de trabalhadores ao entrar na mata para a coleta do látex e conseqüentemente criar vilas e povoar a região, como aconteceu com as cidades de Lábrea e Manuel Urbano (Ibid., pp. 427 - 428).

Euclides, baseado nos relatos dos viajantes da região do rio Purus, notadamente Chandless, conseguiu escrever uma história desse rio e o percurso traçado pelos cronistas e desbravadores que por ali passaram e deixaram suas impressões. Fitzcarraldo, Leopoldo Collazo, Manuel Urbano e Antônio Rodrigues Pereira Lábrea³⁶ aparecem como desbravadores

³⁶ Segundo Velosso Leão, em 1890, o caucheiro peruano, Carlos Fitzcarraldo, descobriu uma estreita faixa de terra que separava as bacias do Ucaiale e do Madre-de-Dios, ligando por um varadouro o rio Misahu ao Caspajali. O loretano Leopoldo Collazos descobriu a passagem entre o Ucaiale e o Purus, penetrando pelo

caucheiros importantes para o povoamento da região, pois além de fazer descobertas, fundaram vilas que mais tarde se tornaram cidades, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da região e operando a função de pontos estratégicos de ligação entre as cidades na selva (Ibid., pp. 438 - 439). Para Euclides da Cunha, Lábrea surgiu subitamente em decorrência da rápida migração para a extração da borracha e já merecia o título de uma das cidades mais dinâmicas da América do Sul:

Não maravilha em que em 1873, B. Brown e W. Lidstone, viajando pelo Purus, notassem a toda hora, filtrando-se nas folhagens da mata marginal, os rolos de fumo revelando as barracas em que se defumava o látex das seringueiras; e que em Mabidiri e Sepatini, distantes mais de 1.300 quilômetros da foz, deparassem opulentos seringais exportando 18.000 e 30.000 kg de borracha. Para não nos delegarmos demais não acompanharemos em todas as suas fases esta expansão povoadora, uma das mais enérgicas não já da nossa terra senão de toda a América do Sul (Ibid., p. 447).

Sobral é outra cidade que aparece nesse relatório como representação do rápido povoamento que se deu na região do Purus, em razão da extração da borracha, a partir de sua fundação em 1898. No entanto, sua riqueza aguçou a cobiça de caucheiros e seringueiros, circunstanciando vários conflitos sangrentos a partir de 1900 entre os coletores brasileiros e bolivianos:

Mas a exportação da borracha sob as suas varias modalidades que vão dos mais finos produtos da *hevea*, ao caucho e ao sernambi, continuou a ser o mais seguro estalão no aferir-se o progresso geral - que duplicou no decênio de 1892-1902, como o revela a simples referencia das produções anuais nos últimos três anos daquele período: 5.520.000 kilogramas em 1900; 6.016.00, em 1901; e em 1902, 6.750.000, isto é, mais de um terço da produção total do estado do Amazonas.

As levas povoadoras avassalaram quase todo o Alto Purus. Á parte os demais afluentes e entre eles o Acre onde, naquele período, o ímpeto das entradas determinou grave conflito com a Bolívia, que não vem ao nosso propósito historiar; adstringindo-nos ao curso principal do Purus, vemos que de 1898 a 1900 se fundaram mais cinco estabelecimentos mais afastados pontos.

Sobral, erguido em 1898, a 9º 15'07" de lat., demarca hoje a mais avançada atalaia dessa enorme campanha com o deserto. Quem o alcança, partindo da foz do Purus e percorrendo uma distancia itinerária de 1417 milhas ou cerca de 400 léguas, tem a prova tangível de que quatro quintos do majestoso rio estão completamente povoados de brasileiros, sem um hiato, sem a menor falha de uma área em abandono, ligadas as extremas de todos os seringais - estirando-se unida por toda aquela largura, que lhe define geometricamente a grandeza, uma sociedade rude porventura ainda, mas vigorosa e triunfante.

Por que se realizou ali, e ainda se realiza, uma vasta seleção natural. Para esse afoitar-se com o desconhecido não basta o simples alheio das riquezas: requerem-se uma vontade, um destemor estoico, e até uma complexão física privilegiada.

Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico de uma aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigosos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia.

Há, certo, naquela sociedade principiante, os veios e os desmandos imanentes aos grandes deslocamentos sociais - e que ali repontam como repontaram nos primeiros tempos do Transval e na azafama tumultuária das *rushs* no *Far-West*, ou nas minas da Califórnia. A propriedade mal distribuída, ao mesmo passo que se dilata nos latifúndios das terras que se limitam de um lado pelas beiradas do rio, reduz-se economicamente nas mãos de um número restrito de possuidores. O rude seringueiro é duramente explorado despeado do pedaço de terra em que pisa longos anos - e exigindo, pela sua situação precária e instável, urgentes providências legislativas que lhe garantam melhores resultados à tão grandes esforços. O afastamento em que jaz, agravado pela carência de comunicações, redu-lo, nos pontos mais remotos, a um quase servo, à mercê do império discricionário dos padrões. A justiça é naturalmente serôdia ou nula.

Mas todos esses males, que fora longo miudear, e que não velamos, provêm, acima de tudo, do fato meramente físico da distância.

Desaparecerão, desde que se incorpore a sociedade sequestrada ao resto do país, e para isto requer-se, desde já, como providência urgentíssima, o desenvolvimento da navegação até o último ponto habitado, completada pelo telégrafo, ao menos entre Manaus e a boca do Acre.

Veremos que tais medidas - sobradamente compensadas com as próprias rendas atuais daquelas regiões - não demandam dispêndios esforços extraordinários (Ibid., pp. 450 - 451).

Nessa longa citação Euclides elege o cearense como o homem selecionado pela selva para habitá-la. Não só a mata seria obstáculo para o seringueiro, mas também e, principalmente, o clima úmido e quente com suas doenças, em especial, a maleita. Porém, o autor de *Os Sertões* não deixa de ressaltar o conflito entre seringueiro e patrão, apontando as imposições deste sobre o seringueiro. Euclides enfoca em poucas linhas dois problemas diretamente relacionados ao seringueiro: o climático e o social. O climático provém das duras e constantes secas do Nordeste que forçavam os cearenses a migrarem para a Amazônia; o social está na relação conflituosa entre patrão e trabalhador, sendo o primeiro explorador do segundo. Por isso mesmo, Euclides da Cunha conclama por uma legislação trabalhista que protegesse e assegurasse os trabalhadores da opressão e exploração do patrão.

É importante ressaltar que Euclides da Cunha tinha consciência do documento que estava escrevendo, por isso mesmo explora essas questões. Tendo conhecimento que esse texto se tornaria um documento oficial do governo, seu foco recai em chamar a atenção das autoridades para aquele enorme contingente de pessoas que fazia o processo migratório e sofria o isolamento e degradação na extração da borracha na região do Alto Purus.

Assim, esse relatório, publicado em 1906, além do seu caráter oficial, ganha outros sentidos em virtude do tratamento dado ao seringueiro na região do rio Purus. Euclides da Cunha, que saiu em defesa do sertanejo contra os ataques do Estado, em *Os Sertões*, dá sequência a essa defesa, nesse relatório, ao sertanejo abandonado na selva e explorado pelos donos dos seringais. A ideia de dois *Brasis* aplicada em *Os Sertões*: sertão atrasado e litoral desenvolvido é retomada nesse relatório como afirmação de que o Norte não recebia a atenção

que merecia quanto às suas precariedades e potencialidades para ser exploradas e fazer a região se desenvolver.

Por fim, esse relatório sendo um documento oficial do Estado, não deixa de ser também riquíssimo instrumento de grande valia para as pesquisas históricas, antropológicas, geográficas, sociais e literárias, tendo em vista o seu aspecto plural em vários temas abordados por Euclides da Cunha. Esse documento nos dá uma visão panorâmica e completa em todos aspectos da Amazônia, em particular da região do rio Purus.

3.5 - *À margem da história*

Publicado em 1909, *À margem da história* era o projeto do segundo livro vingador de Euclides da Cunha. Em seis cartas Euclides comenta a seus amigos o projeto e as fontes de seu novo livro que viria sobre a Amazônia³⁷. Nelas Euclides da Cunha esboça o seu desejo em escrever um livro vingador onde retomaria o tema do conflito entre o homem e a terra, porém agora nos sertões alagados da Amazônia. Nessas cartas, Euclides já dá os primeiros passos dos textos que viriam a surgir em *À margem da história* sobre a terra nova, sua exuberância e brutalidade. Como o *Paraíso Perdido*, de John Milton, Euclides escreveria *Um paraíso perdido* onde esboçaria sobre os forasteiros que para lá se direcionavam. No entanto, em 1909, a terrível morte de Euclides da Cunha interrompeu a conclusão da obra, e os textos foram reunidos e publicados, postumamente, com o título de *À margem da história*, pela editora Lello, em Portugal.

³⁷ As cartas são a José Veríssimo, Manaus, 13 de janeiro, 1905; a Coelho Neto, Manaus, 10 de março, 1905; a José Veríssimo, Manaus, 10 de março de 1905; a Arthur Lemos, Manaus, sem dia e mês, 1905; a Escobar, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1906; a Firmo, Rio de Janeiro, 30 de setembro, 1906: “É uma terra que ainda está preparando para o homem - para o homem que invadiu fora de tempo, impertinente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei, talvez, esteiando-me nos mais secos números meteorológicos, que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão de suas energias, é uma perigosa adversária do homem”. (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, p. 252). [...] “Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí e num livro: Um Paraíso Perdido, onde procurarei vingar a Hiloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos” (Ibid, p. 266). [...] “Escreverei um Paraíso Perdido, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira” (Ibid, pp. 269 - 269). [...] “Em paz, portanto, esta rude pena de caboclo ladino. Ou melhor, que vá alinhando as primeiras páginas de *Um Paraíso Perdido*, o meu segundo livro vingador. Se o fizer, como o imagino, hei de ser (perdoe-me a incorrigível vaidade) hei de ser para a prosperidade um ser enigmático, verdadeiramente incompreensível entre estes homens” (Ibid, p. 306). [...] “Já comecei - finalmente! - a alinhar Um Paraíso Perdido - e a este propósito peço-te que me mandes o Álbum do Amazonas, assim como as melhores observações que obtiveres quanto à borracha em geral, e a sua atual situação mercantil, em Manaus” (Ibid, p. 314).

Como em *Contrastes e confrontos* examino apenas os textos em que Euclides foca o seringueiro e sua vida na dura nos seringais na extração da borracha. É justamente na primeira parte - “Na Amazônia - Terra sem história” - dessa obra que Euclides escreve sobre a Amazônia e os homens que povoaram e habitaram essa região. Nessa análise deixo os artigos “Judas Ahsverus” e “Entre os seringais” para uma seção especial, visto suas peculiaridades em aspectos literários. Em *À margem da história* são redundantes as críticas de “Euclides às atrocidades cometidas pelos colonos portugueses aos índios na Amazônia, na época da colonização lusitana, assim como a exploração aos caboclos e aos seringueiros” (LEÃO, 1966, p.78).

Em *À margem da história*, Euclides da Cunha retoma as críticas já trabalhadas em *Os Sertões*, como a integração do país, o atraso do “Norte e o progresso do Sul”, o desleixo das autoridades ao Norte, as secas que flagelavam os sertanejos e a falta de políticas que socorressem aquela população. Esteticamente Euclides dá continuidade ao emprego de uma linguagem calcada no cientificismo, erudição e poesia. Novamente sai em defesa do sertanejo que se transforma em seringueiro nos seringais alagados do Acre e é aprisionado e explorado pelo patrão. Frente a essa situação propõe a necessidade de uma legislação que protegesse os trabalhadores dos grilhões do patrão. Muitos outros pontos são discutidos nestes ensaios, em especial a necessidade de investimentos numa região rica em recursos naturais e minerais com um oceano de água doce para ser explorado pelo transporte hidrográfico. Os conflitos entre seringueiros e caucheiros nas fronteiras do Peru com o Brasil são pontos altos discutidos nesses ensaios, assim como os diferentes modos de coleta e trabalho desses dois extratores do látex. Frente à imensidão da selva e à irracionalidade do homem na destruição da natureza, Euclides da Cunha também se sobressai como um ecologista ao defender a natureza que estava sendo desmatada de forma desordenada e predatória.

À margem da história é uma reunião de doze ensaios, em que o escritor imprime sua preocupação por temas nacionais e da América do Sul, dividido em quatro partes: “Na Amazônia - Terra sem história”, “Vários Estudos”, “Da Independência à República” e “Estrelas Indecifráveis”.

No primeiro ensaio de “Na Amazônia - Terra sem história”, “Impressões gerais”, o autor de *Os Sertões* levanta questões importantes quanto à relação impactante entre homem e natureza. O homem seria um intruso pelo modo em que chegou a floresta, com puros objetivos de devastá-la. A enorme massa de seringueiros, ávidos em ganhar dinheiro na coleta da borracha, promoveria um povoamento desordenado e conseqüentemente a destruição da natureza:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem ... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em “sacados”, cujos istmos as vezes se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em “furos” que se anastomosam, reticulados e de todo incarácterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos (Ibid., pp. 131 - 132).

A visão de um enorme oceano de águas que Euclides teve diante de seus olhos é semelhante à que foi descrita anos antes por muitos viajantes, basta citar a visão impressionista que Elizabeth Agassiz teve sobre a imensidão dos rios, a ponto de pôr em dúvida se a Amazônia era uma região aquática ou terrestre:

O Legislador deve encarar essa região como um mar ou como um continente? Estas regiões são essencialmente terrestres ou aquáticas? Foram estes os problemas que se apresentaram no decorrer da discussão. Uma zona de terra que estende de um extremo a outro dum continente e que, durante a metade do ano, desaparece debaixo d'água, onde por conseguinte não pode haver nem caminhos de ferro, nem grandes estradas, nem mesmo viagens a pé por extensões consideráveis, não pode ser considerada como terra firme. É verdade que neste oceano feito de rios, ao invés de a maré subir e descer cada dia, é anual; a sua amplitude é mais lenta, mais durável, mais extensa; em lugar de ser regulada pela lua, o sol é que a regula (AGASSIZ, 2000, p. 249).

A chegada do nordestino a Amazônia é narrada de forma irônica, a partir de sua virtual desgraça na floresta, ao passar pelas Ilhas de Marapatá e da Consciência, as duas entradas aos seringais do Alto Amazonas, onde os sertanejos perderiam suas qualidades de fortes e seriam derrotados pelas forças da natureza:

Os mesmos amazonenses, espirituosamente, o percebem. À entrada de Manaus existe a belíssima ilha de Marapatá - e essa ilha tem uma função alarmante. É o mais original dos lazaretos - um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência ... Meça-se o alcance deste prodígio da fantasia popular. A ilha que existe fronteira à boca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se “ilha da Consciência”; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável (CUNHA, 2009, v. 1, p. 141).

Aqui, Euclides da Cunha já sinaliza a desgraça do homem que deixava o sertão do Nordeste para adentrar na floresta densa e perigosa. A ironia de “Ilha da Consciência” é aplicada aos sertanejos que se aventuravam na selva na extração do látex e deveriam deixar para traz todas as suas qualidades de forte e se enquadrar às exigências do trabalho rude de aviltamento do homem.

As antíteses e paradoxos comuns em *Os Sertões* retornam a aparecer nos textos de *À margem da história*. A expressão paradoxal de “paraíso diabólico dos seringais” traduz o ambiente aviltante de trabalho que os sertanejos encontrariam nos seringais, onde seriam esquecidos e abandonados na selva, num sistema de trabalho análogo à escravidão³⁸. Ao deixar o sertão, o sertanejo já acumulava uma dívida com o patrão, sem conhecê-lo e sem ter trabalhado, com os gastos da viagem até os seringais, como bem apontou Euclides da Cunha, ao decifrar aquele cruel sistema em que o sertanejo caminhava em direção a um “trabalho que iria escravizá-lo”:

É que, realmente, nas paragens exuberantes das heveas e castilloas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo. De feito, o seringueiro e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precitando-a com alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vede esta conta de venda de um homem:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até o Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte num gaiola qualquer de Belém ao barracão longinquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linhas e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte* da *madeira* e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encajado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2: 090\$000.

Admitamos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem: a) que seja solteiro; b) que chegue à barraca em maio, quando começa o corte; c) que não adoça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10\$000 diários; d) que nada compre além daqueles víveres – e que seja sóbrio, tenaz, incorruptível; um estoico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitência dolorosa e longa. Vamos além - admitamos que, malgrado a sua inexperiência, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de sernambi, por anos, o que é difícil, ao menos no Purus.

Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este estoico, este indivíduo raro ali, ainda deve. O patrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escritura as contas. Os 350 quilos remunerados hoje a 5\$000 rendem-lhe 1:750\$000; os 100 de sernambi, a 2\$500, 250\$000. Total 2:000\$000.

É ainda devedor e raro deixa de ser. No ano seguinte já é manso: conhece os segredos do serviço e pode tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o período da enchente, de novembro a maio – sete

³⁸ Essas figuras de linguagem são bem exploradas por Walnice Nogueira Galvão em “Polifonia e Paixão”. (GALVÃO, In: CUNHA, 1999, v. 1, pp. XXV - XLIII).

meses em que a simples subsistência lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em víveres, ou seja, em números redondos, 1:500\$000 - admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. É evidente que, mesmo neste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

Agora vede o quadro real. Aquele tipo de lutador é excepcional. O homem de ordinário leva àqueles a imprevidência características da nossa raça; muitas vezes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adocece, mercê da incontinência generalizada.

Adicionais a isto o desastroso contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os “Regulamentos” dos seringais são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-o, vê-se o renascer de um feudalismo acalanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, cousas assombrosas.

Por exemplo: a pesada multa de 100\$000 comina-se a estes crimes abomináveis:

a) Fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado; b) levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada; c) sangra com machadinha de cabo maior de quatro palmos.

Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão, não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50% sobre a importância comprada.

Farpeiem-se de aspas estes dizeres brutos. Ante eles é quase harmoniosa a gagueira terrível de Caliban.

É natural que ao fim de alguns anos o *freguês* esteja irremediavelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: três, quatro, cinco, dez contos, às vezes, que não pagará nunca. Queda, então, na mórbida impassibilidade de um felá desprotegido dobrando toda a servidão completa. O “Regulamento” é impiedoso: Qualquer freguês ou aviador não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...

Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre números reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.

Agora, digei-me, que resta no fim de um quinquênio do aventureiro sertanejo que demanda aquelas paragens, ferretoado da ânsia de riquezas?

Não o ligam sequer á terra. Um artigo do famoso “Regulamento” torna-o eterno hóspede dentro da própria casa. Citemo-lo com todo o brutesco de sua expressão imbecil e feroz: Todas as benfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se.

Daí o quadro doloroso que patenteiam, de ordinário, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre os sororocas, a estreitíssima trilha que conduz à vivenda, meio afogada no mato. É que o morador não despende o mais ligeiro esforço em melhorar o sítio de onde pode se expedido em uma hora, sem direito à reclamação mais breve.

Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fora inútil aponta-los. Dela ressalta impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente á terra. (Ibid., pp. 141 - 143).

A longa citação se faz necessária, pois ela é fundamental para compreendermos os ambientes dos seringais quando rapidamente citados nos romances desse tema. Como já apontei, Euclides da Cunha não é conhecido por ser um intelectual sobre questões trabalhistas, porém neste ensaio, como no texto “Um velho problema”, de *Contraste e confrontos*, está claro o tratamento que o autor de *Os Sertões* deu a este tema e sua preocupação frente à necessidade de uma legislação trabalhista. Esse talvez seja um dos poucos “sistemas de

trabalho” conhecidos no Brasil em que o operário inicia o trabalho já devendo: “é o homem que trabalha pra escravizar-se”.

Euclides da Cunha neste ensaio imprime sua denúncia ao Estado e sai em defesa de uma categoria de trabalhadores ao expor o conjunto de normas que era o instrumento de coerção e espoliação do trabalhador, que estava em situação análoga à de escravo e era a força motriz da economia da borracha e desenvolvimento da região. O excerto acima citado nos remete ao enredo de *O Paroara*, em que o sertanejo para ir trabalhar nos seringais da Amazônia, acumulava dívidas com a viagem, com suprimentos para alimentação, ferramentas e outras exigências impostas pelo patrão, como se vê no personagem Bernardo das Ipueras, dono do seringal. Como vimos em *O Paroara*, era o patrão quem determinava o valor da borracha colhida pelos seringueiros e estes, analfabetos e em dívida com o patrão, tinham que aceitar as imposições do dono do seringal. Em decorrência disso, os trabalhadores no primeiro ano não conseguiam quitar suas dívidas, e não podiam deixar o barracão, confirmando o sistema paradoxal de trabalho como escravidão. Aliado a isso, o período das águas, de novembro a maio, contribuía decisivamente para o seringueiro aumentar sua dívida e ficar ainda mais sob o poder do patrão, pois nesse período não se extrai o látex, no entanto, o seringueiro continuava mantendo gastos por ter que comprar mantimentos para sobreviver.

Se por um lado, existia um bem organizado sistema de recrutamento de sertanejos para “trabalhar” nos seringais e colocá-los em condição análoga à de escravidão; por outro, não se há registros de revolta ou motins por parte dos trabalhadores. Esse fato mostra o quão aparelhado era aquela organização criminoso entre os donos de barracões, a ponto do seringueiro não conseguir deixar o seringal e ir trabalhar em um de outro proprietário. Esses acordos e união entre os patrões concorriam contra o seringueiro no sentido de se tornarem “eterno hóspede dentro de sua própria casa”. O “Regulamento”, um conjunto de normas, era outro instrumento usado pelos patrões para coagir os trabalhadores que, para Euclides da Cunha, só encontraríamos situação semelhante no feudalismo.

Outro aspecto que se nota na descrição das normas do barracão é a imposição ao seringueiro em não desenvolver qualquer tipo de agricultura, ficando sempre a mercê da compra de produtos do armazém do patrão. Isso demonstra claramente que o seringueiro não mantinha qualquer vínculo com a terra, pois o patrão não permitia. Araújo Lima em *Amazônia, a terra e o homem* (1975) nos dá uma visão mais clara de como isso procedia:

Os alimentos consistiam quase exclusivamente em conservas caríssimas e nocivas. O seringueiro fatalmente despercebia-se da necessidade de cultivar a terra. Mas, se fazia qualquer tentativa nesse sentido, era dissuadido o seu intento pelo patrão.

Pode-se mesmo dizer que havia interdição ao cultivo de produtos alimentícios. Plantar era um crime. De grande proprietário no rio Aripuaña ouvi a confissão de que, naqueles tempos ominosos, expulsava de seus seringais todo freguês que tentasse fazer a pequena lavoura.

O extrator nada devia produzir, - era a doutrina, - mas apenas extrair o outro líquido, que jorrava abundantemente das seringueiras. Naquela época de grandeza mal aproveitada, de desperdício e de imprevidência, era crime produzir; só lícito extrair e destruir (LIMA, 1975, p. 86).

O custo alto dos alimentos para os seringueiros se justificava pela dificuldade de transporte na selva e por passar pela mão de vários atravessadores:

O fator mais deprimente da vida comercial amazônica era a carestia da vida, que não se agravava apenas pela “tirania da distância”, mas ainda por uma impiedosa oneração das faturas de gêneros do consumo de primeira necessidade. Os preços que chegavam as mercadorias às mãos do extrator, eram fabulosos e incríveis: representavam cerca de quatro vezes o custo no Rio de Janeiro, e às vezes mais (Ibid., p. 86).

Esse fator era um dos determinantes para o seringueiro partir sozinho para os seringais e viver isolados na selva. Deixar a mulher e toda a família no sertão era mais vantajoso, pois a mulher no seringal iria aumentar os gastos do extrator.

De acordo com Araújo Lima, o seringueiro estava proibido, pelo patrão, de exercer qualquer atividade produtiva na terra, por questões óbvias; primeiramente porque sua atenção e trabalho poderiam ser desviados por esse “suposto trabalho na terra”; outro motivo seria, caso o seringueiro passasse a produzir algum alimento na terra, iria deixar de comprar do patrão e iria obter alguma “independência”, o que não era interessante naquele sistema de trabalho, pois este sistema foi criado de tal modo que o seringueiro sempre ficasse dependente do patrão.

Para Leandro Tocantins, o patrão exercia, no seringal, uma função disciplinadora e centralizadora similar a do senhor de engenho do Nordeste:

E até na organização patriarcal houve, no seringal, uma certa identidade que se aplica pela procedência nordestina das populações seringueiras e a própria natureza do trabalho e da exploração econômica. O patrão, ou o coronel, ou o seringalista, foi assim, a revelação humana mais característica do sistema econômico da borracha, e o seringueiro, um simples prolongamento desse elo ecológico muito estreito, cuja gradação poder-se-ia enunciar, de modo mais completo: seringa, seringal, seringalista e seringueiro (TOCANTINS, 1982, p. 114).

Comparação semelhante encontramos em Arthur Cezar Ferreira Reis, em *O seringal e o seringueiro*, ao comparar a casa grande, do período da escravidão, ao barracão no seringal:

O barracão central equivalia, guardadas as proporções de tempo, local e gênero de vida, À casa-grande do senhor de engenho nordestino. Não oferecia o conforto

daquelas. Na generalidade, de dois andares: o de baixo, servindo de armazém; o de cima, de residência do seringalista” (REIS, 1953, p. 82).

Sendo assim, o homem, na floresta, é um hóspede indesejado por não manter qualquer vínculo com ela, e sua função é exercer o trabalho devastador no corte da seringueira e derrubada do caucho, deixando seu rastro de destruição. O sertanejo, ao partir do Nordeste e entrar na floresta, deixa para trás suas qualidades de forte e capaz de sobreviver às duras secas, e em pouco tempo se transforma num manso, com seu direito de circulação cercado pelo patrão, cumprindo a máxima do “homem que trabalha para escravizar-se!”.

A majestosa atividade dos paroaras em recrutar sertanejos miseráveis e flagelados das secas é apresentada por Euclides da Cunha como fundamental para a manutenção daquele sistema, pois quanto maior o exército de sertanejos nos seringais, maior seria a extração do látex da borracha. O contrato entre o sertanejo - potencial seringueiro - e o seringalista promove uma relação conflituosa e de superioridade para o segundo. Antes do sertanejo ir para o espaço paradoxal - “paraíso diabólico” - já se tornava um semiescravo, um ser pertencente ao patrão, pois já estava em dívida. Após um ano de trabalho, o sertanejo *brabo*, se tornava num seringueiro *manso*. Essas duas últimas expressões opositivas revelam de forma clara que o sertanejo ao se transformar em seringueiro, igualmente mudava sua condição física, de forte para degradado. Suas características são invertidas, numa oposição de caráter, de espaço, de trabalho e condição social. O sertanejo, que no sertão é *brabo*, trabalhador livre, autônomo e independente, no seringal passa a ser *manso*, preso a uma condição análoga à de escravo e sujeito a toda violência do patrão e da selva. Assim, o olhar crítico de Euclides da Cunha se volta para o homem em conflito com o meio, seja social ou natural. A linha condutora de Euclides da Cunha em sua análise é a do determinismo relacionado aos fenômenos naturais e das relações sociais, num conflito marcado entre o homem com a terra e com o dono do seringal.

No interior da selva, o seringueiro é condicionado ao isolamento no seringal por seis meses, período da estiagem; nos outros seis meses, período das águas, fica na inércia, pois não se pode extrair o látex da borracha. Porém, mesmo sem trabalhar, permanece com gastos e sua dívida aumenta com o dono do seringal.

O “Regulamento”, escrito pelo patrão, cognominado como “contrato” era, na verdade, mais um instrumento de cerceamento e aprisionamento do trabalhador que raramente conseguia saldar sua dívida com o patrão, como vimos de forma clara no romance *O Paroara*. As “regras” que, na sua maioria, eram imposições de deveres ao seringueiro, funcionavam como instrumentos de coação do patrão e simulacro de “normas” do barracão.

Samuel Benchimol, em seu livro *Romanceiro da batalha da borracha* (1992) nos traz um exemplar do regulamento dos seringais de Octávio Reis, que já corresponde ao segundo período da produção da borracha amazonense, a partir de 1930. Nesse documento podemos ter uma visão clara de como eram as formas de tratamento impostas e firmadas ao seringueiro. Os primeiros parágrafos do regulamento impressionam de imediato qualquer leitor ao se deparar com um documento que tenta expressar a ideia de “democracia, respeito e o princípio de igualdade” aos que viviam no seringal:

Toda a nação tem as suas leis para por elas rege-se, e se estas leis não são obedecidas por seus habitantes será uma nação em completa desorganização, onde não poderá haver garantias para os que nela vivem, nem para com ela manter negócios.

Sucede o mesmo com toda a sociedade que tem os seus estatutos para por eles rege-se os seus sócios, e se não se obedece a eles será uma sociedade desbaratada e sem duração. Até nas casas de famílias, para serem bem organizadas, tem que obedecer a uma ordem, sem a qual virá logo a desorganização, e daí os resultantes desgostos de família, que infelizmente é o que acontece.

Como, pelo que vemos, tudo precisa de organização e ordem. Um seringal, por exemplo, onde habitam centenas de almas, com diversos costumes, sexos diversos, e até nacionalidades diversas, não pode deixar de ter o seu regulamento, pelo qual todos os seus habitantes possam orientar-se de seus deveres de acordo com as posições e trabalho de cada um.

Tenho convicção de que todos os que vivem em seringais desejam uma vida tranquila de paz, trabalho e justiça, e estou certo que, obedecendo fielmente a este regulamento, viverão bem e felizes. Precisamos notar que no seringal somos uma só família no cumprimento de nossos deveres, sem exceção de raça, crença religiosa, nacionalidade e posição. Somos todos iguais e devemos trabalhar para um mesmo fim, que é o de vivermos bem, sem prejudicar aos outros, tendo por lema este princípio: respeitar aos outros porque respeita-se a si próprio (BENCHIMOL, 1992, p. 97).

De forma irônica, o regulamento da década de 1930, bem distante do momento em que Euclides da Cunha teve contato com os seringueiros, propõe uma suposta sociedade de igualdade e sem injustiça. No entanto, já nos primeiros parágrafos fica clara a ideia de “obediência” ao Regulamento como uma necessidade ao “bem estar” do seringal. Como bem apontado por Euclides da Cunha, o documento, de forma unilateral, nas páginas seguintes apresenta os deveres aos trabalhadores do seringal em que coloca-os sempre na condição de obediência.

O Regulamento é o instrumento que o patrão usa para coagir e aprisionar os trabalhadores numa rede muito bem organizada entre eles. A descrição detalhada dessa união entre os donos de seringais, apresentada por Euclides da Cunha, exerceu a função de denúncia e crítica àquele modo de trabalho, numa região desconhecida pelas autoridades brasileiras, e onde o Estado não exercia qualquer papel. Neste ensaio, como em *Os Sertões*, Euclides da Cunha sai em defesa do sertanejo, ao denunciar ao Brasil as populações miseráveis que

fugiam da seca e sonhavam em ganhar dinheiro nos seringais da Amazônia, porém o que encontravam lá era um bem organizado sistema de trabalho como escravidão. As críticas de Euclides da Cunha são diretas às autoridades frente a necessidade de políticas de permanência do sertanejo no sertão árido nos período de intensas secas, e não provocar o processo migratório de uma região para outra, com drásticas consequências para esses flagelados. No mesmo sentido suas críticas recaem à necessidade de uma legislação trabalhista que amparasse aquela enorme massa de trabalhadores explorada e desamparada no meio da selva.

Em “Um clima caluniado³⁹” Euclides trata do clima da região do rio Purus, as doenças causadas pela mata, notadamente, a malária, e retorna a enfatizar as secas do final do século XIX como responsáveis pela migração de uma grande massa de nordestinos para a região do Acre. O clima, para Euclides da Cunha, seria o responsável em promover as pestes que seriam o grande desafio do seringueiro na mata. Nesse artigo, o autor de *Os Sertões* retoma o tema do trabalho duro ao seringueiro abandonado no seringal, e alça vãos para a análise psicológica do sertanejo ao expor o seu sofrimento na saudade do sertão nordestino, já antecipando a análise da mente humana que veremos com maior ênfase em “Judas Ahsverus”.

A Amazônia, para Euclides, deveria ser explorada pelo trabalho e povoada pelo homem, porém, não da forma como estava acontecendo: “A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Faltam-lhe à vestimenta de matos os recortes artísticos do trabalho”. O povoamento da região do Acre seria uma saída viável para a geração de emprego e o aproveitamento de seus recursos.

Para Euclides da Cunha, o homem do Sul ou o branco europeu não resistiria ao clima e as doenças daquela região, ideia esta que já era refutada por alguns estudiosos da Amazônia como, por exemplo, José Veríssimo⁴⁰. O caboclo seria o homem eleito por Euclides a viver na Amazônia, por resistir às imposições do clima quente e úmido (CUNHA, 2009, v. 1, p. 156).

³⁹ Esse artigo foi publicado no *Jornal do Comércio* em 20 de janeiro de 1907.

⁴⁰ Segundo José Veríssimo, houve uma ideia injusta e preconceituosa de que o homem branco não conseguia se adaptar na Amazônia em razão de sua insalubridade, porém havia povoamento e colônias de europeus que desmentiam essa ideia. “Pesa sobre a Amazônia um injusto preconceito da sua absoluta insalubridade e mais da sua incapacidade, como terra de colonização para o homem branco das zonas temperadas. Tal opinião, por mais espalhada que esteja, é infundada. Contra ela protestam a mesma história do povoamento e colonização do opulento vale por europeus e o fato de viverem, proliferarem e durarem ali numerosos indivíduos de regiões muito mais frias que a Península Ibérica, franceses, ingleses, alemães e outros. Sábios viajantes ilustres destas nacionalidades, como Bates e Wallace, que ali permaneceram anos, deixaram conceitos favorabilíssimos ao seu clima. Nem a mortalidade, nem a média da vida humana, são na Amazônia sensivelmente diferentes do que são no resto do Brasil. E hoje, depois dos estudos e opiniões dos eminentes sabedores patrícos, nenhum deles filho da Amazônia, os Drs. Osvaldo Cruz e Carlos Chagas, não é mais lícito aquele preconceito contra as suas condições de salubridade e menos ainda julga-los irremovíveis. Antes pelo contrário, dos estudos dos dois preclaros cientistas brasileiros resulta a evidência da possibilidade e relativa facilidade de tornar aquela região perfeitamente adequada ao europeu” (VERÍSSIMO, 1970, p. 162).

No entanto, Euclides aponta as migrações que aconteceram à gandaia no Acre, a partir de 1870, oriundas do Ceará e Paraíba, como positivas, pois os “cearenses” se aclimataram sem grandes dificuldades na região:

De fato - à parte o favorável deslocamento paralelo ao equador, desmandando as mesmas latitudes - não se conhece na história exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quando o da que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levas, as populações sertanistas do território entre a Paraíba e o Ceará, para aquele recanto da Amazônia. Acompanhando-a, mesmo de relance. Põe-se de manifesto que lhe faltou desde seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos. O povoamento do Acre é um caso histórico inteiramente fortuito, fora da diretriz do nosso progresso (Ibid., pp. 158 - 159).

Neste artigo, Euclides aponta as duras secas do Nordeste do fim do século XIX como decisivas no processo de migração e povoamento do Acre. Porém, o olhar atento dele não deixa de destacar os flagelados das secas que deixaram o interior e buscaram refúgio nas capitais litorâneas e de lá foram expulsos para o Acre. Como se fosse uma espécie de “limpeza” das grandes cidades litorâneas, as autoridades se preocupavam em se libertar daquele contingente de famintos e doentes que inchavam as cidades e o caminho mais viável era “enviá-los” para a Amazônia, como vimos no exemplo de *O Paroara*, em que a enorme multidão de flagelados do interior do Ceará inchava a cidade de Fortaleza:

Quando as grandes secas de 1879 -1880, 1889 -1890, 1900 -1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrados, devorados das febres e das bexigas - a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, ás carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia - vastíssima, despovoada, quase ignota - o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão doloríssima e única de desaparecerem ... E não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empanado, a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico (Ibid., p. 159).

Para Euclides da Cunha, mesmo com essa expatriação dentro da pátria, houve um progresso significativo na capital do Acre e na região do Purus, em razão dessa “migração forçada”. Porém, na terra nova o sertanejo ia, aos poucos, se “repatriando” com seu modo heroico:

A sua capital - uma cidade de dez anos sobre um tapera de dois séculos - transformou-se na metrópole de maior navegação fluvial da América do sul. E naquele extremo sudoeste amazônico, quase misterioso, onde um homem admirável, William Chandless, penetra 3.200 quilômetros sem lhe encontrar o fim - cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heroico; dilatando a pátria até os terrenos novos que tinham desvendado (Ibid., p. 159).

A “seleção telúrica” foi fator determinante nesta adaptação no Acre, pois o clima ditou as regras e a natureza só aceitou aqueles que estavam aptos a ela. Das massas humanas, doentes e fracas que fugiram das secas e foram “encaminhadas para a floresta”, só os mais fortes resistiram àquele clima e às exigências da terra:

[...] A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem.

Foi o que sucedeu em grande parte no Acre. As turmas povoadoras que para lá seguiram, sem o exame prévio dos que as formavam e nas mais deploráveis condições de transporte, deparavam, além de tudo isto, com um estado social que ainda mais lhes engravescia a instabilidade e a fraqueza (Ibid., pp. 160 - 161).

Percebe-se claramente por estes excertos que Euclides estava “imbuído” pelas ideias científicas de Charles Darwin e pelo determinismo do fim do século XIX (SANTANA, 2001). Nesse ensaio, Euclides da Cunha eleva a Amazônia como tema para expressar essas ideias biológicas e naturalistas na relação entre o clima e a adaptação do homem, reiterando as impressões de viajantes que já haviam passado pela Amazônia anteriormente.

Nesse ensaio, Euclides da Cunha reitera sua crítica ao processo migratório forçado e doloroso para o sertanejo que foi povoar o Acre e teve que trabalhar sob as duras leis aviltantes dos donos de seringais (Ibid., p. 161). Para Euclides da Cunha, clima, insalubridade, fome, isolamento e exploração no trabalho foram os obstáculos diretos na adaptação do sertanejo na chegada à selva:

A sua atividade, desde o primeiro golpe de machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inatural: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la.

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoiévski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constringido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada”, de que ele é o único transeunte, trilha obscura, estreitíssima e circulante, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo - partindo, chegando e partindo - nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercer-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos - se não o enrija numa sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as

ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram aquele lance, à ventura, em busca da fortuna.

Paralelamente, a decadência orgânica.

A alimentação, que é a base mais firme na higiene tropical, não lhe fornece durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das calçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.

Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de acordo com a unidade agrícola corrente, cinquenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se veem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas “estradas”: tem cerca de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra (Ibid., pp. 161 - 162).

Veja que aqui novamente Euclides da Cunha retoma a discussão sobre a necessidade de uma legislação trabalhista que amparasse o extrator, ao expor a degradação ao seringueiro exercida tanto pela natureza, quanto pelo sistema de trabalho. Outro aspecto importante apontado por Euclides da Cunha neste ensaio é o seringueiro fadado ao isolamento e solidão; muito diferente é o caucheiro, pois na coleta do látex do caucho ele derruba as árvores, corta-a em vários pedaços, extrai todo o látex e depois parte para outra região, não se fixando em uma região, porém promovendo o desmatamento. Já o seringueiro se enclausura num seringal, que pode ter aproximadamente cem árvores e seu trabalho na coleta do látex consiste em fazer pequenos cortes na seringueira e a árvore não morre. Adiciona-se, como vantagem a essa árvore, o fato de no período das águas não ser coletado o látex e, com isso, ela se recupera para nova extração. Neste caso, a árvore, seja seringueira ou caucho, especializa e caracteriza o trabalhador em caucheiro ou seringueiro.

O povoamento anárquico do sertanejo no Alto Amazonas fez com que este fosse aos poucos se aclimatando na região e a terra aceitando-o. A fixação na terra se dá de forma lenta e progressiva. No entanto, o nordestino forte e sobrevivente das secas vai assumindo o sertão alagado como seu novo habitat, e a natureza no mesmo sentido, vai, aos poucos, aclimatando e aceitando-o. As vilas e cidades iam surgindo de forma desordenada, porém progressivamente e contínua, de acordo com o exército de mão de obra que ia se instalando na região.

O olhar atento e perspicaz de Euclides da Cunha não deixou passar os codinomes dados aos barracões que ironicamente iam ganhando nomes “ascendentes”, conforme o autor de *Os Sertões* ia subindo o rio Purus. No início, os primeiros barracões instalados receberam

nomes relacionados à tristeza, dor, saudade, inferno; já os posteriores recebem, ironicamente, nomes relacionados à “esperança”, “redenção”, “liberdade” e “bem estar”:

De um lado está a fase inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes tabuletas suspensas à paredes das casas, de chapa para o rio: *Valha-nos Deus, Saudade, São João da Miséria, Escondido, Inferno* ... De outro um forte renascimento de esperança e jovialidade desbordam das gentes redimidas: *Bom Princípio, Novo Encanto, Triunfo, Quero Ver! Liberdade, Concórdia, Paraíso* ... (Ibid., pp. 162 - 163).

Esse ensaio é singular, pois nele Euclides da Cunha faz um percurso histórico do povoamento desordenado na região do Acre, onde havia vários obstáculos para a adaptação do homem na selva. No princípio, essa povoação se deu sob a égide da “seleção telúrica”, com uma dura e lenta adaptação do homem na terra. Para Euclides, o caboclo foi o personagem que menos sofreu a aclimatação e a terra o aceitou de forma menos problemática do que o sertanejo, porém o estoicismo do sertanejo fez com que ele resistisse e se adaptasse lentamente.

Segundo Arthur Cezar Ferreira Reis, “o nordestino obrigado a mudar de região por inclemência da seca se tornou forte e hábil a se adaptar às mais diversas regiões e condições climáticas. Sóbrio e enérgico, sem desfalecimento, possuía uma rara aptidão para lutar na vida” (REIS, 1953, p. 42). Outra qualidade ao nordestino, apontada por esse estudioso, seria a habilidade em conseguir sobreviver em diferentes regiões com parca alimentação e ir ao extremo na luta em que se empenha. Na Amazônia, o nordestino foi se adaptando lentamente e superando as dificuldades e exigências do novo modo de vida e ambiente: “E de lavrador, criador de animais, jagunço passou a trabalhador da selva quente e húmida, o burro ou mula foi substituído pela “montaria” - canoa - que deslizava nos rios amazônicos” (REIS, 1953, p. 120). O sertanejo apontado como um ser forte e estoico em *Os Sertões* é novamente enaltecido por Euclides da Cunha pelo povoamento na região do Acre, resistência ao trabalho aviltante e voragem da selva. Segundo Gilberto Freyre, Euclides da Cunha em sua obra tendeu a engrandecer alguns homens a herói, como forma de lutar contra o meio. Desses espécimes se destacam: “O vaqueiro, o sertanejo, o seringueiro, o próprio jagunço. Até mesmo o negro dos sertões - sobrevivência do quilombola colonial - sai engrandecido de suas páginas” (FREYRE, 1987, p. 22). Euclides neste ensaio coloca o seringueiro como o protagonista do povoamento e força motriz daquele trabalho extrativista que enriquecia o patrão e paradoxalmente o aviltava.

Nos ensaios de *À margem da história*, Euclides da Cunha levantou a voz em favor do seringueiro explorado, do caboclo esquecido na miséria e no isolamento da floresta, e dos

índios exterminados em sua própria terra. Euclides estuda o homem e sua relação com o meio, tanto no sertão agreste, como no deserto da selva amazônica. No primeiro caso, o sertão nordestino, a natureza agreste, seca, árida e selvagem, no momento da guerra de Canudos, esteve ao seu lado na luta contra os soldados das forças republicanas do Estado (SANTANA, 2001, p. 119). Já, num segundo momento, na selva amazônica, a natureza é inimiga do sertanejo, pois este é um “convidado indesejado” e destrói a selva com sua machadinha na coleta do látex; por outro lado, a selva contra atacava com sua voragem e clima quente e úmido. Porém, como apontou Euclides, o sertanejo, aos poucos, ia se aclimatando à selva.

Em “Os caucheiros”⁴¹ Euclides faz uma análise da região do Javari e Juruá, apontando seu rápido povoamento a partir de 1860, em razão da extração do caucho. A região se tornou uma verdadeira Babel para onde se deslocaram diversas pessoas de várias localidades, seja dos Andes pelos caucheiros, seja do Nordeste pelos sertanejos. A diversidade de trabalhadores de diferentes áreas, ocasionou sangrentos conflitos, em especial, entre caucheiros peruanos e seringueiros nordestinos.

Dois problemas são apontados por Euclides da Cunha como negativos para os seringueiros e para os caucheiros. O primeiro seria a estatura física do sertanejo, apontada como um obstáculo para a adaptação na região e no trabalho. Ao passo que para o caucheiro seria o nomadismo forçado, pois o rudimentar processo de coleta do látex da árvore do caucho proporcionaria, além do desmatamento, o deslocamento constante destes:

Esta missão histórica advém-lhe da fragilidade de uma árvore. O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castilloa elastica*, que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha duramente largo tempo, inútil. Assim o extrator derruba de uma vez para aproveitá-la toda. Atora-a, depois, de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo o chão, ao longo do madeiro derrubado, rasas cavidades retangulares correspondentes às seções dos toros, delas retira, ao fim de uma semana, as *planchas* valiosas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebordos dos cortes, ou esparsos a esmo pelo solo, constituem, reunidos, o *sernambi* de qualidade inferior.

O processo, como se vê, é rudimentar e rápido. Esgota-se em pouco tempo o cauchal mais exuberante; e como as *castilloas* não se distribuem regularmente pelas matas, viçando em grupos por vezes bastante separados, os exploradores deslocam-se a outros rumos, reeditando quase sem variantes todas as peripécias daquela vida aleatória de caçadores de árvores.

Deste modo o nomadismo impõe-se-lhes. É-lhes condição inviolável de êxito. Afundam temerariamente no deserto; insulam-se em sucessivos sítios e não reveem nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, afeiçoam-se às paragens ínvias e inteiramente novas. Alcançam-se: abandonam-nas. Prosseguem e não se retribam nas posições à vezes arduamente conquistadas (CUNHA, 2009. v. 1, pp. 166 - 167).

⁴¹ Esse texto foi publicado inicialmente no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 1907.

Percebe-se que nenhum dos dois trabalhadores se apega à terra. O seringueiro, por força do patrão, não pode desenvolver qualquer atividade na terra, por dois motivos óbvios: primeiramente, o desenvolvimento de qualquer cultura na terra causaria desvio de atenção e tempo na coleta da borracha, o que não era interessante para o patrão; o segundo motivo é que com o desenvolvimento de uma atividade na terra, o seringueiro poderia deixar de comprar alguns suprimentos - alimentos - do barracão, o que também não era interessante para o patrão, visto que este ganhava muito dinheiro na exploração da venda de alimentos para os seringueiros. No caso do caucheiro também estamos diante de um trabalhador que não expressa qualquer apego à terra e no seu caso a explicação está no modo predatório de coleta do látex, com imediata destruição da selva e deslocamento para outra região da árvore do caucho.

Não há dúvida de que a atividade do caucheiro era mais agressiva ao meio, pois além do desmatamento da selva, também promovia o extermínio de tribos da região, como bem apontou Euclides da Cunha neste ensaio. O caucheiro, na ânsia de extrair o látex do caucho, bem armado, caçava, matava e escravizava os índios da região:

Subordina-se a uma tática invariável: a máxima rapidez do tiro e a máxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribos inteiras, sacrificadas a um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremeterem com as descargas rolantes das carabinas (Ibid., p. 168).

A violência na região, em razão da borracha, é frisada por Euclides da Cunha ao descrever a chacina que Carlos Fitzcarraldo fez aos índios *maschos* em 1892 na região do Madre-de-Dios (Ibid., p. 168)⁴². O caucheiro, peruano, na floresta se transformava num predador feroz que destruía tanto a mata, quanto os nativos, caracterizando um tipo paradoxal por ser “cavaleiro e selvagem”:

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há um lugar para ele. A princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que lhe apagam os caracteres superiores das formas primitivas da atividade.

E é um engano. Estes estádios contrapostos ele não os combina criando uma atividade híbrida embora, mas definida e estável. Junta-os apenas sem os caldear. É

⁴² Os conflitos sangrentos na região do alto Purus entre seringueiros e caucheiros criaram um clima de tensão entre os chefes das duas expedições em alguns momentos. Leandro Tocantins em sua pesquisa sobre a expedição de Euclides da Cunha na Amazônia nos apresentou, em seu clássico livro *Euclides da Cunha - Um paraíso perdido*, um artigo confidencial em forma de relatório, enviado ao Barão do Rio Branco, adquirido no Arquivo Histórico do Itamaraty, de 1 de novembro de 1905, intitulado “Relatório Confidencial ao Barão do Rio Branco”, em que Euclides da Cunha descreve alguns desentendimentos com o chefe da comissão peruana e um terrível extermínio de índios no seringal *Funil* bem acima de *Novo Lugar* (TOCANTINS, 1986, pp.176 - 193).

um caso de mimetismo psíquico de homem que se finge bárbaro para vencer o bárbaro. É *caballero* e selvagem, consoante as circunstâncias. O dualismo curioso de quem procura manter intactos os melhores ensinamentos morais ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto – reponta em todos os atos da existência revolta. O mesmo homem que com invejável retitude esforça-se por satisfazer os seus compromissos, que às vezes sobem a milhares de contos, com os exportadores de Iquitos ou Manaus, não vacila em iludir o peón miserável que o serve, em alguns quilos de sernambi ordinário, ou passa por vezes da mais refinada galanteria à máxima brutalidade, deixando em meio um sorriso cativante e uma medida impecável, para saltar com um rugido, de *cuchillo* rebrilhante em punho, sobre o *cholo* desobediente que o afronta.

A selvageria é uma máscara que ele põe e retira à vontade (Ibid., pp. 171 - 172).

O caucheiro, segundo Euclides da Cunha, em sua brutalidade, conseguiu ser superior ao bandeirante, pois este sem uso de máscaras foi inexorável e lógico, muito diferente foi o caucheiro, paradoxal, ao se apresentar elegante, porém suas ações se pautavam na brutalidade:

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico.

Foi o super-homem do deserto.

O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização.

Mas compreende-se esta antilogia. O aventureiro ali vai com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar; volta quanto antes, fugindo àquela terra melancólica e empantanada que parece não ter solidez para aguentar o próprio peso material de uma sociedade. Acompanha-o, em todas as conjunturas da sua atividade nervosa e precipitada, o espetáculo das cidades vastas, onde brilhará um dia transformando em esterlinos o *oro negro* do caucho. Dominado de todo pela nostalgia incurável da paragem nativa, que lhe facultem maiores somas de felicidades – atira-se às florestas; enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas; agita-se, adoidadamente, durante quatro, cinco, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de soles e desaparece, de repente ... (Ibid., pp. 172 - 173).

Aqui estamos diante da literatura de Euclides da Cunha em que se pese a retórica, pautada em fatos históricos, seleção de elementos da natureza e, sobretudo, na influência barroca, num trabalho linguístico em que as antíteses, hipérboles e paradoxos se fazem presentes com o objetivo de caracterizar a dupla face do caucheiro na sua missão devastadora. Segundo Francisco Foot Hardman (2009), Euclides esboça “sua posição de homem de estado a serviço de uma missão diplomática de reconhecimento geopolítico que tentava evitar o pior, a conversão dos conflitos fronteiriços em guerra regional” (HARDMAN, 2009, p. 45). Segundo o mesmo crítico, Euclides da Cunha “esboça a oposição entre violência histórica e “lógica” dos bandeirantes e a violência “absurda” e anti-heroica dos caucheiros torna-se quase esquemática e ganha formas de constructo de alto teor ideológico” (Ibid, p. 45). O conflito entre o homem e a natureza novamente é tónica neste ensaio, pois o caucheiro valente com sua carabina, muito superior ao índio com seu arco e flecha, destrói não só a natureza, ao

derrubar a árvore para a extração do látex, mas duplamente, pois matava e escravizava o índio, e este é também a “natureza”.

O caráter paradoxal do caucheiro, “elegante e bruto”, se apresenta pelo duro trabalho na selva e pelos assassinatos e escravização de índios e, opostamente, com hábitos elegantes nas noites de Manaus, em bares, teatros e bordeis em Lima e Paris. O homem que tinha hábitos “elegantes” ao frequentar ambientes da *high society*, inversamente, tinha na sua brutalidade a eficiência em exterminar tribos indígenas na selva, como no caso citado de Carlos Fitzcarraldo aos índios *mashcos*:

Surge em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruina-se galhardamente; e volta ... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; novo salto sobre o oceano; e quase sempre novo volver ansioso em busca da fortuna perdida, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias.

A esse propósito correm as mais curiosas versões em que se destacam famosos caucheiros conhecidíssimos em Manaus.

Neste viver oscilante ele dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisório - desde a casa que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuosas ligações que às vezes duram anos e ele destrói num dia. Neste ponto, sobretudo, desenha-se-lhe a inconstância irrealizável. (CUNHA, 2009, v. 1, p. 173).

Ambos, caucheiros e seringueiros, após longos meses na selva partem para as cidades para gastar seu dinheiro nos centros urbanos. Após terem gasto suas fortunas retornam para a floresta para o duro trabalho da coleta do látex. No caso do seringueiro, após deixar sua fortuna nos bares e bordeis de Manaus, tem que acumular nova dívida com os donos de barracão para comprar suprimentos e ir trabalhar no seringal. No entanto, o dinheiro que os seringueiros deixavam nas cidades, contribuiu decisivamente para o crescimento delas, como já vimos no exame de Euclides da Cunha sobre o crescimento e inchamento das cidades do Alto Purus e por excelência em Manaus. Já o caucheiro, após destruir parte da mata, exterminar tribos, gastava seu dinheiro em cidades, como Lima e Paris, que não tinham qualquer relação com o desenvolvimento da Amazônia. A ação predatória do caucheiro provavelmente teve suas raízes no modo praticado pelos espanhóis na colonização da América.

Nesse ensaio, Euclides retorna sua estética linguística já bem trabalhada em *Os Sertões*, no uso de figuras de linguagem opositivas, como “brutalidade elegante”, “galanteria sanguinolenta”, “heroísmo à gandaia”, fundindo ciência e arte.

“Os caucheiros” é um ensaio singular ao apresentar, caracterizar e diferenciar os dois trabalhadores da extração do látex: caucheiro e seringueiro. O primeiro desenvolve seu

trabalho na forma mais bárbara possível, ao destruir a mata e dizimar tribos indígenas em seu nomadismo. O segundo, com pequenas incisões nas árvores, que se recuperam em pouco tempo, se encerrava em sua solidão e isolamento na mata. O seringueiro, no entanto, se encontrava em vantagem ao caucheiro, pois a borracha da árvore da seringueira era de maior valor. Assim, o tipo de árvore da borracha especializava o trabalhador em caucheiro ou seringueiro: *Castilloa elastica* (caucho): caucheiro; *Hevea brasiliensis* (seringueira): seringueiro. A única identificação entre esses trabalhadores está apenas no desapareço à terra.

Em “Brasileiros”⁴³, Euclides enfoca a necessidade que o Peru tinha em criar uma rota para chegar ao Atlântico e escoar seus produtos para a Europa e EUA, cortando a floresta amazônica brasileira. Nessa empreitada os peruanos foram conquistando terra e fundando vilarejos numa região de intensa disputa territorial entre caucheiros e seringueiros.

Euclides neste ensaio retoma o tópico do rápido crescimento das cidades do Alto Purus, em especial Loreto, a partir de 1871, em razão da extração da borracha. Sua crítica recai incisivamente à extração predatória do caucho que provocava o desmatamento da floresta e o extermínio das tribos que ali habitavam:

[...] Criada a indústria extrativa, a exportação da borracha a partir de 1871 erigiu-se preeminente entre as dos demais produtores de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhuns amparos oficiais, rompendo espontâneas de toda a parte e arremetentes com a mais desfreqüentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a empresa quase secular tantas vezes cindida de reveses.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derrubando as árvores, e passando sempre à cata de novas “canchas” de *castilloas* ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígenes - acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um foragido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento, as margens do Ucayali tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de Sarayaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência indescritível. (Ibid., pp. 187 - 188).

Naquele momento, Euclides da Cunha já estava atento para as questões de preservação da natureza, visto que o caucheiro no seu nomadismo por onde passava deixava o seu rastro de destruição na selva e entrava em constantes conflitos com os índios. Euclides da Cunha neste ensaio se revela não só como um ecologista, mas, sobretudo, como um defensor dos índios, frente ao extermínio que as tribos indígenas vinham sofrendo pelos caucheiros.

⁴³ Esse artigo foi publicado no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1907.

Este ensaio, como o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento do Alto Purus* de 1904 - 1905, Euclides usa como veículo de denúncia aos genocídios sistemáticos que estavam ocorrendo aos índios na região do Alto Purus.

Em “Transaccreana”⁴⁴, Euclides retoma o tema dos percalços do Tratado de Petrópolis de 1903 sobre as populações isoladas e miseráveis nas regiões do Purus, Juruá e Ucaiali, e da própria formação do Acre. Ele enfoca a necessidade da construção da estrada Madeira-Mamoré, que era um dos cumprimentos do governo brasileiro, como decisiva para o desenvolvimento do Acre e para as regiões dos rios onde se encontravam os seringais:

O valor econômico daquele traçado é incalculável. E evidencia-se sob múltiplas formas; sendo naturalmente mais dignas de apreço as mais remotas, oriundas do progredimento ulterior, inevitável, da região atravessada.

A safra da borracha nos três departamentos, entre a obliqua Cunha Gomes e a faixa neutralizada, durante o penúltimo período comercial de 1905, conforme os documentos mais seguros, foi esta:

Rio Juruá.....	3.382.134kg
Acre e Purus	5256.984 kg
TOTAL	8639.118kg

[...] Ora, este rendimento tenderão a duplicar, não já em virtude de um desenvolvimento remoto, senão pelo simples fato da abertura do caminho.

A demonstração é de algum modo gráfica, visível.

A exploração das seringueiras, toda a gente o sabe, opera-se, de um modo geral, exclusivamente nas longas fitas das massas que debruam as duas margens dos rios. Os “centros”, anexos aos barracões de primeira ordem, são raros e de ordinário pouco afastados. Ali não há propriamente superfícies exploradas, há linhas exploradas. E estas, de acordo com os dados existentes, podem ser medidas com razoável aproximação. Alongam-se, no Purus, de Barcelona até o Sobral; no Yaco, de Caeté até pouco além do seringal de São João; de Cruzeiro à foz do Breu, no Juruá; e no Acre do porto do mesmo nome até pouco a montante da confluência do Xapuri. Somando-se a estes grandes segmentos os menores, do Tarauacá, do Envira e Jurupari, chega-se à dimensão total, aproximada, de 160 léguas das faixas exploradas, admitindo-se, o que nem sempre se verifica, a continuidade das mesmas. De qualquer modo, aquela extensão é um *maximum*; e é a definição gráfica, visível, da importância econômica, atual, do Território.

Surge, como se vê, dos simples sulcos dos rios.

Ora, a nova linha será desde logo uma nova estrada aberta à entrada dos extratores na colheita pronta de produtos que até hoje não lhes exigiram nenhuns esforços de cultura. Antes de ser uma estrada de ferro será, de fato, uma enorme “estrada” de 160 léguas, quase igual à soma das que se exploram. E como as *Heveas brasiliensis*, ao revés das *castilloas* elásticas geradoras do caucho, se caracterizam pela distribuição uniforme nas florestas, não é aventurosa a proporção que nos dê, de pronto, calcada em número rigorosos, o valor imediato da linha planeada – que se construía, inevitavelmente, em futuro mais ou menos próximo, submetida à diretriz que lhe marcamos.

Porque à importância que lhe é própria agregam-se as decorrentes do seu traçado articulando-se a outros.

Assim, desde que se ultime a “Madeira-Mamoré”, esta a atrairá, irresistivelmente, para o levante, realizando-se o fenômeno vulgaríssimo de uma captura de comunicações. Então ela transporá o Acre indo buscar o Madeira na confluência do Abunã, ou em Vila Bela, extinguindo, de golpe, todo os inconvenientes de três navegações contornantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-se para oeste, perlongando o Moa e indo transmontar os cerros abatidos de Contamana,

⁴⁴ Esse artigo foi publicado no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, em 7 de maio de 1907.

alcançará o Ucayali, deslocando para Santo Antônio do Madeira parte da importância comercial de Iquitos. Então, a transacriana modestíssima, de caráter quase local, feita para combater uma disposição hidrográfica, se transmutará em estrada internacional, de extraordinários destinos (Ibid., pp. 200 - 201).

O foco desse ensaio está voltado para os fenômenos econômicos e sociais, pautado no desenvolvimento da região Norte, visto que naquele momento a Amazônia possuía expressivos recursos naturais para serem explorados e contribuir para o crescimento da região. Nesse caso, Euclides da Cunha, como homem do progresso, via na estrada Transacriana um meio de levar o progresso ao Acre e à Amazônia. A estrada de ferro naquela região, naquele momento, além de exercer a função econômica e social, significava para o autor de *Os Sertões*, a integração do país e colocaria os estados do Norte nos eixos do progresso:

Mas retornemos a Euclides. Ao idealizar o projeto de uma ferrovia transacriana, como uma “grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz”, em meio a argumentos técnicos, geopolíticos e econômicos, elabora uma visão plenamente organicista, tornando o caminho de ferro corpo vivo e integrado num movimento evolutivo uniforme da sociedade em relação à natureza (HARDMAN, 2005, p. 121).

A presença do trem iria romper com a ideia ilusória de progresso em nosso país, ao tomar o lugar dos rios que funcionavam como varadouros, por onde os seringueiros rasgavam a floresta em busca de seringais arriscando a vida. Os varadouros por sua vez eram insuficientes para povoar a Amazônia na sua totalidade, para isso era necessário uma estrada de ferro que distribuisse o povoamento e fizesse com que as “gentes adoidadas” fixassem residência na floresta. O trem no final do século XIX e início do XX significou a introdução do progresso e desenvolvimento no país, porém a introdução da máquina de ferro se deu de forma acentuada na região Sudeste, ficando as outras regiões com menor implementação. Para a região Norte, a construção dessa estrada representaria um decisivo progresso, pois além de distribuir e fixar os povoados por onde a estrada cortasse a Amazônia, a borracha e demais recursos naturais seriam escoados por ela. Euclides da Cunha ao perceber a enorme produção da borracha e o enorme contingente de trabalhadores que se deslocava para aquela região, de imediato viu na construção da estrada de ferro uma saída para o desenvolvimento da região, para o escoamento dos recursos naturais e, por fim, uma forma de ligar as populações isoladas na mata a outras regiões. A entrada do trem na selva poderia trazer consigo um pouco de civilização àqueles seringueiros esquecidos que sofriam nas mãos dos patrões, pois com ela novos povoados poderiam surgir e conseqüentemente o seringueiro poderia deixar de viver isolado nos seringais e nos labirintos dos “varadouros” e “estradas”.

Nos ensaios selecionados que tratam da economia da borracha, Euclides da Cunha nos apresenta o sertanejo flagelado pela seca e iludido pela ideia de riqueza plantada em sua

cabeça por astutos agenciadores que aproveitavam o momento de extrema seca para recrutá-los para os seringais. No seringal, isolado na mata, o sertanejo, paradoxalmente, torna-se o “homem que trabalhava para escravizar-se”. O caboclo aparece de relance nessas páginas como o homem da Amazônia que vivia na miséria e sob a força da natureza. O índio, nativo da terra, estava sendo exterminado pelos caucheiros gananciosos e suas tribos entrando no processo de desaparecimento.

Nas páginas de *À margem da história*, encontramos um escritor analítico, sensível, imaginoso, influente, que denunciou abertamente o sofrimento do homem, como já havia feito em *Os Sertões*, na luta íntima e dramática com o meio natural e social. Nos textos sobre a Amazônia, Euclides se sobressai como um verdadeiro intelectual em defesa do trabalhador e do sertanejo, ao criticar e revelar um Brasil desconhecido às autoridades brasileiras frente à brutalidade pavorosa da selva e do sistema aviltante de trabalho. Sua voz de denúncia ecoou no mais alto tom ao examinar e denunciar as causas das secas com consequentes migrações forçadas e espoliação nos seringais para aqueles que deixaram o sertão nordestino.

3.6 - A poética do seringueiro

3.6. 1 - “Entre os seringais”

Em 1906 veio a lume um pequeno artigo publicado na revista *Kosmos*⁴⁵ intitulado “Entre os seringais”⁴⁶. Este ensaio e “Judas Ahsverus” são provavelmente os mais notáveis na fusão entre ciências, história e arte. Neles, Euclides da Cunha se apropria da retórica, da linguagem barroca, das imagens que viu na Amazônia, para provocar maior impacto no leitor sobre o monstruoso ambiente de trabalho dos seringais, e o isolamento do trabalhador perdido na selva, proporcionando textos que se entrecruzam entre ensaio, história e conto. Em “Entre

⁴⁵ Esse artigo foi publicado na revista *Kosmos*, ano III, nº 1, Rio de Janeiro, 1906.

⁴⁶ Segundo Francisco Foot Hardman este foi um dos textos mais radicais de denúncia do trabalho alienado dos seringueiros e foi retomado pela imprensa operária como material de combate. (HARDMAN, 2009, p. 120). De acordo com Leandro Tocantins, Euclides da Cunha pediu a Plácido de Castro que lhe desse um depoimento sobre a vida no seringal, e Plácido de Castro cedeu escrevendo alguns registros na carteira de notas do escritor. Mais tarde no Rio de Janeiro, Euclides publicou na revista *Kosmos* esse admirável artigo. Plácido de Castro não ficou muito animado ao ter contato com o artigo e o acusou de plágio. Para Leandro Tocantins, o autor de “*Os sertões*” não poderia alterar a verdade anotada por Plácido de Castro, mas se permitiu apresentá-la a se modo, enriquecendo-a através de uma transfiguração ou criação artística, plena de sugestões estéticas, de dimensões humanas e das variantes sensacionais de seu expressionismo literário. O que Euclides possuía era uma penetração admirável, que o levava à substância das coisas, extraindo ideias, imagens, palpitações adormecidas para inteligências menos sensíveis” (TOCANTINS, 1986, p. xxii).

os seringais”, encontramos esses recursos pelas imagens construídas a partir das metáforas e símbolos. O seringal descrito por Euclides da Cunha ganha formas apocalípticas, de um enorme “polvo” que com seus tentáculos arrasta o homem para dentro de si e o destrói. É a partir do emprego das metáforas, antíteses, hipérbatos, paradoxos, prosopopeias e de uma linguagem metafórica que o autor de *Os Sertões* descreve o seringal como um ser bestial que destrói o seringueiro.

Nos ensaios sobre a Amazônia o hibridismo entre história, ficção, crônica, sociologia, ciência, geografia e topografia talvez esteja mais nítido do que em *Os Sertões*, pelas imagens e estética empregadas. Como bem apontou Francisco Foot Hardman (2009), Euclides nesses ensaios emprega uma técnica em que mescla o “literário” e o “não literário”, recorrendo aos mais diversos tipos de textos e discursos:

Pois entre os traços mais interessantes desses textos amazônicos, encontram-se, sem dúvida, alguns sentidos dessa “prosa perdida”, a meio caminho entre o “literário” e o “não-literário”, entre a natureza e a cultura, entre a geografia e a história, entre a civilização técnica e a barbárie, entre o elogio da ciência, da cultura letrada, e a dramatização épica dos seringueiros esquecidos, dos “rios em abandono”. Uma prosa inacabada, imperfeita, premida entre relatórios de viagem, anotações esparsas, diários truncados, muitas cartas, crônicas, artigos jornalísticos e entrevistas, prefácios, fotografias e - Euclides sempre foi elogiado como mestre exímio nas artes de cartógrafo - mapas, mapas impecáveis, sem dúvida mais exatos no desenho dos espaços e na toponímia dos acidentes, mas, por isso mesmo, em contraste, tanto mais reveladores desse grande impasse narrativo que vem expressar, no fundo, impasse propriamente histórico (HARDMAN, 2009, pp. 175 - 176).

Recorrendo à escrita de textos e discursos híbridos, Euclides nesses ensaios retoma a estética empregada em *Os Sertões* como forma de criar e recriar o ambiente monstruoso de trabalho nos seringais no interior da selva. A linguagem empregada por Euclides da Cunha faz com que o leitor tenha a ideia do heroísmo do sertanejo perdido no interior do seringal na selva amazônica. E é a partir desse recurso que o autor de *Os Sertões* tenta transpassar para o leitor a realidade do seringal: isolamento, solidão e o ambiente aviltante de trabalho que ganha formas monstruosas⁴⁷. O polvo esboçado neste ensaio ganha a

⁴⁷ Inúmeros estudiosos da Bíblia reconhecem que o livro de Daniel foi o grande inspirador para a chamada literatura apocalíptica, cujas bases estão na perspectiva escatológica. Segundo Helmut Koester, “os livros apocalípticos foram, em geral, escritos sob pseudônimo de alguma autoridade bíblica antiga, como Enoc, Esdras, Baruc ou Daniel, mas o apocalipse de João não foi pseudo-epigráfico e também não situa suas visões em lugares fictícios” (KOESTE, 2005, v. 2, p. 268). Todos os estudiosos, em comum acordo, aceitam a ideia de que a literatura apocalíptica se pauta numa linguagem alegórica que transgride o real baseando-se em profecias, história, bíblia hebraica, astrologia helênica, analogias, anjos, mitos, imagens cósmicas e seres sobrenaturais. As dificuldades em compreender os livros apocalípticos resultam das imagens, metáforas, hipérbatos, história, mitologia que permeiam a linguagem apocalíptica. Esta linguagem, por sua vez, servia como instrumento para interpretar o mundo e a história, com apelo para que o leitor compreendesse o presente como o início de eventos escatológicos finais. Para a compreensão dessa linguagem, o autor do escrito pressupunha que o leitor possuía o conhecimento de todos esses recursos que ele usava na linguagem. Havia uma interação entre autor e leitor, este tinha amplo conhecimento dessa linguagem a ponto de poder decodificar as imagens, símbolos, metáforas e

fisionomia bestial em que o autor transfigura suas imagens ficcionais para as reais do seringal com suas “estradas”. Euclides, com sua erudição, se apropria de recursos da linguagem apocalíptica, faz paralelos do monstro bestial ao seringal e consegue estabelecer a relação de aproximação das imagens ficcionais com a arquitetura do seringal com suas “estradas” - “referência aos braços do polvo” - que desempenham o papel de cercear todas as possibilidades de libertação do seringueiro. É por meio desse recurso que Euclides consegue transcrever para o leitor o quão degradante era o trabalho no seringal para quem ali trabalhava na coleta do látex da árvore da borracha.

O ensaio “Entre os seringais” se sobressai entre os demais pelas descrições que Euclides da Cunha fez sobre o interior do seringal e o espaço aviltante em que o seringueiro estava condenado a trabalhar no isolamento:

A abertura de um seringal, no Purus, é tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes. De fato, relegado a um mínimo extraordinário o valor próprio da terra, ante a valia exclusiva da árvore, ali se engenhou uma original medida agrária, a “estrada”, que por si só resume os mais variados aspectos da sociedade nova, à ventura abarracada à margem daqueles grandes rios.

A unidade não é o metro - é a seringueira; e como e, geral 100 árvores, desigualmente intervaladas, constituem uma “estrada”, compreendem-se para logo todas as disparidades de forma e dimensões do singularíssimo padrão que é, não obstante, o único afeiçoado à natureza dos trabalhos.

Não há gizar-se um outro. Perdido na mata exuberante e farta, com o intento exclusivo de explorar a *hevea* apetecida, o seringueiro compreende, de pronto, que a sua atividade se debaterá (lutar para se livrar), inútil, na inextricável trama das folhagens, se não vingar norteá-la em roteiros seguros, normalizando-lhe o esforço e ritmando-lhe o trabalho tão aparentemente desordenado e rude. É-lhe, ademais, indispensável eu os seus numerosos camaradas, fregueses ou aviados, destinados a agirem isoladamente, não se embaralhem, às tontas, iludidos pelos desvios da floresta.

As “estradas” resolvem a questão. Mas o seu traçado é, de si mesmo, o primeiro problema imposto a quem quer que intente abrir um sítio de borracha.

Assim é que, erguida rapidamente a primeira vivenda do *barracão*, sempre à beira do rio principal, na barranca de uma *terra firme* a cavaleiro das águas - e feito um reconhecimento preliminar do latifúndio que o rodeia, o sitiante procura um sertanista experimentado a que confia o encargo de dividir-lhe e avaliar-lhe a fazenda.

E o *mateiro* lança-se sem bússola no dédalo das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fisiografia complexa, que vai dos *igapós* alagados aos firmes sombanceiros às enchentes; traça-lhe os varadores futuros; avalia-lhe, rigorosamente, as “estradas”; e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo á beira dos igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores.

Feito este exame geral, apela para dois auxiliares indispensáveis - o *toqueiro* e o *piqueiro*; e erguendo num daqueles pontos predeterminados, com as longas palmas da *jarina*, um *papiri*, onde se abriguem transitoriamente, metem mãos à empreitada.

hipérboles. Tanto autor, como leitor faziam paralelos nos textos entre a realidade e o ficcional. A linguagem alegórica conduzia o leitor a uma percepção diante da realidade histórica indicada por modelos metafóricos.

O processo é invariável. Segue mateiro e assinala o primeiro pé de seringa, que se lhe antolha ao sair do *papiri*. É a boca da *estrada*. Aí se lhe reúnem o toqueiro e o piqueiro - prosseguindo depois, isolado, o mateiro até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinquenta metros. Avisa então com um grito particular, ao toqueiro, que parte a alcança-la junto da nova *madeira*, enquanto o piqueiro, acompanhando-o mais de passo, vai tirando a facão a picada, que prefigura a “estrada”. O toqueiro auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um *pique* para o seu lado, enquanto um outro grito do mateiro não o chame a reconhecer a terceira árvore; e assim em seguida até o ponto mais distante, a volta da estrada. Daí, agindo do mesmo modo, retrogradando por outros desvios, vão de seringueira em seringueira, fechando a curva irregularíssima que termina no ponto de partida.

Ultima-se o serviço, que dura ordinariamente três dias, ficando a “estrada” *em pique*. Partindo do mesmo lugar, e adstrito ao mesmo sistema, abrem noutra rumo uma segunda estrada; e tantas, ao cabo, quantas comporte a natureza da floresta circundante, centralizadas todas pela mesma *boca*, junto do tejupar que localiza uma barraca. Busca então o mateiro um outro lugar, inteligentemente escolhido, e reproduz a mesma operação, até que, estradado todo o terreno, fique completamente repartido o seringal, como o revela este esboço, onde, presas pelos *varadores* ao barracão erguido à beira do rio, se veem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas á maneira de tentáculos de um polvo desmesurado. É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa do *brabo* a *manso*, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável), ergue a cabana de *paxiúba* à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira, que a mata ameaçado constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto presente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril.

A *pieuvre* assombrada tem, como a sua miniatura pelágica, uma boca insaciável servida de numerosas voltas constritoras; e só larga quando, extintas todas as ilusões, esfolhadas uma a uma todas as esperanças, queda-se-lhe um dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um esmaleitado, caindo no absoluto abandono.

Considerai a disposição das “estradas”.

É o diagrama da sociedade nos seringais, caracterizando lhe um dos mais funestos atributos, o da dispersão obrigatória.

O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadoamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto ...

Um seringal médio de 300 estradas corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades distendidas numa faina dispersiva, a par de outras anomalias, que mais adiante revelaremos, contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita ao afogado das espessuras, esterilmente - sem destino, e sem tradições e sem esperanças -, num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as “estradas” tristonhas dos seringais (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 659 - 661).

Esse belo ensaio Euclides da Cunha escreveu logo que chegou ao Rio de Janeiro, após ter ficado em torno de um ano na Amazônia. Não há dúvida que sua mente estava fixada nas impressões que teve da vastidão e complexidade daquela região, assim como os problemas existentes nela.

Se considerarmos a extração do látex da borracha nos seringais como a entrada do capitalismo na Amazônia, podemos entendê-lo no seu modo mais primitivo, como mesmo explica Euclides da Cunha ao considerá-lo como um modo de trabalho rude, porém especializado, como vemos na divisão das atividades dentro deste seringal: o seringueiro - freguês -, aviador, o mateiro, paqueiro, toqueiro, o patrão - o seringalista⁴⁸. Não estaríamos aqui diante do que iríamos ver mais tarde nas fábricas das capitais brasileiras, a partir da década de 1920? Certamente sim. Se no seringal havia o “Regulamento”, nas fábricas havia poucas leis de proteção aos trabalhadores, porém não respeitadas pelos industriais.

Essa especialização das profissões dentro do seringal Leandro Tocantins caracteriza sob a forma biótica, a partir dos conceitos de Hollingshead:

[...] uma população organizada territorialmente, mais ou menos completamente arraigada ao solo que ocupa, e com as suas unidades individuais vivendo em relação de mútua interdependência, que é antes simbiótica do que social. Dentro desse sistema, é possível entender-se a interação de quatro fatores imprescindíveis em qualquer comunidade, vista sob o prisma ecológico: população, cultura tecnológica, costumes e crenças, e o último, fora do complexo social, os recursos naturais do habitat (TOCANTINS, 1982, p. 102).

Análise semelhante também é apresentada sobre o seringal por Samuel Benchimol em *Amazônia: formação social e cultural*:

Um seringal era, assim, uma comunidade humana, econômica e social de trabalho, que envolvia múltiplas funções e abrangia um grande universo de seringueiros, mateiros, comboieiros, capatazes, roceiros, fiéis-de-depósitos, auxiliares de escrita, guarda livros, todos eles personagens e atores, a viver nas terras de seringa e castanha. Era preciso, também, fazer roçado para suprir de milho burros e cultivar alguns gêneros alimentícios para diminuir os *custos* do barracão e do tapiri: tratar bem das árvores para evitar a sua depredação como o sistema do arrocho e do *mutá*, observando com zelo e uniformidade no corte, sem baterias e nem *caga-fogo* (BENCHIMOL, 1999, p. 143).

Levando em consideração que o barracão também ficava na mata onde era a sede administrativa dos seringais, a especialização do trabalho se mostra mais complexa ainda, ao ter conhecimento dos outros profissionais que desempenhavam funções bem definidas nele, a saber: o patrão, o guarda-livros, o caixeiro, o comboieiro, o caçador, os pescadores e o canoeiro (REIS, 1953, p. 115)⁴⁹.

Segundo Leandro Tocantins, “o patrão, dono do seringal, foi a personalidade mais frisante que surgiu na Amazônia, paralela em riqueza psicossocial à do senhor de engenho, de

⁴⁸ No Regulamento do seringal apresentado por Samuel Benchimol todos esses trabalhadores aparecem como fundamentais no barracão e seringal, assim como seus deveres, direitos e funções (BENCHIMOL, 1992, pp. 97 - 110).

⁴⁹ Samuel Benchimol ainda aponta o gerente, empregados de campo, empregados de balcão, diaristas e fiscais como trabalhadores essenciais no seringal e no barracão (BENCHIMOL, 1992, pp. 97 - 110).

quem imitou posturas, em razão da origem dos trabalhadores ser do Nordeste” (TOCANTINS, 1982, p. 103). O seringalista, patrão, segundo Tocantins, na Amazônia, também poderia ser comparado ao coronel do Nordeste, em poder e formas de exploração aos trabalhadores:

Como nos canaviais, o regime patriarcal imperou no seringal, ao lado do complexo social e de cultura, mono-extrator e assalariado. Assalariado *sui generis*, sem definir bem se havia relações de salário ou de sociedade de indústria. O real porém é que o seringueiro, embora fisicamente, constiu-se num escravo moral do patrão pela dependência econômica, rígida, e às vezes, até mesmo num genuíno escravo, vítima de castigos corporais, tolhidos nas liberdades que fundamentam a existência livre (TOCANTINS, 1982, pp. 103 - 104).

Samuel Benchimol, em seu estudo sobre a Amazônia, explicita o poder e prestígio do patrão a ponto de ele chegar a exercer a função de juiz de paz, realizar casamentos, justificar criminosos, exercer o poder sobre a política e, até mesmo, receber ou comprar patente de coronel pela Guarda Nacional:

Cumpria-lhes convidar padres para batismo das crianças, fazer casamento e enterros; resolver brigas, evitar emboscadas, combater invasões de seringais vizinhos, justificar criminosos, seringueiros fujões, estabelecer vínculos de compadres e afilhados, disciplinar e distribuir justiça, quando necessário, apoiar políticos durante as eleições nos municípios e no Estado, através de candidatos previamente escolhidos e eleitos sob conchavos e acordos. Todas estas funções oficiais de Juiz de Paz, o que fazia aumentar a sua influência. Muitos entravam para a maçonaria e acabavam sendo Grão-Mestre 33, o que aumentava o seu prestígio e engrandecia o seu ego. Por isso, os seringalistas assumiam muitas obrigações que transcendiam a essas funções primárias de sobrevivência e organização, na medida em que iam enriquecendo e aumentando o seu poder. O reconhecimento final desse status era feito pela Guarda Nacional, que concedia e vendia patentes de oficiais ao líderes e pessoas importantes. A mais almejada era a de Coronel da guarda Nacional. Os seringalistas, mediante ação política, recebiam essa patente por merecimento, ou compravam como forma de impor respeito, admiração e disciplina (BENCHIMOL, 1999, p. 143).

Nesse sistema de trabalho, a terra, diferentemente de outras atividades no campo, não era a posse mais valiosa e importante, mas sim a árvore nativa, prevalecendo assim a cultura do extrativismo natural em primeiro plano como sistema de exploração. Isso explica o porquê não havia plantio e cultivo sistemático da *Hevea brasiliensis*; ela era nativa da floresta e quando o seringal se tornava improdutivo, os extratores mudavam para outro, num sistema transitório. Essa peculiaridade de extração da borracha brasileira de árvores nativas e “comodismo” dos extratores em não desenvolver uma cultura sistemática de árvore da borracha pode ser entendida também como um dos fatores que levou à decadência da borracha brasileira na segunda dezena do século XX, pois a produção da *Hevea brasiliensis* da Ásia foi cultivada e produzida sob a forma de uma produção capitalista sistemática como qualquer outra cultura em grande escala para colheita rápida.

Aqui, Euclides da Cunha é metódico ao descrever os trabalhadores do seringal e suas específicas funções. Neste ensaio o autor poderia recorrer apenas às descrições do espaço do seringal, dos trabalhadores e suas funções e com algumas análises sobre o trabalho aviltante ao seringueiro, sendo assim um texto baseado puramente nos fatos e de caráter histórico. No entanto, o autor foge a esse critério empregando no texto, além de todos esses aspectos factuais, uma linguagem figurada baseada nas hipérboles e metáforas, construindo uma imagem monstruosa do seringal. Este configurado como um polvo e as “estradas” como os seus tentáculos, lhe davam a qualidade de um enorme “monstro” que lançava o seringueiro para dentro desse ambiente de trabalho não permitindo a sua liberdade. O sertanejo “brabo” no seringal se transformava num seringueiro “manso”, cumprindo a máxima do trabalho por escravidão. Neste caso, o seringueiro não trabalhava para adquirir alguma renda, mas sim para se livrar das dívidas acumuladas com o dono do barracão. A linguagem barroca das hipérboles, metáforas e de conotações negativas vão construindo a imagem infernal do seringal: “diabólica geometria”, “perdido”, “debaterá”, “inútil”, “trabalho tão aparentemente desordenado e rude”, “iludidos”, “desmesurado”, “tentáculos”, “sociedade torturada”, “estontamento”, “apatia de um vencido”, “realidade inexorável”, “solitário”.

O caminho percorrido por Euclides da Cunha neste artigo é o da descrição literária do espaço e ambiente do seringal, num trabalho em que funde escrita científica e arte. Diferentemente dos outros ensaios em que vemos Euclides recorrendo à história, clima, geologia, sociologia, legislação, cartografia, geografia, para demonstrar e denunciar as secas do Nordeste e o sistema de trabalho por escravidão no interior da selva amazônica, em “Entre os seringais” e “Judas Ahsverus”, Euclides alça voos para a poesia, ilustrando a partir dos recursos efígicos o quão monstruoso era o seringal e como ele era devastador ao seringueiro.

Euclides, nesse artigo, consegue fazer a topografia do seringal sob a ótica econômica e sociológica com os recursos de uma linguagem literária, alcançando ênfase na relação dramática entre homem e meio. Há neste texto uma fatalidade premeditada que conduz o homem a sua tragédia. A geografia do seringal é descrita a partir do terror que aquele espaço e modelo de trabalho imposto ao homem saturavam todas as suas forças e possibilidades de libertação. Se apropriando das metáforas e hipérboles, Euclides apresenta o confronto do seringueiro sozinho e isolado contra as forças telúricas e do capitalismo rude, adaptado àquele modelo de trabalho, pois o seringueiro aqui representa a pequenez frente à imensidão da floresta e o poder do patrão.

Segundo Leandro Tocantins, o seringueiro, neste ensaio, é sufocado na selva e nas estradas do seringal ao trazer aos olhos do leitor uma paisagem de rara arte:

Assim é “Entre os seringais”, impressionista, expressionista, obra de artista, obra de sociólogo. Será sempre o mais fiel retrato antropogeográfico da sociedade nas selvas acreanas. A imagem do “polvo desmesurado, contorcido em seus tentáculos”, para situar a geografia das barracas perdidas na floresta, eternamente presas às diabólicas ventosas do cefalópode, é estranhamente escultural e expressionista (TOCANTINS, 1986, pp. xxii - xxiii).

As prosopopeias neste ensaio são evidências claras da arte de Euclides da Cunha ao fundir ciência e arte. A estrada descrita aqui ganha representações bestiais ao receber características próprias do homem e de animais, como “estradas tristonhas”, ou “nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril”. Veja que aqui a estrada é caracterizada a partir de sentimento humano e recebe feição de tentáculo de um polvo monstruoso, que agarra o seringueiro e o leva para dentro daquele enorme sistema. Com a ilusão de ganhar dinheiro nos seringais da Amazônia o seringueiro é condenado a viver na solidão e isolamento, errante nas estradas do seringal.

O seringal é apresentado ao leitor não apenas a partir de sua topografia, mas também das funções que cada trabalhador exerce, especializando os homens em trabalhos específicos naquele enorme organismo, que pode, até mesmo, ser comparado a uma fábrica em que cada operário tem uma função definida. O seringal configurado como um polvo monstruoso com seus tentáculos - “as estradas” - envolve e conduz o seringueiro para sua destruição:

Busca então o mateiro um outro lugar, inteligentemente escolhido, e reproduz a mesma operação, até que, estradado todo o terreno, fique completamente repartido o seringal, como o revela este esboço, onde, presas pelos *varadores* ao barracão erguido à beira do rio, se veem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas á maneira de tentáculos de um polvo desmesurado. É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens (CUNHA, 2009, v. 1, p. 660).

Outro recurso recorrido por Euclides da Cunha é a antítese configurada na desigualdade dos extratos sociais entre empregado e patrão. O seringueiro, pobre, sonhador, iludido, solitário e degradado, está fadado a uma vida oposta à do senhor de barracão. O protagonista de Euclides da Cunha, *brabo* do sertão, ao se transformar em seringueiro *manso*, perde todas as qualidades positivas e fica fadado à tortura daquele modo de “trabalho” e à solidão da floresta. A “estrada” representa sua andança errante e solitária sem progresso, ao degradar-se ao longo do caminho e jamais conseguir se libertar da dívida que adquiriu com o patrão.

A imagem construída por Euclides da Cunha do seringal como um monstro que laça e destrói o seringueiro é muito próxima à que encontramos em *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, no tratamento que esse escritor fez das fábricas de tecido de Aracaju, que empregavam a farta mão de obra ociosa, oriunda do sertão árido, em razão das secas da década de 1930: “Um silvo curto e agudo anunciou a hora do almoço. E logo como um bando de reses famintas que tivessem rebentado as cercas do curral - de todos os cantos surgiam centenas de operários a correr” (FONTES, 1996, p. 150).

Em tempo e espaços diferentes, os dois textos, ensaio e romance, se aproximam quanto à visão monstruosa do ambiente de trabalho que atrai, laça e destrói os trabalhadores. A partir do estudo de Foot Hardman, em *História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)*, podemos fazer um estreito vínculo entre ficção e realidade, sobre situação dos trabalhadores das fábricas de tecido e do romance de Amando Fontes:

No setor têxtil, por exemplo, as lançadeiras tornaram-se verdadeiro símbolo da violência do capital: “Esta peça, então, era uma constante ameaça para as tecelãs, pois, de quando em quando, escapava do tear e ia projetar-se com incrível velocidade, para os lados. Como possuía uma ponta de ferro bastante aguda, em forma de pião, constituía, realmente, um perigo. Olhos vazados, dedos e braços amputados eram resultados da ferocidade das lançadeiras (HARDMAN, 1991, pp. 136 - 138).

Em momentos distintos, não podemos deixar de perceber nessa aproximação a denúncia que Euclides da Cunha fez no seu clássico texto “Entre os seringais” sobre a espoliação do trabalhador e que foi retomada por Amando Fontes e tanto outros romancistas que criticaram veementemente a seca do Nordeste e o conseqüente drama sofrido pelos flagelados que eram expulsos do sertão e iam encontrar nas fábricas empregos, porém aviltantes. As formas degradantes que Euclides descreveu sobre o seringueiro no seringal não são muito diferentes das que vemos para os operários das fábricas de *Os Corumbas*, de Amando Fontes. Esse traço marca claramente a aproximação entre história e ficção; tendo em vista que Euclides, com alguns outros escritores anteriores a 1930 como, por exemplo, Franklin Távora, já expunham em seus textos a discussão e o papel da ficção como instrumento sociopolítico, fato esse que iremos encontrar com maior vigor a partir de 1930.

Outro aspecto importante é o espaço, pois percebe-se claramente que em ambos os textos o espaço é um agente opressor e está carregado de conotações sociais e historicamente construídas. Nesse sentido, as personagens podem ser analisadas e entendidas a partir de seus comportamentos que muitas vezes são construídos em virtude das condições do meio (LINS, 1976). O espaço, nesses dois casos, deve ser entendido como um elemento que degrada e oprime os trabalhadores, tanto na abordagem real de Euclides da Cunha, como na ficcional de

Amando Fontes. Os espaços internos fechados levam o leitor a refletir sobre as condições de trabalho impostas ao trabalhador, pois as lutas trabalhistas só veremos a partir da década de 1910, e logo após 1917 com a grande greve em São Paulo (HARDMAN, 2002). Assim, o sertanejo que é empurrado para o espaço urbano fabril, vive situação próxima à do sertanejo que foge do flagelo da seca e vai procurar refúgio nos seringais alagados da Amazônia, pois também sofre o drama da degradação física e exploração do patrão, num sistema capitalista rude de extração da borracha (HARDMAN, 2009, p. 30).

A configuração do interior do seringal, assim como o da fábrica, ganha uma descrição de espaço fechado de trabalho. Ambos textos - ensaio e ficção - apontam para dois microcosmos, cujos espaços internos são opressores e exercem poder direto à vida dos trabalhadores. A condição do seringueiro pode ainda ser vista como mais aviltante, pois ele mora dentro desse microcosmo, diferentemente do operário da fábrica. No entanto, é sabido que as fábricas exerciam controle sobre seus funcionários mesmo quando estes estavam fora delas.

Em “Entre os seringais”, nos deparamos com um escritor e crítico que está preocupado com os problemas dos trabalhadores e suas condições de trabalho, fato esse pouco discutido e estudado na obra de Euclides da Cunha. Essa observação não pode passar despercebida, basta lembrar que no artigo “Um velho problema”, publicado no jornal O estado de S. Paulo em 1º de maio de 1904 - dia do trabalhador - Euclides já dava suas alfinetadas ao capitalismo e seu modo de exploração do trabalhador, ao colocar este como a força motriz desse sistema e, ao mesmo tempo, em condição inferior à máquina. “A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando mesmo o trabalhador num nível inferior ao da máquina” (CUNHA, 2009, v. 1, p.101). Em momentos distintos e em espaços específicos, as formas truculentas de tratamento ao trabalhador são análogas nos textos de Euclides da Cunha e Amando Fontes. Por essa análise é correto apontar Euclides da Cunha como um dos primeiros literatos, senão o primeiro, a dar atenção e sair em defesa do trabalhador no Brasil. No mesmo sentido, sua obra já ilumina e antecipa a proposta de denúncia ao homem pobre como protagonista na produção ficcional dos escritores da década de 1930. No “Preâmbulo” de *Inferno Verde*, Euclides reitera essa chamada de atenção para uma enorme massa de nordestinos que estava sendo degradada nos seringais da Amazônia: “No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo... [...]” (CUNHA, In: RANGEL, 1927, p. 12).

Em “Um velho problema”, Euclides da Cunha toca num tema novo para ele e em toda sua produção: o proletário. Ao publicar esse texto, em 1º de maio, o autor analisa as bases do capitalismo e traça o paralelo entre patrão e o empregado, em que este último sempre é vencido e degradado pela força da máquina. Para demonstrar isso, Euclides fez uma *tour* na história onde demonstra a opulência dos ricos alcançada em cima da indignação dos pobres. Sua viagem percorre desde o período medieval, passando por vários pensadores, ficcionistas de utopias, como Morus e Campanella, até chegar a Marx com seu socialismo científico. Sua dura crítica ao sistema capitalista recai sobre a degradação que este sistema gera ao trabalhador, pondo-o como escravo da máquina:

A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital, ainda coligados, as produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irredutível: a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. E um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação. Não se pode negar a segurança do raciocínio. De efeito, desbancada a lei de Malthus, ante a qual nem se explicaria a civilização, e demonstrada a que se lhe contrapõe consistindo em que “cada homem produz sempre mais do que consome persistindo os frutos do seu esforço além do tempo necessário à sua reprodução” - põe-se de manifesto o traço injusto da organização econômica do nosso tempo. A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina. De fato, esta, na permanente passividade da matéria, é conservada pelo dono; impõe-lhe constantes resguardos no trazê-la íntegra e brunida, corrigindo-lhe os desarranjos; e quando morre -digamos assim – fulminada pela pletora de força de uma explosão ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, origina a mágoa real de um desfalque, a tristeza de um decréscimo da fortuna, o luto inconsolável de um dano. Ao passo que o operário, adstrito a salários escassos demais à sua subsistência, é a máquina que se conserva por si, e mal; as suas dores recalca-as forçadamente estóico; as suas moléstias, que, por uma cruel ironia, crescem com o desenvolvimento industrial - o fosforismo, o saturnismo, o hidrargirismo, o oxicarborismo - cura-as como pode, quando pode; e quando morre, afinal, às vezes subitamente triturado nas engrenagens da sua sinistra sócia mais bem aquinhoadada, ou lentamente - esverdeado pelos sais de cobre e de zinco, paralisado delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos de mercúrio, asfixiado pelo óxido de carbônico, ulcerado pelos cáusticos dos pós arsenicais, devastado pela terrível embriaguez petrólica ou fulminado por um *coup de plomb* - quando se extingue, ninguém lhe dá pela falta na grande massa anônima e taciturna, que enxurra todas as manhãs à porta das oficinas.

Neste confronto se expõe a pecaminosa injustiça que o egoísmo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salário insuficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metálicos, os seus aparelhos de músculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas ao chegarem todos ao duplo princípio fundamental: Socialização dos meios de produção e circulação;

Posse individual somente dos objetos de uso (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 101 - 102).

Nesse texto Euclides se coloca como advogado de uma classe que já existia em São Paulo e Rio de Janeiro, desde o fim do século XIX e os sindicatos e associações de classe estavam ainda germinando. Já naquele momento Euclides da Cunha percebia a dura relação entre patrão e trabalhador, sendo este último explorado gravemente pelo primeiro e degradado pela máquina e todo ambiente de trabalho, como bem aponta na citação.

O fim da relação dolorosa entre patrão e trabalhador, em que este sempre perde, para Euclides da Cunha só aconteceria com a criação de uma legislação trabalhista que protegesse os trabalhadores. No entanto, naquele momento, a criação de leis trabalhistas representava uma dura luta com a pequena classe oligárquica e conservadora, e nesse intuito, a solução era a revolução:

Nada mais límpido. Realmente, as catástrofes sociais só podem provocá-las as próprias classes dominantes, as tímidas classes conservadoras, opondo-se a marcha das reformas - como a barragem contraposta a uma corrente tranquila pode gerar a inundação. Mesmo nesse caso, porém, a convulsão é transitória; é um contrachoque ferindo a barreira governamental. Nada mais. Porque o caráter revolucionário do socialismo está apenas no seu programa radical. Revolução: transformação. Para a conseguir, basta-lhe erguer a consciência do proletário, e - conforme a norma traçada pelo Congresso Socialista de Paris, em 1900 - aviventar a arregimentação política e econômica dos trabalhadores.

Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços...

Porque o seu triunfo é inevitável (Ibid., p. 103).

Esse texto é uma chamada de atenção à classe trabalhadora frente a sua condição de explorada e uma convocação para a luta por transformação do modelo imposto pelo patronato. Deve-se considerar ainda nesse artigo uma chamada de atenção a nossos governantes em criar uma legislação trabalhista que desse proteção aos trabalhadores, fato esse que só veio a acontecer na década de 1930 com Getúlio Vargas.

Não se vê na obra de Euclides da Cunha enfoque aos trabalhadores nas fábricas, por razões muito óbvias, não tínhamos em sua época uma indústria brasileira como já havia, há muito tempo, na Inglaterra do século XIX, fato esse que deixou Friedrich Engels admirado com a espoliação que o trabalhador sofria no ambiente fabril⁵⁰. Só a partir da década de 1910 vamos encontrar uma incipiente indústria nas grandes cidades brasileiras. Euclides da Cunha apenas encontrou o operário espoliado no espaço de trabalho, no Brasil, nos seringais da Amazônia na extração da borracha. Assim, Euclides da Cunha pode ser considerado um dos primeiros pensadores a tomar consciência desse problema, torná-lo público e sair em defesa do trabalhador. A denominação que Antonio Candido⁵¹ fez aos escritores da década de 1930 - “escritores engajados”, já pode ser atribuída a Euclides da Cunha e como antecipador desse movimento, que iremos efetivamente encontrar na vasta produção literária da década de 1930.

⁵⁰ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Trad. Rosa Camargo Artigas, Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1985, p. 32.

⁵¹ CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. pp. 140 - 162.

Em *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2006, p. 309), está clara a aproximação dos textos de Euclides da Cunha à literatura regionalista desenvolvida a partir da década de 1930. Seguindo o mesmo caminho de Alfredo Bosi, Leopoldo Bernucci em seu livro *A imitação dos sentidos* (1995), ao estudar *Os Sertões* e *Vidas Secas*, aponta o determinismo existente e exercido sobre os seres desses dois textos como elemento de aproximação.

Apegado às teorias científicas, Euclides da Cunha produziu uma literatura realista sobre a Amazônia em que descortina o homem na sua dura luta contra o patrão e a selva. Imbuído das teorias do determinismo Euclides revela ao leitor, com riqueza de detalhe e num estilo elevado, as armadilhas que o seringueiro encontrava no seringal, jamais conseguindo escapar. O estilo literário de Euclides da Cunha ao descrever esse seringal proporcionou até mesmo comparação a uma fábrica, ou à produção fabril da Inglaterra no final do século XIX, quando este país era a grande potência mundial na indústria tendo, paradoxalmente, os operários em situação aviltante. Ao descrever o seringal, o autor ecoa um forte grito em defesa dos seringueiros ao chamar a atenção das autoridades do país para a necessidade de uma legislação trabalhista que defendesse todos os trabalhadores do Brasil.

Resta dizer que o estilo empregado por Euclides ao descrever o seringal e o seringueiro no labirinto sem saída das “estradas” é o de exprimir o drama de uma enorme população sem recursos e sem qualquer ideia de seu destino. O flagelo da seca e o cruel sistema de trabalho na extração da borracha são a tônica desse drama que o cearense sofre ao deixar o sertão como “*brabo*” e se tornar um seringueiro “*manso*” na Amazônia.

3.6.2 - “Judas Ahsverus”

“Judas Ahsverus”⁵² é sem dúvida o texto mais brilhante de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, pelo seu tecido literário, tratamento sociológico, psicológico e geográfico, dado ao seringueiro no seu isolamento na selva amazônica. No momento em que Euclides da Cunha escreveu esse ensaio-conto, segundo José Aderaldo Castelo, já havia no Brasil escritores antecedentes na literatura que expressavam esse pensamento, como “*O Reino*

⁵² Esse texto foi publicado no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, em 31 de março de 1907. Em 1909 foi publicado em *À margem da história*. Uso o termo ensaio-conto para “Judas Ahsverus”, visto a estreita aproximação entre ensaio e conto. O crítico Fábio Lucas também aponta essa aproximação no artigo “Guimarães Rosa evoca em sua ficção traços da obra de Euclides da Cunha. O inumerável coração das margens”, publicado no Caderno Mais, do jornal Folha de S. Paulo, 14 fev. 1999.

Encantado, de Araripe Júnior, *Os jagunços*, de Afonso Arinos, *O rei dos Jagunços*, de Manuel Benício, e o próprio *Os Sertões*, além do folclore de literatura popular e o cordel, eruditamente transfigurado pelo escritor através da reelaboração da linguagem” (CASTELO, 2004, pp. 50 - 51). Euclides nos ensaios de *À margem da história* inova ao trazer para os novos tempos o realismo voltado para a descoberta das regiões desconhecidas e povos esquecidos do Brasil. Aqui vemos o autor preocupado em apontar os problemas sociais do homem da Amazônia, como já havia feito em *Os Sertões*, sobre o homem do sertão nordestino e seus problemas.

Publicado em 31 de março de 1907 no *Jornal do Comércio*, nesse ensaio-conto Euclides da Cunha retoma sua postura de defensor dos menos favorecidos e dos mais fracos, agora sob o olhar dos conflitos internos do ser humano frente à dor da pobreza, do arrependimento e da ilusão em enriquecer-se na extração da borracha na Amazônia.

Euclides, em “Judas Ahsverus”, foge da estética adotada nos textos anteriores das recorrentes descrições do seringueiro e seu ambiente de trabalho, porém dá sequência aos temas relacionados às condições econômicas, sociológicas, telúricas e suas consequências diretas ao seringueiro. Os quadros descritivos com estudos telúricos, geológicos, biológicos, dão espaço para o estudo narrativo antropológico, sociológico, psicológico e da alma humana. Euclides recorre à representação imaginária de vários acontecimentos na mente do seringueiro que vão, aos poucos, ganhando significados e descortinando a ideia de dor, tristeza, solidão e arrependimento.

Nesse ensaio-conto, Euclides faz o consórcio entre ciência e arte ao se esforçar na representação da realidade social e histórica do seringueiro, recorrendo aos relatos bíblicos e lendários, com o objetivo de transcrever com a maior clareza a psicologia do seringueiro. Este é analisado sob a ótica antropológica e social e sob as imposições das leis naturais do meio.

Como já é conhecido, nos escritos de Euclides navegam diferentes tipos de textos e discursos; neste ensaio-conto seu recurso são as narrativas bíblicas e lendárias que por séculos ficaram fixadas no imaginário humano como exemplo de crime e castigo. É sob a ideia de crime e autocondenação que Euclides analisa seringueiro abandonado na Amazônia no Sábado de Aleluia em “Judas Ahsverus”.

Em “Judas Ahsverus”, Euclides examina a vida do seringueiro do Alto Purus que é largado à sorte na floresta no Sábado de Aleluia. Depois de passar por uma Semana Santa, o trabalhador se autoanalisa sobre sua vida solitária e triste. O texto é narrado sob os efeitos e representações do Sábado de Aleluia, um dia após a crucificação e morte de Jesus Cristo e um

dia antes do domingo de páscoa e ressurreição de Cristo⁵³. Se para os cristãos esse é um dia de reflexão sobre a morte e espera da ressurreição do Salvador no próximo dia, para o seringueiro é o dia de refletir sobre sua desgraça e vingar-se de si mesmo. A Semana Santa que para os cristãos representa um período de reflexão interior, mudança dos costumes, conversão, renovação da fé e jejum, para o seringueiro largado na selva é apenas mais uma semana como qualquer outra, pois naqueles seringais malditos continuava a “monotonia, e a solidão dos dias comuns e das estradas fechadas”. Seu jejum não é da celebração da Semana Santa, mas sim o jejum perene que tem na sua labuta dia a dia pela sobrevivência naquele trabalho degradante:

Não tiveram missas solenes, nem procissão luxuosa, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristeza e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora (CUNHA, 2009, v. 1, p. 175).

Aqui, Euclides recorre à simbologia da Semana Santa para representar o estado em que se encontrava o homem que trabalhava na extração da borracha. O narrador - personificado no autor neste ensaio-conto - se coloca na posição de um narrador onisciente, por ter conhecimento da mente e do estado da alma do seu protagonista, assim consegue revelar ao leitor o sofrimento interno e a amargura do seringueiro:

Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões (Ibid., p.176).

O autor desse texto toma as formas de um narrador que conhece tudo ao transcrever a dor interior do seringueiro sem esperança. É justamente neste momento de reflexão do seringueiro que Euclides como um autor-narrador se outorga no direito de representar a realidade “à sua maneira”, tendo o poder particular de considerar e avaliar essa realidade representada; é a voz desse narrador que torna responsável em imprimir o pensamento do seringueiro.

⁵³ Para ter completo conhecimento da história do Judas Ahsverus Francisco Foot Hardman recomenda consultar Maria-France Rouart em *Le Mythe du Juif Errant dans l'Europe du XIXe siècle* (1988). Além dessa referência, esse estudioso elenca as outras situações em que o Judas Ashverus aparece na literatura mundial e nacional (HARDMAN, 2009, p. 75). Milton Hatoum, em seu estudo sobre o texto Judas Ahsverus, “Expatriatos em sua própria pátria”, também aponta as referências do Judas na produção ficcional brasileira (HATOUM, In: CUNHA, 2009, pp. clv - clxxii).

Aquela Semana Santa era para os seringueiros como qualquer outra do ano. A rotina não mudou em nada, visto a labuta exaustiva, a alimentação escassa, pouco descanso e o perigo da selva. Nem na Semana Santa o seringueiro se libertou das garras opressoras do patrão. O Sábado de Aleluia é para o seringueiro o dia de vingar-se de sua ilusão em ter partido para a floresta com o sonho de enriquecer-se. Essa data é para alguns trabalhadores do seringal o dia do descanso, e por isso os seringais ficam desertos e as margens dos rios povoadas.

Isolado na sua barraca de *paxiúba* o seringueiro reflete seu abandono pela Igreja ao ter conhecimento de que naquela semana há um silêncio na cidade, causado pela reflexão que os fiéis cristãos fazem em razão da morte e ressurreição de Cristo. O Sábado de Aleluia nesse sentido torna-se mais um motivo para o seringueiro alimentar sua angústia, pois nem a entidade representante de Deus na terra voltava seus olhos para aquela comunidade de explorados na selva. Segundo Milton Hatoum (2009), o ritual religioso é narrado como um “movimento de descenso, sempre para baixo, guiado por uma visão sombria e pessimista de seres que não encontram redenção na fé, tampouco recorrem à reza, à penitência ou à queixa” (HATOUM, In: CUNHA, 2009, v. 1, p. clxiii).

Para Euclides, este é o momento em que o seringueiro reflete sobre sua partida do sertão do Nordeste para o sertão da Amazônia. A dor de Deus é comparada à dor que o seringueiro sente em sua solidão na Amazônia. Porém, ele é forte, não reclama, resiste ao sofrimento e isolamento:

Alguns recordam que nas paragens nativas, durante aquela quadra fúnebre, se retraem todas as atividades - despovoando-se as ruas, paralisando-se os negócios, ermando-se os caminhos - e que as luzes agonizam nos círios bruxulentos, e as vozes se amortecem nas rezas e nos retiros, caindo um grande silêncio misterioso sobre as cidades, as vilas e os sertões profundos onde as gentes entristecidas se associam à mágoa prodigiosa de Deus. E consideram, absortos, que esses sete dias excepcionais, passageiros em toda a parte e em toda a parte adrede estabelecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade - lhes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, doloríssima e anônima, a girar acabrunhadamente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das “estradas”. Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões. Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude, ao revés do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convícios. É mais forte; é mais digno. Resignou-se à desdita. Não murmura. Não reza. As preces ansiosas sobrem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade; e ele não se queixa [...] (CUNHA, 2009, v. 1, p. 176).

O narrador aqui traça um paralelo ao expressar a dor e sofrimento do seringueiro igualando ao momento de dor e silêncio manifestado pelos cristãos das cidades e nos vilarejos, na Semana Santa. Porém, o seringueiro passando pela sofreguidão é forte e não blasfema o seu Deus, pois tem consciência de que o responsável pela sua desgraça é ele mesmo. Para Milton Hatoum, “Judas Ahsverus” é um texto sobre as formas distintas do trabalhador: a labuta diária do seringueiro, recluso no círculo fechado das “estradas” (HATOUM, In: CUNHA, 2009, v. 1, p. clxiv). Já para Francisco Foot Hardman, o boneco inanimado se antropomorfiza nesse trabalho de artesanato: “Nesse espelhamento terrível, ressurgem o tema da vingança, agora dirigida contra si pelo próprio homem encalacrado como o círculo fechado das “estradas” da seringa” (HARDMAN, 2009, p. 76).

Ao ter conhecimento da mente do protagonista, o narrador revela ao leitor as frustrações desse personagem: “Alguns recordam que nas paragens nativas, durante aquela quadra fúnebre, se retraem todas as atividades [...]”. Aqui o sertanejo, em reminiscência, faz uma autorreflexão de sua história, desde a vida dura no sertão árido e a retirada até aquele presente momento nos sertões alagados da Amazônia, pois na terra árida tinha sua liberdade, já no sertão úmido a liberdade lhe foi castrada pelo patrão e pelas muralhas verdes e perigosas da floresta que lhe causam o isolamento:

Ali - é seguir, impassível e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura.

Além disso, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entrega-lo, maniatado e escravo, aos traficantes ímpunes que o iludem – e este pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua ... (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 176 - 177).

O seringueiro encontra no palhaço do Judas Ahsverus, adaptado à sua realidade, o seu carrasco onde descarrega todo o seu ódio. Desse modo, Euclides traça um paralelo entre as “desgraças” do “Judas Ahsverus” e do seringueiro. Judas Ahsverus foi condenado a vagar pelo mundo por supostamente ter insultado Jesus Cristo a caminho da cruz, e agora toma as formas do seringueiro que deixou sua terra no sertão agreste para “errar” nas “estradas” dos seringais, como já vimos no ensaio “Entre os seringais”:

Faz-se mister, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivo de carvão, uma tortura tão trágica, em tanta maneira próxima da realidade, que o eterno condenado pareça ressuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desfazer uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis. E o seringueiro abalança-se a esse prodígio de estuária, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidosos, em risadas a correrem por toda a banda, em

busca das palhas esparsas e da farragem repulsiva de velhas roupas imprestáveis, encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta.

O judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e mulambros: braços horizontais, abertos e pernas em ângulos, sem juntas, sem relevo, sem dobras, apumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, criação espantosa do eu gênio rude longamente trabalhado de reveses, onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa (Ibid., p. 177).

O seringueiro criou à sua fisionomia e condição o seu genitor que é castigado pelo pecado que cometeu de ter deixado o sertão em busca de riquezas, iludido por agenciadores. O espantalho é construído à “sua imagem e semelhança”, não só como forma de melhor lhe representar, mas também de se identificar como o culpado de seu próprio azar e castigar a si mesmo. O Sábado de Aleluia ganha o valor simbólico para o seringueiro como o dia de sua autorreflexão, ao passo que o boneco - representação do Judas configurado como seringueiro, ganha a simbologia do seringueiro se auto castigando pelo seu crime. De acordo com Milton Hatoum, a feitura do boneco é resultado de um trabalho artístico do seringueiro que envolve duas formas de trabalho, ambas relacionadas com o drama e o destino de um grupo social (HATOUM, In: CUNHA, 2009. v. 1, p. clxvii). Nesse sentido, analisando pelo universo do trabalho, pode-se concluir que nem o Sábado de Aleluia é reservado ao descanso, pois este dia fica reservado para o trabalho artístico da própria semelhança e desfortuna. O resultado desse trabalho artístico do seringueiro vai gerar o monstro à sua semelhança e o destino trágico que acabará doloroso no percurso sinuoso do rio, que também pode ser entendido como o seringueiro rodando perdidamente nas “estradas fechadas”.

Os rodopios da canoa ao descer o rio são a representação da vida errante do seringueiro desde sua saída do sertão. Junto a outros bonecos fazem o mesmo percurso de descida; eles representam uma enorme sociedade de imigrantes ávidos por ganhar dinheiro, porém só encontraram a desgraça nos seringais. A desventura do seringueiro se revela sob o caráter moral, como bem apontou Euclides, pois o arrependimento e revolta dele não é contra a Igreja que o abandonou, mas contra a sua própria ilusão de enriquecer-se. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1995), faz uma tipologia entre a ética do trabalho e da aventura e nos aponta os valores morais positivos ao indivíduo ligado ao trabalho e, opostamente, valores imorais ao aventureiro:

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de

praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo, enfim, quanto se relacione com concepção *espaçosa* do mundo, característica desse tipo (HOLANDA, 1995, p. 44).

A segunda ética - aventureira - é a que flui na mente do seringueiro abandonado na mata. Sua aventura em ganhar dinheiro na Amazônia lhe causou uma vergonha moral. Em sua autoavaliação, ao refletir interiormente, tem como resultado o reconhecimento do seu “pecado e castigo”. Agora ele é um excomungado da sociedade, deixou sua terra natal e vive isolado do mundo. Sua grande condenação decorre de sua ilusão em se enriquecer, o que gerou as condições perfeitas para aquele sistema onde passou a “trabalhar para escravizar-se”, aprisionado nas “estradas” dos seringais.

No ato de refletir sobre sua vida e punir-se, pela voz narrativa, temos conhecimento de que o seringueiro passa a ter noção de sua condição social. Ele toma conhecimento de sua condição como um ser explorado e aniquilado por aquele sistema cruel de trabalho em que o seringueiro sempre ficava nas mãos do seringalista. Ele passa a ter conhecimento de sua existência frágil naquele sertão úmido onde é esquecido por todos. Esse é o momento em que ele volta seu olhar para si e se autoanalisa em confronto com o mundo do trabalho aviltante e da natureza bruta. A construção do boneco à sua semelhança e a sua “malhação”, é a autocondenação de seus erros. Essa reflexão, com a conseqüente condenação, muito bem observada por Euclides da Cunha, tornou-se, por sua vez, uma tradição ao seringueiro. A Semana Santa que em outras regiões do país e nas cidades é um momento para as pessoas fazerem a reflexão interior, refletirem sobre a morte de Jesus Cristo e mudanças pessoais de comportamento, para o seringueiro é o momento de uma reflexão interior crítica e amargurada sobre sua desgraça, em que o condenado à malhação é ele mesmo.

O “autor-narrador” busca em todo o texto a aproximação com o leitor, para isso usa sua onisciência com o intuito de que todos os pensamentos e sensações do protagonista sejam conhecidos ao leitor. Percebe-se claramente que não temos a voz do seringueiro, mas apenas seus pensamentos pela voz do narrador. Isso é melhor entendido ao recorrermos aos postulados de Eni Orlandi ao tratar das formas do silêncio e considerá-lo como matéria significante: “Na perspectiva que assumimos, o silêncio não fala. O silêncio *é*. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é* (ORLANDI, 1992, p. 33). Segundo Eni Orlandi, “quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o pensamento, a introspecção, a contemplação” (ORLANDI, 1992, p. 37). A voz que temos é a do narrador que lê e interpreta a mente do seringueiro. Não temos a voz do cearense condenado. Suas

angústias, dor e tristeza são a materialidade desse silêncio que são transpassadas pela voz do “autor-narrador”.

O “autor-narrador”⁵⁴ busca em todo o texto a aproximação com o leitor e nesse intuito usa sua onisciência para que todos os pensamentos e sensações do protagonista sejam conhecidos pelo leitor. Veja que neste ensaio-conto, Euclides não retoma as longas descrições sobre o seringueiro, seu ambiente e condições de trabalho, como encontramos nos textos anteriores. Aqui estamos diante de um narrador que apenas narra ao leitor a angústia de um representante de uma enorme população abandonada na imensidão da Amazônia. O “autor-narrador” tira poucas conclusões críticas, deixando as impressões para o leitor ao chocar-se com a condição em que o seringueiro se encontra em quatro aspectos: condição análoga a escravo imposta pelo patrão; viagem e imensidão da selva; abandono pela igreja e Estado e; por fim, arrependimento e autocastigo por ter deixado o sertão.

É no silêncio do seringueiro que sua memória trabalha ao recordar-se de sua retirada do sertão árido e seco para tentar a vida no sertão alagado. Nesse processo de reminiscência e alto julgamento o seringueiro retorna seu olhar para dentro de si e reflete a condição a qual está subjugado ao patrão e à viagem da selva. Nesse olhar interior ele toma consciência de sua condição como um “semiescravo” do patrão e daquele sistema de trabalho bruto, degradante e sem legislação que o amparasse. De acordo com os pressupostos de Marilena Chauí (2003), neste momento nos deparamos com o que a fenomenologia denomina como consciência psicológica - o *eu*, que é o sentimento de nossa própria identidade. “O *eu* é o centro ou a unidade de todos os nossos estados psíquicos e corporais, ou aquela percepção que permite a alguém dizer “meu corpo”, minha razão, minhas lembranças” (CHAUI, 2003, p. 130).

O seringueiro ao voltar-se para si toma consciência de sua condição e da relação opressora entre ele e o patrão. No processo de retorno a si, ele toma consciência e reconhece sua identidade dilacerada, antes pelo flagelo da seca e agora isolado e abandonado nos seringais no interior da selva: “Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas”. Há um esforço de Euclides da Cunha em transparecer para o leitor o sofrimento e dor daquele ser que deixou o sertão e agora está

⁵⁴ Segundo Ligia Chiappini Moraes Leite “esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limita-se como se estivesse de fora, ou de frente, podendo ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 1995, pp. 26 - 27).

arrependido. O personagem em foco nessa narrativa não é mais aquele seringueiro apenas descrito de longe por suas características físicas e sociais; ele tem memória, pois recorda de seu tempo passado no sertão, tem sentimento ao se arrepender de ter se aventurado na selva e deixar o sertão, “tem alma” ao ter noção que sua aventura desastrosa foi um “pecado” contra si mesmo e por isso merece ser condenado à “malhação”, adaptada à realidade da selva - o alvejamento.

Aos poucos o seringueiro vai se reconhecendo como um monstro na sua dura odisseia do sertão árido para o sertão úmido da Amazônia:

Além disto, só lhe é licito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem – se este pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua ... [...] E o seringueiro abalança-se a esse prodígio de estatuária, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidosos, em risadas, a correrem por toda a banda, em busca das palhas esparsas e da ferragem repulsiva de velhas roupas imprestáveis, encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta. [...] E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante ...

Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* Ansiosíssimo, de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra do seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafrenta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia, recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vista decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imagem material da sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreiro de barraca, afogado na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anônimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa à porta é uma estrada para toda a terra. Que a terra toda contemple o seu infortúnio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeamente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro... (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 176 - 178).

Diante de seu boneco os expectadores, ainda pueris e prole daquele desgraçado, se divertem, sem darem conta de que no futuro, não longe, o boneco será a representação deles e darão sequência àquele ritual de reconhecimento de suas desgraças. O seringueiro, feito boneco Judas, ao alvejar seu projeto artístico se vinga de sua ilusão e inocência em enriquecer-se na Amazônia. O boneco pode ser entendido também como uma representação do patrão que o explora, por isso mesmo o seringueiro o alveja. O rio que passa à frente de sua casa é o símbolo da “estrada” pela qual o boneco vai seguir seu caminho errante. Deixaram-no abandonado na solidão da imensa floresta, o boneco, a sua semelhança, vai “errar” nos rios até ser aniquilado completamente:

E o Judas feito Ahsverus vai avançando vagorosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles, aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, erriçando-a, cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ela vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteantes em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas (Ibid., p. 179).

Aqui, estamos diante de um escritor que imprime suas marcas ideológicas para com a literatura e a sociedade. Vê-se neste ensaio-conto que Euclides da Cunha toma as dores das populações menos favorecidas, o que lhe dá o direito de ser colocado como um escritor engajado e um dos primeiros a lampear uma postura literária que foi assumida por muitos escritores mais tarde na década de 1930. Sob essa perspectiva, Euclides da Cunha adotou neste ensaio o método narrativo como forma de aproximar o leitor ao drama do seringueiro.

Euclides não foge ao modelo de denúncia às populações que deixavam o Nordeste e partiam para o sertão úmido para sobreviver e com a ilusão de ganhar muito dinheiro. Em toda a narrativa vemos essa denúncia subscrita no texto, porém seu foco neste ensaio-conto é marcado pela narração do conflito interno do homem. O “autor-narrador” preocupa-se agora em denunciar o estado de espírito daquele que se arrependeu em deixar o sertão árido e se autojulga culpado por todo seu sofrimento e dor. Dessa forma, Euclides já alça voos para a literatura de denúncia que ganha fôlego na década de 1930, quando os escritores estavam empenhados em denunciar o atraso do nosso país e em colocar a gente do povo como personagem principal ao revelar seus dramas.

A leitura de Euclides sobre o seringueiro arrependido em sua odisseia é à luz, ou uma corruptela, da lenda de Judas Ahsverus que teve de viver errante pelo mundo como condenação por ter blasfemado de Jesus Cristo, quando este estava a caminho do Calvário (HARDMAN, 2009, p. 74). A lenda de Judas Ahsverus que é ecoada em diversas partes do mundo e em diferentes momentos é o tema para Euclides fazer um paralelo da odisseia errante do sertanejo que abandona o semiárido com o sonho de enriquecer-se nos seringais da Amazônia.

Outro aspecto que merece ser analisado neste ensaio-conto é a ideia de arrependimento que percorre todo o texto. Percebe-se, por meio da narração, a angústia e arrependimento interno do seringueiro por ter deixado o sertão árido, e em decorrência disso

se autocondena como tentativa de aliviar a dor ou vingar-se de si mesmo e do patrão explorador.

É importante ressaltar que a bibliografia sobre o arrependimento não é tão conhecida entre nós, o que nos faz recorrer aos textos bíblicos, aos filólogos e teólogos, onde encontramos alguns exemplos sobre esse assunto⁵⁵. É de comum acordo entre eles que o arrependimento está diretamente ligado à condição de voltar ao passado, refletir sobre si e mudar de comportamento, a partir de uma reflexão interior. O arrependimento no mundo cristão está diretamente relacionado ao espírito e a alma. O ato de voltar para si e reconhecer seus erros resultam na conversão e alcance à graça de Deus. Inúmeros são os exemplos de arrependimento na bíblia; um deles é a “Parábola dos dois filhos”, em que o primeiro filho, ao ser convocado pelo pai a ir trabalhar, nega, porém, depois reconsiderando, vai. A expressão “reconsiderando” nos leva a entender que o primeiro filho fez uma análise interior, reconheceu seu erro ao desobedecer seu pai, se arrepende e vai trabalhar:

Parábola dos dois filhos - Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse: “Filho, vai trabalhar hoje na vinha”. Ele respondeu: “Não quero”; mas reconsiderando a sua atitude, foi. Dirigindo-se ao segundo, disse a mesma coisa. Este respondeu: “Eu irei, senhor”, mas não foi (Mt. 21: 28 - 32).

Outro exemplo, emblemático na história da humanidade, é a traição e arrependimento de Judas Iscariotes a Jesus Cristo. Judas Iscariotes após trair Jesus por trinta moedas de prata, se arrepende e como autopunição de seu erro se enforca:

Morte de Judas - Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorso e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: Pequei, entregando um sangue inocente”. Mas estes responderam: “que temos nós com isso? O problema é teu”. Ele, atirando as moedas no templo, retirou-se e foi enforcar-se (Mt. 27: 3 - 10)

Como se vê nos exemplos bíblicos, o arrependimento possui o significado de retorno a si e de mudança de atitude. No segundo exemplo, além do arrependimento, há a

⁵⁵ O termo arrependimento nos dicionários sempre vem com o significado de pesar, lamentação, pelo mal cometido; compunção, contrição; negação ou desistência de algo feito ou pensado em tempos passados; no judaísmo e cristianismo, ato central de virtude religiosa que consiste em um sentimento de rejeição sincera, por parte do pecador, ao seu comportamento pregresso, e que resulta na intenção de um retorno contrito à lei moral (HOUAIS, 2001, p. 301). Ato ou efeito de arrepender-se; compunção, contrição; insatisfação causada por violação de lei ou de conduta moral, e que resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações (AURÉLIO, 1999, p. 200). No ensaio de Jorge Luis Borges (“A forma da espada”) e no conto de João Guimarães Rosa (“A terceira margem do Rio”) encontramos o arrependimento como rememoração e reação de atos do passado nos protagonistas.

autopunição como forma de reconhecimento de seus erros. O arrependimento de Judas Iscariotes está ligado não só à reflexão interior e mudança de comportamento, mas também a dor e autopunição. Nesse sentido é lícito instaurarmos uma analogia entre “os crimes” e “arrependimentos” de Judas Iscariotes e do sertanejo que foi para a Amazônia. Em ambos os casos estamos diante de violação de leis morais e que tem como consequência a autorreflexão e condenação. Para o seringueiro, assim como para Judas Iscariotes, a autocondenação é a melhor solução de seu grande crime. Ao tomar consciência de seus erros, o seringueiro se resigna no Sábado de Aleluia e constrói um boneco a sua imagem e semelhança e alveja-o. Judas Iscariotes, envergonhado de sua traição, prefere o sacrifício de seu corpo e suicida-se com o enforcamento, fato esse que depois se torna, na cultura cristã, o símbolo de traição e merecimento de malhação. Esse ritual toma forma simbólica para o seringueiro ao construir um boneco a sua semelhança e receber a condenação de alvejamento de espingarda.

Assim, o seringueiro em sua autocondenação ganha duplo sentido simbólico. O primeiro refere ao Judas Ahsverus que após debochar de Jesus teve como punição a errância pelo mundo. O destino do seringueiro se aproxima ao desse personagem, pois em razão de sua ilusão em ganhar muito dinheiro na Amazônia, teve como condenação a solidão e isolamento nos seringais desertos. O segundo refere-se à aproximação entre o seringueiro e Judas Iscariotes. Neste caso estamos diante da consequência de “seus pecados”. O seringueiro que até o dia de Sábado de Aleluia representa o Judas Ahsverus pelos caminhos tortuosos que teve desde quando deixou o sertão, no Sábado de Aleluia representa Judas Iscariotes, que em razão da avareza, entregou Jesus e se autocondenou com a morte. Essa aproximação se confirma pelo fato de no Sábado de Aleluia o seringueiro construir o seu boneco para ser alvejado, assim como o Judas é malhado nesta data. O seringueiro ao invés de cometer o suicídio se enforcando, prefere criar um ser a sua imagem e semelhança e alvejá-lo, como acontece com a representação simbólica de malhação do Judas. Ambos, simbolicamente: seringueiro e Judas Iscariotes, são punidos brutalmente por crimes morais. Como está claro na narração de Euclides da Cunha, o seringueiro não insistiu em permanecer no sertão e lutar bravamente contra a seca, preferiu a “ganância” do dinheiro da borracha nos sertões alagados da Amazônia. Já Judas Iscariotes traiu Jesus em troca de trinta moedas de prata, e em razão de seu crime se arrependeu e se autocondenou se enforcando.

Como se vê neste texto, Euclides abandona as teorias científicas e se apegando a reflexão interior do ser humano. A discussão sobre o trabalho neste texto passa pela reflexão da condição humana. O homem primeiramente sofre as agruras da seca na sua região, depois é enganado com a ideia de enriquecimento num lugar desconhecido e, por fim, vem o

sofrimento e abandono numa região onde todos vivem as mais duras condições de trabalho, próximas às da escravidão.

Como já aponte, os textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia têm o caráter realista e instauram aproximação com a produção literária da década de 1930. Nesse aspecto devemos atentar para o “ensaio-conto” “Judas Ahsverus” ao trazer alguns aspectos que se aproximam com o romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. O nordestino que foge do flagelo da seca, ou que em razão dela é aliciado a ir para o sertão alagado da Amazônia, volta a aparecer nesse romance de Graciliano Ramos, errante no espaço árido, sofrendo o flagelo da seca. A angústia que se vê na mente do seringueiro nordestino no sertão árido reaparece no personagem Fabiano, de *Vidas Secas*. O cearense - configurado em “Judas Ahsverus” do texto de Euclides da Cunha, volta a aparecer em *Vidas Secas*.

O sertanejo de “Judas Ahsverus” ainda que tenha apego à terra e se esforce em viver nela, deixa-a, tanto pelas condições opressoras do meio, quanto pelo sonho de enriquecer-se nos seringais da Amazônia. No entanto, lá não vai se apegar à terra, não vai possuí-la e estará nas mãos do patrão, e em condições piores, pois será um “Judas Ahsverus”, um “hóspede indesejado”, e se tornará um ser errante nas “estradas” dos seringais. Já no texto de Graciliano Ramos o sertanejo está apegado à terra, ainda que não seja dono dela, luta bravamente para permanecer nela, ao mesmo tempo que se identifica e é parte integrante dela:

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede” (RAMOS, 1996, pp. 18 - 19).

Fabiano é a representação do bravo sertanejo que sofre o flagelo da seca sem migrar do semiárido, tornando-se um “Judas Ahsverus” errante ao mover-se em pequenas regiões dentro do sertão nordestino. Fabiano e sua família vivem a tensão da violência e brutalidade do autoritarismo do fazendeiro e do flagelo da seca. No entanto, Fabiano se identifica com a terra e se alimenta do que ela oferece, mesmo em sua rudeza: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã (RAMOS, 1996, p.18).

Euclides da Cunha identificou, de forma emblemática, em seu magno texto *Os Sertões* a valentia do sertanejo que luta bravamente para sobreviver no sertão e sua identificação com a terra: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas”

(CUNHA, 2009, v. 2, p. 95). O espaço ficcional de *Vidas Secas* é o elemento a estruturar a história, uma vez que é em função dele que os personagens tomam formas e toda trama se desenrola. Da mesma forma, vê-se em *Os Sertões* que homem e terra estão estritamente ligados. No entanto, a seca não poupa o sertanejo do flagelo:

E o sertão é um vale fértil. “É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfíxiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas - o espasmo assombrador da seca” (Ibid., p. 46).

Essa aproximação entre Fabiano e o sertanejo de *Os Sertões* já foi bem observada por Antonio Candido:

Fabiano é um esmagado, pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo de primitivo é puro. Temos a impressão que esse vaqueiro taciturno e heroico brotou do segundo capítulo d’*Os Sertões*, onde Euclides da Cunha descreve a retidão impensada e singela do campeiro nordestino (CANDIDO, 1956, p. 52).

Assim como o seringueiro de “Judas Ahsverus”, Fabiano faz uma reflexão interna, retornando para dentro de si e chega à conclusão que é um bicho. Fabiano tem consciência que é oprimido pelo meio. Porém, diferentemente do seringueiro não se autocondena, apenas suporta a dor e agressividade do meio. Percebe-se claramente que quando Fabiano se reconhece como bicho, ele não entra em decadência, como vemos no seringueiro que constrói um boneco com sua imagem representando o Judas a ser alvejado. Fabiano, ao fazer uma análise de sua condição, se reconhece como um bicho forte, parte integrante e criação da terra: “_ Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldade” (RAMOS, 1996, p.18). Em *Vidas Secas*, também vemos uma antropomorfização, porém não há um rebaixamento como em “Judas Ahsverus”, sendo apenas uma identificação do homem com a terra. A terra criou Fabiano como um ser bruto e forte, preparado para sobreviver naquele espaço hostil, por isso mesmo é um bicho. Antonio Candido acertadamente reconhece o determinismo telúrico que Fabiano e sua família sofrem com o drama da tortura do semiárido:

Deste modo representam a incorporação de Graciliano Ramos às tendências mais típicas do romance nordestino, no qual se enquadrava apenas em parte até então; e ninguém melhor que ele estabelece e analisa os vínculos brutais entre homem e natureza no Nordeste árido. *Vidas secas* ilustra, na ficção, o determinismo desesperado d’*Os sertões* (CANDIDO, 1956, p. 54).

Nos dois casos vemos uma reflexão interior e autorreconhecimento de si e de sua condição em relação com o mundo. Em “Judas Ahsverus”, o seringueiro reconhece sua decadência e degradação tanto pelos aspectos físicos - o espaço degradante -, como pelos

sociais - a exploração do patrão - e em razão disso se arrepende e se vinga construindo um judas a sua semelhança a ser malhado pelo seu crime. Em *Vidas Secas*, o nordestino reconhece sua situação frente ao flagelo da seca e as consequências que ela traz para ele. Porém, ele não se condena, apenas se resigna e se reconhece como um ser pertencente à terra, tão bruto e forte quanto os mandacarus e xique-xiques.

Nos dois textos, afora o momento histórico e o caráter estético, temos o sertanejo configurado na errância do “Judas Ahsverus”. No de Euclides percebe-se que o sertanejo deixou o sertão e se aventurou na selva úmida e quente, não se identificou à terra e passou a levar a vida errante nas “estradas” dos seringais; já no texto de Graciliano, o sertanejo permanece no semiárido, vive o flagelo da seca e também tem uma vida errante à procura de um lugar onde a seca não é tão agressiva, porém se identifica à terra e faz parte dela. Nos dois casos estamos diante das forças do meio rude e agressivo agindo sobre o homem, como bem apontou Antonio Candido (1956, pp. 52 - 54) o parentesco entre *Os Sertões* e *Vidas Secas*. Temos, pois, nesses textos, duas causas para os sertanejos partirem para a Amazônia: o primeiro corresponde à farta quantidade de árvores produtoras de látex na Amazônia, o que necessitou de muita mão de obra para sua coleta; o segundo corresponde às duras secas do Nordeste que flagelavam os sertanejos e faziam com que estes fugissem para outros lugares: as capitais onde havia algumas fábricas e os seringais da Amazônia. Nesse cenário temos duas estradas que se encontram: as secas do Nordeste que empurravam os nordestinos para a Amazônia, e no sentido oposto a Amazônia úmida que atraía para si aqueles sertanejos ávidos por trabalho e dinheiro. Porém, como vimos na comparação entre os textos de Euclides e Graciliano Ramos, nas duas situações o homem estava sujeito às leis da natureza. O meio em ambos os casos é bárbaro, agressivo ao homem, este tem que lutar bravamente num drama em que traça a jornada de extremos entre a seca do semiárido e a bravura da selva úmida. Gilberto Freyre, acertadamente, apontou a bravura e heroísmo dos tipos de Euclides da Cunha nos meios rústicos como forma de sobrevivência:

Toda obra de Euclides da Cunha está cheia de flagrantes de atitudes heroicas oferecidos pelos homens e até pelos animais e pelas árvores nos seus momentos de resistências, de dor, de sacrifício, de fome. Flagrantes surpreendidos pelo olhar arregalado do estilista mais dominado pelo sentido escultural da figura humana e da natureza selvagem que já escreveu no Brasil e talvez em língua portuguesa” (FREYRE, 1987, p. 24).

A aventura dramática do sertanejo lutando para sobreviver, fugindo da seca e lutando nas regiões alagadas dos seringais gerou, por sua vez, uma rica literatura que marcou não só um período da história de extrema seca no Nordeste e riqueza na Amazônia, mas

também uma esplêndida literatura onde se denuncia a vida dura do sertanejo no Nordeste e seu trabalho análogo à escravidão na Amazônia. Segundo Leandro Tocantins (1986), em “Judas Ahsverus” “O homem do Acre, associado à paisagem e aos seus dramas, constrói para Euclides uma das páginas mais sedutoras da literatura brasileira, sob o ponto de vista de pintura engrandecida de cena” (TOCANTINS, 1986, p. xix).

Por fim, os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia devem ser entendidos em diálogo com os textos sobre os problemas do Nordeste, antes e depois de sua publicação. Os textos de Franklin Távora, Afonso Arinos, Manuel Benício e tantos outros que tratam do sertanejo no final do século XIX, e textos como os de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego dialogam com esses ensaios de Euclides pela miséria da região, clima e ambiente rudes ao homem. O seringueiro desses ensaios tem sua origem no sertão nordestino, é o homem do semiárido que sofre o flagelo da seca. O seringueiro que inchou e enriqueceu as cidades da Amazônia, no período da volumosa extração da borracha, não era um ser nativo da região, mas sim um forasteiro nordestino que lentamente foi se aclimatando à região sob um trabalho espoliativo. Assim, deve-se reconhecer a estreita relação entre os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia com a prosa ficcional do Nordeste do final do século XIX à da década de 1930. O sertanejo pode ser entendido, neste aspecto, sob o dúbio caráter da sobrevivência, ao resistir e lutar contra a seca, permanecendo na região, mesmo pondo sua vida em risco, como vemos no personagem Fabiano e sua família, em *Vidas Secas*. O outro caminho tomado pelo sertanejo era fugir para os seringais da Amazônia, em razão da miséria da região, como vemos em *O Paroara* e nos diversos ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia.

Sob outra ótica, esses ensaios de Euclides da Cunha instauram relação de aproximação com a prosa de ficção da década de 1930 que expôs a público a vida dos operários das indústrias brasileiras, como se vê em *O gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931), de Lauro Palhano, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, *Parque Industrial* (1933), de Patrícia Galvão, *Navios Iluminados* (1937), de Ranulpho Prata e tantos outros em que a classe operária é protagonista dessas histórias e é espoliada no ambiente industrial. O operário de Euclides da Cunha não é o da fábrica, mas sim o do seringal, oriundo do sertão árido. O homem forte do sertão árido se fez seringueiro desvalido no sertão amazônico. Sobre esse tema, Euclides se destaca ao sair em defesa de uma enorme massa de homens que tinha no trabalho a mais cruel exploração num sistema próximo ao da escravidão. A posição crítica de Euclides da Cunha que vemos em *Os Sertões*, reaparece novamente nos ensaios sobre a Amazônia, porém defendendo também uma enorme massa de trabalhadores espoliados, e

gritando em altos brados frente à necessidade de uma legislação trabalhista, tornando um dos primeiros intelectuais a sair em defesa do trabalhador, antecipando o que iremos encontrar na prosa ficcional a partir de 1930.

Por fim, nos textos sobre a Amazônia a tríade: “A Terra, O Homem e A Luta”, de *Os Sertões* (1902), reaparece aqui não separadamente por partes, mas sob outra forma, na odisseia heroica do sertanejo que se transformou em seringueiro, numa luta constante com o sertão seco ou alagado, e com o patrão. A luta do homem desses ensaios tem caráter climático, econômico e social. O heroísmo do sertanejo na Amazônia ainda carece de reconhecimento por parte da história, pois ele foi o protagonista na formação do estado do Acre e no povoamento de toda a região do Alto Amazonas, a partir do século XIX.

4 - A prosa ficcional do ciclo da borracha a partir de 1930

Lauro Palhano, com *O gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) e *Marupiara* (1935), entra para a literatura do ciclo econômico da borracha ao abordar esse tema sob um novo olhar, agora voltado não apenas para o determinismo do ambiente que oprimia o homem seja no semiárido, ou na floresta amazônica. Além desses pontos, já identificamos nos romances, a partir de 1930, temas que afligiam o país, sobretudo, em questões de caráter sociológico e econômico. O ambiente que oprimia o homem causava e tinha consequências diretamente a fenômenos sociais e econômicos. A migração do sertanejo para a Amazônia e capitais do Brasil no final do século XIX e início do XX, em razão das duras secas do Nordeste, tiveram como consequências imediatas o inchamento das cidades, como aconteceram com Belém, Manaus, São Paulo, Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro, e uma enorme massa de sertanejos nos seringais da Amazônia, em especial na região do Acre. O inchamento dessas cidades por uma enorme massa de mão de obra ociosa provocou o imediato crescimento da classe de trabalhadores que para as fábricas seguiu e que era espoliada pelos industriais. Como bem apontou Antonio Candido, em *Literatura e subdesenvolvimento* (1989), a representação literária e cultural tomam novo rumo a partir de 1930, invertendo a ideia de país novo pela de país subdesenvolvido num processo de conscientização, a partir da evidência da miséria e da percepção da persistência das relações imperialistas de dominação. A literatura naquele momento passou a exercer papel fundamental ao mobilizar forças num projeto de tomada de consciência dos problemas econômicos e sociais de nosso país. E essa representação literária teve maior expressão, sobretudo, na literatura regionalista do Nordeste a partir de 1930 em que o pobre com seus problemas passou a ser personagem principal daquele projeto ficcional como expressão de denúncia das injustiças, desigualdade, opressão, abandono e do atraso de nosso país. Inúmeros ficcionistas imbuídos dessas ideias abraçaram essa causa e projetaram em seus textos uma nova ideologia que gritava por mudanças em nosso país. Nos dizeres de João Luiz Lafetá em *1930: a crítica e o modernismo* (1974), a partir de 1930 abriu-se a porta para uma nova literatura voltada para os problemas sociais do Brasil. Para esse crítico, a partir do decênio de 1930, houve uma ênfase maior no projeto ideológico literário voltado ao pensamento de mundo, para os reais problemas da época com ênfase em uma literatura com ensaios históricos, sociológicos e ficção sobre a realidade brasileira, em detrimento do projeto estético de 1922, diretamente ligado às modificações operadas na linguagem. Em 1930 entraram em cena escritores engajados, alguns de esquerda, criticando abertamente em seus romances o

atraso do país e as mazelas sofridas pelas camadas mais baixas em condições subumanas. O homem pobre, na figura do operário, sertanejo, camponês, seringueiro, entrava em cena como personagem principal e como representação de uma enorme massa rebaixada às piores condições de vida e trabalho.

Segundo Adonias Filho, em *O romance brasileiro de 1930* (1969), nesse momento muitos escritores passaram a enfatizar o documentarismo, o registro real - a fotografia - em seus romances, porém sem comprometer a literariedade da obra. Os romances apresentavam a realidade brasileira através de uma técnica nova de registro: a observação direta, ostensiva e flagrante da vida do brasileiro, o que robustecia o testemunho. Segundo Adonias Filho, o romancista interpretava e representava a realidade, sem sacrificar os componentes da narrativa - a atmosfera, a problemática, a ação episódica, a caracterização das personagens, etc. O romance é, por sua vez, o veículo para o documento e não o documento em si mesmo. “Ele, o romance, é mais abrangente que o documento, até porque nele estão as origens do povo brasileiro - a oralidade, contos populares, acontecimentos, tipos e costumes” (FILHO, 1969, pp. 11-17). Para Antonio Candido (1987, p. 159), na década de 1930, a prosa brasileira ganhou amadurecimento com a tomada de consciência do subdesenvolvimento do país. O romance brasileiro retomou o Realismo e o Naturalismo, abandonando a velha concepção mimética de arte e o cientificismo do século XIX para interpretar a vida, a história e conseguir justificar, por meio do fator econômico, o desenvolvimento do enredo e personagens. Daí a preferência dos escritores em apresentar uma visão crítica dos mecanismos sociais. As ciências naturais perderam sua hegemonia e deram caminho para as ciências sociais, e os escritores se inclinavam ora para a vertente do sociologismo, ora para a vertente imaginativa, como bem apontou F. M. Rodrigues Alves Filho (1938 p. 72). Sob a proposta neo-naturalista, os romances que tratam da extração da borracha, a partir de 1930, dão continuidade ao trabalho do final do século XIX e início do XX, denunciando a seca e o flagelo que ela causava ao sertanejo com a migração forçada para a Amazônia. Os romances desse novo momento sobre a borracha estão muito próximos dos de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Amando Fontes e Jorge Amado em que o ambiente oprime e degrada o homem, como se vê em *O quinze* e *Vidas Secas*. Na prosa ficcional desse momento vemos os aspectos sociais e econômicos aflorando como assunto vivo a ser debatido. A pobreza e a opressão do homem pelo meio agora exigem explicações pelos caminhos sociais e econômicos. Se antes a região era compreendida apenas pelas forças do meio que degradavam e expulsavam o homem, como o clima quente, o semiárido e a ausência de chuva, a partir de 1930 esse viés permanece, mas ganha espaço, e com mais força, uma

nova compreensão em que expõe como crítica a ausência completa do Estado em promover políticas de combate à seca e desenvolvimento da região para que o homem permanecesse na região. Por isso mesmo, nos períodos de intensas secas os sertanejos partiam para as capitais do Brasil e Amazônia, não apenas com o objetivo de arranjar trabalho, mas, sobretudo, de sobreviver.

Essa foi a ideia construída sobre a literatura a partir da Semana de Arte de 1922 e 1930. Muitos críticos literários fortaleceram a ideia de que a literatura moderna, de crítica social e de atraso do Brasil ganha amadurecimento apenas a partir de 1930, como apontado nos textos de Antonio Candido, João Luiz Lafetá, Adonias Filho, F. M Rodrigues Alves Filho e muitos outros críticos que enfatizaram ou deram continuidade a esse pensamento sem fazer um exame mais cuidadoso da produção bibliográfica produzida no Brasil no final do século XIX e início do XX antes desses movimentos. A intensa valorização desses dois momentos artístico-literários pela crítica do alto *establishment* promoveu, por sua vez, uma exclusão e pôs na periferia muitos autores e obras que já há muito anos antes da Semana de Arte de 1922 expressavam preocupações sobre os contrastes sociais existentes no país. Para alguns críticos do início do século XX, como Euclides da Cunha, o atraso e a miséria da região Norte não podia ser explicada apenas pelos fatores climáticos e do meio; havia os fatores sociais e a falta de políticas em programas para melhorias da região. Franklin Távora, na segunda metade do século XIX, em seu emblemático ensaio de introdução a *O Cabeleira* (1876), já proclamava a necessidade de políticas de investimento para a região Norte. De fato, houve uma extensa produção bibliográfica, seja nos ensaios, crônicas, contos ou romances, afora alguns problemas de estética, que já denunciavam o atraso do país e seus contrastes sociais: o “Norte” como atrasado e o “Sul” desenvolvido, como se vê em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e numa série de textos que denunciavam a seca e a miséria gerada por ela, o latifúndio, o coronelismo, as migrações do sertão, o caboclo da Amazônia, o cangaço e muitos outros problemas do “Norte”. Atentos a isso, muitos ficcionistas, ensaístas, folcloristas e críticos denunciaram o atraso dessa região e a inexistência do Estado. Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (2006, p. 146), identificou nos trabalhos de escritores do final do século XIX e início do XX uma intrínseca relação com o projeto de consciência do subdesenvolvimento do país e engajamento dos escritores que, como apontou a crítica, só iríamos encontrar a partir de 1930.

Francisco Foot Hardman no artigo “Antigos Modernos”, em *A vingança da Hiléia* (2009), aponta que a ideia de “modernidade e modernização” foi reduzida à Semana de Arte de 1922, “por modelos e esquemas ideológicos criados no Brasil após 1930, ocultando

processos culturais relevantes que se gestaram na sociedade brasileira, desde a primeira metade do século XIX” (HARDMAN, 2009, p. 168). Segundo esse crítico, desse processo canônico e excludente da Semana de Arte Moderna de 1922, sobre a ideia de modernidade e de modernismo, resultaram três efeitos imediatos:

a) exclusão de amplo e multifacetado universo sociocultural, político, regional que não se enquadrava nos cânones de 1922, em se tratando, embora de processos intrínsecos aos avatares da modernidade; b) redução das relações internacionais na cultura brasileira a eventuais contatos entre artistas brasileiros e movimentos estéticos europeus, quando na verdade, o internacionalismo e o simultaneísmo espaço-temporal já se tinham configurado como experiências arraigadas na vida cotidiana do País; c) definição esteticista para o sentido próprio de modernismo, abandonando-se, com isso, outras dimensões políticas, sociais, filosóficas e culturais decisivas à percepção das temporalidades em choque que põe em movimento e fazem alterar os significados da oposição antigo/moderno muito antes de 1922 (HARDMAN, 2009, pp. 168 - 169).

Como bem apontado nos capítulos anteriores, muitos escritores, antes da Semana de Arte de 1922, em especial aqueles do Nordeste, já denunciavam os contrastes do Brasil: José Veríssimo, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Carlos Vasconcelos, Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel e muitos outros já podem ser considerados modernos, engajados e preocupados em revelar o real país do final do século XIX e início do XX. O próprio Euclides da Cunha já é um inovador nas letras brasileiras com *Os Sertões* e os ensaios sobre a Amazônia. A Semana de Arte Moderna de 1922 pôs uma cortina de ferro nas representações culturais e intelectuais anteriores que não tiveram a mesma repercussão e prestígio no país. Da mesma forma, muitos escritores que não fizeram parte do ciclo dos intelectuais desse movimento de 1922 ficaram à margem da literatura brasileira. Essa ideia canônica e excludente, por sua vez, foi intensificada pela crítica literária que elegeu o movimento artístico de 1922 e 1930 como os responsáveis pela ruptura de uma literatura dita como decadente. Esse conceito se verifica até os dias atuais no meio acadêmico, onde se reproduz, com pouco exame, dando continuidade e intensificando a exclusão de uma grande gama de escritores e textos do final do século XIX e início do XX antecedentes à Semana de Arte de 1922. Em vários ficcionistas, anteriores ao movimento artístico de 1922, já verificamos a preocupação em focar personagens do povo como protagonistas, sua cultura, linguagem e crítica aos contrastes sociais do país. Esses escritores já estavam atentos à noção de modernidade e que este paradigma deveria ser a linha norteadora.

A produção ficcional sobre a economia da borracha se desprende da ideia da Amazônia sob a ótica romântica, edênica, maravilhosa, ou sob o terror e vastidão que ela causava aos olhos dos personagens, como se verifica em muitos escritores do século XIX. A

literatura do *boom* da borracha se vincula a dois aspectos bem distintos: as duras secas do Nordeste e a economia da extração da borracha na Amazônia, no final do século XIX e início do XX. A ficção sobre esse tema também está relacionada à estética da descrição da paisagem, psicologia social, clima, folclore, linguagem, geografia local, exame e crítica dos contrastes sociais e exploração ao trabalhador. Nesse sentido, essa produção se alia aos textos de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e muitos outros escritores, cujo espaço e tema de seus romances é o sertão nordestino em que as duras secas degradam e expulsam o sertanejo da região num processo de opressão do meio. A ficção do *boom* da borracha também se aproxima aos romances de Amando Fontes, Patrícia Galvão, Ranulpho Prata e tantos outros romances em que temos o operário sendo espoliado no ambiente fabril, a partir de 1930. Na prosa sobre a coleta da borracha não temos propriamente o ambiente fabril; o que se verifica são os seringais configurados como monstros que laçam os sertanejos para dentro de si e os aviltam. A relação de aproximação entre a prosa ficcional em torno da economia da borracha e os romances das fábricas está justamente na crítica ao Estado em abandonar as regiões Norte e Nordeste no mais completo atraso e miséria, e pela ausência de uma legislação que amparasse os trabalhadores. Por isso mesmo, a produção ficcional do ciclo econômico da borracha pode ser posta ao lado da ficção regionalista do Nordeste, pois ambas propõe uma literatura voltada para os problemas do homem do campo e as implicações sociais e econômicas geradas pela seca e ação do meio.

Da prosa sobre esse tema, a partir de 1913, surgiram textos como: *Os seringais* (1914), de Mário Guedes, *Deserdados* (1921), de Carlos de Vasconcelos; *Terra Imatura* (1923), de Alfredo Ladislau; *Terra verde* (1925), de Adauto Fernandes; *A selva* (1930), do português Ferreira de Castro; *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) e *Marupiara* (1935), de Lauro Palhano; *Amazônia que ninguém sabe* (1931), *Terra de Icamiba* (1934), *Certos caminhos do mundo* (1935) e *Safra* (1937), de Abguar Bastos; *O monstro e outros contos* (1932), de Humberto de Campos; *Terra de ninguém* (1934), de Francisco Galvão; Na *Planície Amazônica* (1926), *Ressuscitados* (1936) e *Os Igaráúnas* (1938), de Raimundo Moraes; *Seiva* (1937), de Osvaldo Orico; *Puçanga* (1929), *Matupá* (1933) e *Histórias da Amazônia* (1936), de Peregrino Junior; *Gleba tumultuária* (1927) e *Em busca do outro* (1938), de Aurélio Pinheiro, e muito outros. E a partir da década de 1940 esse tema é retomado por novos ficcionistas, numa produção que permanece até os dias atuais, como romance de memória ou histórico, e que tem as secas do Nordeste e o período de grande produção da borracha amazônica, do final do século XIX ao início do XX, como tema principal ou pano de fundo, como se vê em *Um punhado de vidas* (1949), de Aristófanes

Castro; *No circo sem teto da Amazônia* (1955), de Ramayana de Chevalier; *Beiradão* (1958), de Álvaro Maia; *Arapixi* (1963), de Aducto de Alencar Fernandes; *Dos ditos passados nos acercados do Cassianã* (1969), de Paulo Jacob; *Terra firme* (1970), de Antisthenes Pinto; *Coronel de barranco* (1970), de Cláudio Araújo Lima; *Galvez, imperador do Acre* (1976), de Márcio Sousa; *Chove nos campos de Cachoeira* (1979), de Dalcídio Jurandir; *Regime das águas* (1985), de Francisco Vasconcelos; *O amante das Amazonas* (1992), de Rogel Samuel; *O tocador de charamela* (1995), de Erasmo Linhares; *Orfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum; *Velas na tapera* (2009), de Carlos Correia Santos, *O escaravelho da floresta* (2010) de Antonio Stélio Araujo Castro, e muitos outros romances cujo espaço ficcional e tempo histórico são a região de produção da borracha no período de intensa extração dessa matéria prima.

Vale lembrar que nos países vizinhos do Brasil em que a floresta amazônica se faz presente também houve uma significativa produção ficcional que tratou da vida dos coletores do látex da borracha, com foco especial para o caucho, árvore também produtora de borracha, porém de menor qualidade. Dessa imensa produção ficcional se destacam *La voragine* (1924), do colombiano José Eustasio Rivera; *Toá, narraciones de caucherias* (1934), do colombiano Cesar Uribe Piedrahita; *Canaíma* (1935), do venezuelano Rómulo Gallegos; *La Serpiente de Oro* (1935), do peruano Ciro Alegría Bazán; *Caucho* (1938), do boliviano Diómedes de Pereyra, *A casa verde* (1966) e *O sonho do celta* (2010), do peruano Mario Vargas Llosa, entre os mais conhecidos.

É importante frisar que entre os textos de Alberto Rangel e Lauro Palhano há alguns que se tornaram leitura de fundamental importância para conhecimento e compreensão da economia da borracha. São eles: *Os seringaes* (1914), de Mário Guedes, *Deserdados* (1921), de Carlos Vasconcelos, *Terra imatura* (1923) de Alfredo Ladislau, *Terra verde* (1925), de Aducto Fernandes, e *A selva* (1930), de Ferreira de Castro. Dentre essas obras, apenas *Deserdados* e *A selva* se apresentam como romances, as demais podem ser entendidas como estudos descritivos, sociológicos e analíticos sobre a região amazônica, com o intuito de abrangê-la no maior número possível de aspectos.

Esses autores, direta ou indiretamente, dão continuidade ao trabalho iniciado por Rodolfo Teófilo, Euclides da Cunha e Alberto Rangel ao denunciar a agonia dos sertanejos flagelados das secas, que migraram para os seringais da Amazônia, onde são colocados num ambiente de exploração, solidão, isolamento e degradação física. Esses autores, assim como os primeiros, decifraram para os leitores os horrores do universo dos seringais. Cada um, em seu modo, descreveu a viagem da selva e a crueldade dos patrões aos trabalhadores.

Além dos temas já conhecidos na prosa de ficção sobre a economia da borracha, Carlos Vasconcelos, com *Deserdados*, explora a escassez, a exploração e a comercialização da mulher naquele ambiente machista em que elas eram sequestradas, estupradas e comercializadas como moedas de pagamento de dívidas de seus maridos seringueiros, como se vê no conto Maibi, de Alberto Rangel. A noção de inferno na selva se verifica nas marcas naturalistas com o homem sucumbido aos mais primitivos e brutais instintos selvagens. Bestialismo, estupros, assassinatos, sequestros revelam nas páginas de *Deserdados*, sem exageros, os múltiplos aspectos infernais do ambiente dos seringais da Amazônia, que agiam como armadilhas ao submeter o ser às mais cruéis formas de aviltamento.

Outro romance de fundamental leitura para o conhecimento da vida nos seringais é *A selva*, do português Ferreira de Castro⁵⁶, publicado em 1930, em Lisboa. A obra está baseada nas experiências que o escritor, ainda adolescente, teve em torno de quatro anos na Amazônia, no seringal Paraíso, topônimo do seringal do romance, localizado no rio Madeira. A vida na floresta deixou marcas profundas no escritor, como ele declara no texto introdutório do romance, *Pequena história de “A selva”*, sobre o processo de criação dessa obra ficcional:

Assim, da minha longa estadia ali, trazia apenas, como saldo, esse novo conflito sentimental, doloroso e cheio de perplexidades, como é o das paixões na adolescência, e um pobre saque de cinquenta mil reis sobre uma casa de Manaus. É certo que levava também, no fundo do baú, o manuscrito dum romance ingênuo que escrevinhara dois anos antes; na cabeceira um tropel de ideias para outros que nunca cheguei a redigir e, na carne e no sangue, este roteiro do drama social dos cearenses e maranhenses, do meu próprio drama, que tanta influencia ia ter na minha vida de escritor; mas eu, nessa noite, descendo o rio metido em trevas, não podia saber que isso aconteceria (CASTRO, 1958, v. 1, p. 71).

O romance é a impressão, contato real, experiência e sensações do autor com a selva amazônica e trabalho nos seringais. Márcio Sousa, em *A expressão amazonense*, aponta *A selva* como um romance dos personagens retirados da experiência que Ferreira de Castro teve no seringal Paraíso: “Não é necessário que se pense duas vezes, quando observamos as personagens de *A selva*, para compreendermos que são, para além de figuras retiradas da biografia do autor, sintomas bem selecionados que refletem a condição humana na Amazônia do caucho” (SOUSA, 1977, p. 126). Trata-se de um romance documental onde o escritor explicita a terrível experiência que viveu no interior da selva na extração do látex, sob a ótica de um protagonista que era imigrante português. A história centra-se no personagem Alberto, de vinte e seis anos, que havia participado da revolta monarquista em Portugal e exilou-se no Brasil, na casa de seu tio Macedo, em Belém do Pará. Esse tio o convence sobre as

⁵⁶ Ferreira de Castro chegou ao Pará em 1911, na terceira classe de um navio, naquela época ele tinha onze anos de idade.

possibilidades de se ganhar muito dinheiro trabalhando no seringal Paraíso, de Juca Tristão. O jovem despreparado para o trabalho é auxiliado e protegido pelo cearense Firmino, com quem estabelece relações de amizade, mesmo depois de ser transferido para o armazém do seringal. Após a anistia em Portugal aos revoltosos, Alberto deixa o seringal e retorna para o seu país para estudar direito.

A partir da experiência de Alberto é revelado ao leitor a voragem daquele ambiente de trabalho, primeiro havia as constantes ameaças dos índios e animais selvagens, depois o trabalho duro e de difícil habilidade para aquele jovem. Tempos mais tarde, impressiona-se com o tratamento do dono do seringal aos trabalhadores que sempre estavam em dívida, com as restrições de liberdade e com os duros castigos aplicados aos revoltosos e fugitivos.

A verossimilhança do romance deve-se muito ao fato do autor ter conhecido por dentro a vida e funcionamento do seringal. O autor tenta expressar com o máximo de realismo os aspectos comuns que encontramos nos romances sobre o período da economia da borracha: recrutamento e aliciamento para os seringais com a ilusão de enriquecimento, péssimas condições de viagens nos navios, endividamento antes de se iniciar o trabalho, alto custo dos produtos, sistema de aviamento como forma de extorsão, privação de circulação dos trabalhadores, abuso de poder do patrão, escassez de mulher, voragem da selva, exploração aos trabalhadores, doenças, solidão na selva, etc.

Depois de algum tempo vivenciando a dura realidade do seringal, Alberto passa por um processo de compreensão e tomada de consciência daquele sistema injusto de exploração e de escravidão aos pobres nordestinos. Além de todos esses aspectos apontados, *A selva* aponta para o enriquecimento frenético do seringalista, Juca Tristão, dono do seringal, e suas ações brutas como forma de manter sua posição, sob a exploração dos seringueiros, como se vê na passagem abaixo em que Juca Tristão confere com Alberto seu “prejuízo”, em razão da fuga de quatro homens:

Sobre o “contas-correntes”, Alberto elucidou:

__O Manduca devia um conto e setecentos e vinte e três ... O Firmino um conto e duzentos ... Quem eram os outros?

__O Romualdo e o Aniceto - elucidou Balbino. Alberto folheou de novo:

__O Romualdo, dois contos e seiscentos e quarenta ... Juca voltou a exaltar-se:

__Dois contos e seiscentos! Cachorro! Cachorro! E eu a ter pena dele! Eu sou tolo mesmo! Vinha chorar para o pé de mim e, só em pílulas, para as febres, lhe vendi uma fortuna! Que morresse, que fosse para o inferno! Mas eu fui tolo e ele agora paga assim!

__Ao pequeno silêncio sucedeu a voz de Alberto:

__O Aniceto devia oitocentos e noventa ...

__Oitocentos e noventa ... __Um conto! Com dois e seiscentos do outro, quase quatro. Quanto devia o Manduca?

__Um conto e setecentos ...

—Cinco contos e tal! E o Firmino?
 —Um conto e duzentos ...
 —Seis contos! Quase sete contos por água abaixo! E eu aqui a sacrificar-me longe da minha mulher e do meu filho, para que esses cachorros me roubem assim! Porque é um roubo! É um roubo! E eu que podia estar mesmo descansado na minha fazenda do Marajó! Se os apanho!... (CASTRO, 1958, v. 1, pp. 279 - 280).

Coube ao personagem Tiago manifestar sua revolta à surra aplicada aos quatro homens fugitivos que foram “recapturados”. Tiago, inconformado com aquela punição, põe fogo no barracão e mata o patrão, resignando-se ao que julgara uma injustiça de Juca Tristão. O desfecho do romance, com o incêndio do barracão e morte de Juca Tristão, propõe a destruição total daquele sistema que era análogo à escravidão. Essa obra se destaca das demais por expor de forma explícita a revolta dos trabalhadores, que se transforma numa tentativa de fuga daquele sistema, fato pouco comum na ficção desse tema antes de 1930. A partir desse momento em vários outros romances a revolta dos personagens se apresenta como uma tentativa de reversão das normas daquele sistema, porém o poder do patrão é insuperável e os insurgentes sempre são duramente punidos.

Reconhecido como um romance de crítica social, *A selva* representa um marco na literatura a respeito da economia da borracha, por fornecer um amplo painel sobre o funcionamento do universo do seringal e a exploração ao trabalhador.

Resta dizer que assim como depois de 1930 surgiu uma enorme bibliografia ficcional sobre o ciclo econômico da borracha, paralelamente também surgiram vários estudos sobre esse período pautados na factualidade, sob o olhar da história e sempre dialogando com os textos ficcionais.

4.1 - Lauro Palhano - *O Gogoroba: cenas da vida proletária do Brasil*

Da enorme produção ficcional do período do *boom* da borracha produzida no Brasil a partir da década de 1930, destaco o escritor Lauro Palhano com os textos *O gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*, de 1931, e *Marupiara*, de 1935. Elejo estes dois textos como representantes da ficção sobre o *boom* da borracha a partir de 1930, visto a enorme quantidade de romances nessa temática, cujos escritores estavam engajados em denunciar o real Brasil daquele momento. Outro aspecto relevante é que os romances do *boom* da borracha, no geral, têm suas histórias muito próximas e parecidas com as desses dois romances de Lauro Palhano. Adicione-se a isso o fato de *O Gororoba* já focar discussões sobre o proletário, classe essa que estava crescendo nas primeiras décadas do século XX, em razão do avanço da indústria, por conta da Primeira Guerra Mundial e conseqüentemente essa

classe passou a ganhar força no país com inúmeras greves e lutas por melhores condições de trabalho, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo. Esse enfoque em *O Gororoba* despertou a atenção de alguns críticos daquele momento (MARÇAL, 1932), a ponto de considerar esse romance como precursor da literatura proletária no Brasil, o que sacudiu a crítica brasileira em controvérsia se era ou não literatura proletária, pois para alguns críticos as poucas cenas e questões ali apresentadas sobre o operário ainda eram pictóricas e superficiais. *O Gororoba* e *Marupiara* merecem destaques especiais por estamparem quadros valiosos do rápido desenvolvimento pelo qual passaram Belém e Manaus, em razão da extração da borracha e por trazerem fiéis cenas dos trabalhadores nos seringais do Alto Amazonas na coleta do látex da borracha. Em *O Gororoba*, não temos cenas dos seringais e dos seringueiros nesse espaço de trabalho. No entanto, temos notórias paisagens das cidades de Belém e Manaus que sofreram um rápido crescimento e inchamento humano em razão da extração da borracha. As cenas dos trabalhadores nos seringais na floresta ficaram reservadas à *Marupiara* (1935), segundo romance de Lauro Palhano, seguindo a mesma temática das secas do Nordeste e do *boom* da borracha na Amazônia.

Os romances de Lauro Palhano, ao tratar da seca e do enriquecimento da região Amazônica, sob os efeitos da extração da borracha, nos trazem um novo olhar sobre o Brasil e seus problemas, ao destacar a degradação dos operários, seja nos seringais, seja nas indústrias urbanas. Adiciona-se a esse ponto o fato de *O Gororoba* ser considerado o primeiro romance da literatura brasileira a encontrarmos discussões - ainda imaturas - sobre o proletário brasileiro e a necessidade de uma legislação trabalhista que amparasse o trabalhador. *O Gororoba* e *Marupiara*, com *Cacau* (1933), de Jorge Amado; *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes; *Parque Industrial* (1933), de Patrícia Galvão e *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata puseram em discussão o surgimento da literatura proletária no Brasil, que ganhou fôlego nos anos seguintes. Deve-se atentar ainda à aproximação dos romances de Lauro Palhano aos de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e tantos outros em que a seca age oprimindo o sertanejo. Nos romances de Lauro Palhano, como em *O Paroara*, os personagens encontram nos seringais da Amazônia uma saída para se livrar da miséria provocada pela seca e, iludidos por agenciadores, o sonho de ganhar muito dinheiro.

É nesse contexto que surgiu em 1931 o romance *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*, do engenheiro de máquinas Lauro Palhano, pseudônimo do escritor baiano Juvêncio Lopes da Silva Campos. Heitor Marçal, no *Boletim de Ariel*, 1932, apontou

*O Gororoba*⁵⁷ como o primeiro romance proletário, o qual estudaria o operário em todo o país, do Nordeste para o Amazonas e depois para o Rio de Janeiro. Esse artigo, entretanto, não causou grande polêmica naquele momento, a ponto de pôr em discussão a existência do romance proletário no Brasil, porém iluminou a crítica do momento para uma nova proposta de romances que estava surgindo ao colocar o operário como personagem principal. No ano seguinte, Agripino Grieco, em *Evolução da prosa brasileira*, reconhece em *O Gororoba* os rastros do romance proletário da Rússia e ignorado no Brasil:

“O Gororoba” inaugurou aqui, talvez sob o influxo da novíssima literatura russa, o romance proletário que ainda ignorávamos e que os leitores de Gladkov, o autor de “Cimento”, de Lebedinsky, Serafimovitch e outros desejavam ver introduzido no Brasil. Por certo com menos complexidade e vigor, mas com espontaneidade, sinceridade e despreocupação das guirlandas literárias, este livro atrai-nos porque nele qualquer alarde de tintas não perturba, não humilha a simplicidade do assunto: a biografia de um mísero brasileiro que nasceu no sertão, vai trabalhar nos pantanais do Acre e, por último, vem a fracassar nas favelas do pior proletário carioca. Daí três atmosferas bem colhidas num romance que pode ser classificado de romance em viagem (GRIECO, 1933, p. 304).

Em outra obra, *Gente nova do Brasil*, o mesmo crítico retoma a sua posição ao apontar que em *O Gororoba* o autor trouxe aos olhos do leitor o homem pobre e as sinistras acrópoles brasileiras com referência ao Rio de Janeiro e suas favelas para onde se dirigiam os operários. Três ambientes distintos são elencados por Agripino Grieco: o sertão, os seringais e o espaço urbano do Rio de Janeiro, e todos como ambientes sinistros ao homem pobre:

Há amplitude e colorido nas páginas do romance “O Gororoba”, do Sr. Lauro Palhano. História de um brasileiro que nasce na zona sertaneja, vai procurar fortuna nos pantanais da Amazônia e depois se perde nas sinistras acrópoles em que se dependuram as famílias pobres do Rio, esse livro faz-nos ver direito o sertão, o seringal e a Favela. É todo ele uma impregnação de vida, a impregnação de vida a que, talvez sem querer, se deve ter submetido o próprio autor nas suas correrias por este infinito Brasil. Três microcosmos, três pequenas humanidades diversas. A psicologia será um pouco de superfície, mas é inocultável a vibração sentimental por todos os infortúnios. Percebe-se no livro uma emoção sempre crispada ao falar dos sem pouso, dos sem glória, dos que vivem perpetuamente exilados de tudo e de todos. Às vezes, como que se faz aqui sociologia em forma de ficção. Não estão em jogo figuras de pano, mas pobres criaturas de Deus que sofrem e arquejam por aí afora. Nenhum paradoxo voluntário do romancista, porque aqui o paradoxo resulta sempre da ferocidade dos homens obtusos em trabalho contra a natureza. Notas do ambiente deliciosas para os pintores, para os que vivem apenas com os sentidos, desoladores para os pensadores, para os que vivem de espírito puro. Que trágico o desses emigrantes intra-fronteiras, boêmios sem carretas, sem lendas, sem trapos

⁵⁷ O professor Francisco Foot Hardman em seus livros *Nem pátria, nem patrão!: vida operária e cultura anarquista no Brasil* (2002), *Contos anarquistas - antologia da prosa libertária do Brasil (1901 - 1935)* (1985) e *Contos anarquistas - temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890 - 1935)* (2011) levanta a discussão sobre a cultura operária no Brasil com enfoque para a ficção de caráter anarquista e nos apresenta vários exemplos de ficção sobre o proletário anteriores a 1930, o que demonstra bem que a discussão sobre literatura proletária no Brasil deve ser melhor examinada, pois desde o final do século XIX já tínhamos trabalhos com enfoque nesse tema.

pitorescos! Em obras assim há aspectos que podem importar na renovação do nosso romance realista, do nosso romance de costumes. Romance proletário! Mas nem o autor é tão operário quanto disseram, visto ser qualquer coisa como um engenheiro de máquinas, nem o seu romance é tão proletário assim, tendo também literatura, e por vezes mesmo um tanto carregada ... (GRIECO, 1948, pp. 40 - 41).

Nesse segundo texto, Agripino Grieco retoma a discussão do romance proletário, em virtude das situações e ambientes de trabalho que encontramos nesse romance, seja nas referências que temos dos trabalhadores nos seringais da Amazônia, seja nas oficinas em Belém, Manaus e Rio de Janeiro. Outro aspecto seria a relação do escritor - engenheiro - com os operários. Alguns críticos daquele momento seguiam à risca as proposituras do romance proletário russo em que o escritor deveria ser um operário ou estar intrinsecamente ligado ao proletário. Para alguns desses críticos, Lauro Palhano, mesmo sendo um engenheiro de máquinas, e tendo contato com os operários, ainda não conseguia expressar os verdadeiros sentimentos da classe proletária⁵⁸.

O fato de *O Gororoba* trazer cenas e ambientes do operário e por ter sido o primeiro texto ficcional a por em discussão a existência do romance proletário no Brasil, fez com que essa obra ocupe um lugar especial na prosa do ciclo econômico da borracha. O segundo romance de Lauro Palhano - *Marupiara* - evidencia mais ainda o projeto de denúncia do atraso do país e o Nordeste como região esquecida pelas autoridades e assolada pelas secas, o que ocasionava as constantes migrações para a Amazônia. Nessa segunda obra encontramos de fato os ambientes dos seringais e a dura vida de trabalho para o seringueiro nesses espaços em constantes conflitos com o patrão e numa situação próxima à escravidão. Nesse sentido a tônica regional do Nordeste, do ambiente do semiárido que flagela o sertanejo, se alia à questão social e ao drama do operário dos centros urbanos brasileiros.

O Gororoba é aberto com um prefácio, datado de 1930, onde o autor “justifica as razões de um porque”, ao afirmar as dificuldades em trabalhar com as palavras e ressalta que o seu domínio era com o martelo e não com a pena e pede compreensão ao leitor. Mas o escritor ao mesmo tempo insiste em deixar claro ao leitor que neste romance trabalhou firme para fixar impressões do que viu e sentiu como denúncia contra as autoridades brasileiras sobre a realidade de nosso país. Essa postura expressa bem o pensamento dos escritores daquele momento, ao se colocar como homens de denúncia ao atraso e contrastes do Brasil. Como bem apontou Adonias Filho, em *O romance brasileiro de 30*, a prosa desse momento é

⁵⁸ Lauro Palhano foi o pseudônimo usado por Juvêncio Lopes da Silva Campos em seus romances *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931), *Marupiara* (1935) e *Paracoera* (1939) (COUTINHO, 2001, p. 1210). Segundo Peregrino Junior (2002, p. 246). Lauro Palhano também publicou um conto chamado *Xandu na Vida literária*, porém esse texto é desconhecido. Lauro Palhano em sua vida trabalhou como engenheiro de máquinas de navios. Essa última informação nos leva a crer que Lauro Palhano teve contato direto com os operários.

de documento, de testemunho pautado na observação sob uma percepção realista (FILHO, 1969, p. 11).

A narrativa traça a vida de José Amaro, apelidado de Cazuzo, em dois momentos. A primeira parte retrata a seca no sertão de Caicó, Ceará, que empurrava os flagelados para as cidades grandes do país e para a região da Amazônia, onde iam trabalhar nos seringais e nas indústrias de Belém e Manaus. A segunda parte se passa no Rio de Janeiro, onde retrata a dura vida de Cazuzo trabalhando como operário nas oficinas navais da capital do Brasil e vivendo nas favelas dessa cidade. Publicado em 1931, o tempo da história corresponde ao final do século XIX e os anos iniciais do XX, quando a Amazônia era região de grande atração para o trabalho na extração da borracha. O momento da história do romance explica porque encontramos apenas raiva e ódio em alguns personagens, e uma breve consciência de classe em Cazuzo, porém não temos revolta dos trabalhadores, pois os sindicatos ainda estavam germinando e eram frágeis.

Na primeira parte do romance, em que o tempo da narrativa corresponde ao final do século XIX, temos a vida dura de Cazuzo Amaro na pequena cidade de Caiacó, Ceará, que fica órfão ainda criança e é adotado pelo farmacêutico Mestre Amaro. Com a intensa seca na região, Cazuzo, já com idade adulta, resolve partir para a Amazônia, para onde uma enorme massa humana já havia partido:

Junho findara adusto. Bebeu rios, fontes e regatos, o orvalho e a seiva. Desleitou as mulheres e as ovelhas, as cabras e as vacas, igualmente mães, para aniquilar a vida incipiente.
As árvores despiu de folhas para extinguir a sombra. Era a vanguarda sinistra dos dois setes, cumprindo a missão de secar tudo, menos a lágrima.
Nas grotas e quebradas calaram-se os coros. Só o Juazeiro, cipreste dos tabuleiros sáfáros, resistia ainda. Cantaram ai as últimas cigarras.
Arcabouços de rezes, encarquilhados, secos à falta de humanidade para apodrecê-los, espalhavam por toda parte nauseante e pestilento cheiro. Eram como fantásticos rebanhos de esqueletos, pelas baixadas e leitos de ex-rios, devolvendo à terra a vida que os animara. Alguns, na postura da última bebida, caveiras afocinhadas nos fogos que foram cacimbas, pareciam querer sugar ainda a água que fugira (PALHANO, 1931, pp. 9 - 10).

O narrador em terceira pessoa e intruso na história introduz suas críticas ao Estado frente ao abandono daquelas populações desamparadas pelas autoridades como forma de chamar a atenção do país para o problema da seca que se arrastava por anos naquela região:

Se a vida desta pobre gente valesse a piedade dos que nos governam; se a prosperidade da terra e o desenvolvimento da raça interessasse aqueles que nos exploram, certo, já teriam dado remédio ao mal. No dia, porém, em que o Norte puder destruir o ninho desse abutre, dispensará a esmola que a Corte julga fazer, dando-nos foros de civilizados (Ibid., p. 12).

As marcas de denúncia ao abandono das populações de sertanejos do semiárido nos períodos das secas são visíveis e claras nessa parte, o que demonstra o papel do autor como homem empenhado em revelar ao Brasil aquela região atingida por duras secas e o flagelo que ela causava para quem na região vivia. É sabido que as secas são geradas por razões climáticas, porém a miséria dos que viviam no semiárido tinha explicações políticas e de gestão. A consequência imediata para os sertanejos foi o abandono da terra e partir em direção as capitais do litoral e seringais da Amazônia. Essa última opção foi a decisão tomada por Cazuzo Amaro. Seu apego à terra do semiárido foi substituído pela ilusão plantada em sua mente por agenciadores em fazer fortuna na Amazônia.

Ao chegar a Belém, Cazuzo se espanta com o progresso dessa cidade gerado pela extração da borracha e pelo suor dos sertanejos que adentravam na mata para retirar o látex da borracha. A capital do Pará inchava-se com a enorme massa de estrangeiros de toda parte do mundo e sertanejos ávidos em trabalhar e ganhar dinheiro. Os primeiros se aventuravam no comércio urbano; já os sertanejos se arriscavam nos seringais no interior da selva e na indústria que surgia na cidade. Não demorou muito tempo para Cazuzo conseguir um emprego como ajudante de ferreiro numa oficina de navios.

Logo no primeiro dia de trabalho Cazuzo ganhou a apelido de Gororoba, em razão de seus movimentos lentos, porém fortes, típicos do sertanejo do sertão nordestino⁵⁹. Belém, cognominada de Liverpool brasileira, crescia e inchava-se rapidamente com a migração de sertanejos e europeus que para aquela cidade destinavam-se. Belém por estar na foz do rio Amazonas se encontrava numa posição estratégica geograficamente, pois era a primeira cidade do Brasil a receber as embarcações da Europa e Estados Unidos. Do mesmo modo, era a primeira cidade que os sertanejos encontravam para desembarcar e procurar emprego, e era também parada obrigatória para os sertanejos que desejavam subir o rio Amazonas em direção aos seringais do Acre. No sentido oposto Belém era a cidade que escoava para a Europa e Estados Unidos sua riqueza natural: madeira, cacau, café, algodão e a imensa produção de borracha. Tudo isso fez de Belém uma enorme cidade com uma grande malha urbana e com uma expressiva indústria de navios que ali atracavam e navegavam nos rios da região.

⁵⁹ As coisas indefinidas, sem cor, sem forma ou consistência, misto de gelatina e grude; ao frouxo, ao tímido, ao covarde, à flacidez de lesma e do uruá; ao pormenor que Victor Hugo achou horripilante no polvo: “_ Ser mole - chamam no Pará Gororoba. Cazuzo herdara dos pais e do meio a lentidão dos movimentos, as sonolência das atitudes, a inércia dos membros, a melancolia da face. Não era um pusilânime, era um derreado, apesar de sadio e forte. Encostava-se sempre que podia, e quando não achava ocasião para assentar-se. Triste na expressão, lento no falar, desconjuntado e bambo no andar, a alcunha ajustou-se-lhe tão bem como se fosse uma luva, colodiando-lhe a pele tisonada do sol e da raça” (Ibid., p. 40).

Em *O Gororoba* não temos cenas dos trabalhadores nos seringais, no entanto os seringueiros figuram como massas humanas que inchavam e enriqueciam a cidade de Belém, partindo ou retornando dos seringais do Alto Amazonas. A capital do Pará também se destacava com cede das casas aviadoras e comerciais para exportar a borracha para o exterior.

Por outro lado, em *O Gororoba* encontramos cenas do operário urbano das oficinas de manutenção de navios que cresciam significativamente nessa cidade, em razão do enorme fluxo de navios para o transporte de cargas. Essa indústria de manutenção e construção de navios em Belém foi decisiva para o aumento da classe operária nessa cidade:

Seis horas. Apita. A motora, na languidez da partida, espreguiça-se. Gemem, estalam transmissões, correias aderentes às polias e tudo vibra no movimento que há de levar a vida aos molossos inertes.

O operário cérebro da máquina, dirige. O ferro em obra reage: - embota as ferramentas, agride o homem, ora em estilhaços, em fagulhas, ora desprendendo-se bruscamente, partindo-se, ferindo, matando. E enquanto o autômato executa a sua tarefa, na monotonia dos movimentos ritmados, o artífice volta, em pensamento, aos idílios da noiva, aos carinhos da esposa, aos beijos do filho, às alegrias e vicissitudes de seu lar, indiferente à obra, à máquina, e a tudo (Ibid., pp. 37 - 38).

O operário desprotegido de legislação trabalhista se lança entre as engrenagens das máquinas no espaço urbano e nos seringais no interior da selva, como principal força motriz, sendo paradoxalmente aviltado fisicamente. Todas essas condições insalubres e de degradação físicas impostas a esses trabalhadores já foram bem pesquisadas por diversos historiadores, como Francisco Foot Hardman (1991), Antônio Paulo Rezende (1989), Warren Dien (1971) e outros mais que estudaram as condições de vida e de trabalho dos operários das indústrias de São Paulo e outras capitais brasileiras nas primeiras décadas do século XX.

A política trabalhista de ampara ao trabalhador só surgiu efetivamente após 1930, com a centralização do poder por Getúlio Vargas ao criar o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e na Constituição de 1934 esse mesmo presidente estabeleceu o salário mínimo, a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) só foi criada em 1943. Segundo Rezende (1989, p. 18), antes de 1930 quase não existiam leis de proteção ao trabalhador, as poucas existentes não eram rigorosamente cumpridas pelos patrões. Crianças e mulheres trabalhavam em horário noturno, sem qualquer garantia ou proteção. De acordo com Warren Dean, “Os acidentes se amiudavam, pois os trabalhadores, embora cansados, às vezes trabalhavam além do horário, sem aumento de salário ou trabalhavam aos domingos” (DEAN, 1971, p, 164). Sobre esse mesmo aspecto, Boris Fausto aponta que “em regra, nada impedia a despedida imediata dos trabalhadores após longos anos de serviços. Os operários acidentados não eram

indenizados. Inexistia a previdência social, nem a aposentadoria se desenhava como expectativa” (FAUSTO, 1976, p. 105).

O excerto do romance dialoga com a realidade existente no início do século XX no Brasil no que diz respeito à vida do operário e ambiente de trabalho. Em *O Gororoba* nos deparamos com inúmeras cenas que estão muito próximas da realidade, o que revela o caráter documental do romance e a proposta do autor em revelar com fidelidade a realidade da vida dos operários urbanos das cidades brasileiras. Na oficina, Cazuzza sentia o peso de um operário sem valor e degradado pelo ambiente insalubre:

Ele próprio, Cazuzza, quando às tardes, o corpo em chamas sobre a ação do caúchi, espécie de ortiga das praias lodosas do Pará, sob o ardor do sol ou enterrado na lama, os braços alçados, cravando, a cara queimada e ferida pelas fagulhas e rebarbas dos arrebites quentes, sentia quão madrasta é a sorte dos que precisam; quanto doem as vergastadas dos maus tratos dos chefes, humilhando o trabalhador, já de si humilhado pelo Destino. Tinha porém o zangador longe, sua reação era tardia ou não chegava a vir a furo (PALHANO, 1931, p. 112).

Embora Belém se apresentasse, naquele momento, como cidade com grande oferta de emprego na região amazônica, paradoxalmente, revelava a precariedade do operário espoliado e analfabeto, sofrendo todo tipo de exploração no trabalho. A cidade, que historicamente é considerada o espaço do desenvolvimento, avanço e difusão do conhecimento, no caso de Belém, em relação ao operário, causou choque em Cazuzza ao se deparar com trabalhadores com pouca instrução, opostos a ele que viveu grande parte da vida no campo, “lugar resguardado a ignorância e dificuldade de informação”:

Conquanto estranho aquela esquisita tecnologia, Cazuzza achava especial agrado em tais serões. Notava, entretanto que homens, sabendo tanta coisa que ele ignorava, em meios tão adiantados, fossem tão faltos de instrução. Que no sertão, onde a escola era um mito ou um sacrifício; onde os labores da terra e do gado não exigiam conhecimentos especiais, existissem iletrados, explicava-se; mas, nas capitais, onde, segundo mestre Amaro, as escolas e as bibliotecas inundavam as populações de saber e de cultura, como poderia haver tanta ignorância (Ibid., p. 29).

A citação revela a pouca instrução em que se encontrava o operário da região Norte do país. É sabido que na região Sudeste, em especial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o trabalhador já se encontrava numa situação mais avançada, visto que nelas já tinham havido grandes greves, como a de 1917, em São Paulo, e as associações de trabalhadores e sindicatos já lutavam, reivindicando leis de amparo ao trabalhador. Francisco Foot Hardman, em *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil* (2002), apresenta um cotejo histórico demonstrando que as lutas trabalhistas já existiam desde o século XIX pelos movimentos anarquistas em São Paulo e Rio de Janeiro.

Com muitas dificuldades financeiras, Cazuza conseguiu fazer um curso de maquinista e pilotagem na Escola de Máquinas e Pilotos do Pará. Assim que se formou maquinista trabalhou em alguns pequenos vapores em Belém e partiu para Manaus, onde havia muito trabalho. A capital do Amazonas, sob a explosão da economia da borracha, passou subitamente de um “vilarejo” para uma das cidades mais ricas do país a partir de 1870, o que causou um espanto ao jovem sertanejo:

Da capital do Amazonas um detalhe impressionou a Cazuza. Naquele recanto de mundo não havia miséria. Dinheiro não fazia falta a ninguém porque todos o ganhavam facilmente. Era de fato a Terra da Promissão; a fome não a descobrira ainda.

Entre a população operária que Cazuza viu nas oficinas e nas ruas, predominava o elemento português. Pela primeira vez viu o operário típico: blusa de zuarte sobre calça do mesmo pano, gorro ou boné, sóbrio de roupas e avesso aos esbanjamentos, amalhando para ir à terra ...

Pelos hotéis, teatros e cafés, os seringueiros ridiculamente vestidos, fartamente endinheirados, gastavam com mulheres detestavelmente velhas, feias e pintadas; mulheres detestavelmente bonitas e imorais, atirando-se a todo mundo para sugar dinheiro fosse seringueiro ... (PALHANO, 1931, p. 176).

A passagem revela de modo claro a riqueza que passava a capital do Amazonas, demonstrando uma grande malha urbana de entretenimento, indústria, trabalho, acomodações e circulação de dinheiro. Outro ponto que chama a atenção do leitor é a presença distinta do operário europeu em detrimento ao operário brasileiro, pois o europeu, ao chegar ao Brasil, além de trazer a experiência em trabalhar com máquinas, simultaneamente trazia a história de luta trabalhista que já se fazia há anos no velho continente europeu. Por isso mesmo, esse operário está com roupa distinta de trabalhador e sem esbanjamento em gastos. Oposto ao operário europeu, vemos a postura decadente do trabalhador brasileiro, sem consciência, configurado no seringueiro, mal trajado e que gastava todo seu dinheiro nos bordéis, ficando cada vez mais nas mãos do patrão, pois fazia nova dívida para retornar para o seringal. O espanto que Cazuza teve com a multidão, o progresso e o cosmopolismo em Manaus é semelhante à impressão que Euclides da Cunha teve ao chegar a mesma capital no final do ano de 1904:

[...] Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolismo excessivo desta Manaus - onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano - a nossa gente ainda os domina com as suas formosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa o sulista está no perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até lá (CUNHA, In: GALVÃO, 1997, pp. 250 - 251).

[...] Levo - nesta Meca tumultuária dos seringueiros - vida perturbada e fatigante (Ibid., p. 252).

Nos excertos dessas duas cartas, respectivamente, a Afonso Arinos e a José Veríssimo, Euclides da Cunha nos dá um retrato fiel de como estava Manaus naquele momento de intenso recebimento de sertanejos que seguiam para o trabalho nos seringais do Alto Amazonas. Assim como Belém, Manaus também estava numa posição geográfica estratégica. Posicionada no centro da Amazônia e às margens do rio Amazonas, esta cidade operava a função de parada obrigatória para os sertanejos e estrangeiros trabalharem ou fixarem comércio. Manaus também era parada obrigatória para os sertanejos subirem para o Alto Amazonas em embarcações menores para trabalharem nos seringais.

No sentido de descida do rio, Manaus operava função estratégica e parada obrigatória para a comercialização da borracha extraída no Alto Amazonas, no Peru e na Bolívia, e para escoar essa produção para a Europa e Estados Unidos. Essa atividade se intensificou a partir da abertura do rio Amazonas à Navegação Internacional, em 1867. Tudo isso contribuiu decisivamente para fazer de Manaus uma cidade dinâmica, populosa, rica e cosmopolita.

A oposição entre o trabalhador estrangeiro e o seringueiro revela a condição em que a classe operária do Brasil se encontrava no início final do século XIX e início do XX. Enquanto o estrangeiro trajava roupa de operário urbano, o seringueiro como operário do seringal se trajava aos farrapos e desperdiçava seu dinheiro nos bordeis demonstrando a sua falta de instrução e consciência.

Com o desenvolvimento da cultura da *Hevea brasiliensis* na Ásia, a produção da borracha da Amazônia entrou em decadência, o que gerou efeitos negativos imediatamente⁶⁰:

Acabou-se Manaus. A cidade alegre, das noitadas boemias, acabou-se.
 Nas avenidas desertas, nos cafés sem fregueses, nas pensões fechadas, reinava agora um silêncio de *tapera*.
 As mulheres emigravam à proporção, pois o dinheiro fugia.
 Os gaiolas imóveis, à falta de carregamentos, punham as populações marujas a braços com a angustia dos desempregos. E a fome invadindo o belo rincão selvagem, atacava a golpes de miséria, a obra da Prosperidade, alicerçada apenas nas barrancas corredias da beira-rio (PALHANO, 1931, p. 192).

⁶⁰ Segundo Arthur Cesar Ferreira Reis, em 1876 o inglês Henry Alexander Wilkman deixou Belém em direção a Londres a bordo do Navio Amazonas, levando 70.000 sementes de *Hevea brasiliensis* colhidas em Santarém, para o Jardim Botânico de Kew Garden, na Inglaterra, onde foram germinadas e depois as mudas encaminhadas e plantadas em Ceilão, Cingapura e Malásia. Essa plantação com o uso de técnicas avançadas em pouco tempo passou a se produzir resina de borracha derrubando a produção da Amazônia (REIS, 1953, p. 68). Para alguns historiadores esse fato foi considerado um roubo. Porém, o que devemos levar em conta é que esse carregamento de sementes brasileiras e seu cultivo na Inglaterra e plantação nos países da Ásia levaram a produção brasileira ao colapso. Em *O Gororoba* encontramos um rápido comentário sobre esse fato: “O progresso da Capital do Estado vinha do surto da borracha. Por esse tempo saíram as primeiras toneladas de sementes para o Oriente, com o protesto do Dr. Ignácio Moura, um dos mais ardorosos “gansos do Capitólio”, nesse furto que nos custou a falência da Amazônia (PALHANO, 1931, p. 108).

Cazuza que ali trabalhava como maquinista em um gaiola, vendo tamanha pobreza e que sua situação piorava, resolveu partir para o Rio de Janeiro, onde a indústria estava crescendo:

O Amazonas parecia-lhe agora um passado de ambições vulgares. Toda a lenda de sofrimento atribuído ao seringueiro, lhe parecia pueril. A ganância entre os homens era a mesma, quer dum, quer de outro lado. O patrão, a procurar tirar o maior lucro possível extorquia; o freguês, buscando o mesmo fim, desviava e furtava o que podia, para diminuir a conta. Destes conflitos de interesses vinham então as perseguições a mãos armadas, revoltas de seringais, tocaias e mais insídias em torno do mesmo objetivo: o saldo (Ibid., p. 199).

Com a baixa do valor da borracha toda região amazônica e cidades entraram em decadência, os sertanejos tiveram que retornar para o sertão, outros foram para o Sudeste e os que permaneceram sofreram as agruras da desvalorização dessa matéria prima:

Veio depois o declínio. Desvalorizou-se a borracha. Emigrou quem pôde. Quem não pode ia-se deixando morrer de miséria. Plantar o que? ... no Amazonas nada se transforma tão facilmente em dinheiro como a borracha. Além disso a terra, brotando incessantemente, enche de espécies daninhas ou inúteis o terreno que o homem desbrava para a sementeira (Ibid., p. 201).

Os ingleses desenvolveram um método eficiente de plantação e extração da borracha na Ásia, o que gerou a imediata derrubada da venda da borracha da Amazônia. A consequência do colapso da Amazônia foi a miséria para todos que naquela região viviam. O caboclo, originário da selva e que não deixava sua terra, passou a viver apenas do extrativismo primitivo dos recursos naturais que retirava da natureza. Os poucos homens que persistiram permanecer em Manaus e nas regiões dos seringais passaram a viver na miséria:

Os embarcações, como os seringueiros, foram dos primeiros a sentirem os efeitos da crise. Estes, pela ausência de saldos nas respectivas contas, aqueles pela praxe iniciada de desarmar durante o período estival. Nas associações de classe, nos grupos e conciliabulos de bordo, pelas esquinas e botequins, discutia-se o mal de tenebrosa ameaça; sugeriam-se remédios, discutia-se, comentava-se (Ibid., p. 201).

A citação acima demonstra de forma clara a situação porque passou Manaus após a queda da venda da borracha da Amazônia. As associações de classes, frágeis, em nada puderam amparar os operários desempregados, e estes tiveram de fugir da região ou permanecer ali, porém vivendo na miséria. No período de grande extração da borracha, as associações de classes não tinham força para lutar contra os patrões, agora no momento de depressão econômica não tinham como amparar os operários. Esse fato revela o atraso existente dos sindicatos e associações de trabalhadores da região Norte, em comparação à região Sudeste, em especial as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, cujas organizações de

operários, algumas de caráter libertário, já estavam ganhando força desde o final do século XIX (HARDMAN, 2002).

A solução encontrada por Cazuzza foi partir para o Rio de Janeiro, pois diziam que na capital do Brasil havia muito trabalho na indústria. A caminho do Rio de Janeiro, no navio do Senhor Muller, Cazuzza, como maquinista, reencontra Abgail, uma cearense ex-seringueira, atual mulher do Senhor Muller. No passado, Abgail teve uma vida muito difícil com o seringueiro Venâncio, e este antes de morrer vendeu-a para outro seringueiro. Abgail não aceitando aquela negociação matou o homem que seria seu novo dono, porém foi absolvida no julgamento graças à ajuda de Max Muller e este se tornou seu marido.

Chegando ao Rio de Janeiro os dois se despediram, pois Abgail e Max Muller seguiram para o Sul do país. Alguns meses mais tarde Abgail reapareceu no Rio de Janeiro sozinha e foi morar com Cazuzza, e em pouco tempo tiveram dois filhos. Cazuzza morando no morro de Jacarepaguá - bairro operário - e distante do estaleiro onde trabalhava como limeiro, tinha seus gastos superiores ao seu salário e sempre caía doente em razão do trabalho aviltante. Foram muitas as dificuldades: o baixo salário e insuficiente para sua subsistência; os acidentes corriqueiros que iam mutilando-o e tantos outros fatores que aos poucos fizeram com que ele se tornasse fraco e inválido. Frente à dura realidade do trabalhador, Cazuzza entra em descrença com tudo, reflete sobre a vida no sertão seco, a vida de operário em Belém e Manaus e, por fim, a exploração do operário no Rio de Janeiro, sem qualquer força para lutar contra os empresários.

No Rio de Janeiro, Cazuzza se deparou diante de uma enorme cidade e com uma grande malha industrial que estava em franco desenvolvimento, em especial a indústria naval, onde ele vai trabalhar. O foco no romance no Rio de Janeiro passa a ser o espaço urbano industrial, onde se vê as piores condições de trabalho para os operários e os piores espaços de moradia reservados para os pobres. Embora se verifique uma enorme oferta de emprego, os operários viviam na miséria total:

Era o mesmo operário do Norte: - mal instruído, mal dormido, mal alimentado, mal remunerado, de rendimento quase nulo, lutando com o concorrente estrangeiro, mais bem defendido, com mais experiência, melhor instrução profissional e literária, melhor compleição física e maior solidariedade entre si, patriotismo maior (PALHANO, 1931, p. 251).

A migração de nordestinos que vimos em Belém e em Manaus se repete no Rio de Janeiro. Com a modernização progressiva da cidade, a migração realizou-se na direção dos centros urbanos, onde a criação de atividades e empregos era mais dinâmica. As atividades

capitalistas da cidade, notadamente as indústrias, necessitavam de trabalhadores que dispunham apenas de sua força de trabalho.

Como já percebemos anteriormente, *O Gororoba* é um romance tipicamente urbano. As suas cenas estão sempre focalizando as personagens no espaço citadino, desde Belém, passando por Manaus até o Rio de Janeiro. Nas duas primeiras cidades vemos um substancial crescimento impulsionado pela extração do látex, já a última foi impulsionada pelo crescimento da indústria nacional motivada pela Primeira Guerra Mundial. Com o rápido e desorganizado crescimento da capital do Brasil, as favelas eram o que restavam para os operários morar.

Nas descrições do espaço urbano do Rio de Janeiro encontramos valiosas cenas dos subúrbios e suas precariedades, o que revela os poucos espaços reservados para as populações trabalhadoras e pobres. A maior parte deles fica nos subúrbios, contrastando com a paisagem da cidade maravilhosa dos belos e grandes bairros:

Um contraste pareceu-lhe flagrantemente brusco: - a opulência nos vales, a pobreza nos morros, salvo nos morros chiques, onde a miséria escorregava-se para as encostas.

Noutros, dentro da mesma pobreza, os mais “folgados” ocupando as ruas, os mais pobres nas escarpas, por veredas como de pacas, de acesso difícil, em contorções de funâmbulos, nas noites escuras, nos dias chuvosos, em pleno coração da cidade!

A série de cerros, leste-oeste, da Conceição, Saúde, favela e Pinto, parece-lhe o mais flagrante cartel de desafios aos direitos do operário, quanto ao conforto da vida moderna. Em baixo, bondes, luz em profusão, asfalto, arborizações cuidadas, automóveis velozes, palácios e vivendas, o tráfego intenso dos bondes. Em cima capim, barro, pedra lascada, numa extensão de quase quatro quilômetros, onde poderiam ser abrigados cerca de cem mil proletários, perto do centro de suas atividades, ao centro do rio industrial, em melhores condições de higiene.

Subiu à favela. Achou um dos melhores panoramas da cidade. Extasiou-se ante o horizonte cheio de deslumbrantes perspectivas. Nas fraldas, grudadas à pedra escaldante e nua, furnas cobertas de folhas de Flandres, ex-latas de querosene como tetos, como paredes. À noite, vendo os morros vizinhos luzirem d’entre as trevas, teve pilhas incandescentes, agachados, esperando o momento oportuno para caírem sobre o vale em festa, premidos pelas necessidades do vier (Ibid., pp. 251 - 252).

Essa citação registra claramente a precariedade na qual viviam aqueles operários do Rio de Janeiro. Do alto do morro, Cazuza tinha uma visão panorâmica dos barracos. Dali o operário via com estagnação “os barracos” que no seu conjunto ganhavam a forma de uma colmeia, onde viviam pobres miseráveis e maltrapilhos que tinham suas forças de trabalho exploradas pelos industriários. A dissolução das estruturas agrárias empurrava para as cidades camponeses sem posses, arruinados, ávidos por trabalho, e os subúrbios os acolhiam desempenhando o papel de mediador (insuficiente) entre o campo e a cidade, entre a produção agrícola e a industrial.

Provavelmente Lauro Palhano foi um ávido leitor de Emile Zola ou até mesmo dos escritores do Naturalismo brasileiro como, por exemplo, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. As cenas das moradias dos bairros operários demonstram o ambiente pobre e insalubre reservado para os operários. As péssimas condições de vida e trabalho desses trabalhadores estão presentes em todo decorrer do romance, sempre denunciando a degradação que sofriam e o desejo de luta por melhores condições:

_ Coitado do João, começou o torneiro, ninguém pode avaliar como sua morte abateu-me. Não pelo fato em si - ninguém fica pra sempre - e sim pela miséria em que viveu, trabalhando; pela miséria em que deixa a família, mendigando; pela miséria de justiça em que vivemos, nos matando.

Você assistiu-lhe o enterro hoje, à custa de subscrição nossa, mas não sabe que durante os últimos seis meses se manteve, entre viver e morrer, da esmola pública, da esmola de seus amigos.

Morreu aos sessenta e três anos. Só ali no estaleiro trabalhou 30, mais da metade de sua vida operária! (Ibid., p. 268).

Em algumas passagens vê-se revolta na fala de alguns operários ou na voz do narrador que expressa os sentimentos de revolta dos personagens:

Gororoba, sozinho, devaneava, embalando-se na cadeira.

A mesma história, a mesma queija, as mesmas palavras, quase, ouviria desde os confins do Amazonas à capital da República. Dali, às escaldantes dunas do Nordeste, às verdoengas colinas cariocas, vira sempre o mesmo homem, espectro do mesmo povo, lamentando-se ...

A ciência, substituindo a mão humana pela máquina, autômato de rendimento formidável, mudou vertiginosamente as condições da vida moderna. E o proletário, ignorante e descuidado, surpreendido pelos progressos da civilização, piorou da situação precária em que se achava.

Terto, à parte os exageros inerentes ao próprio temperamento, tinha razão num ponto: - Quase todo trabalho é suscetível de ser invertido em capitais, cujos proventos podem dar fortunas. O do operário mal lhe dá para viver - no trabalho. Fora deste, por invalidez temporária ou permanente cai na miséria. (Ibid., pp. 285 - 286).

Como já foi dito, os sindicatos de classes naquele momento estavam germinado e as associações de trabalhadores tinham pouca força, com isso os trabalhadores ficavam nas mãos dos industriários. Assim, os sertanejos encontraram no Rio de Janeiro a oferta de emprego, porém sob a condição de espoliação, e apenas dispunham de sua força de trabalho a um preço muito baixo, pois havia uma enorme quantidade de homens ociosos e dispostos a ocupar os postos de serviço. Essa farta quantidade de homens dispostos a trabalhar enfraquecia a luta dos trabalhadores contra o patrão, pois a realização de greve como enfrentamento era confrontada com a imediata despedida e ocupação dos postos de serviços por homens desempregados.

Segundo Caio Prado Júnior (1967, p. 259), a indústria brasileira surgiu efetivamente no final do século XIX e como o Brasil possuía uma grande produção de

matéria-prima, notadamente o algodão, a industrialização iniciou-se com a indústria têxtil. A partir desse momento surgiu a mão de obra assalariada - oriunda da abolição da escravatura e das atividades agrícolas -, que gradativamente foi ganhando força e dela a indústria passou a depender. A partir da Primeira Guerra Mundial a indústria cresceu substancialmente, resultado de uma política de proteção à indústria nacional. E no final da década de 1920, segundo Wilson Suzican (1986, p. 367), “a indústria brasileira pouco sofreu com a queda da Bolsa de Nova York, em 1929, e a partir deste ano, a indústria nacional cresceu significativamente, tanto para a exportação como para consumo interno”.

Paralelamente ao desenvolvimento das indústrias, as cidades iam crescendo e a população ia significativamente inchando-as. As cidades, ao concentrar certas atividades econômicas, acabaram por criar uma base de serviços necessários à circulação e distribuição de mercadorias. Nas cidades configurou-se, segundo as razões do capital industrial, um mercado de consumo amplo e organizado, absorvendo as mercadorias de saída da fábrica e criou-se um mercado de trabalho livre e assalariado, que foi a condição principal para a instalação das fábricas modernas como produtoras capitalistas de bens. Esse mercado de trabalho, para o historiador Francisco Foot Hardman (1991), “implicou a existência de um contingente de proletários possuidores de força de trabalho, que se tornou mercadoria disponível para os capitalistas, e esse fator foi intensificado no Brasil a partir de 1930” (HARDMAN, 1991, p. 122).

O crescimento e enriquecimento das cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, contraditoriamente, reservou a degradação para os operários sem proteção de legislação trabalhista, como bem apontou João Ribeiro:

O que há de verdadeiro e curioso é quadro de costumes do operário e das classes proletárias em busca de um bem que não alcançam. Eis o ideal intangível, do último capítulo, que de um ato de resignação contra as reivindicações proletárias do comunismo. O livro inculca-nos muitas das verdades ou ilusões que entretêm o proletariado, aos acenos das ideias libertárias do século. É por isso mesmo, um documento da vida popular nas classes inferiores do país (RIBEIRO, 1959, p. 272).

O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil, nesse sentido, é um romance da vida urbana e dos operários desesperados por empregos e se arriscam nos seringais e nas indústrias das cidades do Norte, enriquecendo-as, porém vivendo na miséria. A contribuição de Lauro Palhano com esse romance é imprescindível como compreensão da produção ficcional do ciclo econômico da borracha para se conhecer o fluxo migratório, gerado pelas secas, para as cidades e seringais da Amazônia, e para as cidades das outras partes do país. Diferentemente de muitos outros desse tema, em *O Gororoba* encontramos os efeitos diretos

da produção da borracha nas duas maiores cidades da Amazônia. A grande circulação de dinheiro e uma bem estruturada malha de transporte e comercialização de produtos naturais provocaram o crescimento da classe operária em Belém e Manaus. Como bem apontou Peregrino Junior (1960), “Os romances de Lauro Palhano valem como rico documentário da vida humilde e dura do trabalhador da Amazônia - nos gaiolas, nas levas de retirantes, nos seringais, nas cidadezinhas perdidas da selva, nos bairros pobres da capital” (PEREGRINO JUNIOR, 1960, p. 55). Em *O Gororoba* já está evidente o desejo de luta da classe operária por melhoria das condições de trabalho, fato esse que não encontramos nos textos ficcionais anteriores a 1930. Esse fator reflete o momento histórico do país em que as massas ganhavam força no cenário nacional e passaram a ser apresentadas como protagonistas nos textos ficcionais. O romance fixa o *boom* da economia da borracha que se deu a partir de 1870 e sua queda, a partir de 1915, com efeitos imediatos para toda a região amazônica. O colapso causado por essa queda foi imediato, forçando milhares de sertanejos a retornarem para o semiárido, ou partir para São Paulo e Rio de Janeiro. Só a partir da década de 1930 que a Amazônia entra novamente no cenário mundial como vendedora de borracha, porém já sem a força do primeiro momento.

4.2 - Marupiara

Em 1935, Lauro Palhano publicou *Marupiara* dando continuidade ao tema da seca que empurrava os nordestinos para os seringais da Amazônia. A história narra a saga de Ponciano, um jovem pescador que vivia com seus pais no município de São José de Ribamar nas proximidades de São Luiz, Maranhão. A miséria tinha assolado toda a região em meados de 1911 e Ponciano, sonhando em se casar com Maria da Glória, tinha que arranjar um bom emprego, pois era exigência da família da moça. Naquele momento apareceu na região Chico Moreira - um astuto agenciador - que plantou nas cabeças dos moradores de São José de Ribamar a ideia de partir para os seringais do Acre onde se ganhava muito dinheiro na extração da borracha. Com essa ideia na cabeça e vendo a oportunidade de ganhar muito dinheiro para poder se casar com Maria da Glória, Ponciano decide partir para a Amazônia com muitas outras pessoas e a família de Maria da Glória. No entanto, de imediato assume uma enorme dívida com os gastos da viagem e chegando à Amazônia a dívida aumenta com a aquisição de ferramentas e mantimentos.

Ao chegar ao seringal, Ponciano e seus amigos descobrem que o trabalho na extração da borracha não era a maravilha anunciada por Chico Moreira. Ali os personagens se

deparam com a dura realidade da extração da borracha na selva amazônica. Naquele período de trabalho duro e isolamento na selva, Ponciano tem atritos com o Chico Moreira, pois este queria se casar com Maria da Glória. Neste ínterim, Ponciano sofre uma tentativa de homicídio orquestrada por Chico Moreira, porém é salvo e tratado pelo seu amigo índio Macuti, ficando escondido na selva por alguns meses e sendo considerado vítima de animais selvagens. Com a ideia de que Ponciano estaria morto, Chico Moreira se aproxima de Maria da Glória e planeja casamento com a moça, pois era interessante para a avarenta família dela. O casamento foi marcado para ser realizado em São José de Ribamar, no Maranhão, e para lá a família da moça retorna com Chico Moreira para a realização do casamento. Neste ínterim, Ponciano foge do seringal com a borracha coletada em dois anos duros de trabalho e vende-a em Belém, conseguindo um bom dinheiro para retornar para São José de Ribamar. Ao chegar à pequena cidade do Maranhão, no dia do casamento, Ponciano surra Chico Moreira e o expulsa da cidade. Por fim, Ponciano casa com Maria da Glória e vão viver da pesca na região.

O tempo da história de *Marupiara* é de aproximadamente dois anos que resume bem a história de Ponciano como exemplo da jornada de milhares de nordestinos que, no final do século XIX e início do XX, partiram para o Acre, em razão das duras secas e com a ilusão de ganhar muito dinheiro na extração da borracha. Porém, o que a maioria desses pobres desgraçados encontrou foi a exploração do seringalista e a dura vida na selva. Muitos deles morreram na mata, em razão das doenças, outros foram atacados por animais ferozes, alguns voltaram para o Nordeste com pouco dinheiro, ou sem nada, e uma pequena parte ficou na região tendo a vida de ribeirinho, pescando e extraindo pouca borracha para algum comerciante da região.

Marupiara também é homônimo do título do último capítulo do romance. A expressão, de acordo com o dicionário Antonio Houaiss (2001, p. 1861), vem da língua tupi e significa “diz-se de ou pessoa que tem sorte na caça e na pesca; diz-se de ou pessoa que se sente feliz, que foi favorecida pela sorte”. Esse capítulo funciona como uma espécie de coda do romance. É nele que o leitor tem conhecimento de como Ponciano conseguiu sair escondido da pequena Iquiri-Mirim em um gaiola, chegar a Belém e vender toda a borracha que havia extraído no período de mais de um ano. É nesse mesmo capítulo que temos conhecimento que Chico Moreira, após ser surrado por Ponciano em São José de Ribamar, desapareceu de uma vez por toda e Ponciano casou com Maria da Glória. O título do capítulo e do romance caem bem ao personagem principal, ao sintetizar que Ponciano realmente é um homem de sorte, pois já tinha escapado da morte no mar em São José de Ribamar, depois no

Acre foi salvo pela Mãe d'água e o índio Macuti e, por fim, conseguiu se casar com sua amada.

A aventura de Ponciano é narrada desde sua saída do Maranhão, passando mais de um ano na região amazônica, e depois de volta para a sua terra natal. O narrador onisciente em terceira pessoa, narra a aventura dos coitados que são ludibriados com o sonho de enriquecer-se no Norte na extração da borracha e acabam, por vez, sendo explorados pelo dono do seringal e agenciadores. Nesse romance identifica-se as constates intervenções do narrador ao tecer críticas àquele trabalho e à relação entre o patrão e o trabalhador, num sistema em que o segundo é colocado em situação análoga à de escravo. Suas intervenções na narrativa operam a função de denunciar o atraso em que se encontrava o Brasil nos anos iniciais do século XX, assim como vemos em inúmeros outros textos daquele período ao expressarem a urgência de mudança no país. As críticas expressas pelo narrador tem o caráter de revelar ao país aquela região e o povo sertanejo que eram abandonados pelas autoridades:

Não! Estava ali a alma cangaceira, minada dos ódios de Canudos e dos ódios sertanejos contra as injustiças dos magnatas, senhores das situações políticas. Estavam ali os Balaios e os Conselheiros, os Jesuinos Brilhantes e os Antônio Silvinos, macilentos e maltrapilhos, desconfiados, vingando-se à socapa, de emboscada, escudando-se nas ciladas, já que o escudo da Justiça não os cobria. Minados pela ignorância, pelo abandono dos governos, roídos pelas epidemias, pelas pragas, enxotados dos seus lares, das grotas sertanejas, secas d'água e borbulhantes de lágrimas, aquela mescla bizarra de pigmentos extravagantes, de formas desprovidas de harmonia, de pêlos diferentes e de almas irmãs, pareceu-lhe um dos quadros da Divina Comédia: a procissão das almas para o sofrimento eterno, sob a legenda tétrica: “Deixai aqui toda esperança, ó vós que entraís ...”

Desejaria vê-los pobres, batidos pelas intempéries da fatalidade nortista, porém, iluminados pelas atitudes desassombradas do homem consciente, sem humilhações exteriorizadas contrastando com a coragem e o ódio latentes nos seus íntimos, ódio e coragem que os arrastam à luta pela vida em meios hostis às suas saúdes, propícios, porém, aos ideais de cada um, aos sonhos de melhores dias, libertos da miséria que os acorrentou aos sertões litorâneos.

Não seria com aquele material que se faria a defesa da borracha, estudada na calma dos gabinetes, à luz das teorias modernas, decalcadas dos meandros da economia política, ao sabor dos interesses políticos do momento. Aquela gente precisava infinitamente mais de assistência sanitária e de alfabetização do que de borracha; muito mais de higiene e de assistência social, do que de dinheiro. Os barões da Boca do Acre, os Cerdeiras, os Inácios e outros, eram bem os índices sociais da época em que se processava a colonização brasileira na selva amazonense (PALHANO, 1935, p. 103).

Veja que esse discurso não é de nenhum personagem, é o próprio narrador se dirigindo ao leitor. Sua impressão fixada aqui é a de um país atrasado que carecia urgentemente de inovações nas instituições e no Estado, visto que as populações nordestinas sofriam com as secas, os caboclos estavam isolados na mata, os operários eram explorados pelos patrões e a grande maioria da população era analfabeta e carente de trabalho. A migração Nordeste - Amazônia é vista pelo narrador como uma releitura de *Os Sertões*, de

Euclides da Cunha, por denunciar o abandono do Estado a duas regiões com grande potencial em riquezas e uma enorme população sendo aviltada tanto pela opressão do meio e do clima, como pelos gananciosos coronéis de seringais. O romance foi publicado em 1935, quando já haviam iniciativas do Estado criando leis trabalhistas no governo de Getúlio Vargas a partir de 1930. Mas é importante ressaltar que o momento da história do romance corresponde à primeira e segunda décadas do século XX, quando não existia essa legislação trabalhista e a exploração ao trabalhador e condições insalubres de trabalho eram comuns.

4.2.1 - O trabalho nos seringais

Marupiara retrata de forma exemplar a vida e as condições dos trabalhadores da extração da borracha nos seringais da Amazônia. Vê-se aqui a labuta do homem para extrair a *Hevea brasiliensis* enfrentando os perigos da mata e muitas vezes tendo suas vidas ceifadas por animais. Adicione-se a isso a situação análoga à escravidão em que o extrator é colocado:

SOBRESSALTOS

A entrada do administrador veio interromper o colóquio. Manoel Antônio vinha entregar uma carta do Coronel Vitor, proprietário do seringal “Bom- Destino”, trazida por um próprio. Tratava-se da revolta de um dos centros de “Capatará” e o coronel pedia a Moreira que não só não desse guarida aos revoltados, como o ajudasse contra as incursões e depredações que os mesmos vinham fazendo.

Glória aproveitou a oportunidade para pedir licença ao seu apaixonado patrão e retirou-se.

Moreira, por sua vez, preocupado com a gravidade da notícia, saiu para determinar as providências que o caso exigia.

Chamou Rapa-Coco e mandou-o com seis cabras de confiança, bem armados e municados, ao encontro dos fugitivos. Que não lhes impedissem a fuga nem se metessem a policiais; não deviam consentir no ataque nem aliciamento de “gente nossa”, foi a ordem que deu.

Expediu mais alguns homens para outros pontos, prevenindo-se ele próprio, no barracão, com uma patrulha de reserva. (Ibid., pp. 137 - 138).

Por essa longa passagem percebe-se o poder do coronel na região e a situação de semi-escravidão imposta aos seringueiros. Os homens que trabalhavam nos seringais tinham seus direitos de circulação cerceados pelo coronel, sob os olhares atentos dos capangas. Não encontramos no romance a tentativa de uma luta de classe; vemos apenas uma manifestação de revolta, que é duramente reprimida.

O trabalho de extração da borracha provia outras profissões além da de extrator, como é o caso de Chico Moreira, que era uma espécie de agenciador - paroara - cuja função era iludir e recrutar homens para o trabalho no seringal:

_ Eu não vou cortar. Levo dinheiro em aviamentos e mercadorias, isto é, machadinhos, baldes, tijelinhas, boiões, bacias, rifles, balas, farinha, roupas, fazendas, calçados, medicamentos, perfumarias, bebidas, etc. etc. que lhes vendo

fiado, cobrando pequena comissão, além da que desconto pelo arrendamento das estradas e sobre o dinheiro que adianto. Só aqui em S. José de Riba Mar já adiantei mais de cinco contos de réis, sem calcular as importâncias das passagens até o seringal (Ibid., pp. 36 - 37).

Chico Moreira é o típico homem que exercia várias funções na região de seringais. Além de ser um astuto agenciador, era dono de barracão e seringais, e era o aviador responsável em vender mantimentos para os donos de barracões e seringueiros de toda região do Acre.

O sistema de aviamento, segundo Miranda Neto (1985), compõe-se de dois fluxos indispensáveis à produção e à circulação dos bens na Amazônia:

[...] O primeiro, oriundo dos centros urbanos e direcionado para o interior, abastecia as unidades produtoras disseminadas pela Amazônia, fornecendo-lhes os bens de produção e quantias em dinheiro, como capital de giro. O segundo fluxo, em sentido inverso, promove o escoamento da produção extrativa ou agrícola, desde a célula produtora até os usuários (NETO, 1985, p. 62).

Com isso, a borracha em seu período áureo se transformou na principal moeda de circulação no interior da selva, nas pequenas cidades e na relação de trabalho entre o seringueiro e o patrão, como bem aponta esse estudioso:

[...] No sistema de aviamento típico, os dois fluxos se concretizam sem a interferência da moeda, ao longo de uma cadeia em que financiamentos em espécie se estruturaram a partir das cidades e iam até o interior, usando dinheiro somente em casos excepcionais. Em algumas áreas, sujeitas a um processo de modernização, os instrumentos monetários passaram a intervir nas transações (Ibid., p. 62).

Esse mesmo pesquisador também traduz o significado do aviamento e suas consequências alarmantes para o seringueiro:

O significado de “aviar” é o de fornecer mercadorias a crédito tanto a produção como ao consumo. Num esboço simples, dá-se o aviamento quando “A” (aviador) fornece a “B” (aviado) certa quantidade de mercadorias (bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho), ficando “B” de resgatar a dívida com produtos agrícolas ou extrativos da próxima safra, em espécie; havendo saldo credor, “B” recebe dinheiro; se o saldo é devedor, “B” fica debitado até a safra seguinte. Mas “B”, uma vez aviado, pode tornar-se aviador de “C”, e assim por diante; o único aviado que não pode ser aviador é o produto, isto é, o lavrador ou o extrator que trabalha na terra ou colhe os produtos da floresta e que é obrigado a vendê-los a um só comprador (monopsônio). A estrutura do aviamento apresenta três dimensões:

- a) venda a crédito de bens de consumo e de produção;
- b) empréstimo em dinheiro por conta dos saldos futuros após a safra;
- c) remuneração do trabalho do produto.

Nesse mecanismo não há venda da produção, e o que o aviamento faz é pagar o trabalho do produtor (Ibid., p. 63).

Veja que nesse sistema de produção o seringueiro é o mais explorado, visto que está na base da pirâmide, como trabalhador e consumidor dos mantimentos. Esse sistema

ganhou força no final do século XIX e início do XX na região da Amazônia no período da extração da borracha pela própria condição da região, a saber: grande distância dos centros consumidores, difícil acesso a esses centros, o produtor não dispunha de transporte eficaz para levar seu produto ao centro consumidor, o não desenvolvimento das pequenas cidades ribeirinhas e a inexistência de um sistema bancário fornecedor de crédito. Todos esses obstáculos, apontados como encarecedores das mercadorias, também fizeram com que a borracha se tornasse a moeda principal de troca nesse enorme sistema.

É nesse sistema que Chico Moreira se destaca como aviador e agenciador de homens do Nordeste para os grandes seringais da Amazônia. O seringueiro opera apenas a função de força motriz na condição de trabalhador explorado:

Começava no porto a via crucis do freguês. A descarga do aviamento empilhado nos porões e conveses dos gaiolas; a travessia das pranchas escorregadias e a subida dos barrancos lamacentos, sob a carga de fardos consideráveis, dias após dias; a viagem, a pé, por inóspitos e maus caminhos, as dormidas ao relento, a má alimentação, embora em grandes quantidades; os trabalhos de derrubada, construção de barracas e depósitos, eram as etapas de amarguras que procederam ao corte, nos seringais interiores.

O sertão é a maior das torturas brasileiras. Tudo ali é agressivo: desde o homem, hospitaleiro e bom, transmitindo-nos, porém, o seu desânimo, desencorajando-nos, duvidando de tudo, até as agressividades naturais do meio, principalmente dos caminhos. São assim os sertões do litoral e os das artérias amazônicas superaram-nos. Quanto mais para dentro, mais o homem se brutaliza, mais hostil ao próximo se torna. E o Iquiri é um dos sertões mais brutos do país das Amazonas. Imprensado entre as cabeceiras do Abunã e as do Acre, seria muito mais perto para se atingir o oceano Pacífico do que o Atlântico, se a barreira dos Andes não se erguesse logo adiante, hostil e selvagem também.

Chamou-se ouro-negro á borracha, quando pesou favoravelmente na economia nacional, porque negras se apresentavam as pelas, suor amalgamado na lama das ambições e das insídias, que se desenrolaram nos seringais. “Ouro, para os estatísticos oficiais, favor de prosperado, anemiado pelas secas, pelas políticas e outras calamidades nortistas, foi o sangue-branco, em busca do qual perecem milhares de “cearenses” sob a égide do “auri verde” pendão de minha terra”, nas batalhas do interesse, feridas, contínuas e sorrateiramente, no coração da selva amazônica (PALHANO, 1935, pp. 120 - 121).

Esse excerto nos remete aos textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, em especial *À margem da história*. O homem ao entrar na selva se brutalizava num processo progressivo em que se transforma num ser irracional. A selva amazônica é configurada a partir de sua monstruosa ação em que o homem é oprimido e transformado de *brabo* a *manso*. Ataques de animais e doenças eram obstáculos diretos aos seringueiros isolados no interior da selva, como aconteceu com Maria da Glória e seu pai que caíram doentes por causa de malária.

A tentativa dos peruanos e bolivianos em escoar a borracha pelo Oceano Pacífico foi descartada, pois esbarrava na muralha da Cordilheira dos Andes, fato esse já examinado

por Euclides da Cunha no ensaio “Conflito Inevitável” como inviável, ficando o caminho de descida do rio Amazonas cortando o Brasil como solução para esses povos exportarem sua matéria prima para o exterior.

Isolamento e solidão no interior da selva são resguardados aos seringueiros que passavam a viver vários dias no seringal sem qualquer contato com humanos. Descrições didáticas do processo de coleta e defumação da borracha aparecem em algumas cenas ilustrando a insalubridade do trabalho ao seringueiro que tinha o corpo definhado na coleta e preparação da borracha para ser transportada para o barracão (Ibid., pp. 131-132).

No decorrer do romance encontramos passagens do trabalho no interior da selva amazônica, que enriquecia as cidades e os coronéis donos de seringais, porém contrastava com a pobreza do seringueiro isolado e sofrendo o aviltamento do trabalho:

Os que observavam as condições de vida no sistema de coleta invariavelmente confessavam que eram miseráveis e perigosas. De acordo com um sagaz explorador da região, o coronel George Church, as condições “impõem maior perda de saúde, vida e material do que uma campanha militar ativa, e o sofrimento humano é pavoroso”. A exploração a que os seringueiros estavam sujeitos era tamanha que, nas palavras do maior jornalista brasileiro da época; Euclides da Cunha, constituía “a organização do trabalho mais criminosa que podia ser imaginada pelo egoísmo mais revoltante”. Ainda assim, tal forma de organização, como creditavam inclusive alguns desses observadores, era a única que os seringueiros aceitariam (DEAN, 1989, pp. 71 -73).

O seringalista e o aviador usavam dos meios mais perversos sobre o seringueiro para conseguir extrair o máximo de lucro sobre esse trabalhador. Aviltamento, má alimentação e trabalho próximo ao da escravidão são fatores que em pouco tempo transformavam o seringueiro de *brabo* em *manso*, no dizer de Euclides da Cunha: “Ali o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 2009, v. 1, p. 141). Para o seringueiro restava o fatalismo triste e bruto do trabalho como escravidão que o aprisionava no interior da selva. Como bem apontou Peregrino Junior (1960), o “cearense” é um ser destinado ao terror do trabalho e voragem da selva:

O homem que penetra a Amazônia - o mistério, o terror, ou, se quiserem, o deslumbramento da Amazônia - escuta desde logo a voz melancólica: a voz da terra. Abandono na vastidão potâmica das águas fundas, dos igarapés e igapós paludiais, das ásperas florestas compactas, perdido naquele estranho mundo de assombração, acossado pelo desconforto do calor tropical e pela agressão da mata insidiosa, com seus bichos, suas febres, suas sombras, seus duendes, ele logo de entrada recebe um “stress” terrível, e desde então trava a luta mais trágica da vida, que é a da adaptação ao meio cósmico. As forças que o esmagam - forças telúricas de aparência indomável - são um convite permanente à retirada e ao regresso. Paraíso dos aventureiros, dos charlatões, dos mercadores e dos flibusteiros, a Amazônia em geral não retém ninguém, expulsa os seus desbravadores, que dela, no entanto, se recordam sempre com temor e nostalgia ao mesmo tempo. Daí o destino nômade dos

seus habitantes, que dificilmente ali se fixam e permanecem (PEREGRINO JUNIOR, 1960, pp. 28 - 29).

Assim, *O Gororoba e Marupiara*, de Lauro Palhano, juntos com *A selva*, *Os Corumbas*, *Cacau*, *Parque Industrial* e *Navios iluminados*, abrem a discussão para o romance proletário e a necessidade de criação de leis trabalhistas que amparassem os trabalhadores. Em *Marupiara* há um início de revolta em alguns trabalhadores dos seringais, mas de imediato é abafada pelo patrão, e todos os trabalhadores envolvidos são duramente punidos. De fato, não há no romance ações eficazes de afrontamento ao patrão e isso reflete o momento histórico em que os sindicatos e associações da classe operária ainda estavam germinando no país. Em *O Gororoba*, os operários urbanos sejam de Belém, Manaus ou Rio de Janeiro, sofriam exploração semelhante aos trabalhadores dos seringais. Isso confere aos romances de Lauro Palhano o caráter social ao denunciar a região Nordeste que passava por duras secas e flagelavam uma enorme massa de sertanejos que buscava no trabalho dos seringais da Amazônia ou nas indústrias das capitais uma saída para sobreviver. Lauro Palhano, atento ao movimento de progresso em algumas regiões do país, em detrimento ao atraso do Nordeste e Norte, estende sua crítica nesses romances à exploração da classe operária que estava crescendo substancialmente nos seringais da Amazônia e nas indústrias das capitais brasileiras, num período sem leis de amparo aos trabalhadores.

5 - Conclusões

Após a leitura e exame de inúmeros romances sobre o ciclo econômico da borracha é possível concluir que a produção ficcional sobre esse tema pode, até mesmo, ser considerada uma das maiores da literatura brasileira, ao lado da ficção sobre as secas do Nordeste. A Literatura (História e Ficção) sobre esse tema pode ser comparada à dimensão da própria Amazônia, e assim como essa floresta, que até os dias atuais ainda há muito a ser pesquisada, esses textos devem ser melhor examinados, pois muitos escritores estão à margem da literatura canônica, sendo desconsiderado seus valores em descortinar os reais problemas das regiões Norte e Nordeste do país. Sob outra ótica, podemos entender também a literatura do ciclo da borracha como extensão da literatura das secas do Nordeste, que se inicia no século XIX, com Franklin Távora, Manuel Benício, Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo, Carlos D. Fernandes, e ganha muita força a partir de 1930 com Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Amando Fontes e muitos outros romancistas cujas secas se tornaram pano de fundo ou tema principal de seus romances para denunciar o atraso da região e descaso do Estado.

Nos textos aqui examinados estamos diante da História e da Ficção. Os romancistas se apropriaram da factualidade para escrever seus textos. Muitos deles viveram o período das secas e da migração para a Amazônia, outros tiveram contato direto com os sertanejos que fizeram esse processo migratório, ou com paroaras que lhes narraram a vida nos seringais da Amazônia. E, por fim, alguns escritores tiveram contato direto com a realidade e voragem da Amazônia, como é o caso de Alberto Rangel. Assim, a História se torna matéria e pano de fundo para ficcionistas criarem suas narrativas. Por outro lado, a Ficção também é um rico artefato para os historiadores terem conhecimentos da realidade, seja da seca no semiárido, seja da vida no interior da selva amazônica. Sob esse aspecto, *O Paroara* se destaca ao trazer uma informação nova, de que no período das águas os seringueiros continuavam trabalhando para o dono do seringal no corte de madeira para abastecer os vapores. Essa informação não é encontrada nos textos dos historiadores; no geral eles apontam que no período das águas os seringueiros ficavam na inércia, apenas tendo gasto com alimentação, o que contribuía para o aumento da dívida com o dono do seringal.

Outro aspecto a ser apontado é a obra de ficção como objeto de denúncia, uma vez que os romances do ciclo da borracha são um outro caminho para denunciar o atraso e as contradições do país. Aqui estamos diante de escritores engajados em denunciar o Norte para todo o país como região abandonada pelo Estado, com uma população que era oprimida pelo

meio natural e social. Essa enorme gama de prosa ficcional e escritores deve ser reconhecida na literatura brasileira pelo seu engajamento social, ao confrontar os críticos do alto *establishment* que apontaram que só a partir da Semana de Arte de 1922 e da chamada “literatura social de 1930” encontramos trabalhos com a linguagem e engajamento dos escritores. A ficção produzida no final do século XIX e início do XX não pode ser reduzida apenas à ideia de exploração e exposição do pitoresco, das formas típicas e do colorido especial da região, mas sim preocupada em apresentar o homem com seus problemas imediatos da região nos seus diversos aspectos, sejam sociais, físicos ou do meio (COUTINHO, 2002, p. 235). Nesse sentido, a ficção torna-se mais um caminho de conhecimento da realidade das massas que entram em cena como personagens principais.

Nos textos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia está claro seu objetivo em denunciar a falta de investimento do governo na região Nordeste em programas de irradiação da seca, o que circunstanciava a imediata migração. A mesma crítica também é apontada para a região amazônica, rica em recursos naturais, porém sem investimentos em infraestrutura, o que certamente faria dessa região uma das mais ricas e prósperas do Brasil. O olhar atento de Euclides da Cunha não deixou de registrar as populações pobres de sertanejos que eram exploradas pelos donos de seringais e as tribos de índios que estavam sendo exterminadas pela enorme massa de extratores da borracha.

Como já apontado por Francisco Foot Hardman (2009, p. 168), “os sentidos de modernidade e modernização têm sido, com bastante frequência, reduzidos a esquemas ideológicos desenvolvimentistas do Estado brasileiro pós -1930”, o que contribuiu para fixar a ideia de textos e escritores canônicos, excluindo os demais para a periferia dos estudos literários, desconsiderando o real valor desses textos para a compreensão do país num todos e seus contrastes. As narrativas ficcionais do ciclo econômico da borracha não figuram entre os textos canônicos da prosa ficcional brasileira, nem mesmo os ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia entram na seleta dos considerados textos fundamentais para compreensão do Brasil. O pesquisador Leopoldo M. Bernucci (2002, p. 48), chama a atenção da crítica brasileira por associar “Euclides da Cunha apenas a *Os Sertões*, desconsiderando a importância de outros textos publicados antes e depois de sua morte”.

Presença em alguns aspectos do Regionalismo e do Naturalismo do século XIX, a produção ficcional sobre o ciclo econômico da borracha se apresenta como proposta literária inovadora, moderna e de engajamento social dos escritores. Como bem apontou Peregrino Junior (2002), a literatura da Amazônia se inscreve no embate entre a terra e o homem:

Como se salientou na Introdução, o regionalismo, no Brasil, nasceu, em grande parte, sob o signo desse dramático embate entre a terra e o homem. Daí também o importante papel que na literatura regional da Amazônia desempenhou sempre a Natureza. A principal personagem de quase todos os livros sobre a Amazônia é a paisagem. Isto é, a Natureza, que embora áspera e agressiva, apontado inexorável o caminho da volta, em verdade fascina e deslumbra. Há uma fatalidade geográfica que conduz o homem da mesopotâmia brasileira ao grave mistério dos mitos e à estranha poesia dos “caos”. A Natureza, que é na Amazônia ao mesmo tempo terror, beleza e magia, explica a vocação lírica e a tendência mística do homem. (PEREGRINO JUNIOR, 2002, p. 240).

Por fim, a Literatura do ciclo econômico da borracha deve ser compreendida sob os efeitos dos fenômenos climático - meio - e econômico. O primeiro, as secas do Nordeste que expulsavam os sertanejos para a Amazônia. Já o segundo, o econômico, atraía homens para trabalharem nos seringais amazonenses, pois precisava de um exército de homens para a extração do látex para ser exportado para a indústria americana e europeia. Esses dois fenômenos, ocorridos no mesmo período da história, contribuíram decisivamente para termos, certamente, o maior fluxo migratório do Brasil e conseqüentemente o inchamento e enriquecimento das cidades do Norte do país. O sertanejo, como protagonista desses textos, na sua dura realidade de flagelado e retirante, se identifica com o “Judas Ahsverus” na odisseia de retirada do semiárido para a Amazônia e para as cidades industriais.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. Rev. São Paulo: Paulus, 2000.
- ABREU, Modesto de. *Estilo e personalidade de Euclides da Cunha: estilística d' "Os sertões"*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- AMERICANO, Jayme Cardoso. *Da proteção ao lactante em nosso meio operário*. São Paulo: Tip. Martimi, 1924.
- AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: uma odisseia nos trópicos*. Trad. Geraldo Gerson de Sousa. Cotia: Ateliê editorial, 2009.
- ARARIPE JÚNIOR, Tritão de Alencar. *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Editora da USP, 1978.
- _____. *Obra crítica de Araripe Junior*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958-1970. Vol. 5.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. In: *Os Pensadores*. Tradução: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Questões de Literatura e de Estética (a teoria do romance)*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora UNESP: Hucitec, 1988.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Inst. do Ceará, 1948. v. 1.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1999.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- BATISTA, Djalma. *Amazônia - cultura e sociedade*. 3ª. ed. Tenório Telles (org). Manaus: Editora Valer, 2006.
- _____. *Letras da Amazônia*. 1ª. ed. Manaus: Livraria Palácio Real, 1938.
- BATISTA, Eduardo Luiz Araújo de Oliveira. *Poética da representação cultural - relações entre viagem e tradução na literatura brasileira*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, Campinas, 2010.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus, AM: Valer, 1999.
- _____. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus, AM: Valer, 2009.
- _____. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial do

- Governo do Estado do Amazonas, 1992.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- _____. *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo, SP: EDUSP, 2008.
- _____. *Paraíso suspeito: a voragem amazônica*. Trad. Geraldo Gerson de Sousa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- BLAINE, Emilie Carreón. *El olli en la plástica mexicana - El uso del hule en el siglo XVI*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones estéticas, 2006.
- BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções (1944)*. Trad. David Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOSI, Alfredo. *A literatura Brasileira. O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1967. v. 5.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. *O conto brasileiro contemporâneo*. 14ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 2º. ed. São Paulo: Ática, 1985. Achiamé, 1985.
- BRITO, Farias. *Revista Águia*. 5 de Novembro de 1947, apud BARREIRA, DOLOR. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Inst. do Ceará, 1948. v. 1. pp. 309 - 310.
- CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. *Uma história do romance brasileiro de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CANDIDO, Antonio [et al]. *A personagem de ficção*. 11º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *Ficção e confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- _____. "O direito à literatura". In: *Vários escritos*. 3º. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. pp. 235 - 263.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4ª. ed. São Paulo: Nacional, 1975.
- _____. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. pp. 140 - 162.
- _____. *Presença da literatura brasileira*. 5ª. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de*

- teoria literária*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura no Brasil: origens e unidade (1500- 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, 2 Vols.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CORTÁZAR, Júlio. *Valise de cronópio*. 2ª. ed. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 6ª. ed. São Paulo: Global, 2002. Vols. I, II, III, IV, V, VI.
- _____; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 Vols.
- CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: (ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazonia)*. Org, intro. e notas. Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- _____. *Obra completa*. 2ª. ed. org. Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. vols. I e II.
- _____. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices por Leopoldo M. Bernucci. São Paulo, SP: Ateliê Editorial: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002.
- DEAN, Warren. *A industrialização em São Paulo: 1880 1945*. Tradução Otávio Mendes Cajado. São Paulo: DIFEL; USP, 1971.
- _____. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.
- DECCA, Maria Aparecida Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano. Brasil - 1880 a 1930*. 10ª. ed. São Paulo: Atual, 1991.
- DICIONARIO AKAL CRÍTICO DE TEOLOGIA. Trad. Julio A. Pardos y Jorge Pérez de Tudela. Madrid: Akal Ediciones, 2007.
- DICIONARIO DE LA BIBLIA: GUIA BASICO SOBRE LOS TEMAS, PERSONAJES Y LUGARES BIBLICOS. José Pedro Tosaus Abadía. Barcelona: Paidós, 1998.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANICA: *a new survey of universal Knowledge*. Chicago, IL, 1947, v. 2.
- ENCYCLOPEDIA E DICCIONÁRIO INTERNACIONAL. Rio de Janeiro, Nova York: W. M. Jackson. v. 1.

- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Trad. Rosa Camargo Artigas, Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1985.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- _____. *Trabalho urbano e conflito social: 1890 - 1920*. São Paulo: DIFEL, 1976.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILHO, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.
- FILHO, F. M. Rodrigues Alves. *Sociologismo e imaginação no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Postais do inferno: o mito do passado e as ruínas do presente em Alberto Rangel”. In: CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 21º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- FORSTER, E.M. *Aspectos do romance*. 2º. ed. Tradução de Maria Helena Martins. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- FOUCAULT, Michel. “Outros espaços”. In: *Ditos e Escritos (v. III). Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 411 - 422.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- FRITZEN, Celdon. *Mito e luzes em representações da Amazônia*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 2000.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. “À margem da carta”. In: *TERESA - Revista de Literatura Brasileira da USP*. São Paulo. Universidade Estadual de São Paulo: Ed. 34. nº. 8/9, pp. 15 - 29, 2008.
- _____. “Polifonia e Paixão”. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. 2ª. ed. Vol. I. org. Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, pp xxv - xlii.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GALLOTI, Oswaldo. *Correspondências de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Vega, [197?].

- _____. “Fronteiras da narrativa”. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 2 ed. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1972. pp. 257 - 275.
- _____. *Figuras*. Trad. Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GÓES, Fernando. *Maravilhas do conto brasileiro*. Introdução e notas de Fernando Góes; organização de Diaulas Riedel; seleção de Fernando R. P. Santos; capa de Guilherme Valpeteris. São Paulo, SP: Cultrix, 1958.
- GOMES, Gínia Maria (Org.). *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GOTILIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- GRIECO, Agripino. *Gente nova do Brasil (veteranos - alguns mortos)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- _____. *Evolução da prosa brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: editora da Unesp, 2009.
- _____. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- _____. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____; LEONARDI, Victor. *Historia da indústria e do trabalho no Brasil: (das origens aos anos 20)*. 2ª. ed. rev. São Paulo: ática, 1991.
- _____; PRADO, Antônio Arnoni. *Contos anarquistas - antologia da prosa libertária do Brasil (1901 - 1935)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____; PRADO, Antônio Arnoni; LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Contos anarquistas - temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890 - 1935)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- HATOUM, Milton. “Expatriados em sua própria pátria”. CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. 2ª. ed. Vol I. org. Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. pp clv - clxxii.
- HEMMING, John. *Fronteira amazônica: a derrota dos índios brasileiros*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2009.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JORGE, José Antonio. *Dicionário informativo bíblico, teológico e litúrgico, com aplicações práticas*. Campinas: Editora Átomo, 1999.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao novo testamento*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. 2 vols.
- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros).
- LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LEANDRO, Rafael Voigt. *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.
- LEÃO, A. Carneiro. *Panorama sociológico do Brasil (1958)*, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1958.
- LEÃO, Velloso. *Euclides da Cunha na Amazônia: (ensaio)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “Velha praga? Regionalismo literário brasileiro”. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina, palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina/ Editora da Unicamp, 1994. Vol. II.
- _____. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 7^a. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LEITE, Miriam Lichfitz Moreira. *Livros de viagem (1803 - 1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.
- LIMA, Araujo. *Amazônia, a terra e o homem*. São Paulo, SP; Brasília, DF: Comp. Ed. Nacional : INL, 1975.
- LINS, Álvaro. “Valores e misérias das vidas secas”. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71^a. ed. Record, 1996.
- LINS, Álvaro; HOLANDA, Sérgio Buarque. *Roteiro literário de Portugal e do Brasil: antologia da língua portuguesa*. 2^a. ed. rev. e melhor. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1966. v. 2.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOBATO, Monteiro. “carta de Monteiro Lobato a Alberto Rangel”. 27 de Junho de 1919, Taubaté. In: TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem*

- de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Unicamp, 2007, Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2007. pp. 303 - 305.
- LUCAS, Fábio. “Guimarães Rosa evoca em sua ficção traços da obra de Euclides da Cunha. O inumerável coração das margens”. *Caderno Mais. Folha de S. Paulo*, 14 fev. 1999, p. 9.
- _____. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.
- LUKÁCS, Georg. “Narrar ou Descrever”. In: *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. pp. 47 - 99.
- _____. *Ensaio sobre literatura*. Coord. e pref. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MALIGO, Pedro. *Land of metaphorical Desires: The Representations of Amazonia in Brazilian Literature*. New York, Peter Lang, 1998.
- MARÇAL, Heitor. “Literatura Proletária”. In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (I, 12), 1932.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. Vol. V.
- MIGNOLO, Walter. “Lógica das diferenças e política das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa”. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Org). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993. pp. 115-134.
- MOISES, Massaud. *História da literatura brasileira - Realismo e simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001. Vol. II.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense* Manaus: Univ. do Amazonas, 1976.
- MORAES, Péricles. *Os Interpretes da Amazônia*. Rio de Janeiro, 1959. (Coleção Araújo Lima).
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O teatro que o povo cria - cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará - da dramaturgia o espetáculo*. São Paulo. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1995.
- NETO, Miranda. *A expropriação dos alimentos: análise das relações entre a produção agrícola familiar e o capital comercial: um estudo de caso na Amazônia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. “Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica”. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p.107 - 113.

- ORBAN, Victor. *Littérature brésilienne*. 2^a. ed. Preface de M. Oliveira Lima. frontispice de Antonio Parreiras. Paris: Garnier, 1914.
- ORLANDI, Puccinelli Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- PALHANO, Lauro. *Marupiara*. Rio de Janeiro: Editora Smith, 1935.
- _____. *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*. Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1931.
- _____. *Paracoera*. Rio de Janeiro: Editora Smith, 1939.
- PEREGRINO JUNIOR. “Ciclo nortista”. In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 6^a. ed. São Paulo: Global, 2002. pp. 239 - 249. Vol. IV.
- _____. *Panorama cultural da Amazônia*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1960.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Cinquenta anos de literatura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1952.
- _____. *História da literatura brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920*. 3^a. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. (Coleção documentos brasileiros).
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 20^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- QUIEROZ, Rachel. *O quinze*. 62^a. Ed. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 71^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- RANGEL, Alberto. “Carta de Alberto Rangel a Péricles de Moraes. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, 1959, pp. 181-184”. In: PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. “O sertão amazônico: o inferno de Alberto Range”. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 13, n^o. 26, jan./abr. 2011, p. 332 - 362.
- _____. *Inferno Verde (cenas e cenários do Amazonas)*. 4^a. ed. Tours: Typographia E. Arrault & C^a., 1927.
- _____. *Livro de figuras*. Tours: Typographia E. Arrault & C^a., 1921.
- _____. *Sombras n'água (vida e paisagem no Brasil equatorial)*. Leipzig: Imprensa de F. A. Brockhaus, 1913.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O processo histórico da economia amazonense*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- _____. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola, 1953.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: [o texto, a ficção e a narração]*. 2^a. ed. tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

- REZENDE, Antônio Paulo. *História do Movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.
- REZENDE, José Severino de. "Lettres Brésilliennes". In: *Mercur de France*. Paris, ano 40, t CCIX, Revue de la Quinzaine, pp. 485 - 492, 15 jan. 1929. In: LIMA JUNIOR, Renato Rodrigues de. *O refratário e abnegado José Severiano de Rezende*. 2002. 2018p. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 147.
- RIBEIRO, João. "Lauro Palhano". In: *Crítica - Autores e ficção*. Rio de Janeiro: academia Brasileira de letras, 1959. vol. III. pp. 271 - 272.
- RICARDO, Cassiano. *O tratado de Petrópolis*. Rio de Janeiro: Ministério das relações exteriores, 1954.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- RODRIGUES, F. Contreiras. "Alberto Rangel pelo mundo espanhol". In: *Boletim de Ariel*. 1932, janeiro-abril, p. 11.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- _____. "Ciência e arte: aspectos da Construção do discurso científico e *Os Sertões*". In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. 2ª. ed. v.1 . org. Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. pp. cxv - cxxix.
- SANTA-ANNA NERY, Frederico Jose de. *O país das amazonas*. Trad. Ana Mazur Spira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1979.
- SANTOS, L. A. B e OLIVEIRA, S. P. de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução a teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1800 - 1920*. São Paulo: Queroz, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira republica*. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Roberto José da. *Inferno Urbano: estudo do espaço em Os Corumbas, de Amando Fontes*. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969.
- _____. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- SOUSA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo

- Alfa-ômega, 1977.
- SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TÁVORA, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo: Editora Três, 1973.
- TALADOIRE, Eric. “El juego de pelota Precolombino”. In: *Arqueología Mexicana*. Agost/sete. Vol. II, Nº 9. 1994, pp. 6 - 17.
- TEÓFILO, Rodolfo. *O Parorara*. Fortaleza: Secretaria de cultura, desporto e promoção social. 1974.
- TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Unicamp, 2007, Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2007.
- TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. (Século XX). São Paulo: Editora 34, 2000. Vol. II.
- TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha - Um paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- _____. *Amazônia - natureza, homem e tempo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed. Civilização Brasileira, 1982.
- VENTURA, Roberto. *Os Sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Rio de Janeiro: Simões, 1957.
- _____. *Estudos Amazônicos*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.
- _____. *Estudos de literatura brasileira*. 3ª. Série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- VIANNA, Hélio. “Centenário de Alberto Rangel”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1972. Vol. 294 (Janeiro - Março), pp. 237 - 254. (Discurso proferido em 9 de junho de 1971 no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro).
- WEINSTEI, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 - 1920*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. 2ª. ed. Trad. José Laurenio de Melo. São Paulo, Edusp: USP, 1992.

_____. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio
Correa de França Neto. São Paulo, Edusp, 2001.